



ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA

DAVID O. MCKAY





ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA
DAVID O. MCKAY

Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

Seus comentários e sugestões sobre este livro serão bem-vindos. Queira enviá-los para Curriculum Planning, 50 East North Temple Street, Room 2420, Salt Lake City, UT 84150-3220 USA.

E-mail: cur-development@ldschurch.org

Coloque seu nome, endereço, ala e estaca e não se esqueça de indicar o título do manual. Em seguida, faça seus comentários sobre os pontos fortes do livro bem como sugestões sobre os aspectos a serem aperfeiçoados.

© 2003 Intellectual Reserve, Inc.

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil

Aprovação do inglês: 8/00

Aprovação da tradução: 8/00

Tradução de *Teachings of the Presidents of the Church: David O. McKay*

Portuguese



Sumário

Título	Página
Introdução	v
Resumo Histórico	x
Vida e Ministério de David O. McKay	xiii
1 Jesus Cristo: “O Caminho, e a Verdade e a Vida”	1
2 A Natureza Dual do Homem	11
3 O Propósito da Igreja	23
4 Elementos de Adoração	32
5 As Bênçãos da União	43
6 “Cada Membro É um Missionário”	55
7 A Importância da Ressurreição	67
8 O Poder da Oração	77
9 Sobrepujar a Tentação	89
10 O Chamado Divino do Profeta Joseph Smith	99
11 Seguir a Palavra de Sabedoria	111
12 Sacerdócio, a Responsabilidade de Representar a Deus	123
13 A Importância Sagrada dos Templos	135
14 Preparar-se para um Casamento e uma Família Eternos	146
15 Sentir Felicidade no Casamento	157
16 O Nobre Chamado dos Pais	167
17 Um Testemunho da Verdade	177
18 Coragem de Viver em Retidão	185
19 A Natureza Divina do Serviço	195
20 Ensino, um Trabalho Nobre	203
21 Os Primeiros Princípios e Ordenanças do Evangelho	213
22 Arbítrio e Responsabilidade	223
23 Desenvolver um Caráter Cristão	233
24 “Assim Resplandeça a Vossa Luz”	243
Lista de Gravuras	253
Índice	254



David O. McKay

*David O. McKay foi ordenado apóstolo em 1906 e apoiado
Presidente da Igreja em 1951.*



Introdução

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos criaram a série *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja* a fim de ajudar os membros da Igreja a aprofundarem sua compreensão das doutrinas do evangelho e a aproximarem-se de Jesus Cristo por intermédio dos ensinamentos dos profetas desta dispensação. O presente volume apresenta os ensinamentos do Presidente David O. McKay, que serviu como presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias de abril de 1951 a janeiro de 1970.

Como Utilizar Este Livro

Cada capítulo deste livro contém quatro seções: (1) uma citação introdutória que apresenta brevemente o tema central do capítulo; (2) uma “Introdução”, que ilustra as mensagens do capítulo com uma história ou conselho do Presidente McKay; (3) “Ensinamentos de David O. McKay”, que apresenta doutrinas tiradas de seus muitos discursos e escritos; e (4) “Sugestões para Estudo e Discussão”, que contém perguntas que estimulam o estudo e a reflexão pessoais, a aplicação dos princípios do evangelho e as discussões no lar e na Igreja. A leitura das perguntas antes do estudo das palavras do Presidente McKay pode contribuir para uma melhor compreensão de seus ensinamentos. Há ainda uma breve lista de escrituras correlatas no fim de cada capítulo que constitui um recurso para estudo e discussões adicionais.

Este livro deve ser usado nas seguintes situações:

Estudo pessoal e familiar. Ao lerem em espírito de oração e estudarem ponderadamente, os membros da Igreja poderão receber um testemunho pessoal das verdades ensinadas pelo Presidente McKay. Este livro será um acréscimo à coleção pessoal de livros a respeito do evangelho de cada membro e servirá

como importante fonte de consulta nas aulas ministradas à família e no estudo no lar.

Para discussão nas reuniões de domingo. Este é o livro a ser usado nas reuniões dominicais nos grupos de sumos sacerdotes, quóruns de élderes e Sociedade de Socorro, em geral no segundo e terceiro domingos de cada mês. Essas reuniões dominicais devem ser discussões centradas nos princípios e doutrinas do evangelho. Os professores devem concentrar sua atenção nos ensinamentos contidos no livro e nas escrituras correlatas e aplicá-los a circunstâncias da vida dos alunos. Eles podem usar as perguntas do fim de cada capítulo para incentivar as discussões em classe. Conforme for adequado, os membros devem prestar testemunho e relatar exemplos pessoais relacionados às lições. Se os professores buscarem humildemente o Espírito para preparar e ministrar as aulas, todos os participantes serão fortalecidos em seu conhecimento da verdade.

Os líderes e professores devem incentivar os alunos a lerem os capítulos antes das reuniões de domingo. Devem lembrá-los de levar o livro para a Igreja e ter em conta a preparação dos alunos ao ensinar-lhes as palavras do Presidente McKay. Caso os alunos leiam o capítulo com antecedência, estarão preparados para ensinar e edificar uns aos outros.

Não é necessário nem recomendado que os membros adquiram outros livros de referência ou de comentários a fim de complementar os assuntos deste livro. Os membros são instados a utilizarem as escrituras contidas no fim da seção “Sugestões para Estudo e Discussão” para um estudo mais aprofundado da doutrina.

Uma vez que este livro foi designado para o estudo pessoal e como fonte de consulta sobre o evangelho, muitos capítulos são demasiado longos para serem integralmente discutidos em sala de aula. Por isso, o estudo em casa é essencial para que os alunos tirem o máximo proveito dos ensinamentos do Presidente McKay.

Dar Aulas Fundamentadas nos Capítulos Deste Livro

Os capítulos deste livro contêm mais informações do que a maioria dos professores conseguirá transmitir no espaço de uma

aula. Os professores devem orar pedindo ajuda, buscar a orientação do Espírito Santo e empenhar-se diligentemente ao escolherem as citações, referências das escrituras e perguntas que melhor atenderão às necessidades dos alunos.

Preparar a Aula

As sugestões abaixo ilustram uma das possíveis abordagens para ajudar os professores a prepararem e ministrarem aulas fundamentadas neste livro. (Estas diretrizes também podem ser usadas pelos pais na preparação das aulas da noite familiar):

1. Estude o capítulo em espírito de oração. Marque passagens que lhe sejam particularmente inspiradoras;
2. Determine o que deve acontecer na vida de seus alunos em consequência dos ensinamentos do capítulo. Busque a orientação do Espírito Santo ao ponderar as necessidades dos alunos;
3. Decida o que ensinar. Leia o capítulo novamente, escolhendo as passagens que serão de maior utilidade aos alunos;
4. Decida como ensinar. Planeje maneiras de ensinar as passagens que você escolheu. Abaixo há algumas sugestões;
 - Promova discussões fundamentadas nas perguntas contidas em “Sugestões para Estudo e Discussão” no fim de cada capítulo;
 - Discuta passagens escolhidas das escrituras que estão relacionadas no fim de cada capítulo;
 - Planeje uma maneira de atrair a atenção dos alunos no início da aula. Por exemplo, conte uma história da introdução do capítulo, escreva uma pergunta instigante no quadro-negro ou use uma atividade com objetos;
 - Use hinos e músicas da Primária para ajudar os membros a prepararem-se para sentir o Espírito;
 - Preste testemunho sempre que instado pelo Espírito e não apenas no fim da aula;
 - Peça a um ou dois alunos que venham à aula preparados para prestar um testemunho breve dos princípios do capítulo;
 - Conforme for adequado, conte experiências pessoais relacionadas aos princípios contidos no capítulo. Convide os alunos a fazerem o mesmo.

Há sugestões sobre como usar esses e outros métodos didáticos em *Ensino, Não Há Maior Chamado* (36123 059); *Guia de Ensino* (34595 059); e “Ensino e Liderança no Evangelho”, seção 16 do *Manual de Instruções da Igreja, Volume 2: Líderes do Sacerdócio e Auxiliares* (35903 059). Igualmente, a fim de ajudá-lo a ter sucesso em seu chamado, você é incentivado a participar do curso de 12 aulas Ensinar o Evangelho em sua ala ou ramo, bem como das reuniões trimestrais de aperfeiçoamento didático.

5. Organize suas idéias. Se desejar, escreva um esboço para guiá-lo durante a apresentação da aula.

Realizar Discussões Significativas

Seja em família ou na sala de aula, os capítulos deste livro constituem uma oportunidade maravilhosa para os membros da Igreja fortalecerem-se mutuamente ao participarem de discussões sobre o evangelho. As diretrizes abaixo podem ajudá-lo a realizar discussões significativas:

- Faça perguntas que exijam reflexão e debate em vez de perguntas que possam ser respondidas com “sim” ou “não”. As perguntas que começam com “o que”, “como”, “por que”, “quem” ou “onde” tendem a ser mais eficazes para incentivar a discussão.
- Incentive os alunos a relatarem experiências que demonstrem como o evangelho se aplica no cotidiano. Incentive-os também a externarem seus sentimentos sobre o que estão aprendendo. Ouça com sinceridade e mostre gratidão pelas contribuições.
- Seja sensível à influência do Espírito Santo. Ele o ajudará a saber o que perguntar, a quem convidar para participar ou a maneira de incluir outras pessoas nas discussões. Se você perceber que os comentários estão se afastando do assunto, com educação redirecione a discussão.
- Tenha cuidado para não interromper uma boa discussão apenas para transmitir todos os assuntos que você preparou. O mais importante é que os participantes sintam o Espírito, aumentem sua compreensão do evangelho, apliquem os princípios do evangelho em sua vida e fortaleçam seu compromisso de viver o evangelho.

Citações Deste Livro

Os ensinamentos do Presidente McKay usados neste livro foram tirados de diversas fontes. As citações mantiveram a pontuação, ortografia e uso de letras maiúsculas das obras originais, a menos que tenham sido necessárias mudanças editoriais ou tipográficas para facilitar a leitura. Por esse motivo, os leitores poderão notar pequenas diferenças no texto deste manual.

O Presidente McKay costumava usar termos como *homem*, *homens* ou *humanidade* para referir-se a todas as pessoas, tanto homens como mulheres. Ele também usava com freqüência o pronome *ele* para referir-se a ambos os sexos. Isso era comum na linguagem da época. Apesar das diferenças entre essas convenções de linguagem e o uso de nossa época, os leitores perceberão que os ensinamentos do Presidente McKay são igualmente aplicáveis e valiosos tanto para homens como para mulheres.

O Presidente McKay era muito culto e com freqüência citava diferentes autores ao ensinar. Na maioria das fontes originais, há aspas para indicar quando o Presidente McKay está citando outra pessoa, mas o nome do autor raramente é mencionado. Em vez de inserir nos capítulos numerosas menções de “autor desconhecido”, este livro simplesmente manteve as aspas originais para indicar que o Presidente McKay está usando as palavras de outra pessoa.



Resumo Histórico

Este livro não é um compêndio histórico, mas uma compilação de princípios do evangelho ensinados pelo Presidente David O. McKay. No entanto, com o intuito de inserir seus ensinamentos num contexto histórico, foi elaborada a cronologia abaixo. Ela omite muitos acontecimentos importantes da vida pessoal do Presidente McKay, como o nascimento de seus filhos e netos.

1873, 8 de setembro: Nasce em Huntsville, Utah, filho de David McKay e Jennette Evans McKay.

1881: David McKay parte em missão para as Ilhas Britânicas. David O. e sua mãe assumem a responsabilidade pela fazenda e a família (7; os números entre parênteses indicam a idade de David O. McKay).

1887: Recebe de John Smith sua bênção patriarcal. (13)

1889: É apoiado secretário da Escola Dominical da Ala Huntsville. (15)

1893–1894: Serve como professor e diretor na escola primária de Huntsville; apoiado como professor da Escola Dominical na Ala Huntsville. (19–20)

1894–1897: Freqüenta a Universidade de Utah e forma-se como primeiro da turma. (20–23)

1897–1899: Serve como missionário de tempo integral durante dois anos na Grã-Bretanha. Além de suas responsabilidades de proselitismo, serve como líder de todos os missionários da Escócia. (23–25)

- 1899–1900: Ensina na Weber Stake Academy em Ogden, Utah. (25–26)
- 1900: Designado para a junta da Escola Dominical da Estaca Weber. (27)
- 1901, 2 de janeiro: Casa-se com Emma Ray Riggs no Templo de Salt Lake. (27)
- 1902: Designado diretor da Weber Stake Academy. (28)
- 1906: Ordenado Apóstolo pelo Presidente Joseph F. Smith. (32)
- 1914–1918: Primeira Guerra Mundial. (40–44)
- 1918: Designado superintendente geral da União da Escola Dominical Deseret. Publica *Ancient Apostles*. (45)
- 1919–1921: Serve como comissário de educação da Igreja. (45–47)
- 1920, dezembro: Designado pela Primeira Presidência para um *tour* de um ano com o Élder Hugh J. Cannon e parte para visitar as missões da Igreja em todo o mundo. (47)
- 1922–1924: Serve como presidente da Missão Européia. (49–51)
- 1934: Apoiado e designado segundo conselheiro do Presidente Heber J. Grant. (61)
- 1939–1945: Segunda Guerra Mundial. (65–71)
- 1945: Apoiado e designado segundo conselheiro do Presidente George Albert Smith. (71)
- 1950: Apoiado e designado Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. (77)

- 1951, 9 de abril: Apoiado e designado nono Presidente da Igreja, com Stephen L. Richards como primeiro conselheiro e J. Reuben Clark Jr. como segundo conselheiro. Nessa época, a Igreja tem cerca de um milhão de membros. (77)
- 1952, junho: Parte num *tour* de nove semanas pela Europa e, durante esse período, visita os membros da Igreja em nove países. (78)
- 1953: Recebe a honra mais elevada do escotismo, o Búfalo de Prata. (79)
- 1954: Inicia um *tour* de missão de 51.000 quilômetros; primeiro presidente da Igreja a visitar as missões da América Central e do Sul; primeira autoridade geral a visitar a missão da África do Sul. (80)
- 1955, agosto: Visita a Europa com o Coro do Tabernáculo Mórmon. (81)
- 1955, setembro: Dedica o Templo de Berna Suíça. (82)
- 1956, março: Dedica o Templo de Los Angeles Califórnia. (82)
- 1956, outubro: Dedica o Prédio da Sociedade de Socorro. (83)
- 1958, abril: Dedica o Templo de Hamilton Nova Zelândia. (84)
- 1958, setembro: Dedica o Templo de Londres Inglaterra. (85)
- 1964, novembro: Dedica o Templo de Oakland Califórnia. (91)
- 1970, 18 de janeiro: Aos 96 anos de idade, morre em Salt Lake City, Utah. Ao final de sua administração, o número de membros da Igreja atingira a marca de três milhões.



Vida e Ministério de David O. McKay

Em abril de 1951, aos 77 anos de idade, David Oman McKay tornou-se o nono Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Durante os quase vinte anos em que serviu como Presidente, foi honrado pelos membros da Igreja e muitos outros em todo o mundo como um profeta de Deus. Ele sempre incentivava os membros da Igreja a desenvolverem um caráter cristão e a partilharem o evangelho por meio do ensino e do exemplo e durante esse período a Igreja passou por um grande crescimento em todo o mundo. Além de seus ensinamentos, sua aparência física causava uma impressão marcante. Ao conhecerem-no, muitas pessoas comentavam que ele não só falava e agia como profeta, mas sua aparência física também refletia seu chamado. Mesmo em seus últimos anos de vida, ele tinha um físico impressionante — era alto e forte — e seus cabelos brancos eram ondulados e abundantes. Seu semblante irradiava a vida justa que ele levava.

Uma Herança Nobre e uma Infância de Ideais Elevados

Em seus ensinamentos como autoridade geral, David O. McKay sempre falava com gratidão do legado e exemplo que recebera de seus pais. A família de seu pai, David McKay, filiar-se à Igreja em Thurso, Escócia, em 1850. Em 1856, a família partiu para a América e, depois de trabalhar e economizar durante três anos, atravessou as planícies rumo a Utah e chegou a Salt Lake City em agosto de 1859.¹

No mesmo ano em que os McKay se filiaram à Igreja na Escócia (1850), a família da mãe de David O. McKay, Jennette Evans, abraçou o evangelho restaurado perto de Merthyr Tydfil, no sul do País de Gales. Como a família McKay, a família Evans partiu para a América em 1856 e chegou a Utah em 1859. Ambas as famílias fixaram residência em Ogden, Utah, onde David McKay e Jennette

Evans se conheceram e se apaixonaram. Casaram-se em 9 de abril de 1867 na Casa da Investidura pelo Élder Wilford Woodruff.²

Em 8 de setembro de 1873, na pequena cidade de Huntsville, Utah, nasceu David O. McKay, terceiro filho de David e Jennete Evans McKay e o primeiro filho homem. Sua infância foi feliz, mas não sem tribulações. Em 1880, uma série de acontecimentos pôs à prova a fé da família e levou o jovem David O. McKay a amadurecer de modo precoce. Suas duas irmãs mais velhas, Margaret e Ellena, morreram dentro de um espaço de dias — uma de febre reumática e a outra de pneumonia. Cerca de um ano depois, seu pai recebeu o chamado missionário para a Escócia. David McKay ficou um pouco apreensivo antes de aceitar o chamado, pois teria de deixar sua esposa (que estava grávida) sozinha para cuidar das responsabilidades da família e da fazenda. Contudo, ao tomar conhecimento do chamado, Jennette foi firme em sua resposta: “É claro que você deve aceitar; não precisa preocupar-se comigo. David O. e eu cuidaremos muito bem de tudo!”³ Com esse incentivo e a promessa de ajuda dos vizinhos e parentes, David McKay aceitou o chamado. Suas palavras de despedida para David O., na época com sete anos de idade, foram: “Cuide da mamãe”.⁴

Devido à administração sábia de Jennette McKay, ao trabalho árduo de muitos e às bênçãos do Senhor, a fazenda da família McKay prosperou a despeito da ausência de dois anos de David McKay. Durante essa época e, de fato, ao longo de toda a sua vida, Jennette McKay permaneceu igualmente vigilante quanto ao bem-estar espiritual dos filhos: “A oração familiar era um hábito profundamente arraigado no lar dos McKay, e quando Jennette ficou sozinha com sua pequena família, parecia ter um papel ainda mais importante no dia-a-dia. David [O.] aprendeu a orar e orava, de manhã e à noite, sempre que era sua vez, e aprendeu a importância das bênçãos do céu no lar”.⁵

O Presidente McKay sempre falava de sua mãe como um exemplo digno de ser seguido. Em certa ocasião, afirmou: “Não consigo pensar numa virtude feminina que minha mãe não possuísse. (...) Para seus filhos e todos os que a conheciam bem, ela era bela e distinta. Embora dinâmica, ela era serena e contida. Seus olhos castanho-escuros expressavam imediatamente

todas as emoções que vinham à tona; contudo, ela sempre as controlava com perfeição. (...) Na ternura, desvelo, paciência amorosa, lealdade ao lar e à retidão, ela parecia-me inigualável — tanto em minha infância quanto hoje, após tantos anos”.⁶

Quando perguntaram a David O. McKay quem era o homem mais notável que ele já conhecera, ele respondeu sem hesitar: “Meu pai”.⁷ Depois de voltar da missão, seu pai serviu como bispo das Alas Eden e Huntsville de 1883 a 1905.⁸ David McKay Sr. relatava muitas experiências e prestava seu testemunho a seu filho ainda jovem. O Presidente McKay conta: “Quando eu era menino, sentava-me e ouvia o testemunho de um homem que eu estimava e honrava, como vocês sabem, mais do que qualquer outro no mundo, e essa certeza foi instilada em minha alma jovem”.⁹ A força do exemplo e do testemunho do pai sustentaram-no enquanto ele crescia no conhecimento da verdade.

No cotidiano, o pai do Presidente McKay ensinou-lhe lições que o fortaleceram e permearam os ensinamentos que viriam a ser ministrados por ele quando Apóstolo. Certa vez, ele contou uma experiência de quando estava colhendo feno com seus irmãos. O décimo carregamento seria dado como dízimo à Igreja. O pai de David O. McKay disse aos meninos que escolhessem o carregamento do dízimo na melhor parte do feno que eles vinham colhendo. Seu pai disse: “Esse é o carregamento do dízimo e nem mesmo o melhor é bom o suficiente para Deus”. Anos depois, David O. McKay disse que esse fora o “discurso mais marcante sobre o dízimo que [ele] ouvira [em sua] vida”.¹⁰ Seu pai ensinou-o também a respeitar as mulheres. O Presidente McKay disse aos jovens: “Lembro-me da admoestação de meu pai quando, na adolescência, comecei a namorar uma jovem; ‘David, trate essa moça como você gostaria que um rapaz tratasse sua irmã’ ”.¹¹

Posteriormente, ao servir como Presidente da Igreja, fez a seguinte homenagem a seus pais: “Sou grato pelo cuidado atencioso e os ensinamentos dispensados por meus nobres pais (...), desvelo que me impediu de trilhar caminhos que me teriam conduzido a um estilo de vida totalmente diferente! A cada ano cresce minha gratidão e amor por minha mãe carinhosa e preciosa e meu nobre pai”.¹²

Juventude

Quando jovem, David O. McKay foi chamado para servir na presidência do quórum de diáconos. Naquela época, os diáconos eram responsáveis por manter a capela limpa, cortar lenha para os fogões da capela e providenciar para que as viúvas da ala sempre tivessem lenha.¹³ Ele disse aos membros do quórum que se sentia “incapaz de desempenhar seu cargo ao ver outros que eram mais capazes de cumprir o chamado melhor do que ele, (...) [mas que] ele sentia que poderia seguir em frente com a ajuda do Senhor”.¹⁴ Essa atitude era típica da humildade com a qual ele sempre aceitou chamados ao longo de sua vida.

Como filho do bispo, ele teve a oportunidade de conhecer pessoalmente os líderes da Igreja que visitavam a casa da família. Em certa ocasião, em julho de 1887, o Patriarca John Smith visitou-os e conferiu a ele sua bênção patriarcal. (David O. tinha 13 anos na época.) Depois da bênção, o Patriarca Smith colocou as mãos nos ombros do jovem e disse: “Meu rapaz, você tem algo a fazer além de jogar bolinhas de gude”. Pouco tempo depois, David foi à cozinha e disse à mãe: “Se ele acha que vou parar de jogar bolinhas de gude, está enganado”. Sua mãe deixou suas tarefas domésticas de lado por alguns instantes e tentou explicar o que o irmão Smith tinha em mente ao dizer aquilo. Embora nem David O. McKay nem sua mãe soubessem exatamente o que o futuro dele reservava, a experiência mostrou que o Senhor tinha maiores responsabilidades reservadas àquele rapaz.¹⁵

No decorrer de sua adolescência, ele permaneceu ativo no serviço da Igreja e continuou a adquirir conhecimento e experiência. Em 1889, aos 15 anos de idade, foi chamado como secretário da Escola Dominical da Ala Huntsville, cargo que ocupou até 1893, quando foi chamado para servir como professor da Escola Dominical.¹⁶ Seu grande amor pela Escola Dominical e pelo ensino continuariam no decorrer de toda a sua vida.

Estudos, Serviço Missionário e Casamento

David O. McKay escreveu certa vez: “Há três épocas na vida terrena de um homem das quais depende sua felicidade aqui e

na eternidade [a saber]: o nascimento, o casamento e a escolha profissional”. Abençoado por ter nascido e criado numa família justa, ele continuou a beneficiar-se de decisões sábias relacionadas aos estudos, à profissão e ao casamento.

Depois de terminar a oitava série em Huntsville, ele frequentou a Weber Stake Academy em Ogden por dois anos. Então, durante o ano escolar de 1893 a 1894, aos 20 anos de idade, ele voltou a Huntsville e trabalhou como professor na escola primária. Nessa época, sua avó materna fez uma doação de 2.500 dólares a cada um de seus filhos vivos. O dinheiro era escasso para a família McKay, e os vizinhos sugeriram que a mãe de David O. McKay, Jennette, investisse em ações. No entanto, ela declarou com firmeza: “Cada centavo irá para os estudos de nossos filhos”.¹⁸ Assim, no segundo semestre de 1894, ele e três de seus irmãos (Thomas E., Jeanette e Annie) viajaram para Salt Lake City de carroção para frequentar a Universidade de Utah. O carroção estava carregado de farinha e jaras de frutas e atrás vinha uma vaca leiteira.¹⁹

Acerca da experiência universitária de David O. McKay, seu filho Llewelyn escreveu: “A faculdade era importante. O amor pelo aprendizado crescia a cada dia; forjavam-se amizades profundas; e seu senso aguçado dos valores só veio a melhorar. Ele tornou-se presidente de sua classe e foi escolhido como orador da turma na formatura. (...) Ele participava dos esportes com entusiasmo e tornou-se pivô da primeira equipe de futebol americano da universidade. O evento mais importante desta época foi o fato de ter conhecido Emma Ray Riggs”.²⁰

Durante o segundo ano de seus estudos universitários, David e seus outros irmãos estudantes alugaram uma casa que pertencia a Emma Robbins Riggs, a mãe de Emma Ray Riggs. Certo dia, a mãe e a filha estavam na janela e viram David O. e Thomas E. McKay chegarem com sua mãe. A mãe de Emma Ray comentou: “Ali estão dois rapazes que serão bons maridos de moças de sorte. Veja como eles são atenciosos com a mãe deles”. Emma Ray comentou em seguida: “Eu gosto do moreno”, que era David O. McKay. Embora ele e Emma se vissem de tempos em tempos, só vieram a iniciar um relacionamento sério alguns anos depois.²¹

Ao terminar seus estudos universitários no primeiro semestre de 1897, David O. McKay recebeu uma proposta para trabalhar como professor no Condado de Salt Lake. Ele ficou feliz com o emprego e estava ansioso para começar a ganhar dinheiro a fim de ajudar o restante da família. Contudo, na mesma época, recebeu e aceitou o chamado de servir como missionário na Grã-Bretanha.

Em 1º de agosto de 1897, foi designado pelo Presidente Seymour B. Young para servir como missionário nas Ilhas Britânicas. A primeira parte de sua missão foi em Stirling, Escócia, onde o trabalho era lento e difícil. Ele realizou seu trabalho com diligência e, em 9 de junho de 1898, foi chamado para presidir os missionários na Escócia. Ao receber o chamado, ele buscou a ajuda do Senhor. Suas responsabilidades nesse chamado deram-lhe a maturidade e a experiência de alguém de muito mais idade e prepararam-no para outras designações no futuro.

Outra experiência significativa aconteceu apenas três semanas antes de ele voltar para casa. Quando jovem, ele sempre orara para receber uma confirmação espiritual de seu testemunho. Em 29 de maio de 1899, participou de uma reunião missionária memorável. Ele escreveu: “Lembro-me, como se fosse ontem, da intensidade da inspiração recebida naquela ocasião. Todos sentiram a forte influência do Espírito do Senhor. Todos os presentes eram verdadeiramente de um só coração e uma só mente. Nunca havia sentido uma emoção como aquela. Era uma manifestação pela qual, quando jovem e cheio de dúvidas, eu tinha orado em segredo com muita sinceridade na montanha e no campo. Foi uma confirmação para mim de que a oração sincera é respondida ‘em seu devido tempo e lugar’. Ao longo da reunião, um élder, de iniciativa própria, levantou-se e disse: ‘Irmãos, há anjos nesta sala’. Por mais estranho que pareça, essa declaração não causou alarme; na verdade, parecia totalmente adequada, embora não me tivesse ocorrido que houvesse seres divinos no local. Tudo o que eu sabia era que estava sentindo uma enorme gratidão pela presença do Espírito Santo”.²² O Élder McKay terminou sua missão honrosamente e foi desobrigado em agosto de 1899.



O relacionamento entre o Presidente McKay e sua esposa, Emma Ray Riggs McKay (mostrada acima), serviu de modelo para os membros da Igreja.

Durante sua missão, ele correspondera-se com Emma Ray Riggs, ou “Ray”, como ele a chamava afetuosamente (seus pais tinham-lhe dado esse nome em referência aos raios de sol). O namoro começou a florescer pelo correio entre a Escócia e Salt Lake City. Ele encontrou nela uma pessoa que estava em posição de igualdade em todos os aspectos, incluindo a inteligência, os dotes sociais e as qualidades espirituais.

Ela continuou os estudos enquanto David O. McKay estava na missão e depois de formar-se com um bacharelado em pedago-

gia, começou a trabalhar na Madison School em Ogden, Utah.²³ Pouco depois, no segundo semestre de 1899, ele tornou-se um dos professores da Weber Stake Academy. Durante esse ano escolar, os dois sempre se encontravam num parque situado entre as duas escolas. Foi lá que, em dezembro de 1900, ele pediu-a em casamento. Ela perguntou: “Você tem certeza que sou a pessoa certa?” Ele respondeu afirmativamente.²⁴ Em 2 de janeiro de 1901, Emma Ray Riggs e David O. McKay tornaram-se o primeiro casal a casar-se no Templo de Salt Lake no século 20.

Um Educador Prodigioso

Em 1902, aos 28 anos de idade, ele tornou-se o diretor da Weber Stake Academy. Além de muitas responsabilidades administrativas, ele continuou a participar ativamente da educação dos alunos. Ele permaneceu comprometido com a educação ao longo de toda a sua vida, acreditando que a “verdadeira educação procura não apenas transformar os homens em bons matemáticos, lingüistas competentes, cientistas capazes ou literatos brilhantes, mas também em homens honestos, com virtude, temperança e amor fraternal. Ela busca formar homens e mulheres que prezam a verdade, a justiça, a sabedoria, a benevolência e o autodomínio como as aquisições de maior valor de uma vida bem-sucedida”.²⁵

Ele acreditava que a educação era importante para todos. Serviu como diretor durante uma época em que bem poucas mulheres freqüentavam a escola secundária. Ao abordar o papel importante das mulheres, ele escreveu: “Não se dá muita ênfase ao papel desempenhado pelas mulheres no estabelecimento da civilização ocidental. Nesse aspecto, estamos apenas seguindo a prática geral dos homens em todas as épocas. As mulheres carregam os fardos do lar, são as principais responsáveis pela criação dos filhos e inspiram o marido e os filhos para que tenham sucesso. Contudo, enquanto estes últimos recebem aplausos e reconhecimento público, as esposas e as mães — que verdadeiramente merecem a admiração e os elogios — permanecem apenas com seu sorriso sereno de satisfação pessoal, sem

aclamação pública”.²⁶ Ao longo de seu trabalho na Weber Stake Academy, ele ressaltou a importância da educação para ambos os sexos e a taxa de matrícula de estudantes do sexo feminino aumentou substancialmente durante sua gestão.

Durante os anos em que serviu como educador e administrador profissional na Weber Stake Academy, ele também serviu na presidência da Escola Dominical da Estaca Weber, onde desenvolveu novos programas. Na época em que foi chamado para a presidência da Escola Dominical, a organização recebia poucas diretrizes formais das autoridades gerais da Igreja. Como segundo superintendente assistente — designado para a sala de aula — David O. McKay começou de imediato a trabalhar para melhorar o ensino e o aprendizado em sala de aula, usando os métodos que ele aprendera como educador profissional. Certo líder da Escola Dominical descreveu seu trabalho da seguinte forma:

“Primeiramente, ele realizava reuniões semanais com os membros da junta da estaca. Ele ensinava-os a preparar as aulas e a escolher um objetivo para cada lição. Ele treinava-os na organização e ilustração do objetivo. Salientava a apresentação da lição e a aplicação do objetivo na vida de cada jovem. Em seguida, havia uma reunião mensal, para a qual eram convidados todos os professores e líderes da Escola Dominical de cada ala, que previamente liam as lições a serem discutidas. (...) Após essas (...) reuniões, os professores iam para casa com inúmeras anotações sobre cada uma das quatro aulas a serem ministradas no mês seguinte. (...) [Essas reuniões] tornaram-se muito populares, e a frequência em cada uma delas era de 90 a 100 por cento”.²⁷

As notícias do grande sucesso da Escola Dominical da Estaca Weber espalharam-se rapidamente. O Presidente Joseph F. Smith, que na época também servia como superintendente geral das Escolas Dominicais, ficou impressionado com as idéias inovadoras de David O. McKay no tocante ao ensino e convidou-o a escrever um artigo para o *Juvenile Instructor*, uma revista da Escola Dominical que existia na época.²⁸

Apóstolo do Senhor

Ênfase no Ensino e Aprendizado

Em 9 de abril de 1906, depois de servir por seis anos na Escola Dominical da Estaca Weber, ele foi ordenado apóstolo aos 32 anos de idade. Pouco depois, foi apoiado também como segundo assistente na superintendência geral da Escola Dominical. Em seguida, tornou-se primeiro assistente em 1909 e superintendente geral de 1918 a 1934. As mesmas inovações que ele introduzira na Escola Dominical da Estaca Weber foram rapidamente postas em prática na Igreja inteira. Sentindo a necessidade de lições uniformes, ele escreveu o livro *Apóstolos Antigos*, que foi preparado como um dos primeiros manuais da Escola Dominical.

O nome do Élder McKay tornou-se sinônimo de Escola Dominical nos anos em que ele serviu no Quórum dos Doze, e ele ainda redigia lições para a Escola Dominical quando se tornou Presidente da Igreja. Em seu empenho para melhorar o ensino do evangelho, sua atenção voltava-se com frequência para as crianças. Em suas palavras, as crianças vinham “do Pai puras e imaculadas, sem manchas ou fraquezas inatas. (...) Sua alma é como uma folha de papel branco na qual serão inscritas as aspirações e realizações de toda uma vida”.²⁹ Para ele, a Escola Dominical desempenhava um papel primordial no ensino e edificação do caráter das crianças e jovens.

Tour Mundial e Presidente da Missão Européia

Outras experiências prepararam David O. McKay para um dia dirigir a Igreja no mundo inteiro. Em dezembro de 1920, ele e o Élder Hugh J. Cannon, editor da revista *Improvement Era*, foram designados pelo Presidente Heber J. Grant e seu primeiro conselheiro, o Presidente Anthon H. Lund, para fazer um *tour* em todas as missões e escolas da Igreja em todo o mundo. Durante o *tour*, que durou um ano, eles viajaram cerca de 100.000 quilômetros (mais do dobro da circunferência da Terra), ensinando e abençoando os membros da Igreja em todo o mundo. Apesar

das dificuldades como o enjôo nas viagens marítimas, a saudade de casa e outros desafios, eles tiveram êxito na empreitada e estavam de volta na véspera do Natal em 1921. Poucos dias depois da chegada, eles fizeram um relatório detalhado para o Presidente Grant e foram desobrigados honrosamente.³⁰ Na primeira conferência geral após seu retorno, o Presidente Grant declarou:

“Regozijo-me por contar com a presença do irmão McKay hoje. O irmão McKay percorreu o mundo inteiro desde a última vez em que assistiu a uma conferência. Visitou nossas missões em quase todas as partes do mundo e voltou — como todo missionário ao regressar depois de proclamar o evangelho e travar conhecimento com as pessoas do mundo e com todas as diferentes religiões — com uma luz, um conhecimento e um testemunho ainda maiores da divindade da obra na qual estamos envolvidos.”³¹

Quando chegou a vez de o Élder McKay discursar na conferência, ele resumiu suas viagens com um forte testemunho: “Quando saímos de casa, (...) a viagem que estávamos prestes a empreender causava-nos certo receio e preocupação. (...) O fato de termos plena consciência de nossa responsabilidade e nosso desejo de cumprir os desejos do Presidente Grant, de seus conselheiros e dos Doze, que nos haviam honrado com esse chamado, levaram-nos a buscar o Senhor como eu jamais o fizera antes em minha vida. E desejo dizer nesta tarde que a promessa feita por Moisés aos filhos de Israel pouco antes da travessia do rio Jordão rumo à Terra Prometida foi cumprida em nossas experiências. Ao buscarmos o Senhor com toda a nossa alma, Ele ofereceu-nos orientação e auxílio”.³²

Pouco depois de seu retorno do *tour* mundial, ele foi chamado para ser o presidente da Missão Européia. Em novembro de 1922, partiu para Liverpool. Foi durante esse chamado que ele começou a ensinar o conceito de que “todo membro é um missionário”, algo que ele continuaria a salientar quando Presidente da Igreja. Como presidente de missão, reorganizou os missionários em grupos, com vários missionários agindo

como élderes viajantes para ajudar a treinar os demais missionários em melhores métodos de ensino. Um de seus maiores desafios foi lidar com as reportagens negativas sobre a Igreja na imprensa. Seu método era contatar pessoalmente os editores e conversar com eles, pedindo-lhes oportunidades iguais de apresentar a verdade sobre a Igreja. Alguns editores recusavam seus pedidos, mas muitos se mostraram bastante receptivos.³³ Suas técnicas de relações públicas revelaram-se uma grande bênção para a Igreja durante o período em que ele presidiu a missão e no decorrer de seu ministério.

Apoiado para a Primeira Presidência

No segundo semestre de 1934, ele foi apoiado como segundo conselheiro do Presidente Heber J. Grant. O Presidente J. Reuben Clark Jr., que até então servira como segundo conselheiro do Presidente Grant, tornou-se o primeiro conselheiro. Embora o Presidente McKay chegasse à Primeira Presidência com uma grande experiência na Igreja, no dia em que foi apoiado ainda se sentia pequeno diante do chamado. Ele afirmou: “Como seria de esperar, estou sentindo-me assoberbado. Nos últimos dias, tenho tido dificuldade para controlar meus pensamentos e sentimentos. A felicidade e os bons sentimentos que tendem a acompanhar o grande chamado que me foi feito foram contrabalançados pela sensação de peso que me advém ao pensar na enorme responsabilidade inerente ao chamado para a Primeira Presidência”.³⁴ Mesmo depois de muitos anos de serviço como autoridade geral, ele admitiu que era “sempre uma espécie de provação para ele ter de pôr-se diante de um público”, pois tinha consciência da magnitude de suas responsabilidades.³⁵

Durante os primeiros anos do Presidente McKay na Primeira Presidência, os membros da Igreja estavam às voltas com a Grande Depressão. Em 1936, a Primeira Presidência anunciou oficialmente o Programa de Segurança da Igreja, que posteriormente se tornaria o Programa de Bem-Estar da Igreja. Como apoiava fortemente o bem-estar, o Presidente McKay ressaltava que a espiritualidade e o bem-estar são sinônimos: “É impor-

tante doar roupas aos que estão desnudos, comida àqueles cuja mesa está vazia, trabalho aos desempregados, mas no final das contas, as maiores bênçãos que advirão do Plano de Segurança da Igreja são espirituais. A espiritualidade expressa-se mais no ato de doar no que no de receber. A maior bênção espiritual resulta de ajudar o próximo”.³⁶

Após a morte do Presidente Grant em 1945, George Albert Smith tornou-se o presidente da Igreja e chamou o Presidente McKay como seu segundo conselheiro. Suas novas responsabilidades não mudaram muito em relação às anteriores, mas surgiram constantemente novas oportunidades e desafios. Um dos projetos que mais exigiram dedicação foi a designação como encarregado das comemorações do centenário da chegada dos pioneiros a Utah, que envolveram muitos meses de planejamento, além de todas as outras atividades que ele já desempenhava. As comemorações estaduais, cujo ponto alto foi em julho de 1947, foram consideradas um grande sucesso. Um jornal local escreveu o seguinte:

“Rodney C. Richardson, coordenador das comemorações do centenário da Califórnia, viajou a Salt Lake City para observar o centenário de Utah, que, segundo ele, ‘teve o melhor planejamento do país. O caráter não-comercial foi uma das qualidades marcantes do Centenário de Utah. Foi uma verdadeira comemoração histórica.’” Além dos elogios dos californianos, vários outros estados escreveram solicitando informações e materiais escritos relacionados às comemorações.³⁷

Quando a saúde do Presidente George Albert Smith começou a decair, as responsabilidades de seus dois conselheiros aumentaram. No primeiro semestre de 1951, o Presidente McKay e sua esposa, Emma Ray, decidiram partir de carro de Salt Lake City rumo à Califórnia para férias merecidas. Eles pararam para dormir em St. George na primeira noite, e o Presidente McKay acordou com a nítida impressão de que deveria voltar a Salt Lake City. Alguns dias depois, o Presidente George Albert Smith sofreu um derrame e faleceu em 4 de abril de 1951.

Profeta de uma Igreja Mundial

Obra Missionária e o Crescimento da Igreja

Depois de servir como apóstolo durante 45 anos, David O. McKay tornou-se o nono presidente da Igreja em 9 de abril de 1951, com Stephen L. Richards e J. Reuben Clark Jr. como conselheiros. Em 1952, a Primeira Presidência apresentou o primeiro plano de proselitismo oficial para os missionários de tempo integral. O programa fora designado para aumentar a eficácia dos missionários de tempo integral, fornecendo um esquema padronizado para as palestras a serem usadas para ensinar os pesquisadores. O programa incluía cinco palestras intituladas “O Livro de Mórmon”, “Bases Históricas da Restauração”, “Doutrinas Distintivas da Igreja”, “Responsabilidades dos Membros da Igreja” e “Tornar-se Membro da Igreja”.³⁸

Nove anos depois, em 1961, ele organizou o primeiro seminário para todos os presidentes de missão, que foram estimulados a incentivar as famílias a estreitarem os laços com seus amigos e vizinhos e depois convidá-los para serem ensinados pelos missionários em sua casa.³⁹ Ao ressaltar o conceito de “todo membro é um missionário”, ele exortava cada membro a assumir o compromisso de trazer pelo menos um novo membro para a Igreja a cada ano. Também foi estabelecido nesse ano um instituto de treinamento de idiomas para os missionários recém-chamados. Com essas novas iniciativas, o número de membros da Igreja e de missionários de tempo integral cresceu rapidamente. Sob sua direção, o número de estacas cresceu mais que o dobro, ultrapassando a marca das 500. Novas estacas formaram-se em todo o mundo em países como Argentina, Austrália, Brasil, Inglaterra, Alemanha, Guatemala, México, Holanda, Samoa, Escócia, Suíça, Tonga e Uruguai. Também em 1961, para fazer frente a esse enorme crescimento, os membros do Primeiro Quórum dos Setenta foram ordenados sumos sacerdotes a fim de poderem presidir conferências de estaca, e o novo ofício de representante regional dos Doze foi estabelecido em 1967.

Viagens como Presidente

O Presidente McKay viajou mais quilômetros do que a soma de todos os seus antecessores. Em 1952, ele começou a primeira de uma série de várias viagens importantes: uma viagem de nove semanas na Europa, onde visitou nove países e várias missões. Na primeira escala, a Escócia, ele dedicou a primeira capela desse país, situada em Glasgow. No decorrer do restante da viagem, ele realizou cerca de 50 reuniões com os membros da Igreja, concedeu inúmeras entrevistas e foi recebido por autoridades de vários países.⁴⁰ Em 1954, ele viajou para a missão isolada da África do Sul — a primeira autoridade geral a visitar essa área. Na segunda parte de sua viagem, visitou os membros da Igreja na América do Sul. Em 1955, visitou o Pacífico Sul e posteriormente, no verão desse mesmo ano, voltou à Europa com o Coro do Tabernáculo.

Ele sentia que suas viagens proporcionavam aos membros da Igreja “um sentimento mais real de que eles não são peças isoladas, mas na verdade parte da Igreja como um todo”.⁴¹ Pela primeira vez, a Igreja estava tornando-se verdadeiramente global. O Presidente McKay declarou: “Deus abençoe a Igreja. Ela está no mundo inteiro. Sua influência deve ser sentida por todas as nações. Que seu espírito influencie os homens em todas as partes e inspire o coração deles para a boa vontade e a paz”.⁴²

Aumento no Número de Templos

Enquanto estava na Europa em 1952, ele tomou as providências necessárias para a construção de novos templos, os primeiros a serem edificadas fora dos Estados Unidos e Canadá. O Templo de Berna Suíça foi dedicado em 1955 e o Templo de Londres Inglaterra em 1958. Durante sua presidência, foram dedicados ainda o Templo de Los Angeles Califórnia (1956), o Templo de Hamilton Nova Zelândia (1958) e o Templo de Oakland Califórnia (1964). Sob sua direção, começaram a ser usados filmes para a sessão de investidura no templo, possibilitando o recebimento da ordenança em vários idiomas.

Coordenação e Consolidação

Em 1960, a Primeira Presidência designou o Élder Harold B. Lee para estabelecer a Correlação na Igreja, com o objetivo de coordenar e consolidar os programas da Igreja, reduzindo as superposições e aumentando a eficiência e a eficácia. Na conferência geral em que anunciou essa iniciativa, o Élder Lee afirmou: “Essas medidas (...) estão há muito na mente do Presidente McKay e agora como Presidente da Igreja ele está instruindo-nos a seguir em frente, para que consolidemos a fim de tornar mais eficiente e eficaz o trabalho do sacerdócio, das auxiliares e das outras unidades no sentido de cumprirmos o propósito principal para o qual a própria Igreja foi organizada”.⁴³

Embaixador da Igreja

Entre as pessoas de outras religiões, o Presidente McKay era considerado um importante líder espiritual. Ele reunia-se regularmente com líderes de países e autoridades governamentais locais. Ele também recebeu a visita de presidentes dos Estados Unidos, incluindo Harry S. Truman, John F. Kennedy e Dwight D. Eisenhower. Em certa ocasião, o presidente norte-americano Lyndon B. Johnson, que telefonava para o Presidente McKay com frequência, convidou-o a ir a Washington, D.C. para receber conselhos pessoais em diversos assuntos que o preocupavam. Durante a visita, o Presidente McKay disse-lhe: “Deixe sua consciência guiá-lo. Mostre às pessoas que você é sincero, e elas o seguirão”.⁴⁴

Orador e Líder Amado

A partir de sua juventude e ao longo de sua vida, o Presidente McKay estudou as palavras de grandes autores e com frequência ensinava usando passagens que memorizara. Por exemplo, ele disse aos membros da Igreja: “O coração do poeta inglês Wordsworth saltou quando ele contemplou um arco-íris no céu. O coração do poeta escocês Burns chorou quando seu arado esmagou uma margarida. O poeta inglês Tennyson podia arrancar uma flor de uma parede com heras e ver, ao ler nela o mistério, ‘tudo o que Deus e o homem são’. Todos esses homens notáveis, assim como tantos outros, mostraram a nós, nas obras da natureza, a obra de Deus”.⁴⁵

Os membros da Igreja adoravam ouvir o Presidente McKay discursar. Seus discursos costumavam conter histórias inspiradas de suas muitas experiências e ele sempre recorria ao bom humor. Ele gostava de contar a história de um menino que entregava jornais e que apertou a mão dele antes de ele entrar num elevador. Então, o menino correu escada acima para cumprimentar o profeta idoso quando ele saísse do elevador no andar acima. O menino disse: “Eu queria apenas apertar sua mão mais uma vez antes de o senhor morrer”.⁴⁶

Os discursos que ele proferia nas conferências gerais ressaltavam a importância do lar e da família como fonte de felicidade e como a defesa mais segura contra as provações e tentações. O axioma “nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar” sempre era repetido quando ele incentivava os pais a passarem mais tempo com os filhos e a ensinarem-lhes acerca do caráter e integridade. Ele ensinou: “O coração puro num lar puro resulta numa maravilhosa proximidade com o céu”.⁴⁷ Ele chamava o lar de “unidade básica da sociedade” e declarava que “a paternidade e a maternidade são próximas da divindade”.⁴⁸

Ele falava sobre a santidade do casamento e mencionava com frequência o amor que sentia por sua família e sua esposa, Emma Ray. Seu casamento de mais de 60 anos tornou-se a união modelo para as gerações futuras de santos dos últimos dias. Ele admoestou os membros da Igreja: “Ensinemos aos jovens que a relação do casamento é uma das obrigações mais sagradas conhecidas pelo homem ou que o homem é capaz de assumir”.⁴⁹

Quando sua saúde começou a falhar em meados dos anos 1960, ele logo começou a passar boa parte de seu tempo em cadeira de rodas e chamou conselheiros adicionais para a Primeira Presidência. Apesar de seu estado físico cada vez mais debilitado, ele continuou a dirigir a Igreja e a ensinar, liderar e inspirar. Pouco antes de sua morte, ele fez uso da palavra numa reunião no Templo de Salt Lake com as Autoridades Gerais da Igreja. O Élder Boyd K. Packer, que estava presente à reunião, relatou essa experiência da seguinte forma:

“[O Presidente McKay] falou sobre as ordenanças do templo e fez fartas citações das cerimônias. Ele explicou-as para nós. (Como estávamos no templo, não era inadequado.) Depois de falar por algum tempo, ele fez uma pausa e ficou olhando para o teto em profunda meditação.

Lembro que ele estava com as grandes mãos à frente, com os dedos entrelaçados. Ele ficou com ar pensativo, como o de alguém que reflete sobre uma pergunta profunda. Em seguida, ele disse: ‘Irmãos, acho que finalmente estou começando a compreender’.

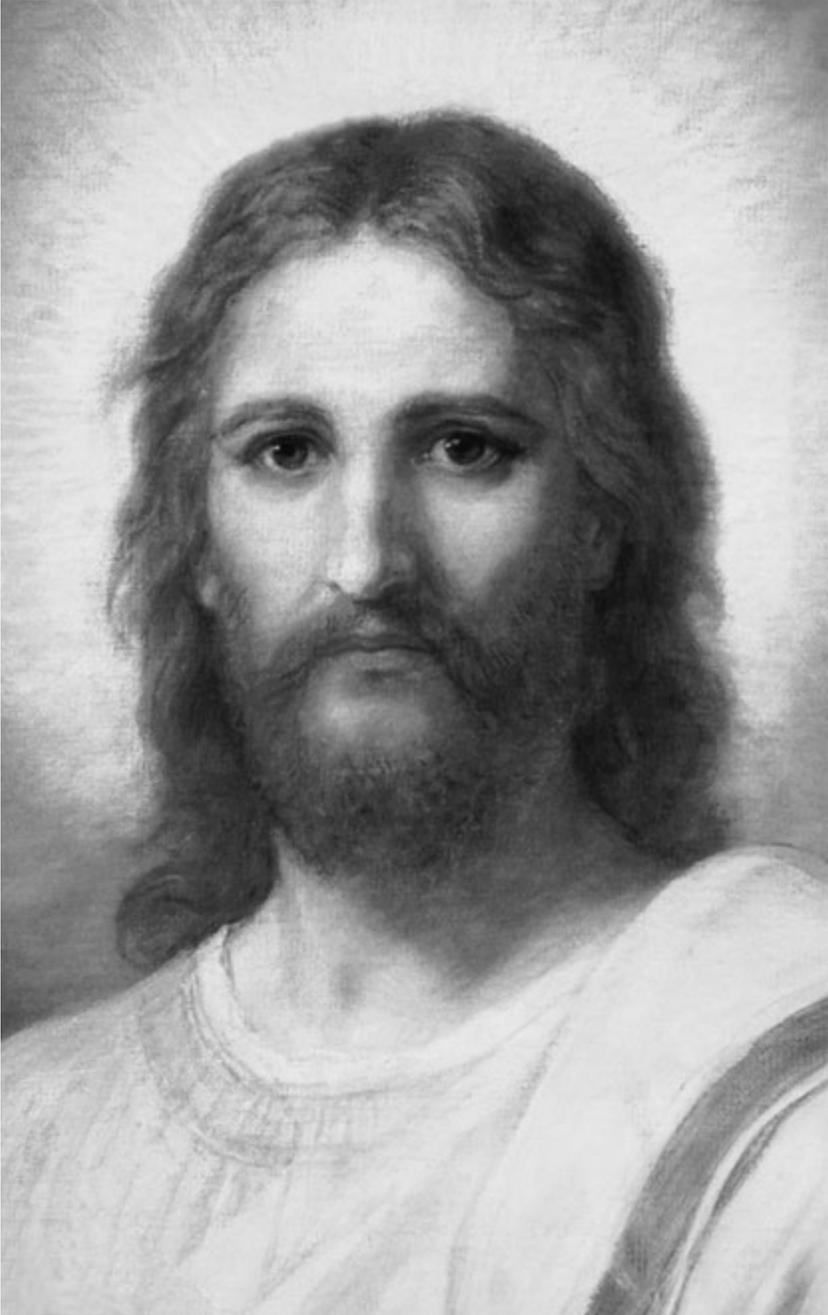
Ali estava ele, o profeta — um apóstolo por mais de meio século e mesmo assim ele estava aprendendo, crescendo. Sua expressão ‘acho que finalmente estou começando a compreender’ foi de grande consolo para mim.”⁵⁰ Embora tivesse um enorme entendimento do evangelho e uma grande experiência na Igreja, o Presidente McKay era humilde o suficiente para perceber que ainda podia aprender e descobrir níveis mais profundos de significado.

Depois de servir como profeta do Senhor por quase 20 anos, o Presidente David O. McKay faleceu em 18 de janeiro de 1970 em Salt Lake City, Utah, com sua esposa, Emma Ray, e cinco de seus filhos, em seu leito de morte. Numa homenagem a ele, o Presidente Harold B. Lee declarou que ele “deixara o mundo mais rico e o céu mais glorioso pelos ricos tesouros que ele trouxe a cada um deles”.⁵¹ Acerca do legado de David O. McKay, seu sucessor, o Presidente Joseph Fielding Smith, declarou: “Ele era um homem de grande força espiritual, um líder nato e um homem amado por seu povo e honrado pelo mundo. Para sempre, os homens se erguerão e bendirão em uníssono seu nome”.⁵²

Notas

1. Ver Jeanette McKay Morrell, *Highlights in the Life of President David O. McKay* (1966), pp. 6–8.
2. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 8–10.
3. Llewelyn R. McKay, *Home Memories of President David O. McKay* (1956), p. 6.
4. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 22–23.
5. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 24–25.
6. Bryant S. Hinckley, “Greatness in Men: David O. McKay”, *Improvement Era*, maio de 1932, p. 391; alterações na disposição dos parágrafos.

7. Jay M. Todd e Albert L. Zobell Jr., “David O. McKay, 1873–1970”, *Improvement Era*, fevereiro de 1970, p. 12.
8. Ver Francis M. Gibbons, *David O. McKay: Apostle to the World, Prophet of God* (1986), pp. 12–13.
9. “Peace through the Gospel of Christ”, *Improvement Era*, março de 1921, pp. 405–406.
10. Ver *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. por Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 8–9.
11. *Gospel Ideals* (1953), p. 459.
12. “Expressions of Gratitude and the Importance and Necessity for the Conservation and Training of Youth”, *The Instructor*, novembro de 1966, p. 413.
13. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, p. 28.
14. Leland H. Monson, “David O. McKay Was a Deacon, Too”, *Instructor*, setembro de 1962, p. 299.
15. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, p. 26.
16. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, p. 28.
17. David Lawrence McKay, *My Father, David O. McKay* (1989), p. 120.
18. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, p. 31.
19. Ver *Home Memories of President David O. McKay*, pp. 8–9.
20. *Home Memories of President David O. McKay*, p. 9.
21. Ver *My Father, David O. McKay*, pp. 1–2.
22. Ver *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, pp. 4–5; alterações na disposição dos parágrafos.
23. Ver *Home Memories of President David O. McKay*, p. 171.
24. Ver *My Father, David O. McKay*, pp. 4–6.
25. *Treasures of Life*, comp. por Clare Middlemiss (1962), p. 472.
26. “Pioneer Women, Heroines of the World”, *Instructor*, julho de 1961, p. 217.
27. George R. Hill, “President David O. McKay . . . Father of the Modern Sunday School”, *Instructor*, setembro de 1960, p. 314; alterações na disposição dos parágrafos.
28. Ver *Instructor*, setembro de 1960, p. 314; ver também “The Lesson Aim: How to Select It; How to Develop It; How to Apply It”, *Juvenile Instructor*, abril de 1905, pp. 242–245.
29. “The Sunday School Looks Forward”, *Improvement Era*, dezembro de 1949, p. 804.
30. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 66–72.
31. Conference Report, abril de 1922, p. 16.
32. Conference Report, abril de 1922, p. 63.
33. Ver Keith Terry, *David O. McKay: Prophet of Love* (1980), pp. 89–93.
34. Conference Report, outubro de 1934, pp. 89–90.
35. Conference Report, outubro de 1949, p. 116.
36. *Pathways to Happiness*, comp. por Llewelyn R. McKay (1957), p. 377; alterações na disposição dos parágrafos.
37. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 95–96.
38. Ver *Deseret News*, seção da Igreja, 9 de abril de 1952, p. 9.
39. Ver “Every Member a Missionary”, *Improvement Era*, outubro de 1961, pp. 709–711, pp. 730–731.
40. Ver *My Father, David O. McKay*, pp. 217–237.
41. *Gospel Ideals* (1953), p. 579.
42. Conference Report, outubro de 1952, p. 12.
43. Conference Report, outubro de 1961, p. 81.
44. Ver *Highlights in the Life of President David O. McKay*, pp. 262–266.
45. Conference Report, outubro de 1908, p. 108.
46. Ver *David O. McKay: Apostle to the World, Prophet of God*, pp. 232–233.
47. Conference Report, abril de 1964, p. 5.
48. *Pathways to Happiness*, p. 117.
49. *Pathways to Happiness*, p. 113.
50. *The Holy Temple* (1980), p. 263.
51. *Stand Ye in Holy Places: Selected Sermons and Writings of President Harold B. Lee* (1975), p. 178.
52. Conference Report, abril de 1970, p. 4.



“Que os homens e mulheres de todas as partes mantenham os olhos fitos Naquele que resplandece como a Luz de todo o mundo, pois Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida.”



Jesus Cristo: “O Caminho, e a Verdade e a Vida”

Se uma pessoa desejar conhecer o real propósito da vida, deve viver por algo maior do que ela mesma.

Deve ouvir a voz do Salvador que diz:

“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. (...)”

(João 14:6)¹

Introdução

Em 4 de dezembro de 1920, o Élder David O. McKay e seu companheiro de viagem, Hugh J. Cannon, presidente de estaca e editor da revista da Igreja *Improvement Era*, iniciaram a designação da Primeira Presidência de visitar e fortalecer os membros da Igreja em todo o mundo. As visitas duraram um ano e a distância percorrida foi de cerca de 100.000 quilômetros — mais da metade por via marítima. Na noite de 10 de maio de 1921, quando eles estavam a caminho do que hoje chamamos Samoa Ocidental, o Élder McKay teve a seguinte experiência:

“Perto do anoitecer, a reflexão dos últimos raios de um belo pôr-do-sol eram esplêndidos! (...) Ainda meditando sobre essa bela cena, deitei-me na minha [cama] às 22h naquela noite. (...) Em seguida, adormeci e contemplei em visão algo infinitamente sublime. Ao longe, divisei uma bela cidade branca. Embora ela estivesse distante, eu conseguia ver árvores com frutas saborosas, arbustos com folhas de belas cores e flores vicejantes por todas as partes. (...) O céu claro parecia refletir essas belas nuances de cor. Então, vi um grande número de pessoas que se aproximavam da cidade. Cada uma usava uma túnica branca esvoaçante e um ornamento branco na cabeça. De imediato, minha atenção voltou-se para o líder deles e, embora eu só conseguisse vê-lo de perfil e partes de Seu corpo, reconheci-O

naquele instante como meu Salvador! A cor e luminosidade de Seu semblante eram gloriosos de contemplar. Ela irradiava uma paz que me parecia sublime — era algo divino!

A cidade, pelo que deduzi, era Dele. Era a Cidade Eterna, e as pessoas que O seguiam iriam habitar lá em paz e felicidade eterna.

Mas quem eram eles?

Como se o Salvador conseguisse ler meus pensamentos, respondeu apontando para um semicírculo que em seguida apareceu acima de mim, no qual estavam escritas em letras douradas as seguintes palavras:

“Estes São Aqueles que Venceram o Mundo e Que Verdadeiramente Nasceram de Novo!”²

Em seu primeiro discurso numa conferência geral como Presidente da Igreja, o Presidente McKay reafirmou seu testemunho do Salvador e das bênçãos recebidas por aqueles que O seguem:

“Ninguém pode presidir esta Igreja sem antes estar em sintonia com o cabeça da Igreja, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele é nosso líder. Esta é Sua Igreja. Sem Sua orientação divina e inspiração constante, não podemos ter sucesso. Com Sua orientação, com Sua inspiração, não podemos falhar. (...)”

(...) Sei da realidade de Sua existência, de Sua disposição de guiar e dirigir todos os que O servem.”³

Ensinamentos de David O. McKay

Cristo É a Luz para a Humanidade.

Cristo é a luz para a humanidade. Nessa luz, o homem vê seu caminho com clareza; quando ela é rejeitada, a alma do homem tropeça na escuridão. Nenhuma pessoa, nenhum grupo, nenhuma nação pode alcançar o verdadeiro sucesso sem seguir a Ele que disse:

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida.” (João 8:12)

É triste quando as pessoas e nações apagam essa luz — quando Cristo e Seu evangelho são suplantados pela lei da selva e a força da espada. A principal tragédia do mundo na atualidade é sua descrença na bondade de Deus e sua falta de fé nos ensinamentos e doutrinas do evangelho.⁴

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acredita que em Sua vida e ensinamentos Jesus Cristo revela um padrão de conduta pessoal e de relações sociais que, se plenamente incorporado na vida de cada pessoa e instituição, não apenas reduziria os atuais males sociais, mas traria também felicidade e paz a toda a humanidade.

Caso se afirme que (...) as nações ditas cristãs falharam em sua tentativa de atingir tal meta, respondemos que todo fracasso nesse sentido deve-se ao fato de que elas deixaram de aplicar os princípios e ensinamentos do verdadeiro cristianismo. (...)

(...) A família humana vem sofrendo de expressões e manifestações desenfreadas de egoísmo, ódio, inveja, ganância — paixões animais que levaram a guerras, devastação, pestilência e morte. Se mesmo os princípios mais simples dos ensinamentos do Salvador tivessem sido observados, a história teria sido modificada.⁵

Quando os cristãos em todo o mundo tiverem essa fé [em Cristo] como parte de seu ser, quando sentirem no coração uma lealdade ao Cristo ressurreto e aos princípios que resultam naturalmente disso, a humanidade terá dado o primeiro grande passo rumo à paz perpétua pela qual oramos diariamente: se Ele for rejeitado, o mundo se encherá de ódio e será coberto de sangue em guerras constantes.⁶

O evangelho de Jesus Cristo é a fornalha onde o ódio, a inveja e a ganância são consumidos e onde a boa vontade, a bondade e o amor permanecem como as aspirações principais com as quais o homem verdadeiramente vive e edifica.

Que os homens e mulheres de todas as partes mantenham os olhos fitos naquele que resplandece como a Luz de todo o mundo — pois Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida, o único

Guia seguro para o refúgio de paz pelo qual as pessoas do mundo inteiro suplicam ardentemente.⁷

Cristo ensinou por preceito e exemplo o caminho para a vida ideal junto a nossos semelhantes.

“Como podemos saber o caminho? perguntou Tomé em companhia dos demais apóstolos e do Senhor à mesa depois da ceia na noite memorável da traição; e a resposta divina de Cristo foi: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida (...)”. (João 14:5–6) Ele de fato o é! Ele é a fonte de nosso consolo, a inspiração de nossa vida, o autor de nossa salvação. Se desejarmos conhecer nossa relação com Deus, devemos passar por Jesus Cristo. Se desejarmos conhecer a verdade sobre a imortalidade da alma, temos o exemplo da ressurreição do Salvador.

Se desejarmos aprender como levar uma vida ideal junto a nossos semelhantes, podemos encontrar o exemplo perfeito na vida de Jesus. Sejam quais forem nossos desejos nobres, nossas aspirações mais elevadas, nossos ideais em qualquer fase da vida, podemos mirar-nos em Cristo e encontrar a perfeição. Assim, ao buscarmos um padrão de conduta moral, basta buscarmos o Homem de Nazaré e Nele veremos todas as virtudes incorporadas, as qualidades necessárias para tornar um homem perfeito.

As virtudes que se combinaram para formar esse caráter perfeito são a verdade, a justiça, a sabedoria, a benevolência e o autodomínio. Todos os pensamentos, palavras e atos Dele estavam em harmonia com a lei divina e, portanto, verdadeira. O canal de comunicação entre Ele e o Pai estava constantemente aberto e assim a verdade, que depende da revelação, era sempre conhecida por Ele.⁸

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aceita como literalmente verdadeiras as seguintes palavras de Jesus: “eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância”. (João 10:10) Contudo, cremos que essa vida em abundância não se obtém apenas por meio da exaltação espiritual, mas também da aplicação no cotidiano dos princípios ensinados por Jesus.

Esses princípios são poucos e simples e podem, se desejarmos, ser aplicados por todas as pessoas normais. O primeiro deles é o alicerce sobre o qual se edifica a sociedade cristã é: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças (...)”. (Marcos 12:30) A crença num Ser Supremo que vive e ama Seus filhos, uma crença que lhes dá força e vigor à alma. A certeza de que podemos buscá-Lo para receber orientação e de que Ele Se manifestará àqueles que O procurarem.

Outro princípio é a aceitação da verdade de que a vida é um dom de Deus e portanto algo divino. O uso adequado desse dom impele o homem a tornar-se o mestre, e não o escravo, da natureza. Seus apetites devem ser controlados e usados em benefício de sua saúde e do prolongamento da vida. Suas paixões devem ser dominadas e controladas para a felicidade e bênçãos dos demais e a perpetuação do gênero humano.

Um terceiro princípio é a integridade pessoal. Por integridade, refiro-me às qualidades simples e prosaicas da honestidade, sobriedade e respeito aos direitos alheios, o que nos levará a conquistar a confiança das pessoas a nossa volta. Esse reconhecimento se aplica tanto às nações quanto aos indivíduos. É tão errado para uma nação, por ser mais poderosa, roubar de outra e oprimi-la quanto para uma pessoa roubar e matar outra.

Um quarto princípio essencial é a consciência social que faz surgir em cada pessoa a consciência de que ela tem o dever de tornar o mundo um lugar melhor devido a sua intervenção.⁹

A vida do Salvador foi guiada principalmente pela (...) *Pureza Individual e o Serviço*. Ele manteve-Se totalmente imune dos pecados do mundo e dedicou Sua vida à preocupação com o próximo, à salvação da família humana. Ele sempre estendia a mão aos oprimidos, consolava os enfermos, curava os coxos e demais deficientes, dando Sua vida pelo mundo.¹⁰

Há a necessidade premente de uma mudança drástica nas relações dos homens uns com os outros. Nunca houve um período da história do mundo quando uma mudança para melhor fosse mais urgente. E como a rejeição dos ensinamentos

de Cristo resultou em inúmeros desastres, apenas com períodos curtos de repouso, paz e progresso, não consigo compreender por que as pessoas não estão dispostas a substituir a autopromoção egoísta pelo princípio cristão da consideração fraternal, da honestidade, do valor e do caráter sagrado da vida humana, da virtude do perdão, da condenação do pecado da hipocrisia e da cobiça, do poder salvador do amor.¹¹

Os membros da Igreja de Cristo têm a obrigação de tornar o Filho do Homem, sem pecado, seu ideal. Ele é o único Ser Perfeito que já pisou na Terra; o exemplo mais sublime de nobreza. Ele tinha uma natureza divina; Seu amor era perfeito; Ele é nosso Redentor, nosso Salvador, o Filho imaculado de nosso Pai Eterno; a Luz, a Vida e o Caminho.¹²

Eu aceito Jesus Cristo como a personificação da perfeição humana.¹³

Os ensinamentos de Cristo podem aplicar-se ao cotidiano.

Creio em todas as palavras proferidas por Jesus, e cada ensinamento Dele pode aplicar-se a minha vida e à de todos. Ao termos em mente que somos filhos de nosso Pai Celestial, quando buscamos o reino de Deus em primeiro lugar, adquirimos consciência de um novo objetivo na vida. (...) Somente ao abrirmos mão de nossa vida interior podemos erguer-nos acima dos instintos egoístas e sórdidos da natureza. (...)

Por praticamente dois mil anos, os homens têm considerado (os ensinamentos de Cristo) impossíveis de serem praticados — demasiado idealistas, dizem eles, mas se acreditarmos sinceramente na divindade de Cristo, que Ele é “o caminho, e a verdade e a vida” (ver João 14:6), não podemos duvidar verdadeiramente da aplicabilidade de Seus ensinamentos ao cotidiano.

É verdade que há enormes problemas a serem resolvidos: os males das favelas, os conflitos constantes entre empregados e empregadores, o alcoolismo, a prostituição, o ódio entre as nações e centenas de outras questões. Contudo, se seguido, o convite de Cristo para a integridade pessoal, a honra, a hones-

tidade e o amor constitui o elemento básico para a solução adequada de todas essas dificuldades sociais e econômicas.

É certo que, antes de o mundo começar a pensar nesses ideais, o coração dos homens precisa mudar. Cristo veio ao mundo justamente com esse objetivo. O motivo principal para pregar o evangelho é transformar o coração e a vida dos homens. (...) Aqueles que se converteram (...) podem testificar como a conversão modificou sua vida. (...) Por meio da conversão, eles trazem paz e boa vontade ao mundo, em vez de conflitos (e) sofrimento.¹⁴

Como primeiro passo, (...) tornem verdadeiramente aplicável o conselho de colocar-se no lugar da outra pessoa, a maneira mais segura de eliminar a amargura que caracteriza os mal-entendidos.

Nenhuma pessoa inteligente pode dizer verdadeiramente que a aplicação desse ato simples, se praticado entre as pessoas e nações, não tornaria o mundo um lugar melhor!

Igualmente eficazes e aplicáveis são Seus ensinamentos acerca do valor e do caráter sagrado da vida humana, da virtude do perdão, da necessidade da honestidade, de Sua condenação do pecado da hipocrisia e da cobiça, Seus ensinamentos sobre o poder salvador do amor e da imortalidade da alma.¹⁵

**A obediência aos ensinamentos de Cristo leva
à verdadeira grandeza e felicidade.**

Ninguém pode sinceramente resolver aplicar em seu cotidiano os ensinamentos de Jesus de Nazaré sem sentir uma mudança em sua natureza. A expressão “nascer de novo” tem um significado mais profundo do que muitas pessoas pensam. Esse sentimento de mudança pode ser indescritível, mas é real.

Feliz é a pessoa que de fato sentiu o poder edificante e transformador que provém dessa proximidade com o Salvador, essa comunhão com o Cristo vivo. Sou grato por saber que Cristo é meu Redentor.¹⁶

Os mais elevados de todos os ideais são os ensinamentos e particularmente a vida de Jesus de Nazaré, e as pessoas mais extraordinárias são justamente as que mais se assemelham a Cristo.

O que sinceramente pensamos de Cristo em nosso coração determinará o que somos, determinará grandemente quais serão nossos atos. Nenhuma pessoa pode estudar essa personalidade divina e aceitar Seus ensinamentos sem sentir uma influência edificante e refinadora dentro de si mesma.¹⁷

Ao escolhê-Lo como nosso ideal, criamos dentro de nós mesmos o desejo de ser como Ele, de estar em comunhão com Ele. Nossa percepção da vida torna-se o que deve ser.¹⁸

Ele não prometeu recompensas materiais, mas prometeu-nos um caráter perfeito e divino. (...) “Sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” [Ver Mateus 5:48.] E com esse caráter divino, vem a felicidade, a verdadeira felicidade.¹⁹

O evangelho, as boas novas de grande alegria, é o verdadeiro guia para a humanidade. As pessoas atingem a maior felicidade e alegria ao viverem de acordo com seus ensinamentos, que são o contrário do ódio, da perseguição, da tirania, da dominação, da injustiça — coisas que contribuem para a tribulação, a destruição e a morte em todo o mundo. Assim como o sol no céu azul aquece a Terra no fim de um inverno inclemente, o evangelho de Jesus Cristo traz um bálsamo para as almas pesarosas que buscam algo melhor e mais elevado do que a humanidade já encontrou na Terra.

Em que estado glorioso estará este velho mundo quando pudermos dizer a respeito de Cristo, o Redentor da humanidade: “Todos te buscam”. (Marcos 1:37) O egoísmo, a inveja, o ódio, as mentiras, o roubo, a desonestidade, a desobediência, os conflitos e as guerras entre as nações não mais existirão!²⁰

Comemoramos o nascimento Daquela em cuja missão na Terra (1) Deus é glorificado; (2) a Terra recebe a promessa de paz; (3) todos os homens recebem a promessa da boa vontade de Deus para com eles!

Se todas as pessoas nascidas no mundo tivessem como farol de sua vida esses três ideais gloriosos, como a vida seria mais doce e feliz! Se tivessem esse objetivo, todos buscariam tudo o que é puro, justo, nobre, virtuoso e verdadeiro, tudo o que conduz à perfeição. (...) Eles se absteriam de tudo o que é impuro,

desonroso ou vil. Se todos os homens *realmente desejassem* mostrar boa vontade a seus semelhantes e expressassem esse desejo na forma de inúmeras palavras bondosas e pequenos gestos que refletissem altruísmo e abnegação, que contribuição cada pessoa faria para a paz universal na Terra e a felicidade da humanidade!²¹

Como esse mundo seria mais agradável se, por exemplo, os homens tentassem honestamente aplicar o conselho de Cristo: “[Reconcilia-te] com teu irmão”. [Ver Mateus 5:23–24.] Ou, novamente, Sua admoestação: “Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça” [ver Mateus 6:33]. Isso significa simplesmente não estar tão ansioso pelas coisas do mundo a ponto de dar-lhes maior importância do que às espirituais.²²

Sinto e sei que, por meio Dele e somente Dele, e pela obediência ao evangelho de Jesus Cristo, podemos encontrar felicidade e salvação neste mundo e vida eterna no mundo vindouro.²³

Sugestões para Estudo e Discussão

- Quais são alguns dos grandes problemas que a humanidade enfrenta hoje? Que princípios específicos ensinados por Jesus Cristo podem ajudar a resolver esses problemas? De que forma eles ajudariam a resolver essas dificuldades?
- Por que a fé em Jesus Cristo é essencial para melhorar as condições do mundo na atualidade? O que significa para você o fato de Jesus Cristo ser “o caminho, e a verdade e a vida”?
- O que impede as pessoas hoje em dia de aplicarem os ensinamentos do Salvador em sua vida? De que forma podemos, tanto coletivamente na Igreja quanto individualmente, promover Seus padrões no mundo?
- Jesus Cristo disse que Ele veio ao mundo para que “[tenhamos] vida, e a [tenhamos] com abundância” (João 10:10; ver a página 4.) De que forma o Salvador ajudou você a ter vida com maior abundância?

- O Presidente McKay testificou de Jesus Cristo como a “personificação da perfeição humana” (página 4). Quais são algumas das características de Jesus Cristo que O tornam o exemplo de perfeição? (Ver as páginas 4–5.) Até que ponto essas características podem, de modo realista, ser atingidas em nossa vida? O que podemos fazer para tornar nossa vida individualmente mais semelhante à de Cristo?
- O Presidente McKay ensinou que aqueles que aplicarem os ensinamentos do Salvador sentirão uma mudança em si mesmos. (Ver a página 7.) De que forma você já confirmou a veracidade disso em sua vida ou na vida de outras pessoas? Qual é o significado das palavras “nacer de novo”, conforme usadas pelo Presidente McKay? (Ver as páginas 7–8.)

Escrituras Relacionadas: Mateus 11:28–30; João 13:15–17; 3 Néfi 27:21–22, 27; D&C 84:49–54.

Notas

1. Conference Report, outubro de 1969, p. 8.
2. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. por Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 59–60; alterações na disposição dos parágrafos.
3. Conference Report, abril de 1951, pp. 157, 159.
4. *Treasures of Life*, comp. por Clare Middlemiss (1962), pp. 203–204.
5. “What Doth It Profit?“, *Improvement Era*, janeiro de 1970, p. 2.
6. Conference Report, abril de 1944, pp. 124–125.
7. “Walk in the Light“, *Improvement Era*, abril de 1954, p. 222.
8. Conference Report, abril de 1968, pp. 6–7.
9. “What Doth It Profit?“, *Improvement Era*, janeiro de 1970, p. 3.
10. Conference Report, abril de 1918, p. 81.
11. “Walk in the Light“, *Improvement Era*, abril de 1954, pp. 221–222.
12. *Treasures of Life*, p. 210.
13. Conference Report, outubro de 1965, p. 144.
14. Conference Report, outubro de 1953, pp. 10–11; alterações na disposição dos parágrafos.
15. Conference Report, outubro de 1942, pp. 69–70.
16. Conference Report, abril de 1944, p. 124.
17. Conference Report, abril de 1951, p. 93.
18. Conference Report, abril de 1951, p. 98.
19. Conference Report, abril de 1953, pp. 137–138.
20. Conference Report, abril de 1968, p. 9.
21. *Gospel Ideals* (1953), pp. 36–37.
22. Conference Report, abril de 1944, p. 124.
23. Conference Report, outubro de 1953, p. 9.



A Natureza Dual do Homem

A pergunta então é: De que forma teremos vida com maior abundância: dando livre vazão a nossa natureza física ou desenvolvendo nosso lado espiritual? Não seria esse o problema real?¹

Introdução

Num discurso proferido numa conferência geral em 1949, o Presidente McKay contou a seguinte história:

“Há uma velha história (...) que fala da experiência de um grande artista contratado para pintar o mural de uma catedral numa cidade da Sicília. O tema era a vida de Cristo. Durante muitos anos, o artista trabalhou diligentemente e por fim terminou a pintura, com exceção das duas figuras mais importantes: Jesus Cristo e Judas Iscariotes. Por todas as partes, ele procurou modelos para essas duas figuras.

Certo dia, ao percorrer uma parte velha da cidade, ele viu algumas crianças brincando na rua. Entre elas, estava um menino de doze anos cujo rosto tocou o coração do artista. Era o rosto de um anjo; um anjo bastante sujo, talvez, mas o rosto de que ele precisava.

O artista levou o menino para casa e, dia após dia, o menino permaneceu sentado pacientemente até que o rosto do Menino Jesus estivesse pronto.

Mas o pintor não achou um modelo para Judas. Durante anos, assombrado pelo receio de que sua obra-prima permanecesse inacabada, ele continuou a busca.

Certa tarde, numa taverna, o pintor viu uma figura magra e maltrapilha entrar cambaleante e em seguida cair no chão, implorando uma taça de vinho. O pintor levantou-o e viu um



O Presidente McKay ensinou que nossa existência terrena é apenas um teste para ver se optaremos por seguir e desenvolver nossa natureza carnal ou nossa natureza espiritual.

rosto que o impressionou. Parecia trazer as marcas de todos os pecados da humanidade.

‘Venha comigo’, disse o pintor, ‘eu lhe darei vinho e roupas.’

Ali estava, afinal, seu modelo para Judas. Por muitos dias e partes de muitas noites, o pintor trabalhou febrilmente para terminar sua obra-prima.

No decorrer da pintura, ocorreu uma mudança no modelo. Uma tensão estranha substituiu a languidez etílica, e seus olhos vermelhos fixaram-se com horror na semelhança da pintura com ele mesmo. Um dia, ao perceber a perturbação do modelo, o pintor fez uma pausa em seu trabalho e disse: ‘Meu filho, eu gostaria de ajudá-lo. O que o transtorna?’

O modelo chorou inconsolavelmente e cobriu o rosto com as mãos. Depois de muito tempo, ergueu os olhos suplicantes na altura do rosto do velho pintor.

‘Não se lembra de mim? Anos atrás, eu servi de modelo para o Menino Jesus!’”

Depois de contar a história, o Presidente McKay disse: “Bem, essa história pode ser verídica ou fictícia, mas a lição que ela ensina é real. O homem dissoluto fez uma escolha errada em sua juventude e, ao buscar satisfação nos apetites desenfreados, decaiu tão profundamente que por fim se viu na sarjeta”.²

Ensinamentos de David O. McKay

**Cada um de nós tem duas naturezas que se contrapõem:
a física e a espiritual.**

O homem é um ser dual, e sua vida é um plano de Deus. Esse é o primeiro fato fundamental a termos em mente. O homem tem um corpo *natural* e um corpo *espiritual*. Ao declarar esse fato, as escrituras são bastante explícitas:

“E os Deuses formaram o homem do pó da terra e tomaram seu espírito (isto é, o espírito do homem) e puseram-no nele; e sopraram em suas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente.” [Abraão 5:7]

O corpo do homem, portanto, é apenas um tabernáculo no qual habita seu espírito. Muitíssimas pessoas tendem a considerar o corpo como o homem e, conseqüentemente, concentram seus esforços na satisfação dos prazeres carnis, seus apetites, desejos e paixões. Poucos são os que reconhecem que o verdadeiro homem é um espírito imortal, que [é] “inteligência, ou seja, a luz da verdade” [ver D&C 93:29] — uma inteligência viva como entidade individual antes de o corpo ter sido gerado. E essa entidade espiritual com todos os seus traços distintos permanecerá mesmo depois que o corpo deixar de reagir a seu ambiente terreno. O Salvador declarou:

“Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai.” (João 16:28)

Assim como o Espírito pré-existente de Cristo vivificava um corpo de carne e ossos, o espírito pré-existente de cada ser humano nascido neste mundo também o faz. Peço que tenham sempre isso em mente como a primeira verdade básica da vida.

A pergunta então é: De que forma teremos vida com maior abundância: dando livre vazão a nossa natureza física ou desenvolvendo nosso lado espiritual? Não seria esse o problema real?³

Entregar-se aos apetites e desejos do homem carnal traz satisfação apenas momentânea e pode levar à infelicidade, infortúnio e mesmo à degeneração; por outro lado, as conquistas espirituais proporcionam “alegria da qual não é preciso arrepender-se”.

Em sua epístola aos Gálatas, Paulo enumerou especificamente as “obras da carne” como ele as chama e o “fruto do Espírito”. Vejamos a classificação que ele fez: As obras da carne manifestam-se como as seguintes:

“(…) Adultério, prostituição, impureza, lascívia,

Idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias,

Invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.

Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.

Contra estas coisas não há lei.

E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.

Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito.” (Gálatas 5:19–25)⁴

Há algo mais elevado do que a vida animal; a saber, o plano espiritual onde há amor, o atributo mais divino da alma humana. Há também a solidariedade, a bondade e outras virtudes.⁵

Existe algo dentro [do homem] que o insta a erguer-se acima de seus próprios limites, a controlar suas circunstâncias, a dominar o corpo e todas as coisas físicas e a viver num mundo mais nobre e belo.⁶

O homem tem um destino mais grandioso do que apenas uma mera vida animal. Trata-se do toque do espírito! Todo homem e toda mulher que sentirem que têm um testemunho, esse homem e essa mulher são seres duais. Eles possuem um corpo, assim como todos os demais animais. Mas eles têm algo que provém de seu Pai Celestial e são autorizados e suscetíveis a ouvir os sussurros e influências de seu Pai Divino, por meio do Espírito Santo, o intermediário entre nós e Deus o Pai e Seu Filho Jesus Cristo.⁷

A vida é um teste para ver qual de nossas duas naturezas nós seguiremos e desenvolveremos.

A existência terrena do homem é apenas um teste para ver onde ele concentrará seus esforços, sua mente, sua alma: nas coisas que contribuem para o conforto e gratificação de sua natureza física ou se ele tornará a aquisição de qualidades espirituais o objetivo principal de sua vida.

“Todos os impulsos nobres; todas as expressões altruístas de amor; todos os sofrimentos destemidos pelo bem; todas as renúncias pessoais em nome de algo maior; todas as lealdades a

um ideal; toda a devoção abnegada a um princípio; todos os atos úteis à humanidade; todos os gestos de autodomínio; toda a coragem nobre da alma, triunfante diante das convenções ou das regras, mas que resulta de ser, fazer e viver o bem como fim em si mesmo — isso constitui a espiritualidade.”⁸

Em geral, há no homem uma divindade que o impele a seguir sempre avante. Cremos que esse poder dentro dele é o espírito que vem de Deus. O homem vivia antes de vir a esta Terra e está aqui agora para tentar aperfeiçoar o espírito. Em algum momento de sua vida, cada homem tem a consciência de um desejo de entrar em sintonia com o Infinito. Seu espírito busca a Deus. Esse sentimento é universal, e todos os homens devem estar, com grande sinceridade, envolvidos na mesma obra grandiosa: a busca e o desenvolvimento de paz e liberdade espirituais.⁹

A escolha é nossa, seja vivermos no mundo físico como animais, seja usarmos o que a Terra nos oferece como meio de subsistência no mundo espiritual que nos conduzirá de volta à presença de Deus.

Isso significa especificamente:

Seja escolhermos o egoísmo, seja renunciarmos a nós mesmos pelo bem alheio;

Seja darmos livre vazão aos apetites [e] paixões, seja desenvolvermos a moderação e o autodomínio.

Seja escolhermos a imoralidade, seja a castidade;

Seja incentivarmos o ódio, seja cultivarmos o amor;

Seja exercermos a crueldade, seja praticarmos a bondade;

Seja tornarmo-nos cépticos, seja permanecermos otimistas, esperançosos;

Seja agirmos como traidores — desleais para com aqueles que nos amam, nosso país, a Igreja ou Deus — seja agirmos com lealdade;

Seja enganarmos o próximo, seja agirmos com honestidade, honrando nossa palavra.

Seja termos uma língua ferina ou controlada.¹⁰

Ou o homem permanece satisfeito no que designamos o mundo animal, contente com o que o mundo animal lhe oferece, cedendo sem resistência aos caprichos de seus apetites e paixões e deslizando cada vez mais rumo à indulgência ou, por meio do autodomínio, ele ergue-se aos deleites intelectuais, morais e espirituais. Tudo depende do tipo de escolha que ele fizer a cada dia; na verdade, a cada hora de sua vida.¹¹

Que arremedo de natureza humana é quando uma pessoa ou grupo de pessoas, embora dotadas da consciência da capacidade de erguerem-se em dignidade humana a domínios ignorados por criaturas menos evoluídas, ainda assim se contenta em seguir os instintos animais, sem envidar esforços para sentir a alegria da bondade, pureza, autodomínio e fé que emanam da obediência às regras morais! Como é trágico quando o homem, “pouco menor (...) do que os anjos, e de glória e de honra ... [coroados]” (Salmos 8:5), se contenta em rastejar na esfera animal.¹²

A Terra, em toda a sua majestade e maravilhas, não é o fim e o propósito da criação. “(...) *Minha glória*”, diz o próprio Senhor, “[é] *levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem.*” (Moisés 1:39) E o homem, ao exercer o dom divino do livre-arbítrio, deve sentir-se na *obrigação* de auxiliar o Criador no cumprimento desse propósito divino.

O verdadeiro propósito da vida não é a mera existência, não é o prazer nem a fama nem as riquezas. *O verdadeiro propósito da vida é o aperfeiçoamento da humanidade por meio do empenho individual sob a orientação da inspiração de Deus.*

*A vida real é dar vazão ao melhor que há dentro de nós. Viver apenas para os apetites, prazeres, orgulho, lucro e não para a bondade e a benignidade, a pureza e o amor, a poesia, a música, as flores, as estrelas, Deus e as esperanças eternas é abrir mão da real alegria de viver.*¹³

A espiritualidade exige autodomínio e comunhão com Deus.

A espiritualidade, nosso verdadeiro objetivo, é a consciência da vitória sobre nós mesmos e da comunhão com o Infinito.¹⁴

A espiritualidade impele-nos a sobrepujar as dificuldades e a adquirir cada vez mais força. Sentir o desenvolvimento de nossas faculdades e o engrandecimento da alma por meio da verdade é uma das experiências mais sublimes da vida. O fato de sermos leais a nós mesmos e fiéis a ideais nobres desenvolve a espiritualidade. O verdadeiro teste de qualquer religião é o tipo de homem que ela produz. Sermos “honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e [fazermos] o bem a todos os homens” [ver Regras de Fé 1:13] constituem virtudes que contribuem para o estado mais elevado da alma. É o “lado divino do homem, o dom supremo e mais elevado que o tornam rei de todas as coisas criadas”.¹⁵

O homem que (...) [tem] em mente a vontade de melhorar o mundo a sua volta, desejando contribuir para a felicidade de sua família e demais pessoas com quem convive e que faz todas as coisas para a glória de Deus, desenvolverá, à medida em que renunciar a si mesmo por esses ideais, sua espiritualidade. De fato, somente à medida em que ele fizer isso é que se erguerá acima dos domínios do mundo animal.¹⁶

A espiritualidade e a moralidade conforme ensinadas pelos santos dos últimos dias estão ancoradas firmemente em princípios fundamentais, princípios dos quais o mundo jamais pode prescindir. E o primeiro princípio fundamental é a crença — no caso dos santos dos últimos dias, o conhecimento — na existência de um Deus pessoal. As crianças santos dos últimos dias aprendem a reconhecê-Lo e a orar a Ele como Alguém que é capaz de escutar, ouvir e sentir assim como um pai terreno é capaz de escutar, ouvir e sentir. E elas absorvem ao mais profundo de seu ser, ao aprenderem com sua mãe e seu pai, o testemunho pessoal de que esse Deus pessoal Se manifesta nesta dispensação. Há algo real nisso.¹⁷

Presto testemunho de que o canal de comunicação está aberto e de que o Senhor está pronto para guiar e, de fato, guia Seu povo. Não valeria a pena resistir à tentação de buscar gratificar os apetites e vaidades como tantos o fazem e que, ao fazerem-no, merecem a excomunhão da Igreja? Não valeria a pena resistir à satisfação de um capricho ou paixão? Há dois caminhos abertos. Um deles conduz ao espírito, o testemunho do espírito que está em harmonia com o espírito de criação, o Espírito Santo. O Espírito do Senhor vivifica cada espírito, na Igreja ou fora dela. Por meio Dele vivemos, movemo-nos e agimos, mas o testemunho do Espírito Santo é um privilégio especial. É como sintonizar o rádio e ouvir uma voz do outro lado do mundo. Os homens que não estão dentro da área de recepção não conseguem ouvi-la, mas vocês a ouvem, vocês ouvem essa voz e têm o direito de ouvi-la e receber a orientação que ela proporciona. E ela lhes advirá se vocês fizerem sua parte. Mas se vocês cederem a seus próprios instintos, seus próprios desejos, suas próprias paixões e se orgulharem de pensar, planejar e maquinar por conta própria, achando que sairão impunes, as coisas se obscurecerão. Vocês terão dado livre vazão a sua gratificação, paixões e apetites, mas terão negado o espírito; vocês romperão a comunicação entre seu espírito e o Espírito Santo.¹⁸

Não consigo pensar num ideal mais nobre e abençoado do que viver no Espírito para podermos estar em comunhão com o Eterno.¹⁹

Quando Deus Se torna o centro de nosso ser, damo-nos conta de um novo objetivo na vida: o desenvolvimento espiritual. A aquisição de bens materiais deixa de ser a meta principal da vida. Entregar o corpo livremente aos prazeres e apetites como qualquer animal não é mais o propósito primordial da existência mortal. Deus *não* é visto do ponto de vista do que podemos obter Dele, mas sim do que podemos *oferecer-Lhe*.

Somente ao renunciarmos completamente a nossa vida interior é que podemos erguer-nos acima dos impulsos egoístas e vis da natureza. O que o espírito é para o corpo, Deus é para o espírito. Quando o espírito deixa o corpo, o corpo perde a

vida, e quando eliminamos Deus de nossa vida, definhamos espiritualmente. (...)

(...) Assumamos a resolução de, a partir de agora, sermos homens e mulheres de caráter elevado e nobre, mais conscientes de nossas fraquezas, mais bondosos, caridosos e tolerantes em relação às falhas alheias. Estejamos determinados a exercer mais autodomínio em nosso lar; a controlar nosso temperamento, nossos sentimentos e nossa língua para que eles não se afastem dos limites da retidão e da pureza; a fazermos mais para desenvolver o lado espiritual de nossa vida e a tomarmos consciência de como somos dependentes de Deus para o sucesso nesta vida.²⁰

A realidade de Deus, o Pai, a realidade de Jesus Cristo, o Senhor ressurreto, é uma verdade que deve estar presente em cada alma humana. Deus é o centro da mente humana, assim como o sol é o centro deste universo. Assim que sentimos Seu caráter de Pai, Sua proximidade e o senso de divindade do Salvador, as verdades do evangelho de Jesus Cristo são conseqüências naturais, tal como o dia vem depois da noite, e a noite depois do dia.²¹

Sugestões para Estudo e Discussão

- Por que é necessário que tenhamos tanto uma natureza física como espiritual? De que forma nossos apetites e paixões podem ser usados para o bem ou para o mal?
- O Presidente McKay ensinou que a vida é um teste para ver qual natureza seguiremos. (Ver as páginas 14–16.) De que forma vivemos conflitos entre nossa natureza física e espiritual? Que escolhas podemos fazer a cada dia para desfrutar dons espirituais grandiosos como o amor, a alegria e a paz? (Ver as páginas 13–18.)
- O que é o “homem natural”? (Mosias 3:19) Por que o homem natural é inimigo de Deus? O que precisamos fazer para despojarmo-nos do homem natural? (Ver as páginas 16–18.)

- Que influências levam muitas pessoas a concentrarem sua vida na gratificação apenas de sua natureza física? Por que às vezes é difícil concentrar-se nas coisas espirituais?
- Quais são algumas falhas aparentemente insignificantes que podem constituir empecilhos para nossa espiritualidade? Como o desenvolvimento do autodomínio nos ajuda a aumentar nossa espiritualidade? (Ver as páginas 16–18.)
- De que forma sua relação com Deus influencia sua espiritualidade? (Ver as páginas 16–18.) O que você pode fazer para centrar sua vida em Deus o Pai e em Jesus Cristo?

Escrituras Relacionadas: Jó 32:8; 2 Néfi 2:27–29; Mosias 16:1–5; Abraão 3:24–25

Notas

1. *Gospel Ideals* (1953), p. 395.
2. Conference Report, abril de 1949, pp. 12–13; alterações na disposição dos parágrafos.
3. *Gospel Ideals*, p. 395.
4. *Gospel Ideals*, pp. 395–396.
5. *Pathways to Happiness*, comp. por Llewelyn R. McKay (1957), p. 288.
6. Conference Report, outubro de 1928, p. 37.
7. Conference Report, abril de 1960, p. 122.
8. Conference Report, outubro de 1963, pp. 89–90.
9. Conference Report, outubro de 1963, p. 7.
10. *Gospel Ideals*, p. 346.
11. Conference Report, abril de 1949, p. 13.
12. Conference Report, outubro de 1963, p. 5.
13. Conference Report, outubro de 1963, p. 7.
14. Conference Report, outubro de 1969, p. 8.
15. Conference Report, outubro de 1963, pp. 8–9.
16. Conference Report, abril de 1958, p. 7.
17. Conference Report, abril de 1934, pp. 22–23.
18. “Talk by President David O. McKay Given to the North British Mission 1 March 1961”, Family and Church History Department Archives, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pp. 6–7.
19. *Gospel Ideals*, pp. 393–394.
20. Conference Report, abril de 1967, p. 134.
21. Conference Report, outubro de 1925, pp. 106–107.



“O (...) propósito da organização desta Igreja grandiosa, tão completa, tão perfeita, é abençoar cada pessoa.”



O Propósito da Igreja

*A Igreja, com sua organização completa,
oferece serviço e inspiração a todos.¹*

Introdução

O Presidente David O. McKay tinha um grande amor pela Igreja e um forte testemunho de sua missão de preparar o mundo para o estabelecimento final do reino de Deus. Enquanto servia no Quórum dos Doze Apóstolos, ele relatou a seguinte experiência:

“Logo acima do púlpito da capela onde eu assistia às reuniões dominicais em minha infância, havia um grande quadro que lá permaneceu por muitos anos e que trazia uma grande fotografia do falecido Presidente John Taylor e, embaixo, em letras douradas (se não me falha a memória) a frase:

‘O Reino de Deus ou Nada.’

Ainda criança, antes mesmo de compreender o real significado daquela frase, fiquei impressionado. Eu parecia perceber, já naquela tenra idade, que não há nenhuma outra igreja ou organização que sequer se aproxime da perfeição da Igreja de Jesus Cristo ou possua a divindade que a caracteriza. Quando menino, eu sentia isso intuitivamente; quando jovem, convenci-me plenamente e, hoje, trata-se de uma firme convicção que levo na alma como um tesouro inestimável. (...)

A divindade de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias manifesta-se em sua organização, bem como em seus ensinamentos. A divindade, a fraternidade e o serviço são três dos princípios governantes (...) que permeiam toda a nossa atividade na Igreja.”²

O trabalho do Presidente McKay como líder refletia essa firme convicção. Durante seu ministério como presidente, a Igreja pas-

sou por uma fase de crescimento e progresso significativos em todo o mundo. O número de membros aumentou de aproximadamente um milhão para quase três milhões. Ao descreverem o papel do Presidente McKay nesse crescimento, dois historiadores observaram o seguinte:

“Logo no início de sua administração, o Presidente David O. McKay, o primeiro a viajar tanto como presidente da Igreja, visitou as missões da Europa, da América Latina, da África e do Pacífico Sul. No curso dessas viagens, dedicou dois locais para a construção de templos na Europa e anunciou que um templo seria construído na Nova Zelândia. Em 1955, declarou que a Igreja precisava ‘envidar todos os esforços possíveis, dentro dos limites razoáveis e práticos, para permitir aos membros da Igreja nessas missões distantes o acesso a todos (...) os privilégios espirituais que a Igreja tem a oferecer’. [Conference Report, abril de 1955, p. 25] A construção de templos, o aumento do número de missões, a organização de estacas em todo o mundo, o incentivo para os membros edificarem Sião em seu próprio país em vez de imigrarem para os Estados Unidos e o fato de a liderança local da Igreja ser confiada aos membros de cada país foram todos passos significativos para o cumprimento dessa meta.”³

A fé do Presidente McKay na missão e destino divinos da Igreja continuaram até o fim de sua vida. Num discurso proferido numa conferência geral antes de sua morte, ele ensinou: “Deus estabeleceu Sua Igreja para que jamais fosse destruída ou entregue a outro povo. E assim como Deus vive e Seu povo permanecer fiel a Ele e uns aos outros, não precisamos preocupar-nos quanto ao triunfo final da verdade”.⁴

Ensinamentos de David O. McKay

A missão da Igreja é a preparação para o estabelecimento final do reino de Deus.

A missão da Igreja é preparar o caminho para o estabelecimento final do Reino de Deus na Terra. Seu propósito é, primeiramente, desenvolver na vida dos homens atributos cris-

tãos e, em segundo lugar, transformar a sociedade para que o mundo se torne um lugar melhor e mais pacífico para vivermos.⁵

Qual foi a [ênfase] dos ensinamentos de Cristo quando Ele viveu entre os homens? A primeira grande proclamação foi que o reino de Deus estava próximo. “Arrependei-vos, pois o reino de Deus está próximo.” [Ver Marcos 1:15.] O precursor, João Batista, pregou isso. Profetizou a vinda do Senhor. Mostrou a posição que o Senhor desempenharia nesse reino, e o Salvador prestou testemunho disso e pregou o mesmo. E o que era o reino? Não era algo místico, mas um reino real; não apenas um sentimento interno, mas também uma expressão externa de retidão. *Era um governo divino entre os homens*. Era isso o que o Salvador tinha em mente: o estabelecimento de um governo divino entre os homens.⁶

O termo [reino de Deus] envolve o domínio divino no coração e na vontade dos homens e na sociedade. O homem reconhece um poder e uma autoridade superiores aos seus. “Não é o reinado arbitrário de uma Deidade despótica, mas algo baseado na submissão voluntária da vontade do homem à de Deus.” Em certa ocasião, Jesus disse: “o reino de Deus está entre vós”. [Lucas 17:21] Isso é verdade, pois é no coração do homem que a participação no reino exterior tem suas origens. (...) Somente um grupo dessa natureza, que busque com uma só mente a orientação divina poderá um dia transformar a sociedade humana.

O Reino de Deus envolve também uma fraternidade universal na qual todos os homens reconhecem a Deus como Governante Supremo e sentem o desejo de obedecer a Sua vontade divina.⁷

Há quem diga no mundo que a inveja, a inimizade [e] o egoísmo no coração dos homens impedirão para sempre o estabelecimento da sociedade ideal conhecida como o Reino de Deus. A despeito do que digam os incrédulos e escarnecedores, a missão da Igreja de Cristo é eliminar o pecado e a iniquidade do coração dos homens e assim transformar a sociedade para que a paz e a boa vontade prevaleçam nesta Terra.⁸

Os quóruns do sacerdócio e as organizações auxiliares têm por objetivo ajudar a cumprir a missão da Igreja.

Pensem no sacerdócio da Igreja. Visualizem nele os homens e rapazes organizados em seções ou grupos de trabalho, desde o pai de noventa anos de idade até o menino de doze anos. Nesses agrupamentos, vemos exemplos de tudo o que os homens buscam nos grupos sociais e sociedades. Há oportunidade nesses quóruns para integração, fraternidade e serviço organizado. (...)

Aqueles que são ativos estão trabalhando de maneira organizada pelo aperfeiçoamento mútuo, pelo bem-estar pessoal dos membros como um todo e em benefício da sociedade em geral. Se pensarmos apenas nos quóruns, já é algo maravilhoso, um ambiente no qual os homens e rapazes podem reunir-se, associar-se, afiliar-se em serviço para a humanidade, no qual todos os homens consideram uns aos outros irmãos. Nesses quóruns, o médico senta-se ao lado do carpinteiro, todos interessados na mais nobre das aspirações: a adoração a Deus e o serviço útil à humanidade!⁹

A responsabilidade da Sociedade de Socorro é ajudar o sacerdócio a estabelecer o reino de Deus, aliviando o sofrimento e prestando auxílio aos pobres e contribuindo de muitas formas para a paz e felicidade do mundo. (...)

Uma das promessas mais alentadoras jamais feitas às pessoas que amam servir é a que o Salvador deixou ao proferir as seguintes palavras: “[Quando] o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. (Mateus 25:40) (...) Foi só na idade adulta que me dei conta da magnitude do serviço prestado por nossas irmãs desta Igreja.¹⁰

A Igreja, por reconhecer o peso de outras influências além do lar na vida de uma criança antes de ela tornar-se auto-suficiente, oferece um ambiente religioso quase desde o nascimento. A Escola Dominical, a Primária, [a organização dos Rapazes e Moças] proporcionam instrução, entretenimento e orientação adequados desde a tenra infância até a maturidade.¹¹

Os santos dos últimos dias são verdadeiramente um povo que se ajuda mutuamente na vida produtiva, uma vida voltada para a

salvação do ser humano. Quando falo de salvação, não me refiro apenas a um lugar no mundo vindouro, onde todas as nossas preocupações e problemas cessarão, mas falo de uma salvação que se aplica ao indivíduo, à família e à sociedade aqui e agora. Por meio do evangelho de Jesus Cristo e da organização perfeita da Igreja que foi revelada nesta dispensação ao Profeta Joseph Smith, estamos ajudando uns aos outros *espiritualmente* ao tirarmos proveito das muitas oportunidades de serviço existentes na Igreja. Estamos promovendo a *fraternidade* por meio da participação e do convívio nos quóruns do sacerdócio, nas organizações auxiliares e em nossas atividades sociais.¹²

Ao cumprir sua missão, a Igreja abençoa e aperfeiçoa as pessoas.

Para os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o valor de cada pessoa tem um significado especial. Os quóruns, as auxiliares, as alas, as estacas e até mesmo a própria Igreja foram todos organizados para favorecer o bem-estar do homem. Todos são apenas meios para atingir um objetivo, que é a felicidade e o bem-estar eterno de cada filho de Deus. Portanto, exorto todos os membros da Igreja e principalmente os presidentes de quóruns e líderes de todas as auxiliares a envidarem um esforço unificado para tornar a vida dos homens mais agradável.¹³

Existe no homem não apenas um instinto, mas também uma divindade que o impele a seguir sempre em frente e a crescer. Esse sentimento é universal e, em algum momento de sua vida, cada homem toma consciência de possuí-lo.

Ligados a esse sentimento espiritual há três grandes necessidades que permaneceram inalteradas ao longo dos séculos: (1) Toda pessoa normal anseia por conhecer algo sobre Deus. Como Ele é? Ele está interessado na família humana ou ignora-a completamente? (2) Qual é a melhor vida para levarmos neste mundo a fim de termos maior êxito e atingirmos o mais alto grau de felicidade? (3) O que vem a ser essa coisa inevitável que se chama morte? O que está por trás dela?

Se vocês desejarem respostas para esses anseios da alma humana, precisam vir à Igreja para obtê-las. Somente a religião verdadeira pode satisfazer a alma que busca conhecimento.¹⁴

Por que realizamos essas conferências e todas as demais reuniões da Igreja? Nós o fazemos pelo bem das pessoas: de seu filho e do meu, da sua filha e da minha. O Senhor disse: “E, se trabalhardes todos os vossos dias clamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!” [D&C 18:15] (...)

O (...) propósito da organização desta Igreja grandiosa, tão completa, tão perfeita, é abençoar cada pessoa.¹⁵

Esta Igreja foi estabelecida da única maneira pela qual a Igreja de Cristo pode ser estabelecida: pela autoridade direta de Deus. Fundada dessa forma, ela convida o mundo inteiro a vir a uma Igreja reconhecida pelo próprio Deus e que oferece todas as vantagens à mente humana, todas as emoções e desejos que ela pode conceber no cumprimento de sua missão individual nesta Terra. “É uma onda crescente, uma onda de influência pessoal direta cujo objetivo final é tocar e transformar todos os homens a fim de que, assim como Jesus, eles se tornem semelhantes a Deus.” “O mormonismo”, na condição de verdadeiro cristianismo, “suplanta o egoísmo, regula as paixões, subjuga os apetites, aviva a inteligência e enaltece as afeições. Promove a industriiosidade, a honestidade, a verdade, a pureza e a bondade. Torna os orgulhosos humildes, exalta os mansos, apóia a lei, favorece a liberdade, é essencial para ela e une todos os homens numa grande fraternidade.”¹⁶

**Ao cumprir sua missão, a Igreja contribui
para o bem-estar da humanidade.**

Muitos cidadãos estão profundamente preocupados com o aumento da criminalidade, os elevados índices de divórcio e de nascimentos fora dos laços do matrimônio, número crescente de casos de doenças sexualmente transmissíveis, os escândalos que envolvem altos funcionários governamentais e outros sintomas de desonestidade na vida privada e pública.

Será que está havendo um colapso moral? Haverá motivos para alarme? O mundo a nossa volta causa-nos preocupação e as estatísticas que lemos são de fato assustadoras e constituem uma advertência necessária. (...)

A missão da Igreja é minimizar e, se possível, eliminar os males do mundo. É evidente que existe a necessidade de uma força unificadora que extirpe esses males. Essa força unificadora, esse ideal é o evangelho de Jesus Cristo, conforme restaurado por meio do Profeta Joseph Smith. Ele explica a vida do homem e seu propósito e traz consigo os elementos salvadores vitais, os ideais nobres e a força espiritual que o coração humano almeja.

Os homens e mulheres de bem que vivem em todo o mundo têm o desejo de eliminar da comunidade os elementos maléficose que desintegram a sociedade: o problema do álcool com sua embriaguez, a dependência dos narcóticos e os males correlatos, a imoralidade, a pobreza e outros problemas. A Igreja busca tornar tanto o lar como a comunidade um local melhor e mais luminoso.¹⁷

Expressemos aqui e agora gratidão pela Igreja de Jesus Cristo com seus quóruns e auxiliares especialmente organizados para combater esses males. Ela foi estabelecida por revelação divina de Deus o Pai e Seu Filho Jesus Cristo. Sua missão gloriosa é proclamar a verdade do evangelho restaurado, fortalecer a sociedade para que as pessoas vivam de modo mais amigável umas com as outras, criar em nossas comunidades um ambiente salutar no qual nossos filhos encontrem forças para resistir às tentações e incentivo para buscar crescimento cultural e espiritual.¹⁸

A Igreja, estabelecida por inspiração divina a um jovem sem instrução formal, oferece ao mundo a solução para todos os seus problemas sociais. Ela sobreviveu com êxito às provas do primeiro século. Em meio a brilhantes conceitos dos homens neste século 20, que buscam infatigavelmente reformas sociais e contemplam cegamente o futuro tentando ler o destino do homem, a Igreja resplandece como o sol no firmamento, ao redor do qual outros astros giram como satélites de menor importância. Não há dúvidas de que ela cria e preserva os mais elevados valores humanos. Sua real missão é a redenção de nosso mundo

humano. “Ela é a luz da verdade que se irradia por todas as partes no mundo e essa luz não pode deixar de revelar ao homem, mais cedo ou mais tarde, os ideais divinos segundo os quais o homem deve viver.”¹⁹

A Igreja, com sua organização completa, oferece serviço e inspiração a todos. (...) Em vez de retirar os homens do mundo, ela busca desenvolver homens perfeitos e semelhantes a Deus no meio da sociedade e, por meio deles, procura resolver os problemas da sociedade.²⁰

Sugestões para Estudo e Discussão

- Com base nos ensinamentos do Presidente McKay, como você descreveria o propósito da Igreja? (Ver as páginas 23–24.) Por que realizamos reuniões e conferências na Igreja? (Ver as páginas 26–28.)
- De que forma a Igreja ajuda na preparação para o estabelecimento final do reino de Deus? (Ver as páginas 23–27.) De que forma a Igreja se assemelha ao Reino de Deus que ainda há de ser estabelecido e constitui exemplo dele? (Ver a página 23.)
- O que a Igreja proporciona que conduzirá os membros fiéis à vida eterna? (Ver as páginas 23–27.) De que forma você já observou a organização da Igreja, com seus quóruns e auxiliares, ajudar a aperfeiçoar as pessoas? (Ver também Efésios 4:11–13.)
- Quais são alguns dos problemas que a sociedade enfrenta hoje? (Ver a página 27.) De que forma a aplicação dos princípios do evangelho pode ajudar a resolver esses problemas? (Ver as páginas 27–28.)
- De que forma o fato de ser membro da Igreja já abençoou sua vida? O que você e sua família podem fazer para beneficiar-se mais do que a Igreja tem a oferecer?
- O que podemos fazer para ajudar a Igreja a cumprir suas responsabilidades nestes últimos dias?

Escrituras Relacionadas: Efésios 2:19–22; 4:11–15; Morôni 6:4–9; D&C 10:67–69; 65:1–6.

Notas

1. *Gospel Ideals* (1953), p. 109.
2. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 15–16.
3. James B. Allen e Richard O. Cowan, “History of the Church: C. 1945–1990, Post–World War II International Era Period”, *Encyclopedia of Mormonism*, 4 vols. (1992), volume 2, página 639.
4. Conference Report, abril de 1969, p. 152.
5. Conference Report, abril de 1941, p. 106.
6. Conference Report, outubro de 1919, p. 76.
7. Conference Report, abril de 1941, p. 106.
8. Conference Report, abril de 1941, p. 109.
9. Conference Report, abril de 1963, p. 97.
10. *Gospel Ideals*, pp. 255–256.
11. Conference Report, abril de 1941, p. 107.
12. Conference Report, abril de 1915, p. 103.
13. Conference Report, outubro de 1969, p. 8.
14. Conference Report, abril de 1968, pp. 91–92.
15. Conference Report, abril de 1965, p. 137.
16. Conference Report, abril de 1927, p. 105.
17. Conference Report, abril de 1967, pp. 5–6.
18. Conference Report, outubro de 1948, p. 122.
19. Conference Report, abril de 1930, p. 83.
20. *Gospel Ideals*, pp. 109–110.



Elementos de Adoração

Oro para que tenhamos a força de viver de modo a sermos merecedores da orientação e inspiração divinas; para que por meio da adoração, meditação, comunhão e reverência sintamos a realidade de um relacionamento próximo com nosso Pai Celestial. Testifiquemos-lhes que isso é real, que podemos ter comunhão com nosso Pai Celestial.¹

Introdução

Já no início de sua vida, David O. McKay sentiu a paz proveniente da comunhão com Deus. “Lembro-me de deitar [na cama] certa noite”, contou ele, “tremendo de medo. Quando eu era criança, tinha um medo natural (ou talvez nem tanto) do escuro e muitas vezes à noite eu ficava bastante tempo acordado pensando em ladrões, seres sobrenaturais e influências invisíveis. Naquela noite, deitei-me com grande nervosismo, mas eu aprendera que Deus respondia às orações. Buscando forças, levantei-me da cama, ajoelhei-me no escuro e orei a Deus para que retirasse aquele sentimento de temor e ouvi com a mesma nitidez com que vocês me ouvem hoje: ‘Não tenha medo; nada te fará mal’. É claro que muitos poderão dizer que era apenas ‘minha imaginação’. Que digam o que quiserem, mas sei que senti na alma a doce paz que vem em resposta à oração de uma criança. Essa é a fé que é instilada na mente das [crianças] em todos os lares santos dos últimos dias de todo o mundo. Afirmo que no lar onde as crianças são criadas em íntima comunhão com nosso Pai Eterno não pode haver muito pecado ou mal presentes.”²

Além de buscar uma “comunhão com o infinito”³ quando ele estava só, o Presidente McKay regozijava-se ao adorar o Senhor

em companhia de outros santos dos últimos dias. Ele contou uma experiência memorável que teve numa reunião da Igreja:

“Uma das reuniões mais marcantes a que já assisti foi com um grupo de mais de oitocentas pessoas a quem foi distribuído o sacramento. Durante a administração, não se ouviu um único som além do tique-taque do relógio. Havia oitocentas almas presentes, e cada uma teve a oportunidade de estar em comunhão com o Senhor. Não havia distrações, orquestras, cânticos, conversas. Cada pessoa teve a oportunidade de meditar com introspecção e avaliar sua dignidade ou indignidade para tomar o sacramento. Cada uma teve o privilégio de aproximar-se do Pai Celestial. Esse é o ideal!”⁴

O Presidente McKay incentivava todos os membros da Igreja a buscarem esse ideal em suas reuniões de adoração e em sua vida pessoal. Ele disse: “Ter comunhão com Deus, por meio de Seu Santo Espírito, é uma das aspirações mais nobres da vida”.⁵

Ensinamentos de David O. McKay

A reverência é um respeito profundo misturado com amor.

Algo inseparável da aceitação da existência de Deus é uma atitude de reverência, à qual desejo agora chamar eloqüentemente a atenção de toda a Igreja. A maior manifestação da espiritualidade é a reverência; de fato, a reverência é a espiritualidade. A reverência é um respeito profundo misturado com amor. É uma “emoção complexa formada por vários sentimentos da alma”. [Um escritor] disse que ela é “o mais nobre dos sentimentos humanos”. Em outra ocasião, eu disse que se a reverência é o estado mais nobre e elevado, a irreverência é o estado mais baixo no qual um homem pode viver no mundo. (...)

A reverência abrange a consideração, a deferência, a honra e a estima. Sem um certo grau de reverência, portanto, não há cortesia, gentileza nem consideração pelos sentimentos ou direitos alheios. A reverência é a virtude fundamental na religião. É um dos “sinais de força; a irreverência, um dos indicadores mais seguros de fraqueza. Nenhum homem se erguerá a posições elevadas”, afirmou alguém, “se zombar de coisas sagradas.

As grandes lealdades da vida”, continua ele, “precisam ser tratadas com reverência ou serão renegadas nos dias de tribulação”.

Pais, a *reverência*, assim como a caridade, começa em casa. Desde a tenra infância, as crianças devem começar a ser treinadas a terem respeito e deferência umas para com as outras, para com estranhos e visitantes, para com os idosos e enfermos, para com as coisas sagradas, para com os pais e o amor paterno e materno.

Três influências na vida do lar despertam a reverência nos filhos e contribuem para o desenvolvimento de sua alma: *primeiro*, uma firme, porém amorosa *orientação*; *segundo*, a *cortesia* que o pai e a mãe demonstram um pelo outro e pelos filhos; e *terceiro*, a *oração da qual os filhos participam*. Em cada lar desta Igreja, os pais devem empenhar-se para agir de modo inteligente a fim de instilar nos filhos esses três princípios fundamentais.⁶

A reverência conduz os pensamentos a Deus. Sem ela, não há religião.⁷

Considero a reverência uma das qualidades mais nobres da alma. Um homem irreverente não é um homem que crê. (...)

A reverência indica cultura elevada e fé verdadeira na Deidade e em Sua retidão.⁸

Costumo afirmar que a reverência se aproxima do amor. Jesus mencionou-a no Pai Nosso: “Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. (...)” [Mateus 6:9] *Santificar* — tornar santo — tratar com reverência.⁹

Se houvesse mais reverência no coração dos homens, haveria menos espaço para o pecado e a tristeza e uma capacidade maior para a alegria e felicidade. Tornar essa pérola mais apreciada, mais adaptável, mais atraente entre as virtudes brilhantes é um projeto digno dos esforços mais intensos e fervorosos de todo líder, todo pai e todo membro da Igreja.¹⁰

A meditação conduz à comunhão espiritual com Deus por meio do Espírito Santo.

Prestamos pouca atenção ao valor da meditação, um princípio de devoção. Em nossa adoração, há dois elementos: um é a comunhão espiritual que surge de nossa própria meditação; o outro, a instrução ministrada pelos demais, principalmente aqueles que detêm autoridade para guiar e instruir-nos. Dos dois, o de maior proveito do ponto de vista da introspecção é a meditação. A meditação é a linguagem da alma. Ela é definida como uma “forma de devoção íntima ou exercício espiritual que consiste na reflexão profunda e contínua sobre um tema religioso”. A meditação é uma forma de oração. (...)

A meditação é uma das portas mais secretas e sagradas pelas quais passamos a fim de entrar na presença do Senhor. Jesus deu-nos o exemplo. Assim que Ele foi batizado e recebeu a aprovação do Pai na forma da frase “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” [Mateus 3:17], Jesus [foi] ao que se chama hoje monte da tentação. Prefiro chamá-lo de monte da meditação. Lá, durante quarenta dias de jejum, Ele esteve em comunhão consigo mesmo e com Seu Pai e ponderou a responsabilidade de Sua grande missão. Um resultado dessa comunhão espiritual foi a força que Ele adquiriu e que Lhe permitiu dizer ao tentador:

“(...) Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.” (Mateus 4:10)

Antes de proferir (...) o belo sermão da montanha, Ele permaneceu em solidão, em comunhão. Ele fez o mesmo depois de um dia de sábado agitado, quando Se levantou cedo depois de passar a noite na casa de Pedro. Pedro por certo encontrou o quarto de hóspedes vazio e quando eles buscaram [Jesus], encontraram-No sozinho. Foi nessa manhã que Pedro disse:

“(...) Todos te buscam.” (Marcos 1:37)

Mais uma vez, depois de alimentar os cinco mil, Jesus disse aos Doze que dispersassem a multidão e foi a uma montanha

para ficar sozinho. O evangelista registrou: “[Chegada] já a tarde, estava ali só”. (Mateus 14:23) Meditação! Oração!¹¹

Tornemos Deus o centro de nossa vida. (...) Estar em comunhão com Deus, por meio de Seu Santo Espírito, é uma das mais nobres aspirações da vida. É quando a paz e o amor de Deus entram na alma, quando servir a Ele se torna o elemento propulsor de nossa vida e existência.¹²

Vamos à casa do Senhor para estar em comunhão com Ele em espírito.

Entramos numa capela para adorar ao Senhor. Desejamos sentir Seu Espírito e, ao senti-Lo, fortalecemos nosso próprio vigor espiritual.¹³

As igrejas são dedicadas e designadas como casas de adoração. Isso significa, é claro, que todos os que nelas entram fazem-no (ou ao menos demonstram fazê-lo) com a intenção de aproximarem-se do Senhor mais do que seria possível na rua ou em meio às preocupações do cotidiano. Em outras palavras, vamos à casa do Senhor para encontrá-Lo e estar em comunhão com Ele em espírito. Esse local de reunião, portanto, deve ser acima de tudo adequado em todos os aspectos, quer o Senhor seja considerado o convidado de honra quer os fiéis sejam considerados os convidados.

Seja o local de reuniões uma capela humilde ou um “poema da arquitetura” feito de mármore branco e cravado de pedras preciosas, isso faz pouca ou nenhuma diferença em nossa atitude em relação à Presença Infinita. Saber que Deus está lá deve ser o suficiente para impelir-nos a portar-nos de modo ordeiro e reverente.

Nesse aspecto, como membros da Igreja em nossas assembleias de adoração, temos muito a melhorar. As autoridades presidentes nas reuniões de estaca, ala e quórum e principalmente os professores nas classes devem fazer um esforço especial para manter mais ordem e reverência durante as horas de adoração e estudo. Se houver menos conversas entre os líderes sentados no púlpito, isso terá um efeito salutar sobre a congregação. Por pre-

ceito e exemplo, as crianças devem aprender que é inadequado fazer barulho e criar desordem numa reunião de adoração. Elas devem aprender desde pequenas e ser lembradas na juventude que constitui falta de respeito conversar ou mesmo sussurrar durante um discurso e que constitui grande indelicadeza, exceto numa emergência, sair de uma reunião antes do fim.¹⁴

Há dois propósitos pelos quais são construídas as capelas: o primeiro é para que elas sejam o lugar onde todos sejam instruídos nos caminhos de Deus e segundo, para que nelas todos glorifiquem nosso Pai Celestial, que pede a Seus filhos apenas que sejam homens e mulheres de caráter nobre o bastante para regressarem a Sua presença.¹⁵

Ao entrarem numa capela da Igreja, vocês estão ingressando na presença de nosso Pai Celestial. Esse pensamento deve constituir incentivo suficiente para vocês prepararem o coração, a mente e mesmo o vestuário a fim de assentarem-se de modo adequado em Sua presença.¹⁶

Não tornemos o domingo um feriado. Ele é santo e, nesse dia, devemos ir à casa de adoração e buscar a nosso Deus. Se O buscarmos no Dia do Senhor e entrarmos em Sua presença nesse dia, teremos menos dificuldade para estar em Sua presença nos demais dias da semana.¹⁷

O sacramento proporciona uma oportunidade para estarmos em comunhão com o Senhor.

O maior consolo nesta vida é a certeza de termos um relacionamento íntimo com Deus. (...) O momento em que tomamos o sacramento deve contribuir para despertar em nós a consciência dessa relação.

“(...) [O] Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.

Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.

Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.” [I Coríntios 11:23–28]

Nenhuma outra ordenança existente na Igreja de Cristo é mais sagrada do que a administração do sacramento. (...)

Há três coisas de fundamental importância que estão ligadas à administração do sacramento. A primeira é a auto-análise. É a introspecção. “Fazei isto em memória de mim”, mas devemos partilhar *dignamente*, cada um de nós fazendo uma avaliação pessoal de sua dignidade.

A segunda coisa é que fazemos um convênio; um *convênio*, mais do que uma simples promessa. (...) Não há nada mais importante na vida do que isso. (...) Um convênio, uma promessa, isso deve ser considerado tão sagrado quanto a própria vida. Esse princípio está em jogo a cada domingo ao tomarmos o sacramento.

A terceira coisa é que há outra bênção e trata-se do sentimento de um relacionamento íntimo com o Senhor. Há a oportunidade de estarmos em comunhão com nós mesmos e com o Senhor. Reunimo-nos na casa que é dedicada a Ele, que oferecemos a Ele, que chamamos de Sua casa. Podem ter certeza de que Ele estará lá para inspirar-nos se formos lá com o fito de encontrá-Lo. Não estaremos preparados para recebê-Lo se trouxermos conosco pensamentos relativos a nossos negócios e principalmente sentimentos de ódio por nosso próximo ou inimizade e inveja para com as autoridades da Igreja. Certamente, ninguém pode esperar entrar em comunhão com o Pai se nutrir esse tipo de sentimentos. Eles são totalmente contrários à adoração e sobretudo contrários à participação da ordenança do sacramento. (...)

Acredito que o breve período de administração do sacramento é uma das melhores oportunidades de que dispomos para a (...) meditação, e não deve haver nada durante esse



“Acredito que o breve período de administração do sacramento é uma das melhores oportunidades de que dispomos para a (...) meditação.”

período sagrado que desvie nossa atenção do propósito dessa ordenança. (...)

(...) Devemos tratar essa ordenança sagrada com mais reverência, com a mais perfeita ordem, a fim de que cada pessoa que entre na casa de Deus tenha a oportunidade de meditar sobre Sua bondade e de expressar — de maneira silenciosa e ardente — gratidão pela bondade de Deus. Que a hora do sacramento seja uma experiência do dia na qual o fiel tente pelo menos perceber dentro de si mesmo que lhe é possível estar em comunhão com Deus.

Acontecimentos grandiosos ocorreram nesta Igreja em virtude dessa comunhão, devido à sensibilidade da alma à inspiração do Todo-Poderoso. Sei que isso é real. O Presidente Wilford Woodruff tinha esse dom em abundância. Ele sempre era sensível; ele era íntimo da “voz mansa e delicada” que é para muitos ainda desconhecida. Vocês perceberão que esses momentos de grande inspiração lhes advirão principalmente quando estiverem sozinhos, na presença de Deus. Eles talvez lhes advenham

quando vocês estiverem enfrentando uma grande adversidade, quando houver um muro bloqueando seu caminho e vocês tiverem a impressão de estarem diante de um obstáculo intransponível ou quando seu coração estiver pesado devido a alguma tragédia em sua vida. Repito: o maior consolo que podemos receber nesta vida é sentir a comunhão com Deus. Grandes testemunhos receberam-se nesses momentos. (...)

(...) Se pararmos para pensar, perceberemos que, durante a administração do sacramento, nada do mundo exterior é tão importante quanto *recordar* nosso Senhor e Salvador, nada tão digno de atenção quanto pensar no valor da promessa que estamos fazendo. Por que algo deveria desviar nossa atenção? Existiria algo mais sublime? Estamos testificando lá, na presença uns dos outros, e diante Dele, nosso Pai, que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de Cristo, que *sempre* nos lembraremos Dele, que, *sempre*, guardaremos os mandamentos que Ele nos deu. Vocês, ou qualquer pessoa, ao pensar por um instante, são capazes de encontrar algo que seja mais sagrado ou de maior importância em nossa vida? Se participarmos do sacramento de maneira mecânica, não estaremos sendo honestos. Podemos dizer que estaremos permitindo que nossos pensamentos se desviem de uma ordenança extremamente sagrada. (...)

(...) Façamos da hora do sacramento um dos momentos mais marcantes de nosso contato com o Espírito de Deus. Que o Espírito Santo, ao qual temos direito, nos conduza a Sua presença e que sintamos essa proximidade e tenhamos no coração uma prece que Ele ouvirá.¹⁸

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que significa ter uma “atitude de reverência”? (Ver as páginas 32–33.) De que forma a reverência é mais do que simplesmente ficar em silêncio? Como podemos desenvolver esse “respeito profundo misturado com amor”?
- Como podemos ensinar o princípio da reverência em nosso lar e na Igreja? (Ver a página 34.)

- Por que às vezes é difícil achar tempo para meditar sobre as coisas de Deus? O que podemos fazer para achar tempo para a meditação? Que bênçãos podemos receber como resultado da meditação? (Ver as páginas 33–37.)
- O que podemos fazer a fim de preparar-nos para “ir à casa do Senhor (...) e entrar em comunhão com Ele em espírito”? (Ver as páginas 32–36.) Como podemos preparar-nos para tomar o sacramento? (Ver as páginas 32–37.)
- De que forma podemos ajudar nossos filhos e outras pessoas a serem mais reverentes no templo, durante a reunião sacramental e em outras reuniões da Igreja? (Ver as páginas 33 e 36.) Como o fato de chegarmos atrasados a uma reunião ou de sairmos mais cedo pode prejudicar a reverência?
- Qual é a importância do sacramento em sua vida?

Escrituras Relacionadas: Salmos 89:5–7; D&C 20:75–79; 63:64; 76:19–24; 109:21; 138:1–11.

Notas

1. Conference Report, abril de 1967, p. 88.
2. Conference Report, abril de 1912, p. 52.
3. Conference Report, outubro de 1936, p. 103.
4. Conference Report, abril de 1946, p. 114.
5. Conference Report, abril de 1967, p. 133.
6. Conference Report, outubro de 1956, pp. 6–7.
7. Conference Report, abril de 1929, p. 102.
8. Conference Report, outubro de 1951, pp. 179–180.
9. Conference Report, outubro de 1950, p. 163.
10. Conference Report, outubro de 1955, pp. 5–6.
11. Conference Report, abril de 1946, p. 113.
12. Conference Report, abril de 1967, p. 133.
13. “Reverence”, *Improvement Era*, julho de 1962, p. 508.
14. Conference Report, outubro de 1956, p. 7.
15. “Our Places of Worship”, *Improvement Era*, setembro de 1969, p. 2.
16. “Reverence”, *Improvement Era*, julho de 1962, p. 509.
17. Conference Report, abril de 1929, p. 102.
18. Conference Report, abril de 1946, pp. 111–112, 114–116; alterações na disposição dos parágrafos.



O Presidente McKay com seus dois conselheiros, o Presidente Stephen L. Richards (à esquerda) e o Presidente J. Reuben Clark Jr. (à direita). O Presidente McKay disse que desejava que os membros da Igreja pudessem ao menos “vislumbrar o grau de união existente na Primeira Presidência”.



As Bênçãos da União

A união e seus sinônimos — harmonia, boa vontade, paz, concórdia, compreensão mútua — expressam uma condição pela qual o coração humano anseia constantemente.¹

Introdução

De outubro de 1934 a abril de 1951, os Presidentes J. Reuben Clark Jr. e David O. McKay serviram juntos como conselheiros na Primeira Presidência, inicialmente com o Presidente Heber J. Grant e depois com o Presidente George Albert Smith. Ao longo desse período, o Presidente Clark serviu como primeiro conselheiro e o Presidente McKay como segundo conselheiro.

Em 9 de abril de 1951, cinco dias depois da morte do Presidente Smith, os santos dos últimos dias reuniram-se na conferência geral e apoiaram o Presidente David O. McKay como presidente da Igreja. Lá eles ficaram sabendo que o Presidente Clark, que servira fielmente como primeiro conselheiro por quase 17 anos, fora chamado para servir como segundo conselheiro. O Presidente Stephen L. Richards foi chamado como primeiro conselheiro.

Sentindo que os membros da Igreja questionariam essa mudança, o Presidente McKay usou parte do tempo da conferência geral para explicar o chamado de seus dois conselheiros. Ele disse que o Presidente Richards fora chamado como primeiro conselheiro por ter servido mais tempo do que o Presidente Clark no apostolado. Salientando que essa prática não constituía uma “norma estabelecida”, o Presidente McKay disse simplesmente que ela lhe “parecia aconselhável” no chamado dos Presidentes Richards e Clark.

Ao continuar seu discurso, o Presidente McKay falou do espírito de união que sentia com seus conselheiros: “Não queremos que nenhum membro desta Igreja nem nenhum homem ou mulher ao alcance de minha voz pense por um único momento que houve algum desacordo entre os dois conselheiros que apoiaram o Presidente Smith no Quórum da Primeira Presidência e o Presidente Grant durante os anos em que estivemos juntos com esse líder inspirado. Vocês tampouco devem achar que houve um rebaixamento. O Presidente Clark é um servo maravilhoso. (...)”

Vocês devem compreender ainda que, como conselheiros no Quórum da Primeira Presidência, esses dois homens estão num mesmo nível de autoridade, amor e confiança e têm a mesma liberdade para dar sugestões e fazer recomendações. Estão em pé de igualdade em sua responsabilidade não só para com o Quórum, mas também para com o Senhor Jesus Cristo e as pessoas em geral.

Ambos são homens extraordinários. Amo os dois e rogo a Deus que os abençoe e posso garantir a vocês que haverá harmonia, amor e confiança no Quórum da Primeira Presidência tal como vocês o apoiaram hoje”.²

Pouco depois de o Presidente McKay fazer essa declaração, o Presidente Clark dirigiu a palavra aos santos, expressando seu desejo de trabalhar em harmonia com seus companheiros na obra: “Na obra do Senhor, o importante não é onde servimos, mas como servimos. Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, uma pessoa assume o cargo para o qual foi devidamente chamada, um chamado que ela não busca nem recusa. Comprometo-me com o Presidente McKay e o Presidente Richards a servir lealmente dando o máximo de minhas forças e capacidades e até onde eles me permitirem, por mais imperfeito que eu seja”.³

Numa conferência geral três anos depois, o Presidente McKay voltou a falar da unidade que ele desfrutava com outros líderes da Igreja: “Como eu queria que todos ao alcance de minha voz neste momento, todos os que não tiverem reservas no coração,

pudessem ter ao menos um vislumbre da reunião das Autoridades Gerais na Casa do Senhor na quinta-feira passada de manhã, quando nos reunimos em jejum e oração a fim de prepararmos-nos espiritualmente para as responsabilidades que nos aguardam nesta grandiosa conferência. Vocês teriam visto a unidade da Primeira Presidência e por meio dessa comunicação de coração a coração, alma a alma, teriam sentido o amor que tenho por [meus] dois conselheiros, por sua visão nítida e julgamento sólido e sua paciência com seu líder quando necessário. Vocês teriam visto a unidade e o amor desses doze homens [o Quórum dos Doze Apóstolos], dos (...) Setenta, (...) e do Bispado Presidente. Oramos para que o amor e a unidade reinantes nessa reunião se espalhem por todas as presidências de estaca, de missão, todos os bispados, todos os quórums do sacerdócio e todas as auxiliares da Igreja. Com essa união e amor, não existe nenhum poder na Terra capaz de deter o progresso desta que é a obra de Deus”.⁴

Ensinamentos de David O. McKay

O Senhor deseja que Seus seguidores sejam unidos.

“Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.

E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. (João 17:11, 20–21)

Assim, numa das orações mais sublimes jamais proferidas entre os homens, Jesus ressalta a unidade como algo essencial entre Seus seguidores.

A união e seus sinônimos — harmonia, boa vontade, paz, concórdia, compreensão mútua — expressam uma condição pela qual o coração humano anseia constantemente. O contrário é a discórdia, a contenda, a controvérsia, a confusão. (...)

Que o apelo pela união feito pelo nosso Senhor em Sua oração intercessora seja ouvido nos lares, nas alas e estacas e em nosso apoio aos princípios básicos da liberdade.⁵

A unidade de propósito, com todos trabalhando em harmonia, é necessária para o cumprimento da obra de Deus. Numa revelação concedida ao Profeta Joseph Smith cerca de um ano depois da organização da Igreja, o Senhor manifesta, em linhas gerais, por que Sua obra grandiosa, a ser realizada, foi restaurada em benefício da humanidade e para preparar o caminho para Sua segunda vinda. Ele disse:

“E assim também mandei ao mundo meu eterno convênio, para ser uma luz para o mundo, para ser um modelo para meu povo e para que os gentios o procurem; e para ser um mensageiro diante de minha face e preparar o caminho diante de mim.” (D&C 45:9.)

Nessa passagem, aprendemos sobre as enormes responsabilidades delegadas a este povo, a fim de que ele auxilie o Senhor a cumprir essas coisas entre os homens. Isso exige unidade e dedicação a seus propósitos. Acerca dessa necessidade, o Senhor fez a seguinte advertência:

“(…) Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá.” (Mateus 12:25)⁶

Precisamos abster-nos de atitudes e ações que levem à desunião.

Uma das primeiras atitudes que provocará desunião é o egoísmo; outra é a inveja: “Aquele irmão passou por mim e não mencionou nada sobre o assunto”. “O bispado escolheu aquela irmã para ser a organista, mas ela não toca nem a metade do que eu.” “Não vou mais às reuniões do sacerdócio porque o bispado chamou aquele irmão como consultor dos sacerdotes.” “A Escola Dominical escolheu Fulano como professor.” (...) “A presidência da estaca nunca reconheceu meu trabalho, e sinto-me ofendido.” “As Autoridades Gerais nem sempre estão de acordo entre si.” Ah! Centenas e centenas de pequenas coisas

desse tipo podem surgir — coisas sem nenhuma importância quando comparadas às coisas de maior valor na vida. Contudo, sei por experiência própria que o adversário pode aumentá-las de tal modo que elas se tornem grandes obstáculos em nossa vida, pois nos deixamos ofender, e nossa espiritualidade decai ao darmos vazão a esses sentimentos.

Há outro elemento: a tendência de achar defeitos nas pessoas. Isso está ligado ao espírito de inveja. Achamos defeitos num vizinho. Falamos mal uns dos outros. Quando esse sentimento surgir, uma sugestão é cantar o hino simples [da Igreja], Não Fales Mal:

*Não fales mal, uma palavra gentil
Jamais deixa um sabor amargo;
Repetir tudo o que ouvimos de modo vil
Não condiz com o proceder de um fidalgo.
Semearemos algo nobre se o bem olharmos,
Em vez de apenas defeitos buscarmos.
Ainda que pouco soubermos
Falemos o melhor que pudermos.*

*Não fales mal, mas as falbas albeias tolera
Tal qual não ouves de teus próprios erros o som.
Não sejas o primeiro a espalhá-las nos telhados e janelas,
Pois a vida passa como um sonbo bom.
Ninguém sabe em que dia ela findará.
Assim, no exíguo tempo que constituir nosso dom,
Digamos somente o que edificará.”
[Hymns, 233.]⁷*

Fortaleçamos nossa resolução de apoiar uns aos outros na retidão, de defender a Igreja, de não falar mal de nossos vizinhos nem das autoridades da Igreja, sejam elas locais, da estaca ou gerais. Deixemos de lado a maledicência; deixemos de lado as calúnias e mexericos. Essas práticas são venenos para a alma daqueles que se entregam a elas. A maledicência causa mais dano àquele que a pratica do que à vítima do boato.⁸

Existem cupins destrutivos que destroem os lares assim como os prédios, e alguns deles são o espírito de crítica, a maledicência, a tendência de achar falhas — tanto por parte dos pais como dos filhos. A difamação é um veneno para a alma. “Os difamadores são como moscas que sobrevoam todas as partes sãs de um homem e pousam apenas em suas feridas.” No lar ideal, não há mexericos difamadores sobre (...) professores da escola, autoridades civis ou líderes da Igreja. (...) Sou ainda mais grato hoje, com o passar dos anos, a meu pai que, com as mãos erguidas disse: “Não quero ouvir críticas sobre seus professores nem de ninguém mais”.⁹

A união na família torna o lar um local de refúgio e proteção.

Uma criança tem o direito de sentir que em seu lar ela tem um refúgio, um local de proteção dos perigos e males do mundo lá fora. A união e a integridade familiares são necessárias para suprir essa necessidade.¹⁰

Não consigo pensar em quase nada mais indesejável no lar do que a ausência de unidade e harmonia. Por outro lado, sei que um lar onde existem unidade, auxílio mútuo e amor é simplesmente um pedacinho do céu na Terra. Suponho que quase todos vocês podem testificar de como a vida é doce num lar onde essas virtudes prevalecem. É com grande gratidão e humildade que recordo que jamais quando jovem, em meu lar, presenciei um único momento de discórdia entre meu pai e minha mãe e que a boa vontade e a compreensão mútua foram o elo que sustentou um grupo harmonioso de irmãos. A união, a harmonia e a boa vontade são virtudes a serem promovidas e valorizadas em todos os lares.¹¹

Com bastante freqüência, surgem discórdias no lar porque o marido deseja preservar sua própria dignidade e fazer as coisas à sua maneira, impondo sua vontade. A esposa deseja o mesmo. Algumas exercem a prerrogativa de ter sempre a última palavra. Os maridos, em alguns casos, estão mais do que dispostos a desfrutar o mesmo privilégio, em detrimento da esposa. Cada qual tenta fazer prevalecer seu modo de ser e agir e, em vez de criar

harmonia e paz no lar, dão vazão a discórdias. Em vez de propiciar uma vida harmoniosa no lar, vocês a perdem, simplesmente por buscarem salvar sua própria vida de modo egoísta ou fazer valer sua vontade egoísta. É melhor perder esse desejo. Não digam nada e, ao perderem essa tendência e esse sentimento de inimizade, controle e domínio, vocês em muito melhorarão sua vida no lar.¹²

Que Deus abençoe a todos vocês e os oriente e ajude para que a retidão, a harmonia e o amor uns pelos outros reinem em cada lar.¹³

A união na Igreja leva ao progresso e à espiritualidade.

A missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é estabelecer a paz. O Cristo Vivo é o cabeça dela. Sob Sua direção, dezenas de milhares de homens na Igreja são autorizados por Deus a representá-Lo em várias posições designadas. É o dever desses representantes manifestar amor fraterno, primeiro uns pelos outros, depois por toda a humanidade; buscar unidade, harmonia e paz em organizações dentro da Igreja e depois, por preceito e exemplo, propagar essas virtudes por todo o mundo.¹⁴

Nos ramos e alas da Igreja, não há virtude mais propícia ao progresso e à espiritualidade do que a presença desse princípio. Quando a inveja, o espírito de crítica e a maledicência suplantam a confiança mútua, a união e a harmonia, o progresso da organização é prejudicado. (...)

A fraqueza interna é mais perigosa e fatal do que a oposição externa. A Igreja é pouco ou nada prejudicada pela perseguição e as calúnias [ou falsas acusações] de inimigos mal-informados, ignorantes ou mal-intencionados; os maiores obstáculos para seu progresso vêm do interior da própria Igreja: são os críticos, os negligentes, os violadores dos mandamentos e os grupos apóstatas.¹⁵

É o princípio da *união* que permite às alas, estacas, ramos e missões da Igreja progredir e cumprir os propósitos para os quais foi estabelecida a Igreja. Isso não pode ser alcançado com

a dissensão e o ódio. Já houve dificuldades. Cada membro da Igreja tem suas próprias idéias. Às vezes elas não coincidem com as do bispo ou com as da presidência da estaca ou com as da Presidência da Igreja; mas cada um deve abrir mão de suas próprias idéias pelo bem da coletividade e, com esse objetivo unificado, alcançamos algo maravilhoso.

Ao pensar no futuro desta Igreja e no bem-estar dos rapazes e moças, bem como das mães e pais, sinto-me inspirado a dizer que não há mensagem mais importante a proclamar do que: “sejam um” e deixem de lado as coisas que provoquem divisões entre os membros. Sei que o adversário não possui arma mais forte contra qualquer grupo de homens ou mulheres desta Igreja do que introduzir o punhal da desunião, da dúvida, da inimizade. (...)

O desafio está diante de nós, não podemos falhar no compromisso divino que foi conferido a nós como povo. A unidade de propósito, com todos trabalhando em harmonia na estrutura organizacional da Igreja conforme revelada pelo Senhor, deve ser nosso objetivo. Que cada membro, professor e líder sinta a importância da posição que ocupa. Todos são importantes para o cumprimento bem-sucedido da obra de Deus, que é nossa obra.¹⁶

A maior defesa que temos para a unidade e força na Igreja encontra-se no sacerdócio, quando o honramos e respeitamos. Ah, meus irmãos — presidentes de estaca, bispos de ala e todos os portadores do sacerdócio — que Deus os abençoe em seu trabalho de líderes, em sua responsabilidade de guiar, abençoar e consolar as pessoas que vocês foram designados para presidir e visitar. Guiem-nas para voltarem-se para o Senhor e busquem inspiração a fim de conduzirem-se de modo a estarem acima do que é vil e desprezível e viverem no plano espiritual.

Demonstrem reconhecimento àqueles que presidem sobre vocês e, quando necessário, busquem seus conselhos.¹⁷

Que [as organizações da] Igreja sejam abençoadas com o espírito de união e harmonia. Que o espírito de inimizade, críticas e maledicência seja banido de seu coração e que eles conservem

na alma a verdade expressa por Jesus Cristo quando disse: “(...) se não sois um, não sois meus”. (D&C 38:27)¹⁸

Que esse espírito de união pelo qual nosso Senhor e Salvador orou na noite de Sua traição seja uma das características desta que é Sua Igreja: Pai, faze com que permaneçamos um, como tu e eu somos um. [Ver João 17:11.]¹⁹

O comprometimento com os ideais do evangelho é a maneira mais segura de alcançarmos a união.

Um escritor conhecido (...) [afirmou]: “O mundo tem muitas pessoas boas hoje, mais pessoas prontas a acreditar do que jamais antes, mas essas pessoas não têm ideais que as unam, princípios fundamentais que as congreguem, visões coerentes sobre a vida, um programa de ação sintético e coeso. A sociedade está ficando constrangida e começando a dar-se conta de seus problemas e necessidades, mas não possui um senso claro de direção, nenhum impulso organizador, nenhum ideal abrangente, nenhuma motivação potente. (...) Existe algo por meio do qual nossa natureza possa ganhar unidade, nosso povo reconheça sua fraternidade, a humanidade ponha ordem em seus assuntos como um todo?”

Nós respondemos: sim. Essa força unificadora, esse ideal é o evangelho de Jesus Cristo conforme restaurado por meio do Profeta Joseph Smith. Ele explica a vida do homem e seu propósito e encerra os elementos salvadores vitais, os ideais nobres e a edificação espiritual almejados pelo homem de hoje.²⁰

“Novas de grande alegria” [Lucas 2:10] — O evangelho de Jesus Cristo constitui essas boas novas. O termo “evangelho” significa literalmente “boas novas” e trata-se das novas que emanam do alto. (...) Sempre houve, em todas as dispensações, oportunidades para os homens receberem essas boas novas, e os profetas que estavam em sintonia com o Infinito e que ouviram pela primeira vez e em primeira mão essas boas novas tomaram sobre si a responsabilidade de transmiti-las aos demais, para que aqueles preocupados com as coisas do mundo recebam a alegre mensagem e sejam conduzidos de volta a um ambiente de paz, harmonia e boa vontade.²¹

Seja nas ilhas do mar, no Japão, na Síria, nos países escandinavos, na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Holanda — onde quer que encontremos um grupo de santos dos últimos dias cuja fé no evangelho de Jesus Cristo for inabalável, lá encontraremos o espírito de união, o espírito de amor, o espírito de sacrifício voluntário para o bem da humanidade. Que Deus abençoe os santos dos últimos dias em todo o mundo para que continuem com esse mesmo espírito.²²

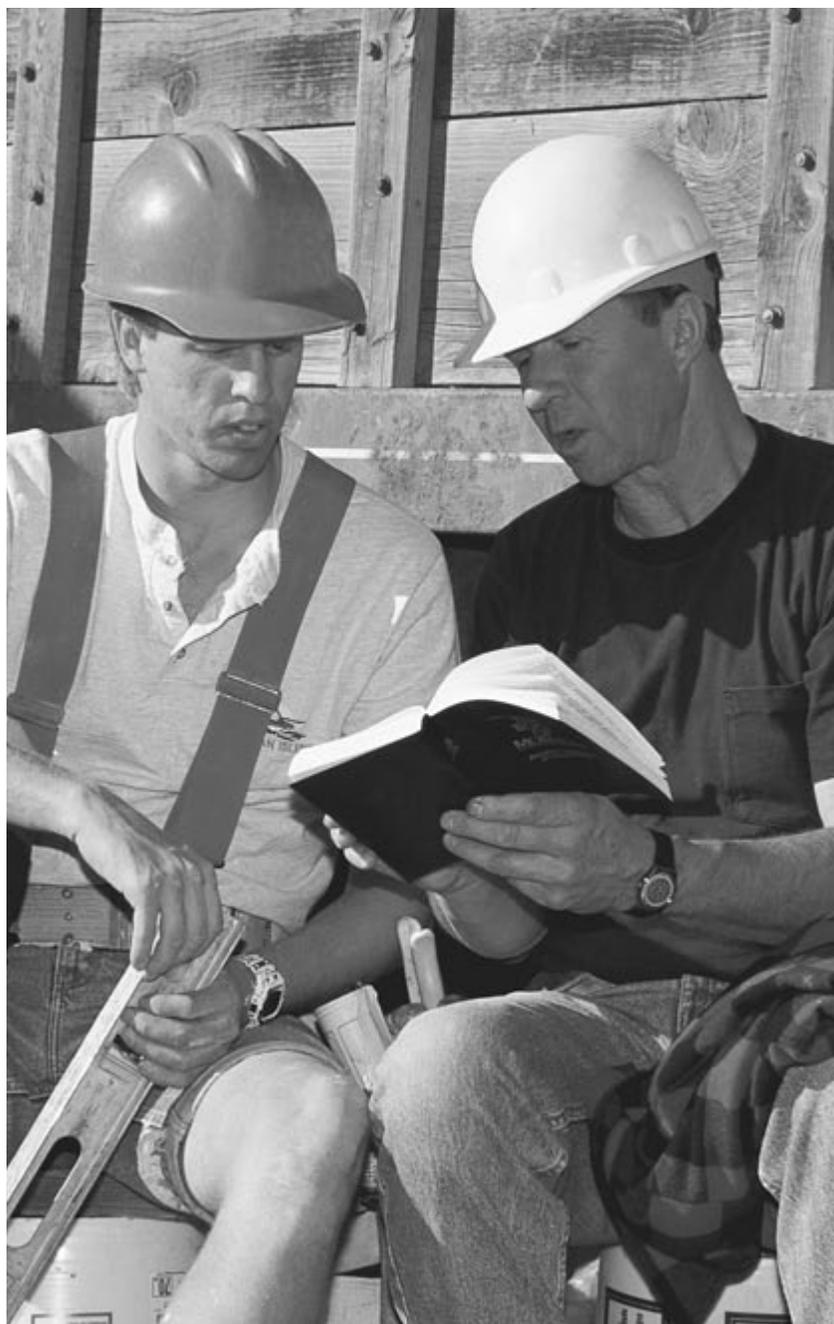
Sugestões para Estudo e Discussão

- De que forma Deus o Pai e Jesus Cristo são um? Quais são algumas maneiras específicas pelas quais podemos ser unidos como Igreja? Como família? Como membros da comunidade? (Ver as páginas 45–46.) Que benefícios podem advir dessa unidade?
- Quais são algumas das atitudes e ações que podem provocar desarmonia no lar e na ala? (Ver as páginas 42–48.) O que podemos fazer para aumentar a harmonia e união? Como podemos aplicar a afirmação do Presidente Clark (“Na obra do Senhor, o importante não é onde servimos, mas como servimos”) ao empenharmo-nos para aumentar a união em nosso lar e nossa ala?
- De que forma as crianças podem ser influenciadas quando seus pais fazem comentários negativos sobre os líderes e professores? Por que a maledicência “causa mais dano àquele que a pratica do que à vítima”? (Ver as páginas 46–47.)
- De que forma o evangelho vai ao encontro do anseio das pessoas por união e harmonia? (Ver as páginas 46–47.) Por que a união é necessária para o cumprimento dos desígnios eternos do Senhor na Terra?

Escrituras Relacionadas: I Coríntios 1:9–10; Mosias 18:21; 3 Néfi 11:29–30; 4 Néfi 1:2, 15–17; D&C 38:23–27; 105:3–5; Moisés 7:18

Notas

1. Conference Report, outubro de 1967, p. 7.
2. Conference Report, abril de 1951, pp. 150–151.
3. Conference Report, abril de 1951, p. 154.
4. Conference Report, outubro de 1954, pp. 132–133.
5. “Unity in the Home — the Church — the Nation”, *Improvement Era*, fevereiro de 1954, pp. 77–78.
6. Conference Report, outubro de 1967, p. 6.
7. Conference Report, outubro de 1967, p. 7.
8. Conference Report, abril de 1969, pp. 95–96.
9. Conference Report, abril de 1953, p. 16.
10. Conference Report, abril de 1945, p. 144.
11. Conference Report, outubro de 1967, p. 7.
12. Conference Report, abril de 1954, p. 142.
13. Conference Report, outubro de 1969, p. 137.
14. Conference Report, outubro de 1964, p. 5.
15. “Unity in the Home — the Church — the Nation”, *Improvement Era*, fevereiro de 1954, p. 77.
16. Conference Report, outubro de 1967, pp. 5–6.
17. Conference Report, outubro de 1967, p. 6.
18. Conference Report, abril de 1967, pp. 87–88.
19. Conference Report, outubro de 1934, p. 91.
20. Conference Report, abril de 1941, p. 108; alterações na disposição dos parágrafos.
21. Conference Report, abril de 1910, p. 106.
22. Conference Report, abril de 1925, p. 11.



A responsabilidade de partilhar o evangelho recai sobre cada membro da Igreja.



“Cada Membro É um Missionário”

*O mundo está ávido pela verdade. (...) Nós a possuímos.
Será que estamos à altura da tarefa — da
responsabilidade que Deus nos conferiu?*¹

Introdução

Tanto o pai como a mãe do Presidente David O. McKay eram conversos à Igreja, o resultado do trabalho de proselitismo empreendido por missionários da Igreja chamados para servir na Grã-Bretanha. A família de seu pai, David McKay, filiou-se à Igreja na Escócia em 1850, constituindo alguns dos primeiros conversos da Igreja da região. A família de sua mãe, Jennette Evans, filiou-se à Igreja no País de Gales aproximadamente na mesma época, a despeito da forte oposição de parentes próximos.

Devido ao legado de retidão que recebeu de seus pais, o Presidente McKay tinha um grande testemunho da importância e dos efeitos a longo prazo da obra missionária. Em 1953, ao percorrer a Europa, o Presidente McKay visitou a humilde casa na Escócia onde seu pai residira quando menino. O filho do Presidente McKay, Llewelyn, que o acompanhava na viagem, registrou a experiência:

“[Quando nos aproximamos da casa], o sol irrompeu nas nuvens e sorriu-nos como que refletindo a alegria e felicidade do coração de meu pai. Quando estávamos todos reunidos em frente à casa, os olhos de meu pai encheram-se de lágrimas quando ele olhou a porta. ‘Se não fosse por dois missionários que bateram a essa porta por volta de 1850, eu não estaria aqui hoje!’”²

Ensinamentos de David O. McKay

Os membros da Igreja receberam o mandamento de realizar a obra missionária.

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (...)” (Mateus 28:19–20)

Essa foi a exortação feita aos doze da antigüidade. Essa é a admoestação repetida às pessoas de nossa época em Doutrina e Convênios, para que elas sejam uma luz para o mundo: “E assim também mandei ao mundo meu eterno convênio, para ser uma luz para o mundo, para ser um modelo para meu povo e para que os gentios o procurem; e para ser um mensageiro diante de minha face e preparar o caminho diante de mim”. [Ver D&C 45:9.]

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias mal tinha completado um ano de idade quando essa declaração foi concedida ao Profeta Joseph Smith por inspiração. Ele próprio contava apenas 26 anos de vida. É maravilhoso ver uma declaração assim, grandiosa em seu potencial, abrangente em seu alcance. (...)

(...) O mormonismo — como as pessoas o chamam — ergueu um estandarte para as nações e, com palavras tão abrangentes como as que li na revelação, convida o mundo à paz, ao repouso, à alegria.³

O texto (...) “ide por todo o mundo” é na verdade o mandamento missionário dado pelo Cristo ressuscitado a Seus Apóstolos. Na realidade, Ele diz:

Considerai este trabalho inacabado até que todas as nações tenham aceitado o evangelho e se alistado como meus discípulos. (...)

Com o mesmo comissionamento direto do Senhor ressurreto, que com o Pai apareceu em pessoa no início do século 19, a proclamação do evangelho está sendo realizada pela Igreja de

Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a “toda nação, tribo, língua e povo” no ritmo mais acelerado que permitem nossos meios e pessoal.⁴

Todos os santos dos últimos dias devem envolver-se na obra missionária.

Se eu fosse exprimir em termos definitivos duas das convicções mais profundas do coração dos santos dos últimos dias, eu diria: Primeiro, *a certeza inabalável de que o evangelho — conforme ensinado pelo Redentor enquanto viveu entre os homens e que depois foi modificado, alterado e corrompido pelos homens — foi restaurado pelo Redentor em sua pureza e plenitude*; e segundo, como consequência natural da primeira convicção, a certeza no coração de cada membro desta Igreja de que a responsabilidade de pregar o evangelho restaurado a todas as nações, tribos, línguas e povos recai sobre todos os santos dos últimos dias.⁵

Recordo que, quando Cristo estava na Terra, Ele disse a alguns homens que também conheciam Sua divindade que havia uma responsabilidade que competia a todos os que detinham o conhecimento da existência de Deus e das verdades do evangelho de Cristo. “Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.” [Lucas 12:48] Assim, esse conhecimento que os santos dos últimos dias possuem vem acompanhado de uma enorme responsabilidade. O povo de Deus é mencionado nas escrituras, antigas e modernas, como um povo eleito, um sacerdócio real, um povo peculiar, uma luz sobre o monte. “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” [Ver Mateus 5:14–16.]⁶

Que responsabilidade (...) é levar bons homens e mulheres em todo o mundo a conhecer a Deus e saber qual é sua missão

na Terra! Pais e mães, companheiros na obra, vocês têm plena consciência do que significa assumir a responsabilidade de levar a mensagem de paz e boa vontade a todos os homens?⁷

O mundo está ávido pela verdade como nunca antes na história. (...) Nós a possuímos. Será que estamos à altura da tarefa — da responsabilidade que Deus nos conferiu?⁸

Todos os membros da Igreja devem converter-se e ter conhecimento do evangelho, incluindo um conhecimento das escrituras. Como seria maravilhoso se todos os membros da Igreja seguissem a exortação feita por Pedro na antigüidade: “Santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós.” (I Pedro 3:15)

A responsabilidade da Igreja é pregar o evangelho de Jesus Cristo conforme restaurado ao Profeta Joseph Smith; não apenas pregá-lo e proclamá-lo por meio de palavras, com a distribuição de livros e folhetos, mas acima de tudo pela prática do evangelho em nosso lar e nossos contatos profissionais, tendo fé e testemunho em nosso coração e irradiando-os por onde quer que formos. (...) Nada pode impedir o progresso da verdade, com exceção apenas de nossas fraquezas e nossa negligência para com nosso dever.⁹

Cada membro é um missionário. Cada um tem a responsabilidade de colocar alguém: a mãe, o pai, um vizinho, um colega de trabalho, um conhecido em contato com os mensageiros do evangelho. Se cada membro desempenhar essa responsabilidade e tomar as providências para que sua mãe, seu pai ou outros sejam apresentados aos representantes autorizados da Igreja, nenhum poder da Terra poderá impedir esta Igreja de crescer. E o contato pessoal é o que influenciará esses pesquisadores. A natureza e o efeito desse contato pessoal dependerão de vocês. E isso é algo que desejo ressaltar. Há uma responsabilidade da qual ninguém pode esquivar-se: a responsabilidade da influência pessoal. (...) É o que vocês são, não o que fingem ser, que levará pessoas a pesquisar a Igreja.¹⁰

Cada membro da Igreja deve ser um missionário. Nem todos são autorizados a sair de casa em casa, mas todos têm autoridade

— devido ao fato de serem membros da Igreja — de dar um exemplo adequado, como bons vizinhos. As pessoas em volta os observam, bem como observam seus filhos. Eles são uma luz, e é seu dever não ocultar essa luz sob um alqueire, mas deixá-la resplandecer como que no alto de um monte para que todos sejam guiados por ela. (...)

(...) Se vocês viverem de acordo com esses princípios humildes, sob os convênios assumidos nas águas do batismo e renovados nas reuniões sacramentais (e no caso de muitos de vocês na Casa de Deus), vocês cumprirão uma missão nobre e Deus os recompensará.

Que todos os membros da Igreja vivenciem essa transformação nesta vida e comportem-se de modo que outras pessoas, ao verem suas boas obras, sejam levadas a glorificar nosso Pai que está nos céus.¹¹

O evangelho é nossa âncora. Sabemos o que ele significa. Se o vivermos, se o sentirmos e falarmos bem do evangelho, do sacerdócio, de seus líderes e mesmo de nossos inimigos, nós nos sentiremos mais felizes e estaremos pregando o evangelho de Jesus Cristo. Todos podem fazer isso. É possível. Deus não pediu que fizéssemos essas coisas e em seguida nos privou da capacidade de realizá-las.¹²

Os missionários de tempo integral devem ser dignos de servir.

Na seção 4 de Doutrina e Convênios, o Profeta Joseph Smith recebeu a seguinte revelação: “Agora eis que uma obra maravilhosa está para iniciar-se entre os filhos dos homens.

Portanto, ó vós que embarcais no serviço de Deus, vede que o sirvais de todo o coração, poder, mente e força, para que vos apresenteis sem culpa perante Deus no último dia”. (D&C 4:1–2.) (...)

[Uma] característica marcante dessa revelação e das demais conferidas no mesmo período é a menção às diferentes qualificações daqueles que iriam participar da realização dessa obra maravilhosa. Esses atributos não são *a posse de riquezas, a posição de destaque na sociedade, as preferências políticas, as*

proezas militares, o nascimento nobre, mas o desejo de servir a Deus de todo o “coração, poder, mente e força” — virtudes espirituais que contribuem para a nobreza da alma. Repito: não é uma questão de popularidade, riqueza nem treinamento teológico em administração eclesiástica. Contudo, ainda assim “uma obra maravilhosa está para iniciar-se entre os filhos dos homens”.¹³

Há certos padrões que devem nortear [os bispos e presidentes de estaca] ao chamarem nossos missionários. Primeiro, não devem chamar [missionários] com o intuito de resgatá-los. Digamos que um rapaz esteja se afastando e vocês acham que a missão lhe faria bem. É verdade que faria. Contudo, não é esse o motivo para enviá-lo. Escolham [missionários] que sejam dignos para representar a Igreja, certifiquem-se de que sejam suficientemente maduros e, acima de tudo, de que tenham caráter.¹⁴

Devemos pensar menos nos benefícios que esses representantes receberão e mais em sua preparação e adequação para cumprir as responsabilidades da obra missionária. No chamado de um missionário, tenham em mente as seguintes perguntas:

Ele é digno de representar a Igreja?

Ele tem força de vontade suficiente para resistir às tentações?

Ele conservou-se puro até hoje e, assim, provou-se capaz de resistir a possíveis tentações no campo missionário?

Ele participou ativamente ao longo dos anos das organizações da Igreja em sua ala e estaca?

Ele tem noção do que a Igreja tem a oferecer ao mundo?

Ele tem a visão de que a Igreja é a coisa mais grandiosa do mundo e que ela constitui o único grupo autorizado a representar o Senhor Jesus Cristo na salvação da humanidade? (...)

Ele, por meio da oração ou experiências, já sentiu a proximidade de Deus, de modo a buscá-Lo como buscaria seu pai terreno?¹⁵

Assim, todos os élderes que saem pelo mundo para pregar este evangelho devem primeiramente vivê-lo da melhor maneira possível e ter no coração a convicção de estar pregando a verdade. No início, esse testemunho pode ser um pouco indefi-

nido, mas isso acontece, em maior ou menor grau, com todos os nossos filhos. (...) Por meio do estudo, do serviço, da humildade e da oração, esse testemunho crescerá.

Outra qualificação é a seguinte: Todo élder deve sempre agir como um cavalheiro cristão. O que é um cavalheiro? “Alguém que é transparente” — alguém que não tem nada a esconder, cujo olhar não se abaixa devido à culpa; “alguém que é leal” — leal à verdade, à virtude, à Palavra de Sabedoria — “alguém que é verdadeiro, de conduta humana e afável, alguém honrado e generoso ao julgar os demais, fiel a sua palavra e à lei e fiel tanto a Deus quanto aos homens — esse homem é um verdadeiro cavalheiro” e esse é o tipo de homem que deve ser o élder da Igreja que sai de casa para cristianizar o mundo.¹⁶

Todos os diáconos, mestres, sacerdotes e élderes da Igreja compreendem que para serem dignos de representar a Igreja de Cristo precisam ser moderados em seus hábitos e moralmente puros. Eles são ensinados que não há duplo padrão de castidade, que todos os rapazes, bem como as moças, devem manter-se livres das impurezas sexuais. (...)

Esses rapazes são instruídos a partirem como representantes da Igreja e que um representante de qualquer organização — econômica ou religiosa — deve possuir ao menos uma qualidade indispensável: a integridade. Tinha razão quem disse: “Ser digno de confiança é um elogio maior do que ser digno de amor”. E a quem esses missionários representam? Primeiro, representam seus pais, levando a responsabilidade de manter intacto seu bom nome. Segundo, representam a Igreja, especificamente a ala em que residem. E terceiro, representam o Senhor Jesus Cristo, de Quem são servos autorizados.

Esses embaixadores, pois é o que são, representam esses três grupos. E essa representação constitui uma das maiores responsabilidades de sua vida.¹⁷

Muitas bênçãos resultam do serviço missionário.

Se vocês desejarem que seu testemunho se fortaleça, que lhes seja revelado individualmente que Cristo lhes está auxiliando em



O Presidente McKay orientou os bispos e presidentes de estaca a “escolherem [missionários] dignos de representar a Igreja”.

seu trabalho e guiando Sua Igreja, a melhor maneira de alcançar isso é (...) cumprir seu dever, (...) realizando a obra missionária.¹⁸

Servir (...) no campo missionário é uma bênção para qualquer um. Essa bênção é reconhecida como tal por milhares de pais em toda a Igreja que apreciam o valor desse trabalho para seus filhos e filhas, pois desperta neles a consciência do valor do lar e do evangelho. Os pais sabem também que a atividade missionária traz ao nível da consciência um conhecimento da verdade do evangelho, algo que os rapazes talvez já tenham sentido, mas não expressado.¹⁹

Muitos de nós não têm plena consciência do valor e das grandiosas possibilidades deste grande ramo de atividade da Igreja [a obra missionária].

1 — Como exemplo de serviço voluntário na causa do Mestre, não há algo que o supere.

2 — Como incentivo para uma vida pura entre os jovens, como fator que contribui para moldar seu caráter, a influência da obra missionária é incomensurável.

3 — Como força educadora e influência positiva para nossa comunidade, seu efeito manifesta-se com nitidez.

4 — Como fator que contribui para uma melhor compreensão entre as nações e para o estabelecimento de relações internacionais amistosas, a obra missionária exerce uma influência significativa.

5 — Como o propósito do Todo-Poderoso é salvar almas, (...) a obra missionária trabalha de modo extremamente harmonioso na realização deste plano eterno!

“Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus; (...)

E, se trabalhades todos os vossos dias clamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

E agora, se vossa alegria é grande com uma só alma que tiverdes trazido a mim no reino de meu Pai, quão grande será vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!” (D&C 18:10, 15–16)²⁰

O coração dos homens precisa transformar-se. Cristo veio ao mundo exatamente com esse propósito. A principal razão para a pregação do evangelho é modificar o coração e a vida dos homens. E os irmãos que visitam diferentes estacas e ouvem os recém-conversos (...) podem testificar como a conversão modificou a vida deles depois de ouvirem o testemunho que eles prestam. Por meio dessa conversão, eles trazem paz e boa vontade ao mundo em vez de discórdia [e] sofrimento.²¹

Nossos missionários (...) estão declarando hoje a um mundo conturbado que a mensagem anunciada por ocasião do nasci-

mento de Jesus — “paz na terra, boa vontade para com os homens” [ver Lucas 2:14] — pode tornar-se realidade aqui e agora por meio da obediência aos princípios do evangelho.²²

Sugestões para Estudo e Discussão

- O Presidente McKay sempre expressava gratidão pelo trabalho dos missionários que haviam ensinado seus pais. De que forma você ou algum conhecido seu foi abençoado pela obra missionária?
- A responsabilidade pela obra missionária hoje em dia recai sobre quem? (Ver as páginas 56–59.) Que oportunidades temos de seguir a instrução do Presidente McKay de que cada membro é um missionário? Como podemos preparar-nos para cumprir essa responsabilidade?
- Que recursos a Igreja colocou a nossa disposição para ajudar-nos a partilhar o evangelho? De que forma fomos instruídos a auxiliar os missionários de tempo integral e de ala em nossa área?
- Quais são as qualificações necessárias para o trabalho missionário em tempo integral? (Ver as páginas 59–64.) Por que a dignidade e a integridade são essenciais para a obra missionária?
- O que os jovens podem fazer para prepararem-se para servir como missionários? O que os adultos podem fazer para ajudar os jovens a servirem como missionários?
- Como as pessoas portadoras de limitações físicas ou mentais podem fazer avançar a causa da obra missionária? Que meios alternativos de serviço na Igreja estão ao alcance delas?
- Quais são algumas formas pelas quais os casais de mais idade podem ser úteis no campo missionário?

Escrituras Relacionadas: 3 Néfi 12:14–16; D&C 4:1–7; 18:15–18; 75:2–5; 88:81; 90:11.

Notas

1. Conference Report, outubro de 1945, pp. 113–114.
2. Llewelyn R. McKay, *Home Memories of President David O. McKay* (1956), p. 15; alterações na disposição dos parágrafos.
3. “Every Member a Missionary”, *Improvement Era*, outubro de 1961, pp. 710–711.
4. Conference Report, outubro de 1949, p. 118.
5. Conference Report, abril de 1927, p. 102.
6. Conference Report, outubro de 1910, p. 47.
7. Conference Report, abril de 1927, p. 106.
8. Conference Report, outubro de 1945, pp. 113–114.
9. Conference Report, outubro de 1969, pp. 88–89; alterações na disposição dos parágrafos.
10. “Talk by President David O. McKay Given to the North British Mission 1 March 1961”, Family and Church History Department Archives, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pp. 2–3.
11. Conference Report, outubro de 1958, pp. 93–94.
12. Conference Report, abril de 1910, p. 110.
13. Conference Report, outubro de 1966, p. 86.
14. Conference Report, abril de 1950, p. 176.
15. Conference Report, abril de 1961, p. 96.
16. Conference Report, abril de 1927, p. 106.
17. Conference Report, outubro de 1949, pp. 119–120.
18. Conference Report, outubro de 1959, p. 89.
19. Conference Report, abril de 1961, p. 96.
20. Conference Report, outubro de 1949, p. 117.
21. Conference Report, outubro de 1953, p. 11.
22. Conference Report, outubro de 1966, p. 87.



“A Ressurreição literal da tumba era uma realidade para os discípulos que conheciam a Cristo intimamente. (...) Eles eram testemunhas desse acontecimento.”



A Importância da Ressurreição

Assim como Cristo vive depois de ter morrido, todos os homens viverão, cada um ocupando o lugar no mundo vindouro que melhor lhe couber.¹

Introdução

Em 1912, o Élder David O. McKay, na época membro dos Doze, e sua esposa, Emma Ray, viveram sua primeira grande tristeza como pais quando seu filho de dois anos e meio, Royle, faleceu. A maneira como o Élder McKay relatou o acontecimento revela a enorme dor que sentiu, mas também sua fé numa ressurreição futura:

“Segunda-feira, 8 de abril de 1912. Que noite de sofrimento para nosso querido menino! Cada vez que ele respirava parecia ser um momento de agonia para ele! Os médicos examinaram-no pela manhã e descobriram que sua dor tinha origem numa pleurite [inflamação dos pulmões] em ambos os lados. Ao recebermos essa notícia, quase perdemos as esperanças; mas quando [o médico] disse que, após um exame, sabia qual microorganismo causara a infecção e que tinha a antitoxina, mais uma vez recobramos o alento.

No entanto, o Royle estava muito debilitado e as complicações das enfermidades eram inúmeras. Ele lutou bravamente o dia inteiro, tomando o pequeno estimulante que lhe era oferecido em intervalos com a mesma disposição de qualquer adulto. Às 21h30, meu pai, Thomas E. [McKay] e eu lhe demos outra bênção. A Ray ficou cheia de esperança e deitou-se no berço ao lado dele para descansar um pouco. Pouco depois, o pulso dele enfraqueceu e sabíamos que nosso bebê em breve nos deixaria. ‘Mamãe’ foi a última palavra proferida por seus lábios preciosos. Pouco antes do fim, ele estendeu as mãozinhas e quando me

inclinei para acariciá-las, ele abraçou-me na altura do pescoço e deu-me o último de muitos dos mais carinhosos afagos que um pai jamais recebeu de um filho querido. Ele parecia perceber que estava prestes a partir e queria dizer: ‘Adeus, papai’, mas sua vozinha já fora abafada pela fraqueza e a dor. Tenho certeza de que ele reconheceu sua mãe um instante depois. Ela descansara apenas alguns minutos e, percebendo que as enfermeiras estavam um tanto agitadas, inclinou-se sobre seu querido bebê e não queria afastar-se, até que gentilmente a conduzimos para fora do quarto onde a morte roubara nosso bebê.

O fim aconteceu à 1h50 da manhã, sem uma única contração muscular. A frase ‘ele não está morto, mas dorme’ nunca se aplicou tão bem a outra alma, pois ele verdadeiramente foi dormir. Ele não morreu.”²

Ensinos de David O. McKay

Os Apóstolos de Jesus tornaram-se testemunhas da realidade de Sua Ressurreição.

Há cerca de dois mil anos, (...) houve um momento em que os apóstolos estavam muito pesarosos. O coração de Pedro estava pesado, João estava angustiado, bem como Maria, a mãe de Cristo. Os outros apóstolos haviam fugido. Judas dera-se conta do crime que cometera. Que noite sombria!

Na manhã seguinte, Cristo levantou-Se. (...) A veracidade desse fato constitui evidência da imortalidade da alma, da existência dos entes queridos que estão do outro lado do véu, que conservam até mesmo sua personalidade. Eles são tão reais na dimensão espiritual em que se encontram quanto o espírito de Cristo quando Ele pregou aos espíritos em prisão.³

O fato de os apóstolos terem testemunhado a Ressurreição de Jesus aumenta o valor da evidência que eles apresentaram. O valor mais profundo de seu testemunho reside no fato de que, com a morte de Jesus, os apóstolos foram tomados de desânimo e tristeza. Durante dois anos e meio, eles tinham sido fortalecidos e inspirados pela presença de Cristo. Mas agora Ele partira. Eles estavam entregues à própria sorte e pareciam confusos e desamparados. (...)

“O que subitamente transformou esses discípulos em pregadores confiantes, destemidos e heróicos do evangelho de Jesus Cristo? Foi a revelação de que Cristo ressuscitara da tumba. Suas promessas tinham-se concretizado e Sua missão messiânica se cumprira.” (...)

O evangelho de Marcos não faz menção a nenhuma visita do Senhor ressurreto; mas ele testifica que o anjo na tumba anunciou a ressurreição e prometeu que o Senhor iria ao encontro de Seus discípulos. Com Marcos ouvimos a gloriosa proclamação da primeira tumba vazia em todo o mundo. Pela primeira vez na história da humanidade, as palavras “Aqui jaz” foram suplantadas pela mensagem divina “Ressuscitou”. Ninguém pode duvidar de que Marcos estivesse convencido em sua alma da realidade da tumba vazia. Para ele, a ressurreição não era questionável — era real; e o aparecimento de seu Senhor e Mestre entre os homens era um fato consumado. Não havia margem de dúvidas. À proclamação dessa verdade ele dedicou sua vida, e, se pudermos confiar na tradição, ele selou seu testemunho com seu sangue.

Outro apóstolo que registrou seu testemunho ocular foi Lucas, um gentio ou, como crêem alguns, um converso de Antioquia, na Síria, onde exercia a profissão de médico. (Colossenses 4:14) Até mesmo alguns de seus críticos mais severos consideram-no um historiador de primeira linha, e seu contato pessoal com os apóstolos originais torna suas declarações algo de valor inestimável.

O que ele escreveu foi o resultado de pesquisas e investigações pessoais e provinha de todas as fontes disponíveis. Em particular, ele entrevistou pessoas que tinham sido testemunhas [oculares] “desde o princípio e (...) ministros da Palavra” e registrou suas declarações. Ele afirma ter-se “informado minuciosamente de tudo desde o princípio” a fim de poder “pôr em ordem a narração dos fatos”. [Ver Lucas 1:1–4.] Isso significa que Lucas obteve o testemunho diretamente dessas “testemunhas oculares” e não de narrativas anteriores.

De acordo com todos os testemunhos fidedignos, temos o evangelho de Lucas conforme saído de sua mão. No capítulo 24, Lucas testifica da mensagem divina: “Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou”. [Lucas 24:5–6]

Com igual certeza de sua confiabilidade, podemos aceitar as declarações e depoimento dele em relação ao testemunho da ressurreição prestado por Pedro, Paulo e os demais apóstolos. “Aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.” [Ver Atos 1:3.] Quem pode duvidar da confiança absoluta de Lucas na Ressurreição?

É verdade que nem Marcos nem Lucas testificam terem visto pessoalmente o Senhor ressurreto e, portanto, alguns afirmam que seu testemunho escrito não pode ser considerado uma evidência de primeira mão. O fato de eles não testificarem e contudo estarem convencidos de que outros O viram mostra o quão incontestável era a evidência entre os apóstolos e outros discípulos de que a ressurreição foi uma realidade.

Felizmente, porém, há um documento que traz o depoimento pessoal de uma testemunha ocular do aparecimento de Jesus após Sua morte e sepultamento. Esse testemunho pessoal também corrobora o testemunho não só dos homens que mencionei, mas também de outros. Refiro-me a Saulo, um judeu de Tarso, criado aos pés de Gamaliel, um fariseu rigoroso, e que antes de sua conversão era um perseguidor ferrenho de todos os que acreditavam que Jesus de Nazaré havia ressuscitado dos mortos. E agora, no documento autêntico mais antigo existente sobre a ressurreição de Cristo ou que dela testifica, vemos Paulo dizendo aos coríntios:

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo.” [I Coríntios 15:3–8]⁴

O cepticismo do mundo não pode negar o testemunho das testemunhas oculares.

Há demasiadas pessoas hoje em dia como as do Areópago dois mil anos atrás, que ergueram um altar ao “Deus Desconhecido”, mas que pouco ou nada conheciam sobre Ele. Lemos que, a caminho do Areópago, Paulo vira estátuas magníficas erigidas para várias divindades (...). Lá, reuniam-se filósofos e juízes, os mais hábeis pensadores, os mais inteligentes sábios do mundo antigo, que discorriam e discursavam sobre os mistérios da vida e o destino da raça humana.

Em meio a toda essa sabedoria do mundo, havia um homem moreno solitário que considerava muito aquela filosofia como falsa e a adoração de imagens como um grave erro. Ele era o único homem naquela grande cidade de intelectuais que sabia por experiências reais que um homem pode passar pelos portais da morte e viver. (...) Quando Paulo pregou eloqüentemente sobre o caráter pessoal de Deus, os filósofos ouviram com curiosidade, porém atenção, até que ele testificou que Deus levantara Jesus dos mortos.

Quando eles ouviram a menção à ressurreição, alguns zombaram e todos, com exceção de uns poucos, afastaram-se, deixando-o mais solitário do que nunca, ele que declarara a verdade. [Ver Atos 17:22–33.] Hoje em dia, assim como no Areópago, quando falamos da ressurreição dos mortos há alguns que zombam e outros que duvidam e se afastam. Em nossa época, tal como naqueles tempos, demasiados homens e mulheres têm outros deuses a quem dão mais atenção do que ao Senhor ressurreto. (...)

Aceitem como verdade o fato que Cristo retomou Seu corpo e apareceu como Ser glorificado e ressurreto e terão resposta para a pergunta de todas as épocas: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” [Ver Jó 14:14.]

Que a ressurreição literal da tumba foi uma realidade para os discípulos que conheciam a Cristo intimamente é uma certeza. Na mente deles, não havia absolutamente nenhuma dúvida. Eles eram testemunhas desse acontecimento. Eles sabiam porque

seus olhos viram, seus ouvidos ouviram e suas mãos sentiram a presença corporal do Redentor ressurreto.⁵

Uma das mensagens gloriosas dadas por Cristo, nosso Redentor, é que o espírito do homem passa triunfalmente pelos portais da morte para a vida eterna. Para Ele, esta experiência mortal é apenas um dia e seu fim, apenas o ocaso do sol da vida. A morte nada mais é que um sono e é seguida por um despertar glorioso na manhã de um domínio eterno. Quando Maria e Marta já consideravam seu irmão apenas um cadáver numa cova escura e silenciosa, Cristo via-o ainda como um ser vivo. Ele expressou esse fato com duas palavras: “(...) Lázaro (...) dorme”. (João 11:11) Se todos (...) soubessem que o Cristo crucificado realmente Se levantou no terceiro dia — que depois de ter saudado e visitado alguns no mundo espiritual, Seu espírito voltou a reanimar Seu corpo ferido e, depois de passar quarenta dias entre os homens, ascendeu como alma glorificada para Seu Pai — que paz benigna seria sentida na alma daqueles que estão atormentados pela dúvida e a incerteza!

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias coloca-se ao lado de Pedro, Paulo, Tiago e todos os outros apóstolos originais que aceitaram a ressurreição não apenas como literalmente verdadeira, mas também como a consumação da missão divina de Cristo na Terra.⁶

A última e maior confirmação de que Jesus Se levantou do túmulo é o aparecimento do Pai e do Filho ao Profeta Joseph Smith mil e novecentos anos depois desse acontecimento. (...) Esse milagre da vida é significativo não apenas em si mesmo, mas também em sua relação com todos os princípios básicos do verdadeiro cristianismo.⁷

A Ressurreição de Cristo afirma a onipotência de Deus e a imortalidade do homem.

Por mais de quatro mil anos, o homem, ao olhar o túmulo, via apenas o fim da vida. De todos os milhões que haviam entrado nele, ninguém jamais voltara como ser ressurreto e imortal. “Em toda a superfície da Terra, não havia um único sepulcro vazio.

Nenhum coração humano acreditaria, nenhuma voz humana declararia que havia uma sepultura assim — um túmulo roubado pelo poder de um Conquistador mais forte do que o grande inimigo do homem, a Morte.”

Assim, foi uma mensagem nova e gloriosa que o anjo deu às mulheres que, fiel e amorosamente, tinham ido à tumba onde fora sepultado Jesus: “(...) [Buscais] a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram”. (Marcos 16:6)

Se um milagre é um acontecimento sobrenatural cujas causas transcendem a sabedoria finita do homem, então a ressurreição de Jesus Cristo é o milagre mais espantoso de todos os tempos. Nele se revelam a onipotência de Deus e a imortalidade do homem.

A ressurreição é um milagre. Contudo, é um milagre apenas no sentido de que está além da compreensão e do entendimento humanos. A todos os que a aceitam como fato, ela é apenas a manifestação de uma lei uniforme da vida. Como o homem não compreende a lei, chama-a de milagre.⁸

A Ressurreição e a Primavera possuem belas semelhanças — não que exista na natureza algo exatamente análogo à ressurreição, mas há muitas coisas que sugerem a idéia de um DESPERTAR. Como que no silêncio da morte, o Velho Inverno manteve toda a vida vegetal sob seu jugo, mas com a aproximação da Primavera, o doce poder vivificador do calor e da luz impelem-no a afrouxar seu domínio, e tudo o que parecia morto surge com vida nova, com um frescor e vigor renovados, fortalecido depois de um sono tranqüilo.

O mesmo se dá com o homem. O que chamamos de morte era chamado de sono por Jesus. “Lázaro (...) dorme”, disse Ele a Seus discípulos. [Ver João 11:11.] “A menina (...) dorme” foram as palavras de consolo ditas aos pais inconsoláveis de uma menina. [Ver Marcos 5:39.] De fato, para o Salvador do mundo, a morte não existe — apenas a vida — a vida eterna. Verdadeiramente, Ele podia dizer: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”. [João 11:25]

Com essa certeza, a obediência à lei eterna deve ser uma alegria, não um fardo, pois a vida é alegria, é amor. (...) A obediência a Cristo e a Suas leis traz vida. Que ressaltemos essa verdade a cada Páscoa e enchamos nossa alma da certeza divina de que Cristo de fato ressuscitou e de que, por meio Dele, a imortalidade do homem está garantida.⁹

Os fiéis recebem o testemunho reconfortante da Ressurreição.

Não há motivo para temermos a morte; ela é apenas um dos acontecimentos da vida. É tão natural quanto o nascimento. Por que deveríamos temê-la? Alguns a temem por achar que se trata do fim da vida, e a vida costuma ser a coisa mais preciosa que temos. A vida eterna é a maior bênção do homem.

Se os homens fizerem a vontade Dele [ver João 7:17] em vez de olharem sem esperança a tumba sombria e triste, erguerão os olhos para o céu e saberão que Cristo ressuscitou!

Ninguém pode aceitar a ressurreição e ser coerente em sua crença sem aceitar também a existência de um Deus pessoal. Por meio da ressurreição, Cristo venceu a morte e tornou-Se uma alma imortal. “Senhor meu, e Deus meu!” (João 20:28) não foi uma mera exclamação inconseqüente de Tomé ao ver o Senhor ressurreto. Ao aceitarmos Cristo como divino, é fácil visualizar Seu Pai como Alguém tão pessoal quanto Ele, pois, como disse Jesus: “Quem me vê a mim vê o Pai (...)”. (João 14:9)¹⁰

Assim como Cristo vive depois de ter morrido, todos os homens viverão, cada um ocupando o lugar no mundo vindouro que melhor lhe couber. A mensagem da Ressurreição, portanto, é a mais reconfortante, a mais gloriosa jamais proferida ao homem, pois quando a morte nos retira um ente querido, nosso coração entristecido é acalmado pela esperança e a certeza divina expressas nas palavras:

“Ele não está aqui, porque já ressuscitou.” [Ver Mateus 28:6.] Porque nosso Redentor vive, todos viveremos. Presto-lhes testemunho de que Ele de fato vive. Sei disso e espero que vocês também tenham certeza dessa verdade divina.¹¹

Jesus passou por todas as experiências da mortalidade, como vocês e eu. Ele conheceu a felicidade e vivenciou a dor. Regozijou-Se com as pessoas, bem como Se entristeceu com elas. Ele conheceu a amizade e experimentou também o pesar resultante de traições e falsas acusações. Ele morreu como todos os mortais, como vocês e eu morreremos. E assim como Cristo continuou a viver depois da morte, vocês e eu também continuaremos. (...)

Jesus foi o único homem perfeito que já viveu. Ao levantar-Se dos mortos, venceu a morte e agora é o Senhor da Terra. Extremamente fraco e tolo é aquele que obstinadamente rejeita o modo de vida de Cristo, principalmente ao lembrarmos que tal rejeição leva à infelicidade, ao infortúnio e mesmo à morte! (...)

Quando os cristãos do mundo inteiro tiverem essa fé [em Jesus Cristo] correndo em suas veias, quando sentirem no coração a lealdade ao Cristo Ressurreto e aos princípios correlatos, a humanidade terá dado o primeiro grande passo rumo à paz eterna pela qual oramos diariamente.¹²

Há muitos que se dizem cristãos, mas que não acreditam numa ressurreição literal, e sobre os seus ombros e os ombros dos (...) demais membros desta Igreja recai a responsabilidade de declarar ao mundo Sua filiação divina, Sua ressurreição literal do túmulo e Seu aparecimento em pessoa, ao lado do Pai, ao Profeta Joseph Smith.¹³

Sugestões para Estudo e Discussão

- Que evidência existe da Ressurreição literal de Jesus Cristo? (Ver as páginas 68–75.) Como seu testemunho da Ressurreição de Jesus foi fortalecido pelos depoimentos de Seus apóstolos antigos e modernos?
- De que forma a “sabedoria do mundo” tenta contestar a realidade da Ressurreição de Jesus? (Ver as páginas 71–72.)
- Como a doutrina da Ressurreição é parte fundamental do plano de salvação?
- O Presidente McKay ensinou que a Ressurreição é a “manifestação de uma lei uniforme da vida” e que a “Ressurreição e a

primavera possuem belas semelhanças”. De que forma a Ressurreição é comparável à primavera? (Ver as páginas 73–74.) Como você pode utilizar essa analogia para ajudar as crianças a compreenderem a Ressurreição?

- Como podemos adquirir ou fortalecer o testemunho a respeito da Ressurreição? (Ver as páginas 68–70.) Como seu testemunho da Ressurreição influencia as decisões que você toma? Que outros princípios do evangelho são compreendidos mais facilmente depois de termos um testemunho da Ressurreição?
- Como um testemunho da Ressurreição diminui a tristeza ligada à morte e ajuda a consolar as pessoas que choram a perda de um ente querido? (Ver as páginas 67–68.) Que exemplos você já viu de pessoas que foram fortalecidas em suas tribulações em virtude de seu testemunho da Ressurreição?
- Por que a existência de um Deus ressurreto é tão importante para a humanidade?

Escrituras Relacionadas: Jó 19:25–27; Marcos 16:1–6; Atos 2:22–32; 4:33; I Coríntios 15:3–8; 3 Néfi 11:15; D&C 76:22–24

Notas

1. Conference Report, abril de 1966, p. 59.
2. Citado por David Lawrence McKay, *My Father, David O. McKay* (1989), pp. 84–85.
3. Conference Report, abril de 1950, p. 178.
4. Conference Report, abril de 1939, pp. 112–114; alterações na disposição dos parágrafos.
5. Conference Report, abril de 1944, pp. 120–122; alterações na disposição dos parágrafos.
6. Conference Report, abril de 1966, p. 57; alterações na disposição dos parágrafos.
7. Conference Report, abril de 1944, p. 120; alterações na disposição dos parágrafos.
8. Conference Report, abril de 1966, p. 56.
9. Conference Report, abril de 1939, p. 115.
10. Conference Report, abril de 1966, pp. 58–59.
11. Conference Report, abril de 1944, p. 125.
12. Conference Report, abril de 1966, p. 59.
13. Conference Report, abril de 1950, p. 179.



O Poder da Oração

*Deus estará por perto para guiar e orientar quem O
“buscar com fé e com todo o fervor de sua alma”.¹*

Introdução

No primeiro semestre de 1921, o Élder David O. McKay e o irmão Hugh J. Cannon visitaram a Nova Zelândia como parte de sua visita às missões da Igreja. Em certo domingo, o Élder McKay iria discursar numa conferência dos santos à tarde. Contudo, quando acordou naquela manhã, sentia-se mal e estava tão rouco que mal conseguia sussurrar. No entanto, ele foi à conferência tendo fé que conseguiria transmitir sua mensagem. Posteriormente, ele escreveu:

“Mil pessoas (...) reuniram-se naquela sessão vespertina. Eles tinham vindo com curiosidade e muitas expectativas. Eu tinha o dever de deixar-lhes uma mensagem, porém não estava só afônico, mas também passando muito mal.

Entretanto, com uma súplica ardorosa no coração por auxílio divino e orientação, levantei-me para cumprir minha obrigação. Minha voz estava fraca e áspera. (...)

Então, ocorreu algo que jamais me acontecera antes. Iniciei o assunto com toda a seriedade e veemência de que eu era capaz e falei o mais alto possível. Ao sentir que minha voz ficava mais nítida e soava melhor, logo esqueci minha voz e concentrei-me por completo na verdade que eu desejava que meus ouvintes compreendessem e aceitassem. Durante quarenta minutos, dei continuidade a meu discurso e, ao terminar, minha voz estava tão clara e ressoante como sempre fora. (...)

Quando eu disse ao irmão Cannon e alguns outros irmãos o quanto eu orara com fervor por aquela bênção que de fato



“Considero um dos tesouros mais preciosos de minha vida o conhecimento de que Deus ouve as orações feitas com fé.”

recebi, ele disse: 'Eu também estava orando — nunca orei tanto por um orador em toda a minha vida'.²

Ensinamentos de David O. McKay

Deus é um Ser pessoal de Quem podemos aproximar-nos em oração.

Desde a infância, levo no coração a verdade de que Deus é um Ser pessoal e é, de fato, nosso Pai e de que podemos aproximar-nos Dele em oração e receber respostas a nossas perguntas e súplicas. Considero um dos tesouros mais preciosos de minha vida o conhecimento de que Deus ouve as orações feitas com fé. É verdade que as respostas a nossas orações nem sempre virão diretamente e no momento e maneira que desejarmos; mas elas chegam da melhor forma e na melhor hora para aqueles que rogam ao Senhor.

Houve ocasiões, contudo, em que recebi a certeza direta e imediata de que meu pedido fora concedido. Em certa ocasião, em particular, a resposta veio de modo tão incontestável quanto se meu Pai Celestial estivesse a meu lado e proferisse as palavras. Essas experiências são parte de meu próprio ser e subsistirão enquanto existir minha memória e inteligência. O Salvador do mundo parece-me igualmente real e próximo.

Sinto como nunca senti antes que Deus é meu Pai. Ele não é apenas um poder intangível, uma força moral no mundo, mas um Deus pessoal com poder criador, o Governante do mundo, o Capitão de nossa alma. Eu gostaria de que todos os homens e principalmente os jovens da Igreja se sentissem próximos de nosso Pai Celestial a ponto de buscarem-No diariamente — não só em público, mas também sozinhos. Se nosso povo tiver essa fé, receberá bênçãos grandiosas. Sua alma se encherá de agradecimento pelo que Deus lhes fez; eles perceberão que são ricos nos favores concedidos pela mão do Senhor. Não é mera imaginação o fato de podermos chegar-nos a Deus e recebermos luz e orientação Dele e o fato de nossa mente iluminar-se e nossa alma rejubilar-se em Seu Espírito.³

Quando vocês se ajoelham para orar à noite, sentem a proximidade Dele, sentem que Ele os ouve, sentem um poder que opera talvez como o rádio ou um poder maior, de modo que sentem estar em comunhão com Ele?⁴

Eu gostaria de que os rapazes de Israel se sentissem tão próximos de [Deus] a ponto de aproximarem-se Dele diariamente, não só em público, mas também sozinhos. Eu gostaria de que confiassem Nele da mesma forma que a menininha loira da história a seguir confiava em seu pai. Ela estava sentada no colo do pai no trem e um amigo sentado ao lado disse: “Vou deixar você descansar um pouco” e pôs a menina em seu colo. O pai perguntou a ela: “Você sabe quem a está segurando?” “Não”, respondeu ela, “mas o senhor sabe.” Ah, como essa criança confiava em seu pai. (...) Iguamente real deve ser a confiança que os rapazes e moças da Igreja depositam em seu Pai Celestial.⁵

É bom que as crianças e jovens aprendam que podem buscar a Deus em oração. É bom que os universitários aprendam, como os demais estudantes, que quando tiverem dificuldades, podem receber auxílio e orientação ao buscarem com sinceridade. Talvez vocês se levantem depois de orar, como acontece com alguns de nós na juventude, e sintam que suas orações não foram respondidas, mas um dia vocês se darão conta do fato de que Deus atende a suas orações assim como fazem os pais terrenos sábios. Esse é um dos maiores tesouros da juventude: sentir que podemos buscar ao Pai e abrir nossa alma diante Dele.⁶

A oração é mais do que palavras; ela exige fé, esforço e uma atitude adequada.

A oração é a expressão de um coração suplicante e amoroso em sintonia com o Infinito. É uma mensagem da alma enviada diretamente a um Pai amoroso. A linguagem usada não é formada apenas por palavras. (...)

A primeira e mais fundamental virtude da oração eficaz é a fé. A crença em Deus traz paz à alma. A certeza de que Deus é nosso Pai e de que podemos entrar em Sua presença em busca de conforto e orientação é uma fonte inesgotável de consolo.

Outra virtude essencial é a reverência. Essa virtude é exemplificada na oração-modelo proferida pelo Salvador nas palavras: “Santificado seja o teu nome”. [Mateus 6:9] Esse princípio deve ser aplicado nas salas de aula e principalmente em nossas casas de adoração.

O terceiro elemento essencial é a sinceridade. A oração é o anseio do espírito. A oração sincera implica que, ao pedirmos uma virtude ou bênção, devemos empenhar-nos para alcançar tal bênção e cultivar tal qualidade.

A outra virtude essencial é a lealdade. Por que orar pelo Reino de Deus a menos que tenhamos no coração o desejo e a disposição de contribuir para seu estabelecimento? Orar para que Sua vontade seja feita e depois não nos esforçar para vivê-la nos traz de imediato a resposta negativa. Vocês não dariam algo a uma criança que mostrasse essa atitude em relação a um pedido. Se orarmos pelo êxito de alguma causa ou empreendimento, é óbvio que desejamos seu sucesso. É o cúmulo da deslealdade orar para que seja feita a vontade de Deus e depois deixar de viver de acordo com essa vontade.

Uma virtude essencial final é a humildade. (...) O princípio da humildade e da oração leva-nos a sentir a necessidade de receber orientação divina. A auto-suficiência é uma virtude, mas deve vir acompanhada da consciência da necessidade de um auxílio superior — a consciência de que, ao trilharmos firmemente o caminho do dever, poderemos vir a pisar em falso; e com essa consciência deve haver uma oração e súplica para que Deus nos inspire a evitar tais deslizes.⁷

A oração no lar ensina as crianças a terem fé em Deus.

Se vocês me perguntarem onde adquiri minha fé inabalável na existência de Deus, responderei: no lar de minha infância. Meu pai e minha mãe sempre reuniam os filhos em volta de si pela manhã e à noite e invocavam as bênçãos de Deus sobre nosso lar e sobre toda a humanidade. Havia uma sinceridade na voz daquele bondoso patriarca que deixou uma impressão indelével na alma de seus filhos. As orações de minha mãe eram igual-

mente marcantes. Peço a todo pai da Igreja que se empenhe com toda a sinceridade para incutir nos filhos a realidade da existência de Deus e realidade de que Ele guiará e protegerá Seus filhos. Vocês têm essa responsabilidade. O lar é uma das unidades — a unidade fundamental — da sociedade. Antes de eu ouvir meu pai testificar que ouvira uma voz divina, eu sabia que ele vivia perto de seu Criador.⁸

Os santos dos últimos dias são instruídos a reconhecerem [a Deus] e a orarem a Ele como alguém que pode ouvir e sentir tal qual um pai terreno. Eles incorporaram ao mais profundo de seu ser — ao aprenderem com seus pais — o testemunho real de que esse Deus pessoal Se manifestou nesta dispensação. É algo real.⁹

Afirmo que no lar onde os filhos são criados em íntima comunhão com nosso Pai Eterno não há muito lugar para o pecado ou o mal. Quando um menininho ardendo em febre olha para o pai e, com uma fé simples, diz: “Pai, pode dar-me uma bênção?”, posso assegurar-lhes que de tais lares provêm a força e a glória de qualquer nação. E assim são os lares santos dos últimos dias.¹⁰

“Senhor, ensina-nos a orar” foi a súplica reverente dos discípulos do Mestre. [Ver Lucas 11:1.] Humildes como crianças, eles buscaram orientação adequada, e seu pedido não foi em vão.

Assim como os discípulos fizeram esse pedido de modo tão contundente, às vezes as crianças sentem a necessidade de receber orientação e consolo divinos, mas não expressam seus anseios com palavras. Contudo, o Senhor deu aos pais o dever de ensinar “seus filhos a orar”. [D&C 68:28]

As preocupações, as indagações e os pesares são tão reais na vida de uma criança quanto no mundo adulto, e elas têm direito ao consolo, refrigério e orientação oferecidos por Deus por meio da oração.

Não só isso, mas do ponto de vista da fé, da sinceridade e da confiança inabalável, a oração de uma criança inocente sempre propiciará uma resposta mais rápida do Pai amoroso.¹¹

Vemos a inspiração de Deus na exortação aos membros da Igreja para que protejam seu lar e ensinem a seus filhos os princípios do evangelho de Jesus Cristo. Com isso não quero dizer que devemos tornar o ensino formal ou desagradável. O que estou afirmando é que o evangelho de Jesus Cristo deve brilhar em cada lar; que as orações matinais e noturnas devem ser proferidas com sinceridade; que diariamente os filhos devem perceber que desejamos em nosso lar a presença de Deus. Se conseguirmos convidar o Salvador ao lar, podemos estar seguros de que os anjos estarão não só dispostos a proteger nossas crianças, mas ansiosos por fazê-lo. Acredito que na maioria dos lares as crianças são ensinadas a orarem antes de deitarem-se à noite. Contudo, acho que, com bastante freqüência, há uma certa negligência quanto à oração matinal. No entanto, ao pararmos para pensar, veremos que é durante as primeiras horas do dia que nossos meninos e meninas precisam da proteção de Deus e da orientação de Seu Espírito Santo, ainda mais do que quando estão dormindo.¹²

Vocês estão seguindo a admoestação de Cristo de orar ao Pai e ensinando seus filhos a orarem, para que os atributos divinos e a reverência a Deus e Sua obra sejam instilados diariamente no coração de seus filhos? Isso deve acontecer em cada lar. Orem não só para vocês mesmos, mas orem até por seus inimigos.¹³

Pais, se vocês não fizerem nada mais, ao menos ajoelhem-se de manhã com seus filhos. Sei que as manhãs tendem a ser agitadas, (...) mas tirem algum tempo para ajoelharem-se e convidarem Deus a estar presente em seu lar. A oração é uma grande força.¹⁴

Por meio da oração familiar, permitam aos pais e filhos entrar na presença de Deus.¹⁵

A oração traz muitas bênçãos grandiosas.

Dei-me conta ontem do poder das (...) orações em toda a Igreja ao receber a carta de um antigo vizinho de minha cidade natal. Ele estava ordenhando suas vacas quando ouviu no rádio



“Vocês estão seguindo a admoestação de Cristo de orar ao Pai e ensinar seus filhos a orar?”

de seu celeiro que o Presidente [George Albert] Smith falecera. Veio-lhe à mente o que poderia acontecer comigo, seu conterrâneo, e ele saiu do celeiro e foi para casa contar a sua esposa. Imediatamente, eles chamaram seus filhinhos e, em sua casa humilde, suspenderam suas atividades e ajoelharam-se para orar. Peço que reflitam sobre o significado dessa cena. Multipliquem agora por cem mil, duzentos mil, quinhentos mil lares e verão o poder que emana da união e das orações, bem como sua influência fortificante no corpo da Igreja.¹⁶

Se conseguirmos levar nossos jovens a terem (...) fé e assim buscarem a seu Deus em segredo, há pelo menos quatro bênçãos grandiosas que advirão aqui e agora. A primeira delas é a gratidão — gratidão pelas bênçãos, mesmo as que antes passavam despercebidas. A alma deles se encherá de agradecimento pelo que Deus lhes fez. Eles se verão ricos nos favores concedi-

dos pela mão do Senhor. O rapaz que fecha a porta atrás de si, cerra as cortinas e, em silêncio, implora o auxílio de Deus deve primeiro abrir a alma em gratidão pela saúde, pelos amigos, pelos entes queridos, pelo evangelho, pelas manifestações da existência de Deus, conforme as vemos nas rochas, árvores, pedras e flores e todas as demais coisas a nossa volta. Ele deve, em primeiro lugar, contar suas muitas bênçãos, mencionando-as uma a uma. [Ver “Conta as Bênçãos”, *Hinos*, 57.]

A segunda bênção da oração é a orientação. Não posso conceber que um rapaz venha a perder-se caso se ajoelhe ao lado da cama pela manhã e ore a Deus para ajudá-lo a manter-se livre das manchas dos pecados do mundo. Acho que uma jovem não cometerá grandes erros caso se ajoelhe de manhã e ore para permanecer pura e imaculada ao longo do dia que se inicia. Não consigo pensar num membro da Igreja que nutrirá inimizade no coração se sinceramente e em segredo orar a Deus para que retire de seu coração todos os sentimentos de inveja e maldade por seus semelhantes. Orientação? Sim, Deus estará por perto para guiar e orientar quem O “buscar com fé e com todo o fervor de sua alma”.

A terceira bênção é a confiança. Em todo o mundo, há dezenas de milhares de estudantes que estão empenhados para terminar os estudos. Ensinemos a eles que, se desejarem ter êxito, devem buscar a Deus, para que o maior Mestre do mundo esteja a seu lado para guiá-los. Quando os estudantes sentirem que podem buscar ao Senhor em oração, receberão confiança de que podem dominar o conteúdo ministrado nas aulas, preparar as apresentações orais, pôr-se diante dos colegas e apresentar seus trabalhos sem medo de fracassar. A confiança resulta da oração sincera.

Por fim, eles receberão inspiração. Não é simples imaginação: podemos de fato buscar a Deus e receber luz e orientação Dele, para que nossa mente seja iluminada e nossa alma tocada por Seu Espírito. (...) Joseph Smith sabia disso; e o testemunho, a evidência da inspiração do Profeta Joseph Smith manifesta-se a todos os que abrirem os olhos para ver e o coração para compreender.¹⁷

Sugestões para Estudo e Discussão

- De que forma a oração fortaleceu seu relacionamento com Deus? Por que é importante saber que você está orando a seu Pai Celestial, em cuja imagem você foi criado? (Ver as páginas 77–79.)
- Quais são algumas maneiras pelas quais Deus responde às orações? (Ver as páginas 79–80.) Por que parece que algumas orações não são respondidas de imediato? Que bênçãos você já recebeu em resposta a orações?
- Que qualidades ou atitudes podemos adotar que ajudarão nossas orações a tornarem-se mais sinceras e significativas? (Ver as páginas 80–81.) Como podemos preparar-nos espiritualmente antes de fazer uma oração?
- Como os pais podem ensinar os filhos a orar? (Ver as páginas 81–83.) De que forma a oração individual e familiar no lar pode influenciar a vida das crianças? (Ver as páginas 81–83.) Por que a oração diária desempenha um papel tão significativo para fortalecer e unir as famílias?
- Quais são algumas das bênçãos resultantes da oração regular? (Ver as páginas 83–85.) O que podemos fazer para tornar nossas orações mais significativas e menos repetitivas e mecânicas?
- Como a oração sincera e honesta pode ajudar a purificar a alma de sentimentos negativos ou maldosos em relação aos outros?

Escrituras Relacionadas: Mateus 21:22; Tiago 5:16; 2 Néfi 32:8–9; Alma 17:3; 34:17–28; 3 Néfi 18:18–21; D&C 19:38

Notas

1. Conference Report, abril de 1922, p. 65.
2. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 58–59.
3. Conference Report, abril de 1969, pp. 152–153; alterações na disposição dos parágrafos.
4. Conference Report, outubro de 1954, p. 84.
5. Conference Report, abril de 1922, p. 64; alterações na disposição dos parágrafos.
6. *Stepping Stones to an Abundant Life*, comp. Llewelyn R. McKay (1971), p. 42.

7. *Pathways to Happiness*, comp. Llewelyn R. McKay (1957), pp. 225–226.
8. Conference Report, abril de 1966, p. 107.
9. Conference Report, abril de 1934, p. 23.
10. Conference Report, abril de 1912, pp. 52–53.
11. *True to the Faith: From the Sermons and Discourses of David O. McKay*, comp. Llewelyn R. McKay (1966), pp. 210–211.
12. Conference Report, outubro de 1917, pp. 57–58.
13. Conference Report, outubro de 1919, p. 78.
14. *Man May Know for Himself: Teachings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss (1967), p. 300.
15. *Stepping Stones to an Abundant Life*, p. 281.
16. Conference Report, abril de 1951, p. 158.
17. Conference Report, abril de 1922, pp. 64–65.



“Estamos rodeados de tentações, mas podemos, assim como Cristo no Monte da Tentação, erguer-nos acima delas.”



Sobrepujar a Tentação

Resistam ao mal, e ele fugirá de sua face. Flertem com ele e logo terão algemas — não nos punhos, mas na alma.¹

Introdução

Quando era um jovem missionário na Escócia, David O. McKay assistiu a uma reunião dirigida por James L. McMurrin, conselheiro na presidência da Missão Européia. No decorrer da reunião, os presentes testemunharam várias manifestações dos dons do Espírito. Cerca de 70 anos depois, numa reunião do sacerdócio, o Presidente McKay contou: “Lembro-me, como se fosse ontem, da intensidade da inspiração recebida naquela ocasião. Todos sentiram o Espírito do Senhor derramar-se com abundância. Todos eram verdadeiramente de um só coração e uma só mente. Eu jamais sentira uma emoção semelhante. (...)”

Foi nesse ambiente que James L. McMurrin fez o que posteriormente se revelou uma profecia. Eu já sabia, pela convivência íntima com ele, que se tratava de alguém muito nobre. Sua fé no evangelho era profunda. Jamais existiu um homem mais leal, mais fiel a suas convicções. Assim, quando ele se virou para mim e fez o que na época considerei mais uma advertência do que uma promessa, suas palavras tiveram um impacto indelével sobre mim. Parafraseando as palavras do Salvador a Pedro, o irmão McMurrin disse: ‘Deixe-me dizer-lhe, irmão David, Satanás deseja cirandá-lo como trigo, mas Deus está velando por você’. [Ver Lucas 22:31.] (...)

Naquele instante, passaram como um filme em minha mente as tentações que haviam surgido em meu caminho, e percebi melhor que o Presidente McMurrin ou qualquer outro homem como ele tinha razão ao dizer que Satanás desejava tomar-me para si. Naquele momento, com a resolução de conservar a fé, nasceu em mim o desejo de servir meu próximo; e com isso me

dei conta, ainda que superficialmente, da dívida que eu tinha para com o élder que levava a mensagem do evangelho restaurado a meu avô e minha avó, que tinham aceitado a mensagem anos antes no norte da Escócia e no sul do País de Gales”.

O Presidente McKay concluiu essa história para os rapazes da Igreja dando conselhos que se aplicam a todos: “Peço a Deus que continue a abençoá-los. (...) Não permitam que as tentações os desencaminhem”.²

Ensinamentos de David O. McKay

Precisamos proteger a nós mesmos e a nossa família da influência do adversário.

Árvores que permanecem de pé mesmo em meio a um furacão não raro sucumbem diante de pragas devastadoras causadas por insetos que mal conseguimos ver no microscópio. Da mesma forma, os maiores inimigos da humanidade hoje são as influências sutis e por vezes invisíveis que estão em ação na sociedade e corroendo os homens e mulheres de nossa época. O teste supremo de fidelidade e excelência do povo de Deus é um teste pessoal. O que as pessoas estão fazendo individualmente?

Todas as tentações que nos advêm chegam de uma das três formas a seguir:

- (1) Uma tentação dos apetites ou paixões;
- (2) A entrega ao orgulho, à moda ou à vaidade;
- (3) O desejo de riquezas do mundo ou poder e domínio sobre territórios ou bens terrenos.

Essas tentações nos chegam em nossas reuniões sociais, em nossas atividades políticas, em nossas relações comerciais, na fazenda, nos estabelecimentos mercantis. Em todas as nossas atividades cotidianas, deparamo-nos com essas influências insidiosas em ação. É quando elas se manifestam à consciência de cada pessoa que se deve exercer a defesa da verdade.

A Igreja ensina que a vida terrena é uma provação. O dever do homem é tornar-se o *senhor* e não o *escravo* da natureza. Seus apetites devem ser controlados e usados em benefício de sua

saúde e para a prolongação de sua vida — suas paixões devem ser dominadas e controladas para a felicidade e bem-estar dos demais. (...)

Se vocês viverem de acordo com os sussurros do Espírito Santo e continuarem a proceder dessa forma, sua alma se encherá de alegria. Caso se desviem e se dêem conta de estarem aquém do que sabem ser correto, serão infelizes mesmo que possuam todas as riquezas do mundo. (...)

Em sua busca de diversão, os jovens são sempre tentados a entregarem-se às coisas que apelam apenas ao lado mais baixo da humanidade. Cinco dos mais comuns desses males são: *primeiro*, a vulgaridade e a obscenidade; *segundo*, a bebida e as carícias íntimas; *terceiro*, a violação da lei da castidade; *quarto*, a deslealdade; e *quinto*, a irreverência.

A vulgaridade costuma ser o primeiro passo no caminho da permissividade. Ser vulgar é conferir uma conotação ofensiva a algo de bom gosto ou a sentimentos refinados.

Da vulgaridade à obscenidade há apenas um passo. É correto, de fato essencial, para a felicidade de nossos jovens que eles se reúnam em festas sociais, mas constitui indicador de baixos padrões morais o fato de o entretenimento precisar recorrer a estímulos físicos e conduta indigna. Festas em que há bebidas alcóolicas e nas quais os participantes se entregam a intimidades físicas formam um ambiente no qual o senso moral se enfraquece e as paixões desenfreadas assumem o controle. Então, torna-se fácil dar o último passo rumo à derrocada moral.

Quando um homem ou uma mulher escolhem, em vez de uma vida pautada por elevados princípios morais, uma conduta de permissividade moral e se rebaixam cada vez mais na escala da degeneração, a deslealdade torna-se parte inevitável de sua natureza. A lealdade aos pais deixa de existir; a obediência a seus ensinamentos e ideais é abandonada; a lealdade à esposa e aos filhos perde a importância em meio à gratificação de desejos vis; a lealdade à Igreja torna-se impossível e tende a ser substituída por críticas a seus ensinamentos.³

A tentação tende a vir sem grande alarde. Pode ser que ninguém além da própria pessoa tome conhecimento do deslize,

mas se de fato sucumbir, ela se enfraquecerá e ficará manchada pelos males do mundo.⁴

Satanás foi expulso por desejar tomar o lugar do Criador. Contudo, seu poder ainda se manifesta. Ele trabalha arduamente e impele em todos os momentos as pessoas a negarem a existência de Deus e de Seu Filho Amado e a eficácia do evangelho de Jesus Cristo.⁵

O inimigo está sempre em ação. Ele é astuto e traiçoeiro e usa todas as oportunidades para tentar corroer os alicerces da Igreja e sempre que possível a ataca para enfraquecê-la ou destruí-la. (...) Deus concedeu-nos a liberdade de escolha. Nosso progresso moral e espiritual depende do uso que fizermos dessa liberdade.⁶

Satanás ainda está determinado a vencer, e seus emissários receberam mais poder hoje do que ao longo de todos os séculos passados. Estejam preparados para deparar-se com condições difíceis e com idéias que parecem razoáveis, mas que na verdade provêm do mal. A fim de fazermos frente a essas forças, precisamos confiar nos sussurros do Espírito Santo, aos quais temos direito. Eles são reais.

Deus está guiando esta Igreja. Sejam fiéis e leais a ela. Sejam fiéis e leais a sua família. Protejam seus filhos. Guiem-nos, não arbitrariamente, mas por meio do exemplo bondoso de um pai e contribuam assim para o fortalecimento da Igreja, por meio do exercício do seu sacerdócio em seu lar e em sua vida.⁷

O fato de sermos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias traz consigo a responsabilidade de sobrepujar as tentações, de combater o erro, de aperfeiçoar a mente e de desenvolver o espírito até que ele chegue à medida da estatura completa de Cristo.⁸

O adversário tenta atingir-nos em nossos pontos mais fracos, mas adquirimos força ao resistirmos a ele.

Vocês não podem permitir-se brincar com o Maligno. Resistam às tentações, resistam ao Diabo e ele fugirá de sua presença. [Ver Tiago 4:7.]

O Salvador deu-nos num monte o maior exemplo de todo o mundo. (...) Logo depois de Seu batismo, Ele foi levado ao monte que hoje é conhecido como Monte da Tentação. Não sei se é exatamente nesse lugar que Ele ficou e jejuou durante quarentas dias. Mas foi a um monte que Ele Se dirigiu e, depois de (...) quarenta dias, foi abordado pelo Tentador. O Diabo aproximou-se Dele, conforme é-nos dito e, como sempre faz, tentou atingi-Lo no que ele julgava ser Seu ponto mais fraco.

Depois de algum tempo de jejum, o Tentador achou que Jesus estaria com fome, e a primeira tentação, como vocês devem estar lembrados, foi: “Se” — disse ele com sarcasmo — “tu és o Filho de Deus”, fazendo referência ao testemunho do Pai quando declarou “Este é meu Filho amado” — “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães”. E há uma pedra naquela região que guarda certa semelhança com um pão de trigo judeu, o que tornava a tentação ainda mais atraente. A resposta de Cristo foi: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”. (Mateus 4:3-4.)

A tentação seguinte também citava passagens das escrituras. Era um apelo à vaidade, ao desejo de exercer domínio sobre as pessoas: “Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo (...)” (do pináculo do templo), “(...) porque está escrito: (...)” (e o Diabo sabe citar escrituras para cumprir seus propósitos) “(...) aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra”. E a resposta foi: “Não tentarás o Senhor teu Deus”. (Mateus 4:6-7)

A terceira tentação dizia respeito ao amor às riquezas e ao poder. O Tentador levou Jesus a uma montanha elevada e mostrou-Lhe as coisas e o poder do mundo. Ele não foi sarcástico nessa tentação, mas estava suplicante, pois a resistência do Salvador o enfraquecera. Ele mostrou-Lhe as coisas do mundo. “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. Erguendo-Se na majestade de Sua divindade, Jesus ordenou: “Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”. E o Tentador bateu em retirada. [Ver Mateus 4:8-11.] (...)

A mesma história repete-se em nossa vida. (...) Nosso ponto mais fraco será justamente o ponto escolhido pelo Diabo para

tentar-nos e para procurar derrotar-nos. E se estávamos fracos antes de começarmos a servir ao Senhor, ele aumentará essa fraqueza. Resistamos a ele e ganharemos forças. Ele nos tentará em outros pontos. Resistamos a ele e ele se tornará mais fraco e nós mais fortes, até sermos capazes de dizer, sejam quais forem as circunstâncias: “Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás”. (Lucas 4:8)⁹

Com Seus discípulos pouco antes do Getsêmani, (...) [Jesus] disse: “E eu já não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo, (...)”

Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal”. (João 17:11, 15)

É uma lição para nós. (...) Estamos rodeados de tentações, mas podemos, assim como Cristo no Monte da Tentação, erguer-nos acima delas.¹⁰

Ao vivermos de acordo com o evangelho e exercermos autocontrole, receberemos alegria e paz.

Enquanto o adversário da verdade estiver livre para exercer domínio sobre este mundo, vamos sofrer ataques, e a única maneira de responder a esses ataques é viver o evangelho.¹¹

Este evangelho dá-nos a oportunidade de viver acima deste velho mundo e suas tentações e, por meio do autocontrole e do autodomínio, de viver em espírito, e essa é a vida real aqui e no mundo vindouro.¹²

Tomemos consciência, como nunca antes, que o domínio de nossas inclinações pessoais constitui o âmago da religião cristã e de todas as religiões. Por natureza, as pessoas são egoístas e propensas a darem vazão a seus impulsos imediatos. É preciso a religião, ou algo mais elevado que os indivíduos ou mesmo uma sociedade de indivíduos, para sobrepujar os impulsos egocêntricos do homem natural. (...) O autodomínio vem por meio da renúncia a pequenas coisas. Cristo expressou essa idéia com as seguintes palavras singulares: “(...) aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”. (Mateus 16:25)

Sempre que nos esquecemos de nós mesmos e nos empenhamos pelo bem-estar alheio e por algo mais elevado e melhor, erguemo-nos à esfera espiritual. Se, no momento de disputas, no momento da tentação de acharmos erros uns nos outros, deixarmos de lado nosso ego exacerbado pelo bem da Igreja à qual pertencemos, pelo bem da comunidade e principalmente pelo progresso do evangelho de Jesus Cristo, seremos abençoados espiritualmente e recompensados com a felicidade.

*“E se eu derrotar meus inimigos
E bens e riquezas acumular!
Serei um conquistador pobre de fato
Até minha própria alma subjugar.”*
[Autor desconhecido.]¹³

Uma pessoa que dá livre vazão a seus apetites, seja em segredo ou abertamente, possui um caráter que não lhe servirá quando ela for tentada a entregar-se a suas paixões.¹⁴

Os pensamentos que continuamente povoam a mente de um homem determinam suas ações em momentos de oportunidade e tensão. A reação de um homem a seus apetites e impulsos quando eles se manifestam dá a medida do caráter desse homem. Nessas reações, revela-se sua capacidade de governar ou sua servidão a seus ímpetos.¹⁵

As ações que estiverem em harmonia com a lei divina e as leis da natureza trarão felicidade, e as que se opuserem à verdade divina produzirão infortúnio. O homem é responsável não só por seus atos, mas também por suas palavras e pensamentos ociosos. O Salvador disse:

“(…) de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo.” (Mateus 12:36)¹⁶

Todas as coisas boas exigem esforço. Tudo o que vale a pena possuir custará parte de nosso ser físico, de nossa capacidade intelectual e de nosso poder espiritual. “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.” (Mateus 7:7) Mas é preciso buscar, é preciso bater. Por outro lado, o pecado lança-se sobre nós. Ele caminha a nosso lado, tenta-nos, incita-nos, procura seduzir-nos. Não é preciso fazer o menor esforço. (…)

É como as propagandas que tentam atrair-nos à bebida e ao fumo. É como a mensagem que chega em nosso próprio lar pela televisão e pelo rádio. (...) O mal vem a nosso encontro, e é preciso empenho e fortaleza para combatê-lo. No entanto, a verdade e a sabedoria só são alcançadas por meio da busca, da oração e do esforço diligente.¹⁷

Tenhamos sempre em mente que a vida é, em grande parte, o que fazemos dela e que o Salvador dos homens ensinou com grande clareza e precisão como podemos obter alegria e paz. É no evangelho de Jesus Cristo e na obediência a ele.¹⁸

Que Deus permita que, ao buscarmos o estabelecimento pleno do reino de Deus, ensinemos nossos jovens e os membros da Igreja em todas as partes a resistirem às tentações que enfraquecem o corpo e destroem a alma. Que nos renovemos, na verdadeira aceção da palavra, de modo a nascermos de novo; que nossa alma resplandeça na luz do Espírito Santo e que sigamos em frente como verdadeiros membros da Igreja de Jesus Cristo até concluirmos nossa missão na Terra.¹⁹

Sugestões para Estudo e Discussão

- O Presidente McKay usou a analogia de árvores fortes que são capazes de resistir a grandes tempestades, mas que são destruídas por insetos microscópicos que se infiltram nelas. (Ver a página 90.) De que forma essa comparação se aplica a nossa luta contra a tentação? (Ver as páginas 90–92.) O que podemos fazer para impedir que a tentação entre em nossa vida? Como podemos fortalecer as crianças e jovens contra as tentações crescentes do mundo?
- De que forma as tentações diferem, dependendo de nossa situação individual? O que podemos fazer para ajudar uns aos outros a resistir às tentações?
- O que podemos aprender na passagem em que o Salvador resistiu às tentações de Satanás? (Ver Mateus 4:1–11 e Lucas 4:1–13; *Guia para Estudo das Escrituras*, Seleções da Tradução de Joseph Smith da Bíblia em Inglês, Mateus 4:1, 5–6, 8–9; ver também D&C 20:22.)

- De que forma o prazer de ceder às tentações difere da alegria de seguir ao Salvador?
- De que forma Satanás tenta valer-se de nossas fraquezas? (Ver as páginas 92–94.) Como podemos sobrepujar nossas fraquezas por meio de Jesus Cristo? (Ver também Éter 12:27.)
- O que você pode fazer para resistir às tentações que surgem em sua vida e sobrepujá-las? Por que é essencial estabelecer firmemente nossos valores antes de nos depararmos com situações em que há tentações?
- Em nosso empenho para seguir ao Salvador e resistir às tentações, como o fato de recordar que “ninguém pode servir a dois senhores” pode ajudar-nos? (Mateus 6:24)
- Como os pensamentos justos e salutareos podem ajudar-nos a vencer as tentações? O que podemos fazer para desenvolver o autodomínio e o autocontrole mencionados tantas vezes pelo Presidente McKay? (Ver as páginas 92–94.)

Escrituras Relacionadas: I Coríntios 10:13; Tiago 1:12–17; II Pedro 2:9; 1 Néfi 12:17; 15:23–24; Helamã 5:12; 3 Néfi 18:18–19; D&C 10:5.

Notas

1. *Gospel Ideals* (1953), p. 352.
2. Conference Report, outubro de 1968, p. 86.
3. Conference Report, outubro de 1963, pp. 7–8.
4. Conference Report, outubro de 1911, p. 59.
5. Conference Report, outubro de 1965, p. 9.
6. Conference Report, abril de 1967, p. 6.
7. Conference Report, abril de 1969, p. 97.
8. *Gospel Ideals*, p. 503.
9. Conference Report, outubro de 1959, p. 88.
10. Conference Report, outubro de 1953, p. 11.
11. Conference Report, outubro de 1955, p. 90.
12. Conference Report, abril de 1969, p. 153.
13. Conference Report, abril de 1967, p. 133; alterações na disposição dos parágrafos.
14. Conference Report, abril de 1968, p. 8.
15. Conference Report, abril de 1967, p. 8.
16. Conference Report, abril de 1950, p. 33.
17. Conference Report, outubro de 1965, pp. 144–145.
18. Conference Report, outubro de 1963, p. 9.
19. Conference Report, abril de 1960, p. 29.



*“A visita do Pai e do Filho a Joseph Smith constitui o alicerce desta Igreja.
Nisso reside o segredo de sua força e vitalidade.”*



O Chamado Divino do Profeta Joseph Smith

Tenho um testemunho inabalável de que o Pai e o Filho apareceram ao Profeta Joseph Smith e revelaram por meio dele o evangelho de Jesus Cristo, que é, de fato, “o poder de Deus para salvação”. [Romanos 1:16.]

Introdução

O Presidente David O. McKay disse: “Desde minha infância é fácil, para mim, acreditar na realidade das visões do Profeta Joseph Smith”.² Ele disse que seu testemunho do Profeta Joseph Smith foi fortalecido quando ouviu uma experiência que seu pai teve como missionário na Escócia:

“Quando [meu pai] começou a pregar em seu país natal e a prestar testemunho da restauração do evangelho de Jesus Cristo, percebeu que as pessoas se afastavam dele. Elas tinham amargura na alma contra tudo [o que dissesse respeito à Igreja], e o nome de Joseph Smith parecia despertar antagonismo em seu coração. Certo dia, ele concluiu que a melhor maneira de tocar essas pessoas seria pregar apenas preceitos simples como a Expiação do Senhor Jesus Cristo e os primeiros princípios do evangelho em vez de testificar da restauração. Ao cabo de um mês, ele sentiu-se oprimido por um sombrio sentimento de angústia, e não conseguia mais entrar no espírito do trabalho. Ele não sabia qual era o problema, mas sua mente obstruiu-se, seu espírito deprimiu-se; ele ficou desalentado e sem ação. Essa depressão continuou até tornar-se algo extremamente pesado, a ponto de ele buscar ao Senhor e dizer: ‘A menos que eu me livre desses sentimentos, terei que voltar para casa. Não posso continuar com esse tipo de impedimento a meu trabalho’.

O desânimo continuou por algum tempo depois desse dia até que, certa manhã antes do alvorecer, após uma noite sem dormir, ele decidiu isolar-se numa gruta, perto do mar, onde sabia que estaria totalmente isolado do mundo e poderia abrir a alma a Deus e perguntar-Lhe por que estava tão angustiado, o que ele fizera e o que poderia fazer para livrar-se daqueles sentimentos e continuar o trabalho. Ele partiu no escuro rumo à caverna. Estava tão ansioso para chegar logo que começou a correr. Ao sair da cidade, foi interpelado por um policial que desejava explicações. Ele deu uma resposta vaga, mas que satisfez ao policial, e recebeu permissão para seguir em frente. Algo parecia impeli-lo; ele precisava de alívio a seus tormentos. Entrou na gruta e disse: ‘Ó Pai, o que posso fazer para livrar-me desses sentimentos? Se não conseguir removê-los, não terei como continuar nesta obra’. Então, ele ouviu uma voz, tão distinta quanto a que lhes está falando agora: ‘Testifique que Joseph Smith é um profeta de Deus’. Lembrando-se do que ele decidira tacitamente seis semanas ou mais antes e sentindo-se subjugado por esse pensamento, tudo lhe pareceu claro. Ele percebeu que estava lá para uma missão especial e que ele não dera a essa missão a atenção devida. Em seguida, ele disse em seu coração: ‘Senhor, basta’, e saiu da gruta.”

O Presidente McKay escreveu: “Em minha infância, eu sentava-me e ouvia esse testemunho de alguém que eu amava e honrava como, vocês sabem bem, nenhum outro homem no mundo, e essa certeza foi instilada em minha alma jovem”.³

Ensinamentos de David O. McKay

A Primeira Visão de Joseph Smith revelou verdades gloriosas sobre Deus o Pai e Jesus Cristo.

As descobertas e invenções da segunda metade do século [19] foram tão significativas e de tão longo alcance que nos surpreendem. (...) Mas nenhuma delas respondeu à maior necessidade do homem nem atendeu a seu anseio mais palpitante. Nenhuma revelou até agora o que o homem vem buscando há séculos. Essa necessidade — esse desejo constante do coração

humano — é conhecer a Deus e a relação do homem com Ele. (...) Apenas um evento do século 19 afirma ter concedido essas respostas à alma humana. Se nesse acontecimento o homem encontrar a verdade pela qual a raça humana sempre buscou, então ele merecerá o prêmio de maior evento do século dezanove!

Esse evento foi a visita de dois Seres celestiais ao menino Profeta Joseph Smith, revelando a identidade pessoal respectivamente de Deus o Pai Eterno e de Seu Filho Jesus Cristo.⁴

Mil e oitocentos anos depois da morte de Jesus na cruz, o Profeta Joseph Smith declarou que o Senhor ressurreto apareceu a ele. [Ele disse]: “(...) [Vi] dois Personagens cujo esplendor e glória desafiam qualquer descrição, pairando no ar, acima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!*” [Joseph Smith — História 1:17]⁵

Sua declaração foi simples, porém incisiva; e ele ficou surpreso quando os homens duvidaram de sua veracidade. Para ele, essa afirmação era apenas a declaração de um simples fato; para o mundo cristão, ela revelou-se um raio que, ao atingi-lo, abalou sua estrutura religiosa do topo aos alicerces.

Dois elementos importantes nessa primeira mensagem foram os seguintes: primeiro, Deus é um Ser pessoal, que comunica Sua vontade ao homem; e segundo, nenhum credo da cristandade tinha o verdadeiro plano de salvação.⁶

A visita do Pai e do Filho a Joseph Smith constitui o alicerce desta Igreja. Nisso reside o segredo de sua força e vitalidade. Isso é verdade, e presto testemunho. Essa revelação responde a todos os questionamentos da ciência em relação a Deus e Sua personalidade divina. Percebem o que significa isso? É a resposta à pergunta: Quem é Deus? É a explicação da relação Dele com Seus filhos. Por meio desse acontecimento, fica manifesto Seu interesse na humanidade por meio da autoridade delegada ao homem. Fica garantido o futuro do trabalho. Essas e outras verdades gloriosas são esclarecidas por essa gloriosa primeira visão.⁷

O mundo ainda não compreende seu significado. Contudo, como fator que contribui ao conhecimento do homem de sua relação com a Deidade e de seu lugar no universo; como meio de estabelecer relacionamentos adequados entre os homens como indivíduos e grupos de homens como nações; como revelação que aponta o caminho para a felicidade do homem e a paz na Terra bem como na eternidade, a visita do Pai e do Filho a Joseph Smith e a subsequente restauração do sacerdócio e o estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo em sua plenitude ainda hão de ser reconhecidos não apenas como os eventos mais grandiosos do século 19, mas contados entre os mais extraordinários de todos os tempos.⁸

**O Senhor restaurou as verdades do evangelho
por meio do Profeta Joseph Smith.**

É sobre Joseph Smith que desejo falar — não só como um grande homem, mas como um servo inspirado do Senhor. (...) De fato, a grandeza de Joseph Smith reside na inspiração divina. (...)

Ninguém pode estudar crítica e intelectualmente o evangelho restaurado de Jesus Cristo, sem ficar profundamente impressionado com a harmonia de seus ensinamentos com aqueles ministrados pelo próprio Senhor e Salvador quando Ele estava na Terra com Seus discípulos. Pensem, por exemplo, na revelação do Profeta sobre o Criador — Deus como um Ser inteligente, Alguém que é, como ensinou Jesus, o “Pai nosso que [está] nos céus”. [Ver Mateus 6:9.]

A doutrina ensinada por Joseph Smith de que Jesus Cristo é o Unigênito do Pai, o Salvador do mundo, é idêntica aos princípios saídos da boca do próprio Jesus e de Seus apóstolos.

O mesmo se dá com a doutrina da continuação da personalidade depois da morte. (...)

A mesma harmonia encontra-se nos demais princípios do evangelho, como a fé, o arrependimento, o batismo, a imposição de mãos para o dom do Espírito Santo, a ordenação ao sacerdócio, os ensinamentos sobre “a ciência, a temperança, a divindade, o amor fraternal, a caridade” e outros atributos. [Ver II Pedro 1:5–7; D&C 4:6.] (...)

(...) Os defensores do batismo de criancinhas ensinaram o seguinte a respeito delas: “As crianças que vêm ao mundo não só são desprovidas de conhecimento, retidão e santidade, mas possuem uma inclinação natural para o mal e apenas o mal”.

(...) Com audácia e destemor, e falando como alguém que tem plena convicção de suas idéias, o Profeta Joseph declarou: “Mas as criancinhas são santas, sendo santificadas por meio da Expição de Jesus Cristo”. [Ver D&C 74:7.]⁹

A inspiração divina manifesta-se (...) no anúncio glorioso [feito por Joseph Smith] da natureza eterna dos convênios e cerimônias e da oportunidade de salvação para todos os seres humanos. A Igreja não é exclusivista, mas inclui cada alma que aceita seus princípios. (...) Toda a humanidade será salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho. Mesmo aqueles que morreram sem a lei serão julgados sem a lei. Para esse fim foi revelada a ordenança da salvação pelos mortos.

A natureza eterna do convênio matrimonial é uma revelação gloriosa e traz a certeza aos corações unidos pelo amor e selados pela autoridade do santo sacerdócio de que sua união é eterna.

Os demais convênios também continuam com progresso eterno ao longo de toda a eternidade.

Joseph Smith não poderia ter criado tudo isso com base em sua própria sabedoria, intelecto e influência. Ele não poderia tê-lo feito.¹⁰

O Senhor revelou nesta época o Plano de Salvação, que é nada mais nada menos que o caminho que conduz à esfera espiritual, edificando um caráter digno do ingresso em Seu reino. O Plano é o evangelho de Jesus Cristo conforme restaurado ao Profeta Joseph Smith. Ele é ideal e abrangente.¹¹

**A Igreja restaurada de Jesus Cristo é uma evidência
da inspiração divina do Profeta Joseph.**

Por volta de 1820, a agitação religiosa levou Joseph Smith a buscar a igreja verdadeira, a maneira adequada de louvar ao Senhor, o modo correto de viver. A sede de conhecimento impeliu o jovem a buscar ao Senhor em oração sincera. Um dos resul-

tados da resposta à sua oração foi a organização da Igreja na casa de Peter Whitmer em (...) 6 de abril de 1830. Nessa organização podemos compreender, em sua integralidade, o plano para a salvação do homem.

Desejo mostrar que a instituição da Igreja é uma evidência da inspiração de Joseph Smith. (...) [Ela] sobreviveu a dificuldades financeiras, a turbulências sociais e a agitações religiosas; e hoje ela permanece firme como um dos meios de atender às maiores necessidades da humanidade. (...)

(...) “A Igreja de Jesus Cristo foi organizada de acordo com a ordem da Igreja conforme registrada no Novo Testamento”, disse Joseph Smith. [Ver *History of the Church, volume 1 p. 79.*] A atuação prática e benéfica desta organização prova sua autenticidade divina.¹²

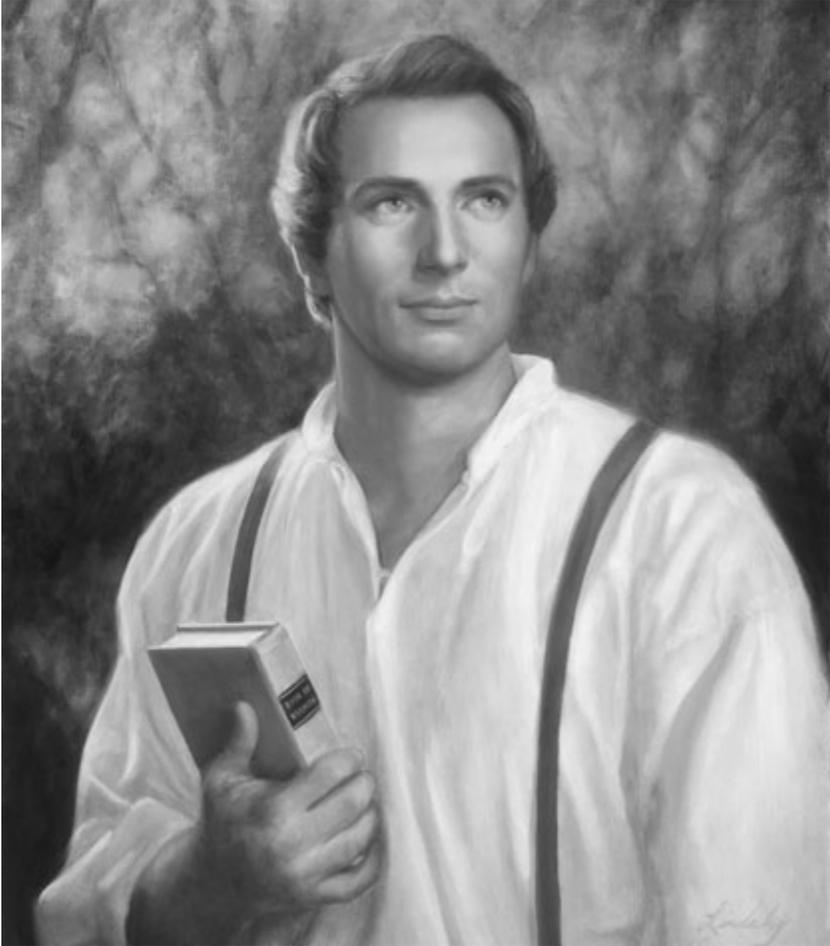
Muitos anos atrás, Joseph Smith, um simples rapaz entre quatorze e quinze anos de idade, declarou que, em resposta a uma oração, recebeu uma revelação de Deus. (...) O resultado dessa declaração foi seu imediato ostracismo no mundo religioso. Em pouquíssimo tempo, ele viu-se sozinho.

Sozinho — e sem o conhecimento e a filosofia de seus contemporâneos!

Sozinho — e sem instrução nas artes e ciências!

Sozinho — sem filósofos para instruí-lo, sem ministros para guiá-lo! Cheio de bondade e simplicidade, ele correu para contar-lhes sua gloriosa mensagem; com escárnio e menosprezo, eles afastaram-se dele e disseram que tudo aquilo era obra do demônio; que não existiam mais visões ou revelações em nossa época; que todas essas coisas tinham cessado com os apóstolos; e que não havia mais nada dessa natureza. [Ver Joseph Smith — *História 1:21.*]

Assim, ele foi deixado a sós e à deriva num mar de idéias religiosas, tendo-se recusado a zarpar em todas as embarcações conhecidas e sem jamais ter construído uma ou sequer visto uma ser fabricada. Certamente, se ele fosse um impostor, o navio que ele teria condições de construir seria algo extremamente tosco.



“O resultado da orientação divina de [Joseph Smith] foi a certeza da veracidade do que ele ensinava e o destemor ao proclamá-lo.”

Por outro lado, se o barco fabricado por ele possuir uma excelência superior à oferecida ao mundo por professores instruídos e filósofos ao longo dos séculos anteriores, os homens serão forçados ao menos a dizer, tomados de surpresa: “De onde vem a sabedoria desse homem?”

Assim, embora ele parecesse sozinho, estava sozinho apenas como Moisés estava sozinho no Sinai ou como Jesus estava sozinho no Monte das Oliveiras. Assim como no caso do Mestre ou do profeta Moisés, suas instruções não nos chegaram por meio

de canais humanos, mas diretamente de Deus, a fonte de toda inteligência. Ele disse: “Sou uma pedra bruta. O som do martelo e do cinzel nunca foram ouvidos em mim até o Senhor tomar-me pela mão. Desejo somente o conhecimento e a sabedoria dos céus”. [*History of the Church*, volume 5, p. 423.] (...)

Sua afirmação de receber revelações de Deus, se aceita, não deixa dúvidas quanto à autoridade dele para organizar a Igreja de Jesus Cristo na Terra e administrar com autoridade seus princípios e ordenanças. Assim, no estabelecimento desta grandiosa obra dos últimos dias foi lançada a pedra fundamental da Igreja de Cristo nesta dispensação [a saber], a autoridade de oficiar em nome de Jesus Cristo nas coisas pertinentes a Sua Igreja.¹³

Ao pensarmos nas realizações notáveis [de Joseph Smith] durante o curto período de quatorze anos entre a organização da Igreja e seu martírio; ao pensarmos na perfeita harmonia do evangelho restaurado com o da Igreja primitiva estabelecida por Jesus e Seus apóstolos; ao observarmos sua perspicácia no tocante aos princípios e ordenanças; e ao vermos o plano incomparável e a eficiência da Igreja estabelecida por inspiração do Cristo Cujo nome ela leva — a resposta à pergunta “de onde vem a sabedoria desse homem” vem na forma da tocante estrofe abaixo:

*Hoje ao profeta rendamos louvores
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz.
[Ver Hinos nº 14.]¹⁴*

**O Profeta Joseph viveu e morreu em defesa
das verdades que lhe foram reveladas.**

Os grandes homens têm a capacidade de discernir o âmago das coisas. Eles distinguem a verdade. Pensam de maneira independente. Agem com nobreza. Influenciam homens fortes a seguirem-nos. Homens de menor valor zombam deles, ridicularizam-nos, perseguem-nos, mas os críticos morrem e logo são esquecidos, ao passo que os grandes homens vivem para sempre.

Alguns dos contemporâneos de Joseph Smith escarneceram dele; outros admiraram-no; seus seguidores reverenciaram-no.

Ninguém com o espírito imparcial pode estudar a vida desse líder religioso sem ficar impressionado com o fato de ele possuir em alto grau as qualidades da verdadeira grandeza, a fonte da qual se encontra no desejo de conhecer a vontade de Deus e em estar determinado a, tendo-a encontrado, segui-la.¹⁵

Ao longo da história, a verdade foi primeiramente percebida por uns poucos líderes heróicos que, para defendê-la, não raro sacrificaram a própria vida. O progresso da humanidade deve-se à percepção clara e à coragem desses líderes intrépidos. Em um momento ou outro, eles tiveram que fazer a escolha entre negar, modificar ou defender a verdade — uma escolha entre a comodidade pessoal e o desprezo, o ostracismo, a punição ou mesmo a morte. Esse foi o tipo de escolha feito por Pedro e João quando eles foram levados como prisioneiros perante Anás, o sumo sacerdote. Foi preciso grande coragem da parte deles para testificar de Cristo na presença dos próprios homens que O haviam condenado à morte. [Ver Atos 4.]

Paulo, um prisioneiro acorrentado diante do rei Agripa e sua corte, precisou de coragem para testificar que Cristo sofrera, fora o primeiro a levantar-Se dos mortos e tinha a luz para iluminar as pessoas, incluindo os gentios. [Ver Atos 26.]

Joseph Smith precisou de coragem para testificar para um mundo descrente e amargo a verdade que Deus e Seu Filho Amado tinham aparecido a ele em visão.¹⁶

Todos os homens que provocaram transformações no mundo foram homens que permaneceram fiéis a sua consciência — homens como Pedro, Tiago e Paulo e seus irmãos do apostolado na antigüidade, bem como outros. Quando os líderes religiosos de Palmyra, Nova York, voltaram-se contra o jovem Joseph Smith pelo que ele vira e ouvira no Bosque Sagrado, ele disse, com um testemunho do Senhor Jesus em seu peito: “eu tivera uma visão; eu sabia-o e sabia que Deus o sabia e não podia negá-lo nem ousaria fazê-lo. (...)” [Joseph Smith — História 1:25]

Joseph Smith foi fiel a seu testemunho até o fim.¹⁷

O resultado da orientação divina de [Joseph Smith] foi a certeza da veracidade do que ele ensinava e o destemor ao proclamá-lo. Quando Joseph Smith ensinava uma doutrina, fazia-o com autoridade. Ele não se perguntava se ela se harmonizava com as idéias dos homens ou não, se ia ao encontro dos ensinamentos das igrejas tradicionais ou se estava em direta oposição. O que lhe foi dado, ele retransmitiu ao mundo sem levar em conta se o mundo concordava ou discordava, se estava em sintonia ou não com as crenças das igrejas ou os padrões predominantes da humanidade; e hoje, ao lançarmos um olhar panorâmico de mais de cem anos, temos uma boa oportunidade de julgar a virtude de seus ensinamentos e de emitir um parecer conclusivo sobre a fonte de sua inspiração. (...)

Ele não só recebeu orientação e instrução do Cabeça divino, mas, uma vez recebidas, defendeu-as com uma resolução inabalável.¹⁸

Em meio a críticas, desdém, ataques de turbas, encarceramentos e outras perseguições que culminaram com seu martírio, Joseph Smith — assim como Pedro e Paulo no passado — sempre se empenhou ao máximo para seguir a luz que fizera dele um “participante da natureza divina”. [Ver II Pedro 1:4.]¹⁹

O melhor sangue deste país foi derramado em inocência. [O Profeta Joseph] sabia que era inocente. Ele conhecia seus direitos, assim como seu irmão Hyrum, John Taylor e Willard Richards, que estavam com ele. No entanto, devido a mentiras condenáveis e insidiosas, o Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram martirizados.

(...) Em meio a tudo isso, qual foi a atitude do Profeta? Uma atitude serena e semelhante à de Cristo. Ele disse, ao ser levado para a cadeia de Carthage naquela noite:

“Vou como um cordeiro para o matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; tenho a consciência limpa em relação a Deus e em relação a todos os homens. Morrerei inocente e ainda se dirá de mim: foi assassinado a sangue frio.” [Ver D&C 135:4.]²⁰

A vida do Profeta, a de seu irmão, Hyrum, o patriarca, e a de centenas de milhares de outros que aceitaram a veracidade da

[Primeira Visão] são uma evidência de que o plano de salvação, conforme revelado por Jesus Cristo, contribui com toda a certeza para a formação de um caráter semelhante ao de Cristo. A revelação ao Profeta e a seu irmão Hyrum foi tão real que eles não hesitaram ao selar seu testemunho com o próprio sangue.²¹

Sugestões para Estudo e Discussão

- O Presidente McKay contou uma experiência que seu pai tivera em sua missão a respeito da necessidade de testificar de Joseph Smith. (Ver as páginas 99–100.) Por que a resposta recebida por seu pai é significativa para nós hoje em dia?
- Por que foi necessário para o Senhor chamar um profeta nos últimos dias? (Ver as páginas 100–102.) Por que um testemunho de Joseph Smith é uma parte essencial do testemunho do evangelho? De que forma a visita do Pai e do Filho a Joseph Smith constitui o “alicerce desta Igreja”?
- Quais são algumas verdades que foram reveladas por meio da Primeira Visão? (Ver as páginas 100–102.) De que forma seu conhecimento da Primeira Visão influenciou seu testemunho do Pai Celestial e Jesus Cristo?
- Quais são algumas outras doutrinas que o Senhor revelou por meio do Profeta Joseph Smith? (Ver as páginas 102–103.) De que forma você já foi abençoado ao estudar e aplicar esses princípios?
- De que forma a Igreja e seus ensinamentos constituem um testamento de que Joseph Smith foi um profeta de Deus? (Ver as páginas 103–106.)
- Quais foram alguns dos atributos cristãos demonstrados pelo Profeta Joseph Smith? (Ver as páginas 106–109.) O que você pode fazer para seguir seu exemplo?
- Que responsabilidades temos quando possuímos um testemunho de Joseph Smith e da restauração do evangelho?

Escrituras Relacionadas: Amós 3:7; 2 Néfi 3:6–15; D&C 135; Joseph Smith — História 1:1–75.

Notas

1. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), p. 16.
2. *Gospel Ideals* (1953), p. 524.
3. *Cherished Experiences*, pp. 11–12.
4. *Gospel Ideals*, pp. 79–80; alterações na disposição dos parágrafos.
5. Conference Report, abril de 1966, p. 58.
6. *Gospel Ideals*, p. 80.
7. *Gospel Ideals*, p. 85.
8. *Treasures of Life*, comp. Clare Middlemiss (1962), p. 227.
9. “The Prophet Joseph Smith — On Doctrine and Organization”, *Improvement Era*, janeiro de 1945, pp. 14–15; alterações na disposição dos parágrafos.
10. “Joseph Smith — Prophet, Seer, and Revelator”, *Improvement Era*, janeiro de 1942, p. 55.
11. *Treasures of Life*, p. 420.
12. *Improvement Era*, janeiro de 1942, pp. 13, 54.
13. *Gospel Ideals*, pp. 80–82; alterações na disposição dos parágrafos.
14. *Improvement Era*, janeiro de 1945, p. 47.
15. *Pathways to Happiness*, comp. Llewelyn R. McKay (1957), pp. 284–285.
16. *Treasures of Life*, pp. 376–377.
17. Conference Report, abril de 1969, p. 151.
18. *Gospel Ideals*, pp. 81–82.
19. Conference Report, abril de 1951, p. 95.
20. Conference Report, outubro de 1931, pp. 12–13.
21. *Treasures of Life*, pp. 226–227.



Seguir a Palavra de Sabedoria

A Palavra de Sabedoria é uma parte vital do evangelho, que é o “poder de Deus para salvação” — salvação tanto física como espiritual.¹

Introdução

O Presidente McKay ensinou e testemunhou que a Palavra de Sabedoria é um mandamento dado pelo Senhor para abençoar-nos tanto física quanto espiritualmente. Em seus ensinamentos e atos, ele guardava estritamente esse mandamento. Durante uma visita à rainha da Holanda em 1952, o Presidente e a irmã McKay tiveram uma experiência interessante. A rainha previra em sua agenda 30 minutos para conversar com eles. O Presidente McKay prestou grande atenção ao tempo e, ao fim da meia hora, agradeceu gentilmente à rainha e começou a sair. “Senhor McKay”, disse ela, “sente-se! Apreciei esses trinta minutos de conversa como há muito não apreciava quaisquer outros trinta minutos. Gostaria de prolongar um pouco nossa conversa.” Ele sentou-se novamente. Em seguida, uma mesa de café foi trazida à sala, e a rainha preparou três xícaras de chá e deu uma ao Presidente McKay, outra a irmã McKay e outra a si mesma. Quando a rainha percebeu que nenhum dos dois tomou o chá, perguntou: “Não vão tomar o chá com a rainha?” O Presidente McKay explicou: “Devo dizer-lhe que nosso povo não crê no consumo de estimulantes e, a nosso ver, o chá é um estimulante”. Ela disse: “Eu sou a rainha da Holanda. Estão dizendo que não vão tomar chá, nem com a rainha da Holanda?” O Presidente McKay respondeu: “A rainha da Holanda pediria que o líder de um milhão e trezentas mil pessoas fizesse algo que ele ensina seu povo a não fazer”? “O senhor é um grande homem, Presidente McKay”, disse ela. “Eu não lhe pediria isso.”²



Por meio de seus ensinamentos e seu exemplo, o Presidente MacKay demonstrou as bênçãos resultantes da obediência à Palavra de Sabedoria.

Ensinamentos de David O. McKay

A Palavra de Sabedoria é um mandamento claro dado por revelação do Senhor.

Em 27 de fevereiro de 1833, o Profeta Joseph Smith recebeu a revelação registrada na seção 89 de Doutrina e Convênios. (...) Gostaria de ler alguns [versículos] desta seção:

“Eis que, em verdade, assim vos diz o Senhor: Devido a maldades e desígnios que existem e virão a existir no coração de homens conspiradores nos últimos dias, eu vos adverti e previno-vos, dando-vos esta palavra de sabedoria por revelação —

Eis que não é bom nem aceitável aos olhos de vosso Pai que alguém entre vós tome vinho ou bebida forte, exceto quando vos reunis para oferecer vossos sacramentos perante ele.

E eis que deve ser vinho, sim, vinho puro de uva da videira, de vossa própria fabricação.” [D&C 89:4–6] (...)

A frase que eu gostaria de salientar é: “Eis que *não é bom* nem aceitável aos olhos de vosso Pai que alguém entre vós tome vinho ou bebida forte”. Esta é a palavra de Deus para o povo desta geração. Tem tanta força quanto as seguintes palavras do Salvador: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo”. [João 7:17] Santos dos últimos dias, vocês sabem que essa declaração do Salvador é verdadeira; testificamos que se qualquer pessoa fizer a vontade de Deus, receberá o testemunho em seu coração e em sua vida de que o evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro. Aceitamos as palavras do Salvador: “[Se] não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis”. [Lucas 13:3] Essas verdades eternas, expressas de modo tão claro, são aceitas por nós como verdade. Pode ser que não as vivamos em sua totalidade, mas como povo nós as aceitamos, pois constituem a palavra de Deus. Tão forte e eterna é a seguinte verdade: “bebidas fortes não são para o ventre”. [Ver D&C 89:7.] Contudo, mesmo transcorridos [muitos anos] e com essa doutrina sendo pregada semanalmente, se não diariamente, nas congregações de Israel, ainda encontramos em nosso meio alguns que dizem, por meio de seus atos, que elas são boas para o homem.

Alegra-me, ao estudar essa passagem, ver que o Senhor não disse: “Bebidas fortes *em excesso* não são boas” nem “A embriaguez não é boa”. Suponhamos que Ele tivesse atenuado essa frase e a modificou, dizendo: “As bebidas fortes em excesso, ou quando tomadas em grandes quantidades, não são boas”. Com que frequência nos justificaríamos dizendo que um pouco de bebida é bom? Contudo, como em outras verdades eternas, não há gradações; *bebidas fortes não são boas*.³

A meu ver, o fumo é um vício do qual devemos fugir como fugiríamos de uma picada de cascavel. O Senhor disse que o fumo não é bom para o homem. Isso deve ser o suficiente para os santos dos últimos dias.⁴

Os membros da Igreja que desenvolveram o hábito do cigarro ou do chá e café, ou ambos, são mais propensos a procurarem desculpas para abusar de outras substâncias que o Senhor disse claramente não serem boas para o homem. Sempre que tentam fazê-lo, apenas alardeiam a fraqueza de sua fé nas palavras do Senhor, que foram dadas como admoestação e “sabedoria” e cuja observância trará bênçãos tão certas e seguras como se Ele tivesse incluído essas orientações nos Dez Mandamentos.⁵

**A desobediência à Palavra de Sabedoria traz
conseqüências físicas e espirituais nocivas.**

Há uma substância no chá e no café que, ao entrar no organismo humano, tende a aumentar a frequência cardíaca, o que por sua vez aumenta a velocidade da circulação do sangue e da respiração. Isso leva o corpo a ganhar calor e ficar mais eufórico. Depois de algum tempo, porém, essa excitação temporária passa, e o corpo precisa na verdade de mais repouso e recuperação do que antes do consumo da bebida. Os estimulantes são para o corpo o que o chicote é para o cavalo cansado — provoca uma arrancada, mas não constitui uma força permanente ou uma nutrição natural. Uma repetição freqüente das chicotadas torna apenas o cavalo mais preguiçoso; e o uso habitual de bebidas fortes, fumo, chá e café só tende a tornar o corpo mais fraco e mais dependente dos estimulantes ao qual ele está viciado.

O Senhor disse de maneira incontestável que essas coisas não são boas para o homem. A ciência declara o mesmo. A palavra de Deus deveria bastar para todos os verdadeiros santos dos últimos dias.⁶

A reação de um homem a seus apetites e impulsos quando eles se manifestam dá a medida do caráter desse homem. Nessas reações, revela-se a capacidade do homem de governar ou sua servidão a seus ímpetos. Esse aspecto da Palavra de Sabedoria relacionado aos tóxicos, drogas e estimulantes diz respeito a mais do que os efeitos negativos sobre o corpo, mas concerne às próprias raízes da constituição do caráter. (...)

Ao longo dos últimos cem anos, o progresso maravilhoso da ciência tornou possível ao homem determinar por meio de experiências os efeitos maléficos das bebidas alcoólicas e drogas sobre os nervos e tecidos do corpo humano. As observações e experiências demonstraram o impacto deles sobre o caráter. Todas essas experiências e observações provaram a veracidade da (...) declaração: “As bebidas fortes e o fumo não são bons para o homem”.⁷

Ao recordar as influências sobre minha juventude, creio que a maior delas foi exercida por meio da memorização da importante frase: “Meu espírito não habitará num tabernáculo impuro”.

Houve também (...) outras, todas em forma de advertência. A primeira me veio quando eu era menino e estava num carroção ao lado do meu pai durante uma viagem para Ogden. Antes de atravessarmos a ponte sobre o rio Ogden, um homem saiu de uma taverna que ficava à beira da margem norte do rio. Reconheci-o. Eu gostava dele, pois já o vira atuar numa peça de teatro local. Contudo, naquela ocasião ele estava sob a influência do álcool; de fato, parecia estar embriagado havia vários dias.

Eu não sabia (...) que ele bebia, mas quando ele perdeu o controle e, em prantos, pediu a meu pai cinquenta centavos para voltar ao bar, vi-o partir cambaleante. Depois de atravessarmos a

ponte, meu pai disse: “David, aquele homem já foi meu companheiro de mestre familiar”.

Foi tudo o que ele disse, mas para mim serviu como uma advertência a jamais ser esquecida sobre os efeitos do consumo do álcool.

Pouco tempo depois, um professor [designou-nos] a leitura da história de um grupo de jovens que estava viajando pelo rio São Lourenço, na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá. (...) Não me lembro qual era o autor nem o título do livro, mas sou capaz de transmitir-lhes o que ficou gravado em minha mente sobre esses jovens que estavam bebendo descontroladamente e divertindo-se num barco que navegava nesse rio. Contudo, um homem que estava em terra firme, ao perceber os perigos que estavam logo à frente deles, gritou: “Ei, vocês estão indo na direção das corredeiras”.

No entanto, eles ignoraram o aviso, desafiando-o: “Estamos bem”. E continuaram em seus divertimentos irresponsáveis e bebedeiras. Novamente, o homem gritou: “Vocês estão quase chegando às corredeiras”, e mais uma vez eles não deram ouvidos à advertência.

De repente, eles viram-se no meio das corredeiras. Então, começaram imediatamente a remar rumo à margem, mas era tarde demais. Não me lembro exatamente das palavras do último parágrafo, mas recordo que, em meio a gritos e imprecações, eles foram arrastados rumo à cachoeira.

Algo negativo? Sim. Mas digo-lhes que há muitas pessoas nas correntezas da vida que estão remando da mesma maneira. Nunca me esqueci dessa história.⁸

Precisamos ficar vigilantes contra as “maldades e desígnios (...) de homens conspiradores”

Uma das declarações mais significativas de Doutrina e Convênios e que traz consigo uma evidência da inspiração do Profeta Joseph Smith encontra-se na Seção 89 (...):

“Devido a maldades e desígnios que existem e virão a existir no coração de homens conspiradores nos últimos dias, eu vos adverti e previno-vos, dando-vos esta palavra de sabedoria por revelação. (...)” (D&C 89:4)

“Maldades e desígnios que existem e virão a existir no coração de homens conspiradores. (...)” A mensagem contida nessas palavras impressionou-me nas décadas de 1920 e 1930. Peço (...) que pensem nos métodos empregados por certos fabricantes de cigarro para induzir as mulheres a fumar.

Vocês devem lembrar-se da maneira insidiosa pela qual eles lançaram seu plano. Primeiro, disseram que fumar era bom para reduzir o peso. Um dos *slogans* dizia: “Fume um cigarro em vez de comer um doce”.

Posteriormente, alguns de nós que gostam de ir ao cinema passaram a ver uma jovem acender o cigarro de um homem. Em seguida, a mão dessa moça era mostrada em *outdoors*, acendendo ou fumando um cigarro. Um ano ou dois anos depois, finalmente tiveram a audácia de mostrar a jovem na tela ou nos *outdoors* fumando o cigarro. (...)

Posso estar errado, mas acho que tenho visto recentemente que esses homens *conspiradores* agora têm desígnios malignos para nossos jovens. Mantenham os olhos e ouvidos abertos.⁹

Os membros têm o dever para consigo mesmos e para com a Igreja de viver e ensinar a Palavra de Sabedoria.

Todo homem e toda mulher devem assumir uma parte da responsabilidade desta Igreja. (...) Onde quer que estejamos, (...) onde quer que as circunstâncias ou as atividades profissionais nos levarem, seja num passeio ao ar livre ou em qualquer lugar, se formos tentados, numa manhã fria, a quebrar a Palavra de Sabedoria e tomar duas ou três xícaras de chá ou café, sintamos a responsabilidade de fazer o que é certo.

Que cada um de nós diga a si mesmo: “A responsabilidade de pertencer à Igreja repousa sobre mim. Não cederei. Mesmo que ninguém esteja me vendo, sei que Deus testemunhará o momento em que eu sucumbir, e a cada vez que eu ceder a uma

fraqueza, me tornarei mais fraco e não respeitarei a mim mesmo”. Se vocês estiverem no trabalho e seus colegas disserem: “Venha, vamos beber um pouco”, que sua resposta seja: Não, não! Mesmo que seus apetites os impulsionem a fazê-lo, sejam homens, sejam santos dos últimos dias e digam: “Não; a responsabilidade de pertencer à Igreja repousa sobre mim”.¹⁰

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias permanece inequivocamente comprometida com a doutrina que ensina que o chá, o café, o fumo e as bebidas alcoólicas não são bons para o homem. Os verdadeiros santos dos últimos dias abstêm-se de consumir fumo e bebidas estimulantes ou alcoólicas. E, por preceito e exemplo, ensinamos o mesmo às outras pessoas.¹¹

**A obediência à Palavra de Sabedoria fortalece
o caráter e traz felicidade.**

A Igreja exorta os homens a terem autodomínio para controlar seus apetites, temperamento e palavras. Um homem não está em suas melhores condições quando é escravo de algum hábito. Um homem não atingiu seu pleno potencial se vive meramente para satisfazer suas paixões. Esse é um dos motivos pelos quais o Senhor deu à Igreja a revelação da Palavra de Sabedoria — para que, desde a infância, aprendamos a controlar a nós mesmos. Nem sempre é fácil. Os jovens de hoje têm inúmeros inimigos, de falsas ideologias a práticas imorais. (...) Uma preparação sólida faz-se necessária para enfrentar e vencer esses inimigos.¹²

Todos os meninos de Sião, ao saírem das águas do batismo, devem saber que parte de seu dever é resistir ao cigarro, onde quer que estejam. Todos os jovens da Igreja devem ser ensinados, ao saírem das águas do batismo, que devem resistir às bebidas alcoólicas que lhes serão oferecidas em eventos sociais. Todos os membros jovens desta Igreja devem saber que o fumo, em qualquer forma, não deve ser usado. Eles devem resistir a todos esses hábitos, não só para receber as bênçãos prometidas por nosso Pai, mas também por causa da força adquirida para resistir a tentações maiores.¹³



O Presidente McKay incentivou os santos dos últimos dias a ensinarem a seus filhos e às demais pessoas a Palavra de Sabedoria “por preceito e exemplo”.

Um dos ensinamentos mais práticos da Igreja no tocante [ao autocontrole] é a Palavra de Sabedoria. Ela é verdadeira. É uma lei que diz respeito sobretudo aos apetites. Qualquer homem que tiver total controle sobre seus apetites e que for capaz de resistir a todas as tentações na forma de estimulantes, bebidas alcoólicas, fumo, maconha e outras drogas que causem dependência terá desenvolvido o poder de controlar suas paixões e demais desejos.¹⁴

Nunca é demais falar sobre a Palavra de Sabedoria para a Igreja e o mundo como um todo. É uma doutrina concedida ao homem para a sua felicidade e benefício. Faz parte da filosofia de vida. (...) Quem deixar de segui-la, se privará da força física e da força de caráter às quais tem direito. Seguir a verdade é ser leal ao que é certo, como já vimos; é levar nossa vida em harmonia com nossos ideais; a verdade é sempre um poder.¹⁵

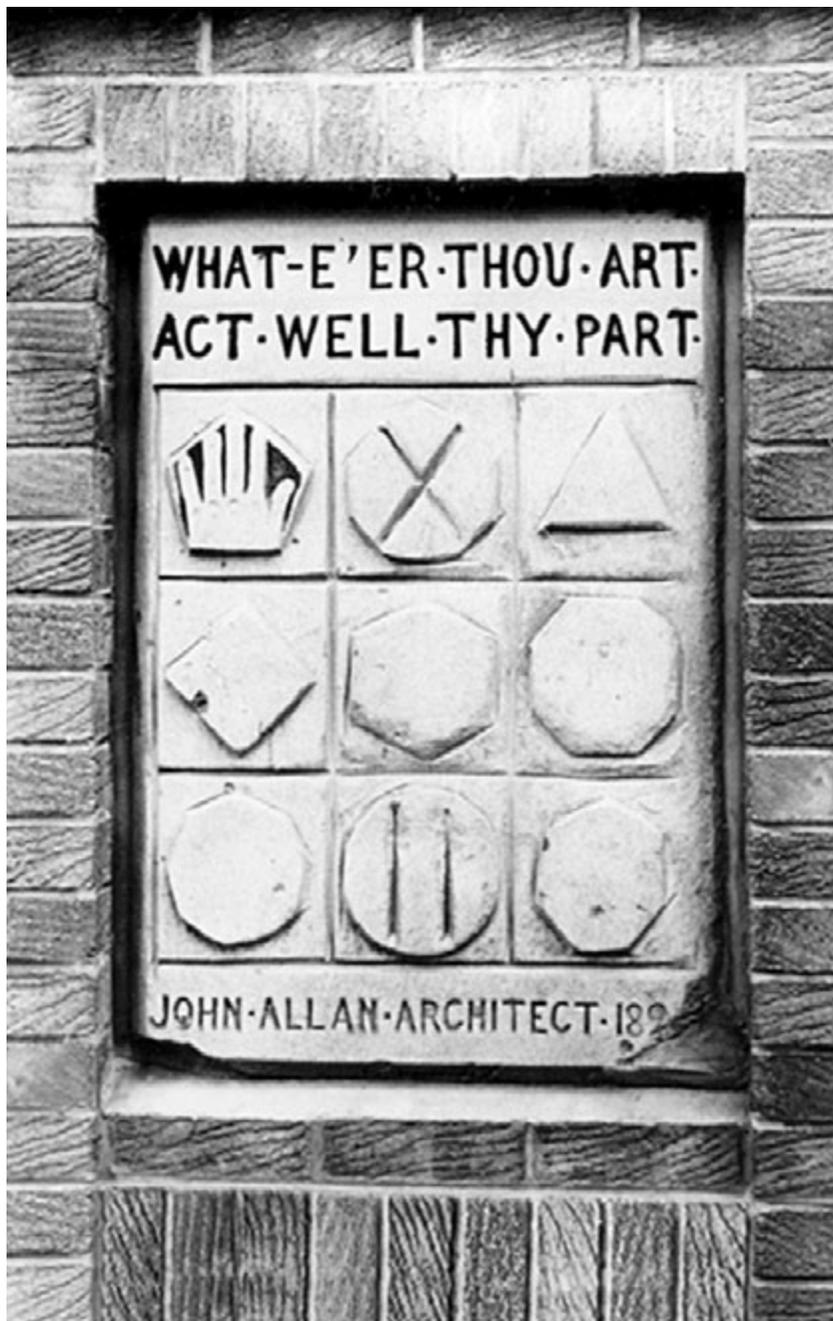
Sugestões para Estudo e Discussão

- De que forma a Palavra de Sabedoria, na época em que foi concedida, estava à frente de seu tempo?
- Por que as pessoas às vezes tentam justificar o uso de substâncias proibidas pela Palavra de Sabedoria? Quais são alguns dos perigos desse tipo de raciocínio? (Ver as páginas 111–112.)
- Por que é importante cuidar bem de nosso corpo? Quais são alguns dos efeitos físicos negativos da desobediência à Palavra de Sabedoria? (Ver as páginas 113–114.) De que forma a desobediência a esse mandamento nos afeta espiritualmente? (Ver as páginas 114–116.)
- O Presidente McKay mencionou táticas publicitárias da indústria tabagista na década de 1930. (Ver as páginas 116–117.) Que exemplos vemos hoje das estratégias empregadas por “homens maldosos e conspiradores” para promover o uso de substâncias prejudiciais? Como podemos ajudar os jovens a reconhecer os benefícios da obediência à Palavra de Sabedoria?
- De que forma a Palavra de Sabedoria é um mandamento tanto físico como espiritual? (Ver as páginas 114–116.) Que bênçãos são prometidas àqueles que obedecerem a esse mandamento? (Ver D&C 89:18–21.) Quais são algumas das bênçãos mais importantes que você ou sua família já receberam devido à observância da Palavra de Sabedoria?
- O que podemos fazer para aumentar nossa força para resistir às tentações de violar a Palavra de Sabedoria? De que forma a obediência à Palavra de Sabedoria ajuda a proteger e fortalecer o caráter? (Ver as páginas 116–117.)
- Quais são algumas substâncias nocivas e que causam dependência que não são mencionadas especificamente em D&C 89 e que estão à disposição hoje em dia? Como os ensinamentos de D&C 89 e as palavras dos profetas modernos podem guiarnos e fortalecer-nos contra essas substâncias?

Escrituras Relacionadas: Daniel 1:3–20; I Coríntios 3:16–17; D&C 89:1–21.

Notas

1. *Gospel Ideals* (1953), p. 379.
2. Ver Carl W. Buehner, *People of Faith*, Brigham Young University Speeches of the Year (14 de janeiro de 1953), p. 2.
3. Conference Report, abril de 1911, pp. 61–62; alterações na disposição dos parágrafos.
4. Conference Report, outubro de 1949, p. 188.
5. *Gospel Ideals*, pp. 375–376.
6. *Gospel Ideals*, pp. 376–377.
7. Conference Report, abril de 1964, p. 4.
8. Conference Report, abril de 1949, p. 180.
9. Conference Report, outubro de 1949, pp. 185–186.
10. Conference Report, outubro de 1906, p. 115; alterações na disposição dos parágrafos.
11. *Gospel Ideals*, p. 379.
12. Conference Report, outubro de 1969, pp. 7–8.
13. Conference Report, abril de 1960, p. 28.
14. Conference Report, abril de 1968, p. 8.
15. *Gospel Ideals*, p. 377.



O Presidente McKay sempre incentivava os portadores do sacerdócio a viverem o lema que ele vira talhado num arco de pedra na Escócia: "A despeito do que venhas a ser, cumpre bem o teu dever".



Sacerdócio, a Responsabilidade de Representar a Deus

O sacerdócio é um princípio eterno que existe com Deus desde o início e existirá por toda a eternidade. As chaves que foram conferidas para serem usadas por meio do sacerdócio vieram do céu, e esse poder do sacerdócio está em ação na Igreja hoje à medida que ela se expande pelo mundo.¹

Introdução

Ao dirigir a palavra numa sessão do sacerdócio numa conferência geral, o Presidente McKay relatou uma experiência que teve ao servir como missionário na Escócia em 1898. Ele e seu companheiro, o Élder Peter Johnston, passaram em frente a um prédio que lhes chamou a atenção por ter um arco de pedra na porta principal e uma inscrição talhada na rocha. O Presidente McKay contou:

“Eu disse a meu companheiro: ‘Isso é incomum! Vou ver o que diz a inscrição’. Quando cheguei perto o suficiente para ler, essa mensagem chegou a mim, não apenas na pedra, mas como se viesse Daquela em cuja obra eu estava envolvido:

‘A despeito do que venhas a ser, cumpre bem o teu dever.’ (...)

Que Deus nos ajude a seguir esse lema. É apenas outra maneira de exprimir as palavras de Cristo: ‘Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo’, [ver João 7:17] e esse testemunho leva-nos a contar com a orientação do Espírito Santo em nossa vida. Oro humildemente para que os portadores do sacerdócio, reunidos nesta noite (...), tomem sobre si as responsabilidades conferidas por Deus a eles e cumpram seu dever onde quer que se encontrem.”²

O Presidente McKay foi abençoado em sua vida quando vários portadores do sacerdócio exerceram em retidão o poder do sacerdócio em seu benefício. Em março de 1916, houve uma enchente no rio Ogden e deixou instável a ponte perto da entrada do cânion. Ele contou: “Nós [eu e meu irmão Thomas E.] pulamos num pequeno carro Ford e partimos em alta velocidade em meio à chuva e à lama. (...) Vi a pilha de pedras lá na ponte e ela parecia intacta, exatamente como estava no dia anterior. Então, eu disse em tom de brincadeira: ‘Vou atravessar a ponte. Você sabe nadar?’ Sem esperar, pisei no acelerador e comecei a travessia. Logo em seguida, Thomas E. disse: ‘Cuidado! Há uma corda!’ O guarda que saíra às sete horas deixara uma corda de guindaste ao longo da pista, e seu sucessor, o guarda do dia, ainda não chegara. Tentei acionar o freio de emergência, mas era tarde demais. A corda quebrou o vidro e ao entrar, atingiu-me no queixo, ferindo meus lábios, quebrando dentes da arcada inferior e minha mandíbula superior. Thomas E. desviou a cabeça e escapou ileso, mas eu fiquei semiconsciente. (...)”

Por volta das nove horas da manhã, eu estava numa mesa de cirurgia. (...) Eles colocaram minha mandíbula de volta no lugar e deram quatorze pontos em meu lábio inferior e na bochecha. Um dos auxiliares comentou: ‘Que pena, ele vai ficar desfigurado para o resto da vida’. É verdade que eu estava irreconhecível. Quando me levaram de volta ao meu quarto no hospital numa cadeira de rodas, uma das enfermeiras disse o seguinte para consolar-me: ‘Bem, irmão McKay, você poderá usar barba’, querendo dizer que assim eu teria como esconder as cicatrizes. (...) Três amigos chegados (...) vieram visitar-me e deram-me uma bênção. Ao selar a unção, [um deles] disse: ‘Abençoamos-te para que não fiques desfigurado nem sintas dor’. (...)”

Na noite de sábado, o doutor William H. Petty veio ver se os dentes da mandíbula superior poderiam ser salvos. Ele disse: ‘Você deve estar sentindo fortes dores’. Respondi: ‘Não, não estou sentindo dor nenhuma’. (...) Na manhã de domingo, o Presidente Heber J. Grant veio de Salt Lake City. (...) Ele entrou e disse: ‘David, não diga nada; vou apenas dar-lhe uma bênção’. (...)”

No mês de outubro seguinte, (...) sentei-me a uma mesa perto de onde estava sentado o Presidente Grant. Percebi que ele estava olhando-me com bastante atenção. Em seguida, ele disse: 'David, de onde estou sentado não consigo ver nenhuma cicatriz em seu rosto!' Respondi, 'Não, Presidente Grant, não há cicatrizes'."³

Ensinamentos de David O. McKay

O sacerdócio é o poder e a autoridade para representar a Deus.

Sempre que o sacerdócio é delegado ao homem, é-lhe conferido não como uma distinção pessoal, embora se torne isso para aquele que o honra, mas como a autoridade para representar a Deidade e a obrigação de ajudar o Senhor a levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem. [Ver Moisés 1:39.]⁴

Vocês são homens que possuem o sacerdócio de Deus, que possuem autoridade divina para representar a Deidade em qualquer posição que lhes for designada. Quando um homem comum é designado em sua comunidade como xerife, algo lhe é acrescentado. Quando um policial nas ruas, num cruzamento, ergue o braço, nós paramos. Há algo a mais investido nele, algo além da pessoa em si, há o poder que lhe é conferido. E o mesmo se dá ao longo da vida. Nenhum homem pode estar numa posição sem receber um acréscimo. O mesmo acontece com o poder do sacerdócio.

O sacerdócio é inerente à Deidade. É a autoridade e o poder que têm fonte apenas no Pai Eterno e Seu Filho Jesus Cristo. (...)

Ao buscarmos a fonte do sacerdócio, (...) não podemos conceber nenhuma condição além das estabelecidas pelo próprio Deus. Ele está centrado Nele e emana Dele. O sacerdócio, por ser inerente ao Pai, só pode ser conferido a outra pessoa por Ele. Portanto, o sacerdócio, conforme o homem o porta, precisa ser sempre delegado por autoridade. Nunca houve um ser humano no mundo que tenha tido o direito de [tomar] para si mesmo o poder e a autoridade do sacerdócio. Houve alguns que desejaram [tomar] para si esse direito, mas o Senhor nunca reconhe-

ceu essas tentativas. Assim como um embaixador de qualquer governo exerce apenas a autoridade que lhe foi investida por seu governo, um homem que é autorizado a representar a Deidade o faz somente em virtude dos poderes e direitos delegados a ele. Contudo, quando essa autoridade é conferida, ela traz consigo, dentro de limites preestabelecidos, todos os privilégios de uma procuração, por meio da qual uma pessoa recebe o poder de agir em nome de outra. Todos os atos oficiais realizados no âmbito dessa procuração têm o mesmo valor dos realizados pela própria pessoa. (...)

Reconhecendo o fato de que o Criador é a fonte eterna desse poder, de que apenas Ele pode dirigi-lo e de que o possuir significa ter o direito, como representante autorizado, de comunhão direta com Deus, quão sensatos porém sublimes são os privilégios e bênçãos viabilizados pela posse do poder e autoridade do Sacerdócio de Melquisedeque — são os mais gloriosos que a mente humana é capaz de conceber.

Um homem que estiver nesse tipo de comunhão com Deus verá que sua vida se tornará mais doce e seu discernimento será aumentado de modo a decidir rapidamente o certo do errado. Seus sentimentos serão mais tenros e compassivos, ainda que seu espírito seja forte e valente na defesa do que é certo. Ele encontrará no sacerdócio uma fonte inesgotável de felicidade, uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna.⁶

O poder do sacerdócio encontra expressão por meio de quóruns bem como de pessoas.

Numa acepção mais restrita, o sacerdócio como poder delegado é uma aquisição pessoal. Contudo, por decreto divino, os homens são designados para servir em determinados ofícios no sacerdócio em quóruns. Assim, esse poder encontra expressão por meio de grupos, bem como pessoas. O quórum é a oportunidade para homens de aspirações semelhantes conhecerem, amarem e auxiliarem uns aos outros.⁷

Se o sacerdócio significasse apenas honra e bênção pessoais ou promoção individual, não haveria a necessidade de grupos ou quóruns. A própria existência de tais grupos estabelecidos



“Os homens são designados para servir em determinados ofícios no sacerdócio em quóruns.”

por autoridade divina proclama nossa dependência uns dos outros, a necessidade indispensável de auxílio e assistência mútuos. Nós somos, por direito divino, seres sociais.⁸

[O Senhor] percebeu que esses [portadores do sacerdócio] precisam de companheirismo, de convívio, da força do grupo; assim, Ele organizou quóruns e designou o número de integrantes em cada um deles, desde o quórum de diáconos ao quórum dos setenta.

Esses grupos se reúnem primeiramente para instruir e edificar, melhorar o conhecimento em geral e principalmente para que seus membros se instruam nos princípios morais e religiosos, na fé, na santidade, mas também para que obtenham força moral e ajam em retidão. Esses grupos atendem a uma necessidade existente na humanidade como um todo. (...) Os quóruns do sacerdócio (...) suprirão todos os anseios de integração, fraternidade e serviço se os homens cumprirem seu dever.⁹

Como membros do Sacerdócio Aarônico e membros dos quóruns do Sacerdócio de Melquisedeque, temos o dever de fortalecer nossos quóruns. Não os enfraqueçamos deixando de comparecer às reuniões (do sacerdócio), deixando de prepararmos ou negligenciando nossos deveres. Sintamos, cada um de nós, (...) que é nosso dever fazer algo para edificar a Igreja, como é o dever da Igreja apoiar-se sobre a verdade e redimir a humanidade do pecado. Homens do sacerdócio, sejamos unidos nessa edificação; fiquemos ao lado dos benfeitores; que nenhum homem, do sumo sacerdote ao diácono, neste grande grupo do sacerdócio (...) seja incluído no rol dos malfeitores ou insatisfeitos.¹⁰

Um portador do sacerdócio deve estar atento a seus atos e palavras em todas as situações.

O sacerdócio é a autoridade de representar a Deus. Um homem que recebe o sacerdócio é um representante autorizado do Senhor em qualquer atribuição que lhe for dada. É o dever do representante de qualquer grupo ou organização empenhar-se para representar honrosamente esse grupo ou organização. A melhor maneira de sermos representantes dignos é vivermos de modo que cada um seja sensível aos sussurros do Senhor a quem representa. Tenham em mente o que isso significa em termos de uma vida virtuosa.

“(...) meu Espírito não contenderá sempre com o homem”, (D&C 1:33) diz o Senhor. Então, todos os homens que possuem o sacerdócio devem viver de modo a serem merecedores da inspiração do Senhor. E permitam-me dizer no tocante a isso que a comunhão com o Espírito Santo é tão real quanto sua conexão pelo rádio com vozes distantes e músicas transmitidas pelas ondas sonoras. As vibrações estão igualmente presentes.

O Espírito de Deus age dessa forma. Ele está sempre pronto para guiar e instruir aqueles que estão em sintonia por meio de um viver digno e que sinceramente O buscam. Repito, todo homem autorizado a representá-Lo tem o dever de viver de modo a receber os sussurros do Espírito.¹¹

Possuir o sacerdócio de Deus por autoridade divina é um dos maiores dons que um homem pode receber, e a dignidade é de suma importância. A essência do evangelho é eterna. Aquele que sente a responsabilidade de representar a Deidade é altamente abençoado. Ele deve ter essa consciência a ponto de estar sempre atento a seus atos e palavras em todas as situações. Nenhum homem que possua o santo sacerdócio deve tratar sua esposa com desrespeito. Nenhum portador do sacerdócio deve deixar de abençoar suas refeições e de ajoelhar-se com sua esposa e filhos e pedir a orientação de Deus. Um lar é transformado quando um homem possui e honra o sacerdócio. Não devemos exercê-lo de modo ditatorial, pois o Senhor disse que “quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito de Deus se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem”. (D&C 121:37)

Essa revelação, concedida pelo Senhor ao Profeta Joseph Smith, é uma das mais belas lições de pedagogia, psicologia e liderança jamais ministradas, e devemos lê-la repetidas vezes na seção 121 de Doutrina e Convênios.¹²

Nenhum membro desta Igreja, nenhum marido ou pai tem o direito de usar palavras de baixo calão em seu lar ou de encolerizar-se com sua esposa ou seus filhos. Devido a sua ordenação e sua responsabilidade, vocês não podem fazê-lo na condição de portadores do sacerdócio e continuar fiéis ao Espírito que deve habitar em vocês. Vocês contribuem para um lar ideal por meio de seu caráter, controlando suas paixões, seu temperamento e restando suas palavras, pois essas coisas moldarão seu lar e se irradiarão a sua volta. Façam tudo a seu alcance para criar paz e harmonia, custe o que custar.¹³

Oro para que (...) nos demos conta do valor do sacerdócio e que todos os diáconos desta Igreja percebam que, ao receberem o Sacerdócio Aarônico, devem agir de modo diferente dos outros rapazes a seu redor. Eles não podem, impunemente, dizer palavrões como os outros rapazes, não podem fazer tra-

vessuras no bairro como os outros rapazes, mas devem ser diferentes. Os rapazes de doze anos devem compreender isso, e os bispos devem explicar-lhes isso ao chamarem-nos como diáconos. Não basta chamá-los e ordená-los, mas é preciso ter uma conversa com eles e ajudá-los a compreender o significado de ser um portador do Sacerdócio Aarônico. Entre os outros rapazes, esses diáconos assim escolhidos e treinados devem exercer uma influência para o bem. (...)

(...) Temos a obrigação, ao aceitarmos o sacerdócio, de darmos um exemplo digno de ser seguido pelas pessoas que nos cercam. Não é o que dizemos que as influenciará. É o que fazemos. É o que somos.¹⁴

Se os portadores do sacerdócio merecerem a orientação de Cristo por relacionarem-se de modo honesto e ético com seus semelhantes, resistindo ao mal em todas as suas formas e cumprindo fielmente seu dever, não haverá força opositora neste mundo capaz de obstar o progresso da Igreja de Jesus Cristo.¹⁵

O poder do sacerdócio torna-se produtivo quando usado para servir ao próximo.

Podemos pensar no poder do sacerdócio como algo que existe em potencial, como um reservatório d'água de uma hidrelétrica. Esse poder torna-se dinâmico e produtivo apenas quando a força liberada torna-se ativa em vales, campos, jardins e lares felizes. O mesmo se dá com o sacerdócio, no que tange à humanidade: ele é um princípio de poder apenas quando se torna ativo na vida dos homens, voltando seu coração e desejos para Deus e impelindo-os a servir seus semelhantes.¹⁶

Nossa vida está inseparavelmente ligada à vida dos outros. Somos mais felizes quando contribuímos para a vida das pessoas. Digo isso porque o sacerdócio que vocês possuem exige que vocês sirvam ao próximo. Vocês representam a Deus nas atribuições que lhes forem feitas. “[Quem] perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” (Mateus 16:25)¹⁷

Pode ser que em seu quórum de élderes haja alguém doente e que precise de ajuda na colheita de sua plantação. Reúnam-se

e cuidem disso. Pode ser que um dos membros tenha um filho na missão e seus recursos financeiros estejam reduzidos. Perguntem se podem ajudá-lo. Ele nunca se esquecerá de sua consideração. Esses gestos são o que o Salvador tinha em mente ao dizer: “quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. (Ver Mateus 25:40.) Não há outra maneira de servir a Cristo. Vocês podem ajoelhar-se e orar a Ele, e isso é bom. Podem suplicar-Lhe que conceda orientação por meio do Espírito Santo — sim, fazemos isso e temos que fazer isso. Precisamos fazê-lo. Mas são os pequenos gestos práticos que fazemos no cotidiano, o fato de controlarmos nossa língua, o fato de não denegrirmos a imagem de um irmão e sim falarmos bem dele, são essas coisas que o Salvador considera o serviço verdadeiro.¹⁸

“A despeito do que venhas a ser, cumpre bem o teu dever.” Se você for um diácono, faça bem o seu trabalho. Se for um sacerdote, cumpra seu dever de zelar pela Igreja e de apoiar os demais. Rapazes desta Igreja, se ao menos conseguíssemos cumprir os deveres do mestre e do sacerdote, ensinando às pessoas suas responsabilidades, que poder para o bem isso exerceria sobre os rapazes de dezoito e dezenove anos de idade. Não seriam jovens incorrigíveis ou relapsos, mas líderes. Irmãos, não há nada no mundo mais eficaz para guiar os jovens do que ajudá-los a desempenhar bem suas responsabilidades no sacerdócio.¹⁹

Os portadores do sacerdócio têm a responsabilidade de representar a Deus como mestres familiares.

Está escrito em Efésios, capítulo quatro, que Cristo designou uns para serem apóstolos e profetas, alguns para evangelistas e alguns para pastores e mestres; “[querendo] o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”. [Efésios 4:12] Os mestres [familiares] na Igreja são portadores do santo sacerdócio que possuem a grande responsabilidade de *aperfeiçoar os santos e edificar o corpo de Cristo*; portanto, acho adequado dizer que eles verdadeiramente têm o dever — *a obrigação* — de levar a cada lar o mesmo Espírito divino que sentimos aqui nestas sessões da conferência.

Nenhuma responsabilidade maior pode recair sobre homem algum do que ser um mestre familiar dos filhos de Deus.

(...) Alguns dos [mestres familiares] sentem que seu chamado tem pouca importância, que não é algo de destaque e honra. No entanto, não existe trabalho mais importante na Igreja. Não podemos dizer que um chamado na Igreja é mais importante que outro, pois todos estão voltados para o aperfeiçoamento, instrução e salvação dos filhos de Deus. O mesmo se dá com o chamado de professor; mas se houver alguma hierarquia no que tange às vantagens para conduzir as pessoas à salvação, a precedência irá para os portadores do sacerdócio de Deus que entram em contato direto com os membros da Igreja individualmente. (...)

A primeira coisa a fazer, meus irmãos, é olhar para dentro de nós mesmos e ver se estamos preparados para ensinar. Nenhum homem pode ensinar o que ele próprio não sabe. Temos o dever de ensinar que Jesus Cristo é o Redentor do mundo, que Joseph Smith foi um profeta de Deus e que a ele, nesta última dispensação, apareceram Deus o Pai e Seu Filho em pessoa. Vocês acreditam nisso? Esse testemunho irradia de seu ser quando vocês entram no lar das pessoas? Se for o caso, essa luz que vocês emitirem dará vida às pessoas a quem vocês ensinarem. Se não, haverá um vazio, uma ausência do ambiente espiritual que favorece o crescimento dos santos. (...)

(...) Irmãos, a mensagem — e particularmente a maneira de apresentá-la — pode não ser a mesma para alguém que passou a vida inteira em serviço fiel à Igreja e para um recém-converso. Como cada família é diferente da outra (...), nossas mensagens e métodos, principalmente nossos métodos para apresentar as mensagens, podem variar. Cito esse aspecto apenas para chamar a atenção para o fato de que temos o dever de conhecer as pessoas a quem vamos ensinar.²⁰

O dever do mestre [familiar] não é cumprido quando ele se limita a passar em cada casa uma vez por mês. Lembro-me de quando um bispo declarou que era o dever do mestre [familiar] ir imediatamente à casa de uma família que perdera um ente querido e ver o que poderia fazer para levar conforto aos membros

da família e cuidar dos preparativos do sepultamento. Os mestres familiares têm o dever de providenciar para que as famílias não passem necessidade; se houver enfermidades, eles devem visitá-las e dar bênçãos, zelando sempre por essas famílias.²¹

A meu ver, no ensino familiar há uma das maiores oportunidades de todo o mundo para despertar naqueles que estão negligentes, desanimados, desalentados e tristes uma vida nova e o desejo de retomarem a atividade na Igreja de Jesus Cristo. Por meio dessa atividade, eles serão conduzidos de volta à atmosfera espiritual que elevará sua alma e lhes dará a capacidade de sobrepujar as fraquezas que os acorrentam.

Oferecer auxílio, incentivo e inspiração a todas as pessoas é a grande responsabilidade e privilégio dos mestres familiares.²²

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que é o poder do sacerdócio? (Ver as páginas 125–126.) Para quais propósitos o Senhor delegou ao homem a autoridade do sacerdócio? (Ver as páginas 126–128, 130–131.) Qual é a diferença entre simplesmente receber a autoridade do sacerdócio e ter poder no sacerdócio?
- Pense numa experiência em que o poder do sacerdócio foi exercido em seu benefício. Como isso afetou você e os membros de sua família? Como podemos usar essas experiências como oportunidades de ensino para nossos filhos e netos?
- Por que é preciso que um portador do sacerdócio viva de modo a ser digno da orientação do Espírito do Senhor? (Ver as páginas 128–130.) Que bênçãos são prometidas àqueles que são fiéis aos convênios e obrigações do sacerdócio? (Ver também D&C 84:33–34.)
- Por que o ensino familiar é tão vital na Igreja? (Ver as páginas 131–133.) O que podemos fazer para ser mestres familiares mais eficazes? Como os conselhos do Presidente McKay para os mestres familiares podem aplicar-se às professoras visitantes? O que podemos fazer para ajudar nossos mestres familiares e professoras visitantes a sentirem-se mais à vontade em nosso lar e a terem mais êxito em seu chamado?

- De que forma a oração, o estudo das escrituras e o desenvolvimento de atributos cristãos nos ajudam a honrar o sacerdócio? De que forma os pais e mães podem preparar seus filhos para receberem o sacerdócio?
- De que forma as mulheres partilham as bênçãos advindas do poder do sacerdócio?
- Qual é o propósito dos quóruns do sacerdócio? (Ver as páginas 126–127.) Que responsabilidades estão ligadas ao fato de pertencermos a um quórum? (Ver as páginas 126–127.)

Escrituras Relacionadas: I Pedro 2:9; D&C 84:33–48; 121:34–46

Notas

1. Conference Report, outubro de 1967, p. 94.
2. Conference Report, outubro de 1956, p. 91.
3. Ver *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 138–140; alterações na disposição dos parágrafos.
4. *Gospel Ideals* (1953), p. 168.
5. Conference Report, outubro de 1954, p. 83.
6. Conference Report, outubro de 1965, pp. 103–104.
7. Conference Report, outubro de 1965, p. 104.
8. *Gospel Ideals*, p. 168.
9. *Gospel Ideals*, pp. 180–181.
10. Conference Report, abril de 1909, p. 68.
11. *Gospel Ideals*, p. 180.
12. Conference Report, outubro de 1967, p. 97.
13. Conference Report, abril de 1969, pp. 150–151.
14. Conference Report, outubro de 1948, p. 174.
15. *Gospel Ideals*, pp. 167–168.
16. Conference Report, outubro de 1965, pp. 103–104.
17. Conference Report, outubro de 1950, p. 112.
18. Conference Report, outubro de 1955, p. 129.
19. Conference Report, outubro de 1954, p. 84.
20. Conference Report, outubro de 1916, pp. 57–60; alterações na disposição dos parágrafos.
21. Conference Report, abril de 1956, pp. 86–87.
22. *Gospel Ideals*, p. 196.



A Importância Sagrada dos Templos

Oro com toda a minha alma para que cada membro da Igreja e seus filhos e netos tomem conhecimento das verdades grandiosas reveladas na casa do Senhor.¹

Introdução

Quando David O. McKay se tornou o Presidente da Igreja em 1951, havia oito templos em funcionamento. Quatro estavam em Utah e os demais no Arizona, no Haváí, em Idaho e em Alberta (Canadá). No meio do ano de 1952, o Presidente McKay viajou para nove países europeus. Durante essa viagem, escolheu o local para a construção do templo da Suíça e da Inglaterra, dando início a uma era na qual as bênçãos do templo estariam ao alcance dos membros fora dos Estados Unidos e Canadá.²

No processo de escolha e compra de terrenos para os templos, o Presidente McKay foi guiado por inspiração divina. Depois de escolhido o local para o Templo de Londres Inglaterra, os engenheiros estavam relutantes e diziam que o solo era pantanoso demais. Contudo, após um exame mais minucioso, constataram que o terreno suportaria o alicerce do templo. Na Suíça, quando o Presidente McKay e os demais líderes da Igreja não conseguiram adquirir o primeiro terreno que haviam escolhido, oraram ao Senhor pedindo auxílio. Pouco depois, encontraram outro terreno maior e que custava apenas metade do preço. Aproximadamente na mesma época, foi construída de modo inesperado uma rodovia que passava no meio do primeiro terreno, o que tornou ainda mais afortunada a descoberta do novo local.³



Durante seu ministério, o Presidente McKay dedicou cinco templos no mundo, entre os quais o Templo de Londres Inglaterra, mostrado aqui.

O Presidente McKay dedicou o Templo de Berna Suíça em 1955 e o Templo de Londres Inglaterra em 1958. Dedicou também o Templo de Los Angeles Califórnia (1956), o Templo de Hamilton Nova Zelândia (1958) e o Templo de Oakland Califórnia (1964). A iniciativa do Presidente McKay de facilitar o acesso aos templos em todo o mundo abençoou a vida de inúmeros membros, seus antepassados e sua posteridade. Uma passagem de seu diário reflete seu testemunho da importância do trabalho do templo; no dia em que dedicou o terreno do Templo de Berna Suíça, ele escreveu: “Quero levar o templo para perto das pessoas”.⁴

Ensinamentos de David O. McKay

A investidura no templo conduz-nos ao reino de Deus.

A investidura no templo é (...) uma ordenança relacionada à jornada eterna do homem e suas possibilidades e progresso ilimitados proporcionados por um Pai justo e amoroso que o criou a Sua imagem — e isso está ao alcance de toda a família humana. Esse é o propósito da construção dos templos.⁵

Que Deus nos ajude a valorizar o evangelho restaurado de Jesus Cristo, que abrange todas as coisas. Ele contém a filosofia da vida, e em nossos templos é apresentada a investidura. A obediência à investidura levará o indivíduo (e este é meu testemunho, pois sei disso) a abandonar as características mais egoístas, invejosas, hostis e odiosas do plano animal e a erguer-se à esfera espiritual mais elevada e ao reino de Deus.⁶

Nos templos, os casais e famílias podem ser selados para a eternidade.

Uma das principais perguntas feitas pelos repórteres, jornalistas e pelas pessoas em geral é: “Qual é a diferença entre o templo e os demais edifícios de sua Igreja?” Como todos os membros da Igreja sabem, a resposta é que os templos são construídos para a realização de ordenanças sagradas — não secretas, mas sagradas. Um templo não é uma casa de adoração pública, mas é construído para propósitos especiais. De fato,

após a dedicação de um templo, somente membros dignos da Igreja podem entrar nele.

Uma das características distintivas da Igreja restaurada de Jesus Cristo é a natureza eterna de suas ordenanças e cerimônias. Por exemplo, na maioria das cerimônias civis e religiosas, os casais são unidos apenas “para o tempo” ou “até que a morte os separe”. Mas o amor é tão eterno quanto o espírito do homem; e se o homem continuar a viver após a morte, como de fato acontece, o amor também perdurará.

Isso desperta o interesse de quase todos os pesquisadores inteligentes, principalmente quando se dão conta da verdade de que o amor — o atributo mais divino da alma humana — é tão eterno quanto o próprio espírito. Assim, sempre que uma pessoa morre, a virtude do amor persistirá, e se qualquer pesquisador acreditar na imortalidade da alma ou na continuidade da personalidade após a morte, admitirá que o amor também perdurará. (...)

(...) O mandamento do Salvador [é] que amemos nosso próximo como a nós mesmos. Mas se as coisas terrenas forem o protótipo das celestiais, no mundo espiritual reconheceremos nossos entes queridos e os amaremos como os amamos aqui. Amo minha esposa mais do que sou capaz de amar qualquer outra pessoa. Amo meus filhos. Posso ter empatia e o desejo de ajudar toda a humanidade, mas amo profundamente minha esposa, cuja presença foi constante em momentos como a enfermidade ou mesmo o falecimento de entes queridos. Essas experiências unem meu coração ao dela e é glorioso saber que a morte não tem o poder de separar corações unidos dessa forma. Cada um de vocês, maridos, reconhecerá sua esposa no mundo vindouro, e vocês a amarão lá como a amaram aqui e ressurgirão para a vida eterna na ressurreição. Por que a morte deveria separá-los se o amor continua após a morte?

A morte não vai separá-los, ela não precisa separá-los, pois quando Jesus estava na Terra, Ele disse aos apóstolos: “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”. (Mateus 16:19) E com a restauração do Santo

Sacerdócio à Terra, a Igreja afirma que esse poder voltou a ser concedido a homens escolhidos e que na casa do Senhor, onde a cerimônia do casamento é realizada por homens devidamente autorizados a representar nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, a união entre marido e mulher e entre pais e filhos é selada para o tempo e toda a eternidade. Para aqueles que se casarem dessa forma, a família continuará por toda a eternidade.⁷

Joseph [Smith], o vidente, (...) revelou o caráter eterno do convênio matrimonial, uma doutrina tão bela, tão lógica e de tão longo alcance e significado que, caso fosse adotada em sua integralidade, poria fim a muitos dos males que acometem a sociedade atual.⁸

O trabalho do templo oferece salvação àqueles que morreram sem o evangelho.

Um estudante chinês, ao voltar para seu país natal depois de formar-se numa de nossas universidades de maior renome, conversou com um ministro cristão que também estava a caminho da China. Quando esse ministro afirmou que é somente por meio da aceitação dos ensinamentos de Cristo que uma pessoa pode ser salva, o [estudante] indagou: “Então o que acontecerá com meus antepassados que jamais tiveram a oportunidade de ouvir o nome de Jesus?” A resposta foi: “Eles estão perdidos”. O estudante disse então: “Não quero ter nada a ver com uma religião injusta a ponto de condenar à punição eterna homens e mulheres tão nobres quanto nós, talvez até mais nobres, mas que nunca tiveram a chance de ouvir o nome de Jesus”.

Alguém que compreende a verdade relativa a essa doutrina, conforme revelada ao Profeta Joseph Smith, teria respondido: “Eles terão a oportunidade de ouvir o evangelho e de obedecer a todos os princípios e ordenanças por procuração. Cada homem aqui ou no mundo vindouro será julgado e recompensado segundo suas obras”.⁹

Já que o arrependimento e o batismo pela água e pelo Espírito são essenciais à salvação, como as milhões de pessoas que nunca ouviram o evangelho e nunca tiveram a oportunidade de arrepender-se ou batizarem-se poderão entrar no reino de Deus?

Por certo, um Deus de amor jamais ficaria satisfeito se a maioria de Seus filhos fosse excluída de Seu reino, habitando eternamente na ignorância, na infelicidade ou no inferno. Tal idéia é revoltante para as mentes inteligentes. Por outro lado, se esses milhões que morreram sem ouvir o evangelho pudessem entrar no reino de Deus sem obedecerem aos princípios e ordenanças do evangelho, as palavras de Cristo a Nicodemos [ver João 3:2–5] não constituiriam uma verdade geral e eterna, e as palavras de Pedro no dia de Pentecostes [ver Atos 2:38] não teriam uma aplicação universal, embora ele tenha dito claramente: “a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. [Ver Atos 2:39.]

O evangelho de Jesus Cristo ensina que *toda* a humanidade pode ser salva pela obediência às suas leis e ordenanças do evangelho. [Ver Regras de Fé 1:3.] Isso abrange a todos e não se limita a uns poucos escolhidos; diz respeito a todos os filhos de um Pai amoroso e divino. Contudo, centenas de milhões morreram sem jamais terem ouvido falar da existência de um plano do evangelho.

Todas as nações e raças têm igual direito às misericórdias de Deus. Como existe apenas um plano de salvação, deve haver por certo algum meio para que os inúmeros mortos o ouçam e tenham o privilégio de aceitá-lo ou rejeitá-lo. Esse meio é o princípio da salvação pelos mortos. (...)

Paulo referiu-se à prática do batismo [pelos mortos] em seu argumento em favor da ressurreição. Ele disse: “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? (I Coríntios 15:29) (...) Inúmeros exegetas tentaram mudar o foco dessa [passagem] e seu significado, mas o contexto prova claramente que na época dos apóstolos existia a prática do batismo pelos mortos, isto é, pessoas vivas eram imersas na água em nome de outras já falecidas — não pessoas “mortas para o pecado”, mas que simplesmente tinham “passado para o outro lado”.

No Templo de Kirtland, em 3 de abril de 1836, o Profeta Elias apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery e conferiu-lhes

“poderes do sacerdócio” que autorizam os vivos a trabalhar pelos mortos. Essas “chaves” foram restauradas em cumprimento da profecia de Malaquias:

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.” (Malaquias 4:5–6) O coração dos pais e o dos filhos se voltarão uns aos outros quando os pais no mundo espiritual, ao ouvirem o evangelho e perceberem que devem obedecer a suas ordenanças, souberem que seus filhos na Terra estão realizando essas ordenanças em favor deles.

Todo esse “trabalho pelos mortos” é realizado nos templos, dedicados e designados para tais propósitos, onde são mantidos registros adequados e tudo é considerado sagrado.

Em virtude da responsabilidade que temos de realizar esse aspecto importante do serviço do evangelho, os santos dos últimos dias tornaram-se um povo que constrói templos.¹⁰

Vocês têm a oportunidade de coletar o nome de seus antepassados que, ao serem batizados por procuração, podem tornar-se membros do reino de Deus no outro mundo, assim como somos aqui.

Desde a restauração desse princípio e dessa prática, os membros da Igreja vêm examinando cuidadosamente os registros do mundo inteiro em busca da história de seus antepassados, para que seus ancestrais recebam vicariamente as bênçãos do evangelho de Cristo. Para realizar essa obra, a Igreja mantém uma extensa organização genealógica.¹¹

Neste princípio de salvação para os mortos, revela-se a universalidade do poder salvador do evangelho e a aplicabilidade dos ensinamentos do Salvador a toda a humanidade. Verdadeiramente, “debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. [Atos 4:12] Todas as ordenanças realizadas pelo sacerdócio do Deus Altíssimo são tão eternas quanto o amor, tão abrangentes e duradouras quanto a vida e, por meio da obediência a elas, todos os

homens e mulheres, vivos ou mortos, poderão entrar e habitar eternamente no reino de Deus.¹²

Precisamos entrar no templo dignamente e ser fiéis aos convênios que lá fizemos.

Os freqüentadores do templo devem possuir uma recomendação que atesta que são verdadeiros cristãos, verdadeiros membros da Igreja de Cristo, honestos com seu próximo e que vivem em harmonia com os ideais do evangelho de Jesus Cristo.¹³

Antes da realização de um casamento [no templo], é necessário que o rapaz e a moça primeiro obtenham com o bispo uma recomendação. (...) Lá, na presença do sacerdócio, antes de tomarem sobre si a obrigação do casamento, os jovens recebem instruções sobre o caráter sagrado do dever que lhes aguarda e, além disso, verificam se estão preparados ou não para ajoelha-rem-se em santidade e pureza diante do altar de Deus a fim de ali selarem seus votos e amor.¹⁴

O casamento no templo é uma das coisas mais belas de todo o mundo. Um casal chega até lá levado pelo amor, o atributo mais divino da alma humana. (...) Juntos, na casa do Senhor, eles testificam e prometem a Ele que serão fiéis aos convênios feitos nesse dia e que serão apenas um do outro e de ninguém mais. Esse é o mais elevado ideal do casamento jamais concedido ao homem. Se esses convênios forem guardados como devem ser guardados os convênios sagrados, haverá menos corações partidos entre as esposas e maridos. Um convênio é algo sagrado. (...) Guardem-no, sejam fiéis a ele.¹⁵

Aqueles que fizerem convênios por seus entes queridos e participarem do mais sublime ideal de casamento jamais proposto ao homem andarão em espírito e não se entregarão às ciladas da carne. Vocês serão fiéis aos convênios que fizerem na Casa de Deus.¹⁶

“Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem”, (Gênesis 6:3) disse o Senhor. “Meu espírito não habitará num tabernáculo impuro.” Aquele que tenta levar uma vida dupla ou que de fato o faz, ao violar seus convênios, é, para citar um escritor, “um farsante ou um tolo”. Em geral, é ambas as coisas, pois

está usando seu livre-arbítrio para satisfazer suas paixões, para desperdiçar seus recursos numa vida desregrada, para quebrar os convênios que fez na casa de Deus.¹⁷

**Temos a responsabilidade de ajudar a colocar
as bênçãos do templo ao alcance das pessoas.**

Nossos templos, erguidos para a salvação e exaltação da família humana, contribuem para o cumprimento do plano eterno de salvação. As mesmas leis do progresso eterno são aplicáveis a todos os filhos de nosso Pai, estejam eles vivendo uma existência mortal ou espiritual. Essa exigência universal reflete a justiça divina. (...)

A Igreja restaurada de Jesus Cristo é o plano concedido por nosso Pai Celestial por meio do qual o ser humano capaz de pensar por si mesmo pode trabalhar com Deus em prol da felicidade e salvação de sua alma. *A razão e a justiça exigem a aplicação universal dos princípios e ordenanças eternos às pessoas que vivem na mortalidade e àquelas que estão no mundo espiritual.*

Somente assim a obra e a glória de Deus podem ser consumadas na forma da imortalidade e vida eterna do homem.

O plano eterno de salvação foi concedido por revelação direta do Pai e do Filho ao Profeta Joseph Smith, e a autoridade divina para officiar nos princípios e ordenanças repousa sobre os homens que atualmente guiam o destino da Igreja revelada.¹⁸

Uma de nossas maiores responsabilidades é colocar casas do Senhor ao alcance dos membros fiéis da Igreja de terras estrangeiras. Dezenas de milhares deles não têm condições de viajar aos locais onde há templos e onde poderão receber as bênçãos da investidura e selar-se a sua esposa e filhos para o tempo e toda a eternidade. Temos o dever de levar o templo para perto deles.¹⁹

Oh, como o evangelho é glorioso! Quão grande é a nossa responsabilidade de permitir ao mundo vislumbrar sua magnificência, sua abrangência, sua divindade! Oro com todo o meu coração para que nossos templos despertem ainda mais interesse e desejo de conhecer a vontade de Deus no coração de

dezenas de milhares de pessoas nobres que anseiam por encontrar a verdade. Que Deus nos ajude a aumentar nossa capacidade de propagar esta verdade e ajudar a humanidade a conhecê-la.²⁰

Sugestões para Estudo e Discussão

- Por que é vital que recebamos as ordenanças do templo e façamos e guardemos os respectivos convênios? (Ver as páginas 137, 139–142.)
- De que forma a investidura no templo pode levar-nos à vida eterna? (Ver a página 137.) Por que é importante freqüentar o templo com regularidade? Que bênçãos você já recebeu devido à participação nas ordenanças e convênios do templo? A seu ver, por que é importante receber essas ordenanças e convênios antes de servir como missionário ou iniciar uma família eterna?
- O que é necessário para que o casamento e os relacionamentos familiares continuem na eternidade? (Ver as páginas 137–139.) De que forma a doutrina do casamento e família eternos deve influenciar nosso relacionamento com nosso cônjuge e filhos? De que forma uma obediência maior a essa doutrina ajudaria a pôr fim aos “males que acometem a sociedade atual?”
- Quais são nossas responsabilidades em relação à salvação dos mortos? (Ver as páginas 139–142.) Quais são algumas maneiras pelas quais você pode participar da obra vicária?
- De que forma os templos constituem uma grande manifestação do amor de Deus a todos os Seus filhos? (Ver as páginas 138–139.) Como a obra do templo reflete a natureza universal do plano de salvação? (Ver as páginas 140–142.)
- Qual é o propósito de uma recomendação para o templo? (Ver a página 142.) Por que a dignidade pessoal é essencial para entrarmos no templo? De que forma somos abençoados ao permanecermos fiéis a nossos convênios do templo? Por que é importante manter uma recomendação do templo atuali-

zada mesmo se nossas circunstâncias não nos permitirem frequentá-lo com regularidade?

- O que podemos fazer para ajudar a pôr as ordenanças do templo ao alcance das pessoas? (Ver as páginas 143–144.)

Escrituras Relacionadas: I Coríntios 15:29; D&C 124:37–41; 128:1, 15–24; 131:1–4; 132:19; 138:28–37, 57–60.

Notas

1. *Treasures of Life*, comp. Clare Middlemiss (1962), p. 282.
2. Ver James B. Allen, “McKay, David O.,” Daniel H. Ludlow, ed., *Encyclopedia of Mormonism* (1992), 4 vols., volume 2, pp. 872–873.
3. Ver Richard O. Cowan, “Temples: History of Latter-day Saint Temples from 1831 to 1990”, *Encyclopedia of Mormonism*, volume 4, p. 1.453.
4. Francis M. Gibbons, *David O. McKay: Apostle to the World, Prophet of God* (1986), p. 323.
5. *The Purpose of the Temple* (1976), Church History Library of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints (livreto), p. 11; alterações na disposição dos parágrafos.
6. *Treasures of Life*, p. 282.
7. *The Purpose of the Temple*, pp. 5–7.
8. “The Prophet Joseph Smith — On Doctrine and Organization”, *Improvement Era*, janeiro de 1945, p. 45.
9. *Improvement Era*, janeiro de 1945, pp. 15, 45.
10. “Salvation for the Dead”, *Millennial Star*, 25 de outubro de 1923, pp. 680–682.
11. *The Purpose of the Temple*, p. 10.
12. *Millennial Star*, 25 de outubro de 1923, p. 682.
13. *Treasures of Life*, p. 282.
14. Conference Report, abril de 1969, p. 9.
15. Conference Report, abril de 1969, p. 94; alterações na disposição dos parágrafos.
16. Conference Report, abril de 1959, pp. 49–50.
17. Conference Report, abril de 1945, p. 123.
18. *Treasures of Life*, pp. 340–342.
19. Conference Report, abril de 1954, p. 26.
20. *Treasures of Life*, p. 342.



Preparar-se para um Casamento e uma Família Eternos

Verdadeiramente, não há ideal mais nobre no tocante ao casamento a ser acalentado pelos jovens do que enxergá-lo como uma instituição sagrada.¹

Introdução

Quando David O. McKay pediu Emma Ray Riggs, sua futura esposa, em casamento no início do mês de dezembro de 1900, ela perguntou: “Tem certeza de que sou a pessoa certa?” Ele respondeu que estava convicto que sim. Numa carta que escreveu posteriormente ao Dr. Obadiah H. Riggs, o pai de Emma Ray, David O. McKay descreveu algumas das qualidades que valorizava nela:

“Sua natureza doce, sua virtude, sua inteligência, seu altruísmo, em suma, suas qualidades *perfeitas* conquistaram meu amor. Quando ela me disse que essa afeição era recíproca, minha felicidade foi completa. (...) Pedi a sua filha que se case comigo e agora peço ao senhor, Dr. Riggs, o pai dela, seu consentimento. Ela aceitou. (...) Em troca, não posso oferecer nada além de um amor verdadeiro e um coração e uma mente cujo único desejo é fazê-la feliz.”

As cartas de David O. McKay a Emma Ray durante o noivado refletem o caráter nobre do relacionamento deles e as qualidades que ela inspirava nele. Numa carta datada de 11 de dezembro de 1900, ele escreveu: “A partir do momento em que amei *de verdade*, passei a compreender melhor por que os cavaleiros andantes do passado precisavam sempre de uma amada por quem lutar. O simples pensamento de agradar-lhe dava coragem a seus braços, força a suas espadas e tornava-os destemidos. Cada um deles tentava desenvolver a melhor força e atividade de



“Os rapazes e moças que desejarem levar uma vida cheia de felicidade devem preparar-se para ser dignos da forma de casamento ordenada por Deus.”

que era capaz a fim de ser mais digno da aprovação de sua amada. Os melhores cavaleiros prezavam também a nobreza de caráter, a fim de merecerem a companhia daquela que julgavam possuir a mais fiel e pura das almas”.²

Em outra carta escrita a Emma Ray em 22 de dezembro de 1900, David O. McKay falou da união que eles tinham em mente: “Você disse que nossa união será eterna. Somente a eternidade é capaz de satisfazer o amor pelo qual anseio e o que tenho a oferecer. (...) Sinto-me solitário sem você, Ray, e anseio pelo momento em que você estará sempre a meu lado”.³ Devido a um viver digno e um namoro honrado e responsável, o irmão e a irmã McKay puderam cumprir sua meta. No decorrer de seu ministério, o Presidente McKay sempre ensinava sobre a preparação para o casamento e a família eternos.

Embora os ensinamentos do Presidente McKay neste capítulo sejam direcionados aos jovens que estão preparando-se para o casamento, esses princípios também são úteis para as pessoas que já estão casadas, principalmente em seus ensinamentos e conselhos para seus filhos e outros jovens no tocante ao namoro e noivado.

Ensinamentos de David O. McKay

Os jovens precisam receber ensinamentos sobre o caráter sagrado do casamento e da paternidade e maternidade.

Ensinem aos jovens que o casamento não é meramente uma instituição criada pelo homem, mas que foi ordenado por Deus e é uma cerimônia sagrada. Eles devem refletir com a máxima seriedade antes de assumirem um contrato do qual depende a felicidade ou infelicidade para o restante de sua vida. O casamento não é algo que deva ser iniciado de modo frívolo (...) ou terminado diante da primeira pequena dificuldade que surgir. O mínimo que os jovens podem fazer é tratá-lo com a intenção honesta de edificar um lar que contribuirá para o vigor de uma sociedade nobre.⁴

As responsabilidades e os ideais do casamento devem ser ensinados aos jovens de ambos os sexos a fim de darem-se conta de

que o casamento envolve obrigações e não é um acordo a ser rescindido segundo suas conveniências pessoais. Devem aprender que o amor puro entre os sexos é uma das coisas mais nobres do mundo e que gerar e criar filhos é o mais importante de todos os deveres humanos. Nesse aspecto, os pais têm o dever de dar o exemplo no lar para que os filhos o vejam e interiorizem o caráter sagrado da vida familiar e as responsabilidades ligadas a ela.⁵

[O propósito do casamento] é gerar filhos e criar uma família. Tenhamos sempre isso em mente. Centenas de rapazes dizem hoje em dia, e centenas de outros ainda dirão: “Como posso casar-me e sustentar uma jovem da forma que ela estava acostumada? Como posso adquirir instrução formal e sustentar uma família? Nem consigo encontrar um lugar para morar”.

Essas são perguntas práticas. (...) Reconheço que tais dificuldades, bem como outras, existem e precisam ser enfrentadas, mas é preciso ter em mente que o Senhor disse que o “casamento foi instituído por Deus para o homem”. [Ver D&C 49:15.] E repito que o verdadeiro propósito do casamento é criar uma família e não proporcionar a mera gratificação dos desejos de um homem ou mulher.⁶

Diz-se que as pessoas que levam uma vida mais nobre e elevada são aquelas que estão voltadas para ideais sublimes. Verdadeiramente, não há ideal mais nobre no tocante ao casamento a ser acalentado pelos jovens do que enxergá-lo como uma instituição sagrada. Na mente dos jovens, tal padrão é uma proteção no namoro e noivado, uma influência constante que os induz a absterem-se de fazer qualquer coisa que venha a impedi-los de ir ao templo para transformar seu amor perfeito numa união duradoura e eterna. Esse padrão leva-os a buscar orientação divina na escolha de seu companheiro ou companheira, pois disso depende em grande parte sua felicidade nesta vida e no mundo vindouro. Isso torna seu coração puro e bom e aproxima-os de Seu Pai Celestial. Essas alegrias estão ao alcance da maioria dos homens e mulheres se os ideais elevados do casamento e do lar [forem] devidamente promovidos e valorizados.⁷

Os jovens devem preparar-se para o casamento e a paternidade e maternidade levando uma vida pura.

A saúde das crianças, caso um casal seja abençoado com elas, depende em grande parte dos atos dos pais antes do casamento. Na mídia, na Igreja e particularmente no lar, deve-se salientar que os jovens estão lançando em sua mocidade o alicerce de sua futura felicidade ou infortúnio. Cada rapaz, em particular, deve preparar-se para o dever da paternidade mantendo-se fisicamente limpo, a fim de assumir essa responsabilidade não como um covarde ou enganador, mas como alguém honrado e em condições de fundar um lar. O rapaz que tomar sobre si a responsabilidade da paternidade sem estar à altura é pior do que um enganador. A felicidade futura de sua esposa e seus filhos depende de sua vida na juventude.

Ensinemos também às jovens que a maternidade é divina, pois quando tocamos o poder criador da vida, ingressamos nos domínios da divindade. É importante, portanto, que as jovens compreendam a necessidade de conservar seu corpo limpo e puro. (...) Nenhuma mãe tem o direito de impor a um filho um problema crônico que o prejudicará pelo restante da vida por causa de algo que ela considerou na juventude um passatempo agradável ou seu direito de usar drogas e entregar-se a outras práticas pecaminosas.⁸

A felicidade não começa no altar; começa na época da juventude e do namoro. As sementes da felicidade são plantadas por sua capacidade de dominar as paixões fortes. A castidade deve ser a virtude dominante dos jovens — o ideal que o mundo não aceitou e que muitos no mundo não acreditam que exista ou seja valorizado pelos jovens.⁹

Um dos grandes males que imperam no mundo hoje é a falta de castidade. (...) O rapaz que não é casto em sua mocidade trai a confiança que lhe foi depositada pelos pais da jovem; e a moça que não é casta na juventude é infiel a seu futuro marido e estabelece um alicerce de infelicidade, desconfiança e discórdia no lar. (...) Não percam de vista a verdade eterna que ensina que a castidade é uma virtude a ser valorizada como uma das reali-

zações mais nobres da vida. (...) É um fator determinante para um lar feliz. Vocês não perderão prestígio por manterem de modo digno os padrões da Igreja. Podem estar *no* mundo sem serem *do* mundo. Mantenham sua castidade acima de qualquer coisa! Deus deu-nos o mandamento de sermos castos.¹⁰

Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, há apenas um padrão de moralidade. Nenhum rapaz tem mais direito de ignorar a lei de castidade do que uma jovem. Espera-se do rapaz que pede permissão para levar uma jovem pura ao altar a mesma pureza que ele deseja receber.¹¹

A castidade, e não a lascívia, nos anos que antecedem o casamento, é a fonte de harmonia e felicidade no lar e o principal fator que contribui para a saúde e a perpetuação da espécie. A lealdade, a confiabilidade, a confiança, o amor a Deus e a fidelidade aos homens estão todos ligados a esse diadema na coroa da mulher virtuosa e do homem honrado. A palavra do Senhor para Sua Igreja é: “Conservai-vos limpos das manchas do mundo”. (Ver Tiago 1:27; D&C 59:9.)¹²

Que Deus os abençoe e mantenha sua vida livre de manchas a fim de que vocês estejam em condições de orar a Deus e pedir-Lhe que os guie na escolha de seu companheiro ou companheira e que, em seguida, vocês dois vivam de modo a poderem entrar na casa de Deus e responder honestamente, caso Ele lhes perguntasse acerca de sua vida: “Sim, somos puros”. Um casamento que começa sobre essa base lhes trará a felicidade, a maior alegria desta vida e de toda a eternidade.¹³

Os jovens devem namorar de maneira adequada e avaliar cuidadosamente seus sentimentos.

Algumas moças na escola secundária namoram firme rapazes de sua idade, no início da adolescência, privando-se da oportunidade de conhecer melhor outros jovens. Ao namorarem tão cedo, tornam-se íntimos a ponto de despertarem suas paixões para momentos de prazer, provocando infelicidade para si mesmos para o restante da vida. E isso não é imaginação! Os líderes das presidências de estaca e dos bispados, os pais e mães de muitos jovens sabem que se trata de um problema real.¹⁴

Rapazes, ao levarem uma jovem a uma festa, sempre se lembrem de que o pai e a mãe dela a confiaram a você. Ela é o tesouro mais precioso deles. Se eles lhes confiassem mil dólares, vocês não cogitariam fazer mau uso dessa soma ou gastá-la. Eles estão entregando a seus cuidados algo que nem pode ser avaliado em termos monetários, e vocês serão verdadeiramente vis se traírem essa confiança. (...) Lembro-me de um conselho de meu pai quando comecei, na adolescência, a namorar uma jovem: “David, trate essa jovem como você gostaria que um rapaz tratasse sua irmã”. Rapazes, sigam esse conselho e passarão pela vida com a consciência tranqüila, e futuramente poderão dizer com honestidade que, em meio a todos os seus erros, vocês nunca agiram mal com uma mulher.¹⁵

Na escolha de um companheiro ou companheira, é necessário examinar (...) a pessoa com a qual vocês estão cogitando empreender a jornada da vida. Vocês já devem saber que é necessário identificar as características da honestidade, lealdade, castidade e reverência. No entanto, depois de tê-las encontrado, vocês poderão perguntar: “Como então podemos saber que existe compatibilidade, aquela sensação de bem-estar quando estamos na presença um do outro? Existiria algum guia? Embora o amor nem sempre seja um bom guia, principalmente se esse amor não for correspondido ou se seu objeto for alguém embrutecido ou cruel, certamente não há felicidade sem amor. Vocês podem perguntar: “E como posso saber quando estou apaixonado?” Trata-se de uma pergunta muito importante. (...)

Na presença da jovem que vocês verdadeiramente amam, vocês não se sentem inferiores; em sua presença, vocês não tentam tirar proveito dela; em sua presença, sentem o desejo de tornar-se tudo o que um [grande homem] deve tornar-se, pois ela inspira-os a atingir esse ideal. E peço a vocês moças que usem esse mesmo guia. O que ele inspira em vocês (...)? Quando um rapaz as acompanha depois de uma reunião ou um baile e mostra a tendência de usá-las para sua conveniência ou como meio de satisfazer seus instintos, podem saber que não se trata de amor.

Em tais circunstâncias, por mais fascinadas que vocês estejam, moças, por mais confiantes que estejam de seu amor por ele, deixem o bom senso falar mais alto e dominem seus sentimentos. Talvez seja doloroso não seguir os desejos de seu coração, mas é melhor sofrer um pouco de dor na juventude do que grandes torturas no futuro.¹⁶

Grandes bênçãos serão recebidas por aqueles que se prepararem adequadamente para um casamento eterno.

Os rapazes e moças que desejarem levar uma vida cheia de felicidade devem preparar-se para ser dignos da forma de casamento ordenada por Deus — a união de um homem e uma mulher dignos de um casamento celebrado no templo do Deus Altíssimo. Lá, quando um casal que verdadeiramente se ama se ajoelhar (...), tanto o homem como a mulher podem ter certeza do seguinte:

Primeiro, de que sua vida conjugal está iniciando-se em pureza. Os filhos que vierem aabençoar essa união terão a garantia de um nascimento nobre no que tange ao recebimento de um corpo limpo.

Segundo, de que suas visões religiosas são as mesmas. A dificuldade de criar os filhos adequadamente é agravada quando o pai e a mãe têm opiniões divergentes sobre doutrinas e afiliação religiosas. (...)

Terceiro, de que seus votos são feitos com a intenção de constituírem uma união eterna, não de serem quebrados devido a pequenos desentendimentos ou dificuldades.

Quarto, de que um convênio feito na presença de Deus e selado pelo Santo Sacerdócio é mais forte do que qualquer outro.

Quinto, de que um casamento que se inicia dessa forma é tão eterno quanto o amor, o atributo mais divino da alma humana.

Sexto, de que a unidade familiar permanecerá intacta no decorrer de toda a eternidade.¹⁷

Sugestões para Estudo e Discussão

- Como podemos ajudar os jovens a compreenderem as responsabilidades sagradas que acompanham o casamento? (Ver as páginas 148–149.) O que podemos fazer para ajudar a preparar os jovens para as dificuldades que inevitavelmente surgem no casamento?
- Por que a castidade é essencial na preparação para um casamento e uma família eternos? (Ver as páginas 150–151.) Como o fato de ser casto influencia a capacidade de alguém escolher com sabedoria um companheiro eterno? Por qual processo uma pessoa precisa passar a fim de arrepender-se completamente da violação da lei da castidade? Quais são algumas das bênçãos que resultam do fato de permanecermos castos?
- O Presidente McKay ensinou que os filhos tendem a ser afetados pelos atos cometidos por seus pais antes do nascimento. (Ver as páginas 150–151.) Além de permanecerem moralmente puros, o que mais os jovens e os pais podem fazer para manter sua vida pura e proteger seus futuros filhos?
- De que forma a mídia tenta influenciar nossa maneira de encarar o namoro e o casamento? Em sua opinião, por que o Presidente McKay desaconselhou o namoro firme no início da adolescência? Quais outros cuidados se deve tomar no namoro? (Ver as páginas 151–153.)
- Que conselhos você daria aos jovens que se perguntam se estão ou não apaixonados? (Ver a página 152.) Quais são algumas qualidades importantes num relacionamento?
- Qual é o propósito do casamento? (Ver as páginas 148–149.) Quais são os perigos do casamento precoce? Quais são os perigos de adiar demais o casamento? Como um casal pode saber que chegou o momento certo de casar-se?
- O Presidente McKay ensinou que as pessoas que encaram o casamento como uma “instituição divina” são fortalecidos e guiados durante o namoro. Em sua opinião, porque isso é verdade? De que forma você já viu pessoas serem abençoadas

por terem seguido os padrões do evangelho durante o namoro e noivado?

- Que semelhanças você identifica entre os ensinamentos ministrados pelo Presidente McKay para os jovens e os padrões encontrados em *Para o Vigor da Juventude*? Como você pode ajudar seus filhos a entenderem que os padrões que você aprendeu são os mesmos que se aplicam a eles?

Escrituras Relacionadas: Jacó 2:28; Alma 37:37; 39:3–5; D&C 132:15–19.

Notas

1. Conference Report, abril de 1969, p. 7.
2. Citado por David Lawrence McKay em *My Father, David O. McKay* (1989), pp. 7–8; alterações na disposição dos parágrafos.
3. Citado em *My Father, David O. McKay*, pp. 8–9; alterações na disposição dos parágrafos.
4. Conference Report, outubro de 1943, p. 32.
5. Conference Report, abril de 1964, p. 6.
6. *Gospel Ideals* (1953), pp. 466–467.
7. Conference Report, abril de 1969, p. 7.
8. Conference Report, abril de 1969, p. 6.
9. “As Youth Contemplates an Eternal Partnership”, *Improvement Era*, março de 1938, p. 139.
10. Conference Report, abril de 1969, p. 6.
11. Conference Report, abril de 1969, p. 9.
12. Conference Report, abril de 1964, p. 6.
13. *Gospel Ideals*, pp. 465–466; alterações na disposição dos parágrafos.
14. Conference Report, abril de 1958, p. 90.
15. *Improvement Era*, março de 1938, p. 191.
16. *Gospel Ideals*, pp. 459–460; alterações na disposição dos parágrafos.
17. *Gospel Ideals*, p. 465.



O Presidente e a irmã McKay desfrutavam o “doce companheirismo entre marido e mulher que se torna cada vez mais precioso em meio às dificuldades que surgem na vida”.



Sentir Felicidade no Casamento

A visão exaltada do casamento que a Igreja possui está expressa de modo eloqüente em seis palavras que se encontram na seção 49 de Doutrina e Convênios: “o casamento foi instituído por Deus”. (D&C 49:15)¹

Introdução

David O. McKay e Emma Ray Riggs casaram-se no Templo de Salt Lake em 2 de janeiro de 1901. Eles foram o primeiro casal a selar-se nesse templo naquele ano. Sua união de 69 anos é um exemplo de devoção contínua. A força de seu casamento era notada tanto por amigos como estranhos. A irmã McKay relatou certa vez a seguinte experiência:

“Acompanhei meu marido à dedicação de uma capela em Los Angeles. Paramos no Wilshire Boulevard para lavar o carro. Sentei-me num banco, e o Presidente ficou de pé perto do veículo. De repente, ouvi uma pequena voz sussurrar em meu ouvido: ‘Acho que aquele homem ali a ama’. Surpresa, virei-me e vi um belo menino de cerca de sete anos de idade com cabelo castanho encaracolado e grandes olhos castanhos. ‘O que você disse?’

‘Disse que acho que aquele homem ali ama a senhora.’

‘É verdade, ele me ama; é meu marido. Mas por que disse isso?’

‘Ah, por causa da forma como ele sorriu para a senhora. Eu daria tudo no mundo para ver meu pai sorrir assim para minha mãe.’²

Até a época em que ficou confinado a uma cadeira de rodas, o Presidente McKay sempre se levantava quando sua esposa entrava na sala, puxava a cadeira para ela sentar-se e abria a porta do carro para ela. Também sempre a cumprimentava e se despedia dela com um beijo afetuoso. Essa prática continuou até

quando tanto o Presidente quanto a irmã McKay passaram a locomover-se em cadeira de rodas. Certa vez, quando estava a caminho de uma reunião empurrado por alguém na cadeira de rodas, o Presidente McKay exclamou: “Precisamos voltar. Não dei meu beijo de despedida na Ray”. E ele voltou, de cadeira de rodas, para cumprir o ritual amoroso que se tornara parte de seu relacionamento.³

Um belo tributo à união dos McKay foi prestado por um casal jovem que estava preparando-se para casar-se. Um dos filhos do Presidente McKay, David Lawrence McKay, relatou a experiência a seguir:

“Quando nossos pais moravam no 1037 East South Temple [em Salt Lake City], um jovem casal chegou de carro, desceu e em seguida sentou-se no gramado da frente da casa. Ali, o rapaz pediu a moça em casamento. Algum tempo depois, ele contou a um membro da família: ‘Fiz isso porque desejo que nossa vida de casados seja tão ideal quanto à do Presidente e da irmã McKay’.”⁴

Ensinamentos de David O. McKay

O convênio do casamento eterno traz alegria e fortalece o amor.

Nos ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo, a família assume uma importância suprema no desenvolvimento individual e da sociedade. “Sumamente felizes são aqueles que gozam uma união ininterrupta e cujo amor, intocado por reclamações, não se dissolverá até o último dia.” Não se dissolverá quando selado pela autoridade do Santo Sacerdócio por toda a eternidade. A cerimônia do casamento, quando selada dessa forma, produz felicidade e alegria que não podem ser proporcionadas por qualquer outra experiência do mundo. “O que Deus ajuntou não o separe o homem.” [Marcos 10:9]⁵

A eternidade do convênio matrimonial é uma revelação gloriosa e traz a certeza aos corações unidos pelos laços dourados

do amor e selados pela autoridade do Santo Sacerdócio de que sua união é eterna.⁶

Permitam-me dizer algumas palavras sobre o convênio matrimonial. (...) Olhemos o princípio que ele encerra. Podem dizer-me qual é o atributo mais divino da alma humana? (...) O amor é o atributo mais divino da alma humana, e se vocês aceitarem a imortalidade da alma, isto é, se acreditarem que a personalidade continua a existir após a morte, então devem crer que o amor também persiste. Isso não faz sentido? E pergunto-lhes: A quem amaremos ao reconhecermos essas pessoas no mundo vindouro?

É verdade que somos incentivados a amar a todos. Sim, devemos amar a todas as pessoas agora; mas vocês e eu sabemos que amamos as pessoas que conhecemos melhor. (...) Quando as encontrarmos nos domínios eternos, nós as reconheceremos e saberemos quem são devido às experiências que vivemos nesta vida. E essa união de corações amorosos será perpetuada depois da vida. É por isso que somos casados — selados — para o tempo e a eternidade. Não se trata de um mero dogma da Igreja: é uma verdade fundamental para a vida e felicidade de toda a humanidade. Constitui sabedoria escolher a Casa do Senhor para [fazer promessas] de seu amor e consagrar seus votos.⁷

Com o elevado ideal do casamento conforme revelado ao Profeta Joseph Smith, os membros da Igreja devem ter apenas um ideal: recordar que o casamento, a base da sociedade, foi “instituído por Deus” [D&C 49:15] para a edificação de lares permanentes nos quais os filhos podem ser criados de maneira adequada e aprender os princípios do evangelho.⁸

Substituamos a tendência atual que é uma visão desfavorável do casamento pela importância vital que Deus lhe confere. Ontem estive no altar do templo, como em tantas outras ocasiões, e vi dois corações — duas almas — unirem-se, como duas gotas de orvalho numa rosa ao nascer do sol, fundindo-se e tornando-se um único ser. A meu ver, a visão elevada do casamento na mente daquele jovem noivo e a consciência do caráter sagrado do casamento por parte da noiva estão entre as coisas

mais sublimes de todo o mundo. Eles conheciam a importância do casamento, em vez de nutrir a idéia mesquinha de que seria apenas uma forma de satisfazer suas paixões. Encaremos o casamento como uma obrigação sagrada e um convênio de natureza eterna.⁹

Os laços do matrimônio devem ser eternos como o amor, o atributo mais divino da alma humana. De certo, então, esses laços devem continuar, pois o amor é um atributo do espírito.¹⁰

**Precisamos proteger-nos dos perigos que
ameaçam o casamento.**

Os sinais dos tempos indicam decididamente que o caráter sagrado do convênio do casamento está sendo séria e perigosamente ameaçado. Há lugares em que a cerimônia do casamento pode ser realizada em qualquer hora do dia ou da noite sem nenhuma providência anterior. O certificado é emitido enquanto o casal aguarda, e a cerimônia é realizada sem maiores formalidades. Muitos casais iludidos dessa forma acabaram por ver seu casamento terminar em decepção e tristeza. Em alguns casos, o que esses lugares oferecem nada mais é que a oportunidade para a imoralidade legalizada. Ah, como eles estão aquém do verdadeiro ideal! Em todas as oportunidades, devemos advertir os casais jovens para que não se deixem tentar por casamentos feitos às pressas ou em segredo.

É vital também combater as influências insidiosas das publicações que falam do casamento como uma instituição “falida”, que defendem a coabitação antes do casamento e que consideram aceitáveis as relações sexuais extraconjugais.¹¹

O casamento é uma relação sagrada iniciada com objetivos bem definidos: primordialmente a criação de uma família. Alguns observam que a vida moderna tende a frustrar esses propósitos.¹²

Às vezes, homens e mulheres com ideais nobres, mas pouca força de vontade, acabam por permitir que suas paixões, como cavalos desenfreados, ponham de lado o bom senso e o autodomínio e os levem a cometer pecados que podem vir a fazer arder sua consciência e deixar em seu coração um pesar eterno.

Em nossa época, quando o recato é desprezado e a castidade é considerada uma virtude ultrapassada, exorto-os a conservar sua alma livre e imaculada desse pecado, cujas conseqüências os ferirão e perseguirão no íntimo até que sua consciência os torture e seu caráter se torne sórdido. (...) Lembrem-se também da importância do que o Salvador ensinou ao dizer que se uma pessoa cometer adultério, ainda que em seu coração, não terá o Espírito, mas negará a fé e temerá. [Ver D&C 63:16.]¹³

Vinte e quatro anos atrás, quando o barco a vapor *Marama* lançou âncora perto dos recifes de coral que envolvem a ilha de Rarotonga, um passageiro que desejava desembarcar perguntou ao capitão por que não navegava mais perto da costa. Ao responder, o experiente marinheiro mencionou as águas traiçoeiras e apontou para o motor do navio *Maitai* e os remos de outro barco, ambos naufragados no local — a evidência tácita do perigo de ancorar perto demais da costa dessa ilha cheia de corais. “Paramos aqui”, disse o capitão, “porque é mais seguro. Assim evitamos ser reduzidos a pedaços, como no caso daquelas duas embarcações, cujos destroços estão naqueles corais perigosos.”

Uma atitude leviana em relação ao casamento, os casamentos por conveniência, a teoria vil e diabólica do “sexo livre” e os tribunais de divórcio rápido são recifes de coral perigosos em meio aos quais a embarcação da família pode afundar.¹⁴

Quanto mais tempo passarem em companhia de sua esposa, mais felizes vocês serão. As atividades profissionais tendem a afastá-los de casa, e ela fica sozinha. Não permitam que o convívio com outras mulheres divida seu afeto, e isso se aplica tanto ao homem quanto à mulher. Houve uma época em que eu achava que não; que o homem era o único culpado pelos conflitos, desacordos e tristezas que ocorrem com tanta freqüência, mas fui levado a mudar de opinião. O companheirismo é a maneira de perpetuar esse amor que os levou a unirem-se.¹⁵

Outra ameaça a nossa sociedade é o número crescente de divórcios e a tendência de considerarmos o casamento um mero contrato que pode ser rompido por ocasião da primeira dificuldade ou desentendimento.

Um de nossos bens mais preciosos é a família. As relações familiares precedem os demais laços sociais e, em nossa existência presente, são mais valiosas do que todos eles. São elas que fazem o coração pulsar pela primeira vez e fazem jorrar as profundas fontes do amor que ele encerra. O lar é a principal escola das virtudes humanas. Suas responsabilidades, alegrias, tristezas, sorrisos, lágrimas, esperanças e preocupações constituem os principais interesses da vida humana. (...)

Quando um homem põe os negócios ou o prazer acima do lar, nesse momento ele inicia um processo de degradação da alma. Quando o clube social se torna mais atraente para um homem do que seu lar, está na hora de ele confessar com vergonha que não estava à altura da suprema oportunidade de sua vida e que fracassou no teste final da verdadeira masculinidade. (...) A mais humilde choupana onde reina o amor com uma família unida é de maior valor para Deus e a futura humanidade do que quaisquer outras riquezas. Num lar assim, Deus pode operar milagres e de fato o faz.¹⁶

**Um casamento bem-sucedido exige que
os cônjuges continuem a cortejar-se e que renovem
constantemente seu empenho e compromisso.**

Eu gostaria de incentivar o *namoro contínuo* e aplicar esse princípio aos adultos. Muitos casais chegam ao altar matrimonial encarando a cerimônia do casamento como o fim do namoro, em vez do início de um namoro eterno. Não esqueçamos que, durante as dificuldades da vida no lar — e elas por certo virão — palavras ternas e carinhosas e gestos gentis são ainda mais apreciados do que nos dias e meses doces do namoro. É depois da cerimônia e durante as tribulações que surgem diariamente no lar que um “obrigado”, um “perdão” ou um “por favor” por parte do marido ou da mulher fortalecem o amor que os conduziu ao altar. Convém ter sempre em mente que o amor pode morrer de inanição de modo tão literal quanto o corpo que não é alimentado. O amor é nutrido pela bondade e a cortesia. É significativo observar que a primeira frase do que hoje todo o mundo cristão chama de o Salmo do Amor diz: “O amor é

sofredor, é benigno”. [Ver I Coríntios 13:4.] A aliança de casamento não dá ao homem o direito de ser cruel ou descortês, e nenhuma mulher tem o direito de ser desleixada, irritadiça ou desagradável.

O outro fator que eu gostaria de mencionar que contribui para um casamento feliz é o *autocontrole*. Há pequenas coisas que acontecem no dia-a-dia que os irritam e que vocês externam ao outro sem hesitar, com rispidez, em voz alta, o que acaba por magoá-lo. Não conheço nenhuma virtude que contribua mais para a felicidade e a paz no lar do que a grande qualidade do autocontrole no falar. Abstenham-se de dizer as palavras ásperas que vierem a sua mente no momento em que estiverem irritados ou virem algo no cônjuge que os ofenda. Alguém disse que durante o namoro devemos manter os olhos bem abertos, mas depois do casamento devemos conservá-los semicerrados. (...)

“O casamento é uma relação que não sobrevive ao egoísmo, à impaciência, à dominação, à desigualdade e ao desrespeito. O casamento é uma relação que floresce na aceitação, na igualdade, no altruísmo, na doação, no auxílio mútuo, no cumprimento do dever de cada um, no aprendizado conjunto, na apreciação do humor.”¹⁷

Minimizem as falhas, exaltem as virtudes. Depois que o encanto da lua-de-mel se desfaz, os cônjuges começam a enxergar as fraquezas e idiossincrasias um do outro que não haviam percebido antes. A mulher passa a lidar com as responsabilidades da maternidade. Surgem as dificuldades do pagamento das dívidas. Assim, adquirimos a tendência a achar falhas um no outro. Aprendamos a controlar-nos nesse aspecto. (...)

Não tenho a menor dúvida de que num casamento não pode haver paz, amor, pureza, castidade e felicidade se o Espírito de Cristo não estiver presente, nem o empenho a cada dia e a cada instante rumo à obediência amorosa aos mandamentos divinos e, principalmente, a oração noturna que externa gratidão pelas bênçãos recebidas.

Que Deus nos ajude a edificar um lar no qual haja a sensação de céu na Terra. Vocês e eu sabemos que isso é possível, que não

é um sonho, que não é uma mera utopia. Podemos desfrutar esse doce companheirismo entre marido e mulher que se torna cada vez mais precioso em meio às dificuldades que surgem na vida. Podemos ter um lar no qual os filhos nunca ouvirão o pai e a mãe discutirem ou brigarem. Que Deus nos ajude (...) a edificar um lar assim e a ensinar nossos rapazes e moças que esperam constituir um lar a nutrirem esse ideal.¹⁸

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que o impressiona no relacionamento entre o Presidente e a irmã McKay? Como esse relacionamento aumenta a credibilidade deles para darem conselhos sobre o casamento?
- O Presidente McKay ensinou que o amor “é o atributo mais divino da alma humana”. (Ver a página 159.) Em sua opinião, por que isso é verdade?
- A seu ver, o que significa dizer que o “casamento foi ordenado por Deus”? (Ver as páginas 159–160.) Que efeito esse conhecimento deve exercer sobre nossa atitude em relação ao casamento? O que “A Família: Proclamação ao Mundo” ensina sobre o casamento?
- Quais são alguns dos perigos que ameaçam o casamento hoje em dia? (Ver as páginas 161–162.) Qual é a diferença entre considerar o casamento um convênio e considerá-lo um “mero contrato”? Como podemos resolver os problemas e diferenças que surgem no casamento? (Ver as páginas 161–162.)
- Por que alguns adiam ou evitam o casamento? Como podemos ajudar as pessoas a considerarem o casamento como um “ideal nobre”, conforme ensinou o Presidente McKay?
- Por que é essencial que os cônjuges continuem a cortejar-se ao longo dos anos de casamento? (Ver as páginas 162–164.) De que forma você tenta fortalecer seu relacionamento com seu cônjuge? Que exemplos você já presenciou de outros casais que continuam a fortalecer seu casamento?

- Por que as palavras ásperas prejudicam o relacionamento conjugal? Como podemos adquirir maior autodomínio nessa área? (Ver as páginas 163–164.)
- O Presidente McKay ensinou que nenhum casamento pode ser bem-sucedido sem o “Espírito de Cristo”. (Ver a página 163.) De que forma podemos levar o Espírito de Cristo ao casamento?

Escrituras Relacionadas: Mateus 19:3–8; Efésios 5:25; D&C 25:14; 42:22; 49:15–17; 131:1–4.

Notas

1. Conference Report, abril de 1969, pp. 6–7.
2. Emma Ray Riggs McKay, *The Art of Rearing Children Peacefully* (1952), p. 10.
3. Citado por David Lawrence McKay em *My Father, David O. McKay* (1989), p. 264.
4. *My Father, David O. McKay*, p. 1.
5. Conference Report, abril de 1956, p. 9; alterações na disposição dos parágrafos.
6. *Gospel Ideals* (1953), p. 463.
7. “As Youth Contemplates an Eternal Partnership”, *Improvement Era*, março de 1938, p. 191.
8. Conference Report, abril de 1953, p. 16.
9. *Gospel Ideals*, p. 478.
10. Conference Report, abril de 1947, p. 119.
11. Conference Report, abril de 1969, p. 7.
12. Conference Report, abril de 1945, p. 141.
13. Conference Report, outubro de 1951, pp. 8–9; alterações na disposição dos parágrafos.
14. *Gospel Ideals*, pp. 508–509.
15. Conference Report, abril de 1956, p. 9.
16. Conference Report, abril de 1964, p. 5.
17. Conference Report, abril de 1956, pp. 8–9.
18. Conference Report, abril de 1952, p. 87.



“Tenbamos mais determinação para formar um lar digno, (...) tenbamos determinação para que em nosso lar disfrutemos aqui na Terra um gostinbo do céu.”



O Nobre Chamado dos Pais

Protejam seus filhos. Guiem-nos (...) por meio do exemplo de um pai bondoso e uma mãe amorosa.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay sempre expressava gratidão por seus pais e a influência que exerceram em sua vida: “Com [meu pai], aprendi as lições do trabalho e da adoração que se aplicam às atividades morais e espirituais bem como às coisas imediatas e temporais. Seja qual for o dever que assumirmos, seja qual for a tarefa, precisamos fazê-lo e dar o melhor de nós mesmos para isso.

O belo exemplo de minha mãe também sempre permaneceu comigo: sua bondade, paciência e sinceridade”.²

O Presidente McKay, por sua vez, exerceu uma influência determinante como pai amoroso. David Lawrence, um de seus filhos, relatou uma experiência que teve quando criança ao acompanhar o pai numa carruagem puxada por cavalos. “Sob uma tempestade com relâmpagos e trovões, atravessamos um rio que transbordava. Ficamos atolados entre o rio e uma avalanche de lama de uma montanha próxima. Achei que era o fim do mundo e comecei a chorar. Meu pai segurou-me no colo e envolveu-me em seus braços a noite inteira, até sermos resgatados na manhã seguinte. É difícil desobedecer a um homem que ama você e o abraça dessa maneira.”³

David Lawrence contou que David O. e Emma Ray McKay deixavam bem claras suas expectativas em relação aos filhos e que eles, como pais, “tinham tanta autodisciplina que nós filhos nunca precisávamos ficar confusos, pois nunca os víamos comportarem-se de modo contrário ao que ensinavam. (...) As expectativas de nossos pais mostravam-nos o caminho a seguir,

e o amor que sentíamos por eles constituía uma motivação irresistível para continuarmos nessa trilha. Aprendemos a amá-los porque, antes de tudo, eles amavam profundamente um ao outro e a nós, os filhos”.⁴

O exemplo e os conselhos do Presidente McKay aos pais da Igreja demonstram que ele compreendia a importante influência que exercem e refletem sua convicção de que “nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar”.⁵

Ensinaamentos de David O. McKay

Os pais têm a responsabilidade divina de cuidar de seus filhos e guiá-los.

Um bebê recém-nascido é a criatura mais frágil e indefesa do mundo. Os cuidados protetores dos pais são essenciais para sua sobrevivência e crescimento. (...) Nossos bens mais preciosos, nossos tesouros da eternidade são nossos filhos. Eles merecem e devem receber nossos mais constantes cuidados e orientações. (...)

O fato de trazer filhos ao mundo traz consigo grandes responsabilidades e abre as portas para o mais nobre propósito da vida, a saber, participar de uma parceria com Deus para “levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”. (Moisés 1:39)⁶

O Pai de toda a humanidade espera que os pais, como Seus representantes, O ajude a moldar e guiar vidas humanas e almas imortais. Essa é a designação mais elevada que o Senhor pode atribuir ao homem.⁷

A paternidade e a maternidade (...) devem ser consideradas uma obrigação sagrada. Há algo nas profundezas da alma humana que se insurge contra a paternidade e maternidade irresponsáveis. Deus instilou profundamente no coração dos pais a verdade que eles não podem esquivar-se impunemente da responsabilidade de proteger as crianças e os jovens.

Parece haver uma tendência crescente de transferir essa responsabilidade do lar para influências externas, como a escola e a Igreja. Por mais importantes que sejam essas influências

externas, jamais poderão substituir o papel da mãe e do pai. O ensino, a vigilância e o companheirismo constantes, a proteção e os cuidados com nossos filhos são necessários para conservar a integridade de nosso lar.⁸

Podemos observar a inspiração de Deus no ensinamento ministrado aos santos dos últimos dias para que mantenham seu lar unido e imune aos males do mundo e ensinem aos filhos os princípios do evangelho de Jesus Cristo. “E ensinarão também seus filhos a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” Esse mandamento do Senhor, conferido a nós na seção 68, versículo 28 de Doutrina e Convênios, não deixa dúvidas quanto à responsabilidade dos pais de ensinar seus filhos — uma responsabilidade que com demasiada freqüência é relegada à Igreja, às escolas públicas e às autoridades civis.⁹

Três grupos partilham a responsabilidade pela educação das crianças e jovens: em primeiro lugar, a família; em segundo lugar, a Igreja; em terceiro lugar, o Estado. O mais importante desses é a família. Por decreto divino, o Senhor conferiu aos pais a responsabilidade primeiramente de ensinar a doutrina do arrependimento; em segundo lugar, da fé em Cristo, o Filho do Deus Vivo; em terceiro lugar, do batismo e da confirmação; em quarto lugar, de ensinar os filhos a orar; quinto, de ensinar os filhos a andar em retidão perante o Senhor. [Ver D&C 68:25–28.] Os pais que se furtarem a essa responsabilidade responderão pelo pecado da negligência.¹⁰

A mais séria responsabilidade que pode ser conferida a um homem e uma mulher é a de cuidar de uma criancinha. Se um homem desfalca os fundos alheios que lhe foram confiados, seja de um banco ou de um governo municipal ou estadual, ele é detido e provavelmente condenado à prisão. Se uma pessoa a quem é confiado um segredo governamental divulga essa informação e trai seu país, ela é considerada traidora. O que o Senhor pensa, então, dos pais que, devido a sua própria negligência ou desejos pessoais e egoísmo, deixam de criar seus filhos adequadamente e assim se mostram indignos da confiança mais elevada que pode ser depositada num ser humano? Em resposta a isso,

o Senhor advertiu: “(...) sobre a cabeça dos pais seja o pecado”. (D&C 68:25)¹¹

Não há nada de temporário no lar dos santos dos últimos dias. Não há nenhum elemento transitório no relacionamento familiar. Para os membros da Igreja, o lar é verdadeiramente a unidade básica da sociedade, e a paternidade e a maternidade aproximam-se da divindade. O segredo de uma sociedade formada por bons cidadãos reside no lar. O segredo de instilar fé em Deus, fé em Seu Filho, o Redentor do mundo e fé na organização da Igreja está no lar. É no lar que ele se concentra. Deus conferiu aos pais a responsabilidade de infundir esses princípios na mente dos filhos. Nossas escolas, as organizações da Igreja e algumas instituições sociais dignas constituem auxílios para formar e orientar os jovens, mas nenhuma delas — por mais importante que seja na vida dos jovens — pode substituir a estabilidade e a influência dos pais no lar.¹²

A mãe pode exercer uma influência benéfica profunda sobre os filhos.

Uma das maiores necessidades do mundo hoje em dia é de contarmos com mães inteligentes e conscientes. (...)

A influência materna é a maior influência em potencial para o bem ou para o mal na vida humana. A imagem da mãe é a primeira que fica gravada na mente da criança. São os carinhos dela que primeiro despertam a sensação de segurança; são seus beijos que dão à criança as primeiras noções de afeto; é seu desvelo e sua ternura que conferem à criança a primeira certeza de que existe amor no mundo.¹³

O chamado mais nobre do mundo é a maternidade. A verdadeira maternidade é a mais bela de todas as artes, a mais nobre de todas as profissões. A mulher que pinta obras-primas ou que escreve livros que influenciam milhões de pessoas merece a admiração e os aplausos da humanidade; mas a mulher que cria com êxito uma família de filhos belos e saudáveis, cuja alma imortal exercerá um enorme impacto ao longo dos anos, mesmo muito depois que as pinturas tiverem perdido seu brilho e os livros e estátuas tiverem se deteriorado ou perdido, merece as

maiores honras que o homem é capaz de oferecer e as mais preciosas bênçãos de Deus.¹⁴

A mãe planta as sementes na infância que determinarão em grande parte as colheitas da vida na fase adulta. A mãe que instila na alma de seus filhos o respeito às pessoas e o amor ao pai e à mãe presta um enorme serviço à Igreja e à humanidade como um todo. As crianças de um lar assim, ao saírem de casa e iniciarem a vida adulta, tornam-se bons cidadãos — cidadãos que servirão como seus pais e lutarão as batalhas travadas por eles. (...)

A maternidade é uma das coisas do mundo que mais verdadeiramente exemplificam as virtudes divinas da criação e do sacrifício. Embora leve a mulher à beira da morte, a maternidade também a conduz aos domínios das fontes da vida e torna-a parceira do Criador para conceder a mortalidade a espíritos eternos.

Ao longo dos anos da infância e da juventude e mesmo depois que as meninas se tornam mães e os meninos se tornam pais, a mãe continua a sacrificar-se por eles, com todo amor e carinho, seu tempo, seu conforto, seus prazeres, seu repouso e recreação merecidos e, se necessário, sua saúde e sua própria vida. Língua alguma é capaz de expressar a força, a beleza e o heroísmo do amor de uma mãe. (...)

(...) Entre os tesouros mais preciosos de minha alma figura a lembrança das orações de minha mãe ao lado de minha cama antes de dormir, de seu toque afetuoso ao cobrir a mim e meu irmão e dar a cada um de nós um carinhoso beijo de boa noite. Nós éramos novos e imaturos demais para dar o devido valor a essa devoção, mas não jovens demais para saber que nossa mãe nos amava.

Foi o fato de saber que minha mãe me amava e de desejar permanecer fiel aos ensinamentos de um pai exemplar que, mais de uma vez durante os conturbados anos da juventude, me levou a manter distância do precipício da tentação.¹⁵

Não existe trabalho mais nobre neste mundo a ser realizado por uma mulher do que criar e amar os filhos com os quais Deus a abençoou. Esse é seu dever.¹⁶

O pai deve assumir um papel ativo na criação dos filhos.

Certa tarde, por volta das 17h, quatro homens estavam andando de carro na Main Street [em Salt Lake City, Utah]. Logo que passaram pela First South Street, ouviram um grito suplicante: “Papai! Papai! Papai! Espere!” O pai era o motorista, e seus ouvidos alertas reconheceram a voz de seu filho. Ele parou o automóvel imediatamente. Quando os homens olharam para a rua, viram sair da multidão ruidosa um menininho de nove anos, ofegante, exausto e chorando em sua tentativa de alcançar o carro. (...)

O pai disse: “O que você faz por aqui, meu filho?”

“Eu estava procurando o senhor.”

“Então você saiu do lugar que tínhamos combinado para encontrar-nos?”

“Fui ver onde o senhor estava.”

O menino entendera que eles iriam encontrar-se em frente ao Tabernáculo. Na verdade, o pai esperava encontrá-lo um pouco mais à frente, na mesma rua. Por causa desse mal-entendido, o filho distanciara-se do pai e vira-se sozinho e desprotegido no meio da multidão.

A meu ver, isso ilustra a advertência que já foi feita tantas vezes. Pais, há mal-entendidos entre vocês e seus filhos? Haveria alguém vagando em meio às multidões da vida, cercado por toda sorte de tentações, enquanto vocês o esperam num lugar designado que ele desconhece? Pode ser que ele não saia da multidão gritando: “Pai! Pai!” e mesmo que ele o faça, pode ser que seus ouvidos estejam surdos para esse apelo devido ao fato de sua mente estar concentrada nas atividades do cotidiano. Assim, vocês poderão acabar por passar por ele em alta velocidade, deixando-o à mercê dos males do mundo, sozinho para encontrar o caminho de volta para casa. Levem seus filhos com vocês ao longo desta estrada da vida, para que os tenham ao seu lado naquele lar eterno onde há paz e contentamento eternos.¹⁷

O pai que, por causa de responsabilidades profissionais, políticas ou sociais deixa de dividir com a esposa a responsabilidade de

criar os filhos é infiel a suas obrigações conjugais e é um elemento negativo no que pode e deve ser uma atmosfera alegre no lar, o que constitui um fator para a discórdia e a delinqüência.¹⁸

**Os pais devem ensinar, com amor,
a obediência e a reverência.**

A reverência e a obediência à lei devem começar em casa. De fato, nunca é demais salientar a responsabilidade dos pais de ensinar aos filhos a reverência a Deus em todas as coisas sagradas e a honrar e respeitar a lei.¹⁹

A obediência é a primeira lei dos céus e é a lei do lar. Não pode haver verdadeira felicidade no lar sem a obediência — uma obediência não conquistada pela força física, mas pelo elemento divino do amor. Não há lar sem amor. Um homem pode possuir um palácio sem ter um lar, ao passo que outro pode viver numa cabana de chão batido e ter o lar mais glorioso de todo o mundo, caso entre suas quatro paredes reine o princípio divino do amor [que cria] essa obediência abençoada que torna a vida digna de ser vivida.²⁰

Estão em voga algumas teorias questionáveis que advogam a autodeterminação das crianças e a preservação de sua individualidade. Alguns desses estudiosos acreditam que as crianças devem ser autorizadas a resolver seus próprios problemas sem a orientação dos pais. Há um lado positivo nisso, mas trata-se em grande parte de um erro. (...)

(...) A criança deve aprender que há limites para seus atos e que certos limites não podem ser ultrapassados impunemente. Essa obediência às normas do lar pode ser alcançada por meio da bondade, mas com firmeza. “Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.” [Ver Provérbios 22:6.]²¹

Os jovens [precisam] de orientação, direção e limites adequados. “Que a primeira lição ensinada a teu filho seja a obediência, e a segunda pouco importa”, disse Benjamin Franklin. (...) A criança deve aprender ainda pequena que o mundo não foi criado apenas para ela e que ela tem obrigações para com os outros. (...)

Os pais também têm a responsabilidade, no ensino, de não provocar a ira dos filhos. [Ver Efésios 6:4.] Eles devem ter o cuidado de não os irritar com imposições vexatórias nem de infundir-lhes culpa fora de limites razoáveis. Sempre que possível, devem dar incentivo em vez de constantes críticas ou reprimendas.²²

O exemplo dos pais é uma força que exerce enorme influência na vida dos filhos.

Todos têm a responsabilidade, e principalmente o pai e a mãe, de dar exemplos dignos de serem imitados pelas crianças e jovens. Os pais devem ser sinceros em seu apoio à lei e em honrar o sacerdócio no lar, para que as crianças vejam um exemplo adequado.²³

Os pais e a Igreja têm o dever não só de ensinar, mas também de demonstrar aos jovens que levar uma vida pautada pela verdade e a pureza traz alegria e felicidade, ao passo que a violação das leis morais e sociais resulta apenas na insatisfação, tristeza e, nos casos extremos, degradação.²⁴

Temos o dever, como adultos e pais, de dar-lhes um bom exemplo no lar e na sociedade. Temos a responsabilidade de inculcar nos filhos nossa sinceridade em nossa crença no evangelho de Jesus Cristo. Os pais nunca devem ensinar uma coisa sobre o evangelho e fazer outra. As crianças são muito atentas à falta de sinceridade.²⁵

A família dá à criança seu nome e sua posição na comunidade. Uma criança deseja que sua família seja tão boa quanto a de seus amigos. Ela deseja poder apontar com orgulho para seu pai e sentir-se inspirada sempre que pensar em sua mãe.²⁶

Que Deus nos ajude a defender a verdade — melhor ainda, a vivê-la, a ser um exemplo dela em nosso lar. (...) Que Deus lhes dê forças para exercerem essa influência, a fim de que seus filhos sejam fiéis até o fim, até a morte se necessário, leais à verdade do evangelho de Jesus Cristo.²⁷

Tenhamos mais determinação para formar um lar digno, para ser maridos mais bondosos, esposas mais atenciosas, um melhor

exemplo para nossos filhos; tenhamos determinação para que em nosso lar desfrutemos aqui na Terra um gostinho do céu.²⁸

Sugestões para Estudo e Discussão

- Qual é o papel dos pais no plano de Deus de “levar a efeito a imortalidade e vida eterna” de Seus filhos? (Ver as páginas 168–170.) De que forma o pai e a mãe dividem a responsabilidade pela criação de filhos em retidão? (Ver as páginas 169–170.)
- Por que os pais devem fazer dos filhos e do lar sua principal prioridade? Que influências ou atividades competem com o tempo que a família pode passar em conjunto? Como os pais podem manter as atividades fora do lar na perspectiva adequada? Por que é importante envolver todos os familiares nessas decisões?
- Que relação especial deve existir entre a mãe e seus filhos? (Ver as páginas 170–171.) Quais são algumas maneiras excepcionais pelas quais a mãe pode influenciar seus filhos para o bem?
- O que o pai pode fazer para desempenhar um papel ativo na criação dos filhos? (Ver as páginas 172–173.) Que bênçãos podem advir aos pais e filhos quando eles despendem tempo juntos?
- Quais são algumas maneiras eficazes para os pais ensinarem aos filhos a obediência e a reverência? (Ver as páginas 173–174.) Por que o amor desempenha um papel tão importante nesse empenho? O que os pais podem fazer quando os filhos decidem desobedecer e se afastam do caminho correto?
- Qual é o efeito sobre os filhos quando os pais “ensinam uma coisa sobre o evangelho e fazem outra”? Quais são alguns exemplos que você já viu de pais que influenciaram os filhos de maneira positiva? (Ver as páginas 174–175.)
- De que forma podemos ajudar os pais e mães solteiros que estão lutando para criar seus filhos em retidão?
- A seu ver, por que o Senhor considera as responsabilidades da paternidade e da maternidade mais importantes do que todas

as demais? Por que é essencial compreender que o lar é a unidade básica da Igreja? Que semelhanças você vê entre os ensinamentos do Presidente McKay sobre a família e “A Família: Proclamação ao Mundo”?

Escrituras Relacionadas: Colossenses 3:20–21; 1 Néfi 1:1; 8:35–38; Enos 1:1–3; Alma 56:41–48.

Notas

1. Conference Report, outubro de 1967, p. 97.
2. *Secrets of a Happy Life*, comp. Llewelyn R. McKay (1960), p. xii.
3. Citado do livro *Remembering the McKays* (1970), de John J. Stewart, p. 30.
4. David Lawrence McKay, *My Father, David O. McKay* (1989), p. 99; alterações na disposição dos parágrafos.
5. Citado do livro *Home: The Savior of Civilization* (1924), de J. E. McCulloch, p. 42; Conference Report, abril de 1935, p. 116.
6. Conference Report, outubro de 1954, pp. 8–9.
7. Conference Report, abril de 1955, p. 27.
8. Conference Report, abril de 1969, p. 7.
9. Conference Report, abril de 1966, p. 107.
10. Conference Report, outubro de 1954, p. 8.
11. Conference Report, abril de 1955, pp. 25–26.
12. *Stepping Stones to an Abundant Life*, comp. Llewelyn R. McKay (1971), p. 358.
13. *True to the Faith: From the Sermons and Discourses of David O. McKay*, comp. Llewelyn R. McKay (1966), pp. 167–168.
14. *Pathways to Happiness*, comp. Llewelyn R. McKay (1957), p. 116.
15. *Man May Know for Himself: Teachings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss (1967), pp. 262–265.
16. Conference Report, abril de 1951, p. 81.
17. *Gospel Ideals* (1953), pp. 489–490.
18. Conference Report, abril de 1965, p. 7.
19. Conference Report, abril de 1937, p. 30.
20. Conference Report, junho de 1919, p. 78.
21. Conference Report, abril de 1955, p. 27.
22. Conference Report, abril de 1959, p. 73.
23. Conference Report, outubro de 1927, p. 12.
24. Conference Report, abril de 1967, p. 6.
25. Conference Report, abril de 1960, p. 120.
26. Conference Report, abril de 1945, p. 143.
27. Conference Report, abril de 1969, p. 97.
28. Conference Report, abril de 1952, p. 128.



Um Testemunho da Verdade

Um testemunho do evangelho de Jesus Cristo é a dádiva mais sagrada e preciosa de nossa vida, alcançada somente pela observância dos princípios do evangelho, não por seguirmos os caminhos do mundo.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay sempre ensinava sobre a importância de adquirirmos um testemunho pessoal do evangelho, prometendo que “o Senhor nunca abandona aqueles que O buscam”. Ainda em sua juventude, David O. McKay desejava adquirir seu próprio testemunho da verdade. Recordando esse período de sua vida, ele escreveu:

“Quando eu era jovem, por algum motivo eu tinha a impressão de que não poderíamos adquirir um testemunho a menos que tivéssemos alguma manifestação extraordinária. Eu lera a respeito da primeira visão do Profeta Joseph Smith e eu sabia que ele sabia que o que recebera vinha de Deus. Ouvi o testemunho de meu pai sobre uma voz que ele ouvira, e de alguma forma achei que se tratava da fonte de todo testemunho. Percebi em minha mocidade que a coisa mais preciosa que um homem pode receber nesta vida é um testemunho da divindade desta obra. Eu ansiava por isso; eu sabia que se eu conseguisse adquirir um testemunho, tudo o mais pareceria insignificante.

Eu não era negligente em minhas orações. Eu sempre achava que a oração secreta, fosse no quarto, num bosque ou nas montanhas, seria o momento em que esse testemunho chegaria. Assim, quando menino, ajoelhei-me várias vezes ao lado de arbustos enquanto meu cavalo me esperava à beira da estrada.

Lembro-me de andar pelas colinas de Huntsville certa tarde, pensando nessas coisas e concluindo que lá, no silêncio dos



“A coisa mais preciosa do mundo é um testemunho da verdade.”

montes, seria o melhor local para eu adquirir esse testemunho. Parei o cavalo, soltei as rédeas, recuei alguns passos e ajoelhei-me ao lado de uma árvore. O ar estava limpo e puro, e a luz do sol estava deliciosa; o verde dos campos e árvores estava por todas as partes, e flores perfumavam o ar. (...)

Ajoelhei-me e, com todo o fervor de meu coração, abri minha alma a Deus e pedi-Lhe um testemunho do evangelho. Eu achava que haveria alguma manifestação, que ocorreria uma transformação que afastaria todas as minhas dúvidas.

Levantei-me, montei no cavalo e, quando ele começou a marchar, recordo que fiz perguntas a mim mesmo de modo bastante introspectivo e involuntariamente sacudi a cabeça, pensando: ‘Não, nada mudou; sou o mesmo rapaz que eu era antes de ajoelhar-me’. A manifestação que eu esperava não viera.”²

Embora ele não tenha recebido de imediato a manifestação desejada, o Presidente McKay continuou a buscar um testemunho pessoal. Posteriormente, ele relatou: “A manifestação espiritual pela qual orei quando adolescente veio como consequência natural da realização de meus deveres”.³

Com base em sua própria experiência, o Presidente McKay ensinava que a obediência aos princípios do evangelho é algo fundamental para o recebimento de um testemunho. Ele testificou: “Se vocês desejarem abraçar os princípios da vida eterna, sentirão instilar-se em sua alma uma bênção do Espírito Santo que lhes dará um testemunho inconfundível de que Deus vive, de que Ele é de fato nosso Pai e de que esta é Sua obra estabelecida por meio do Profeta Joseph Smith. Este é meu testemunho — a coisa mais preciosa da vida”!⁴

Ensinamentos de David O. McKay

**Um testemunho da verdade é o bem
mais precioso do mundo.**

Nada que um homem possua neste mundo trará mais conforto, esperança e fé do que um testemunho da existência de um Pai Celestial que nos ama ou da realidade de Jesus Cristo, Seu Filho Unigênito, de que esses dois Personagens celestiais apareceram ao

Profeta Joseph e estabeleceram a Igreja de Jesus Cristo e de que os homens são autorizados oficialmente a representarem a Deidade.⁵

A coisa mais preciosa do mundo é um testemunho da verdade. (...) A verdade nunca envelhece, e a verdade é que Deus é a fonte do Sacerdócio (...); que Ele vive, que Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote, está à frente desta Igreja.⁶

Recebemos testemunho do Espírito de que somos filhos de nosso Pai Celestial. Recebemos testemunho de que Deus é um ser vivo. Recebemos testemunho de que Cristo, que foi crucificado e ressurgiu no terceiro dia como ser ressurreto, é o cabeça de Sua Igreja. Recebemos o testemunho do Espírito de que Ele revelou nesta dispensação o evangelho de Jesus Cristo, que foi restabelecido na Terra em toda a sua plenitude. O evangelho de Jesus Cristo, conforme revelado ao Profeta Joseph Smith, é de fato, de todas as formas, o poder de Deus para a salvação. [Ver Romanos 1:16.] Ele dá a todos os homens a vida perfeita nesta esfera e, por meio da obediência aos princípios do evangelho, confere-nos a vida eterna.⁷

Guardem no coração o testemunho da verdade; tornem-no algo tão sólido, firme e inabalável quanto as estrelas que povoam o firmamento. Que em cada coração e em cada lar penetre o verdadeiro Espírito de Cristo, nosso Redentor, cuja realidade e cuja orientação inspirada sei que são reais.⁸

Quando somos obedientes, recebemos um testemunho por meio do Espírito.

A pureza de pensamento e a sinceridade de coração na busca da orientação diária do Salvador conduzirão a um testemunho da veracidade do evangelho de Cristo tão certo e permanente quanto o possuído por Pedro (...) depois de ver a transfiguração de Cristo e ouvir a voz de Deus testificar de Sua divindade. [Ver Mateus 17:1–5.]⁹

Pergunto-me quantos de nós estão mostrando (...) [aos jovens] *como* eles podem [receber um testemunho]. Será que estamos salientando suficientemente o fato de que eles nunca terão essa certeza caso se entreguem ao pecado, que nunca chegarão a esse conhecimento se viverem para satisfazer suas pai-

xões e apetites? “Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem.” (Gênesis 6:3; D&C 1:33; Moisés 8:17) Seu Espírito não habitará em tabernáculos impuros. (“O Espírito do Senhor não habita em templos impuros.” Helamã 4:24.) E não podemos ter um testemunho sem o Espírito de Deus. (...)

(...) As pessoas poderão indagar: Como posso saber? Jesus respondeu a essa pergunta, assim como mostrou o caminho em todos os demais aspectos da vida. Certo dia, quando prestou testemunho de Sua divindade e de que Seus ensinamentos provinham de Deus, os fariseus e outros a Sua volta disseram: “Como sabe este letras, não as tendo aprendido?” Como podemos saber (essa foi a pergunta deles) que és divino? E Ele deu uma resposta simples: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus”. (João 7:15, 17) E “a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. [Ver João 17:3.]¹⁰

A alguns é dado conhecer, disse o Senhor em Doutrina e Convênios, pelo Espírito Santo, que Jesus é o Filho de Deus e que foi crucificado pelos pecados do mundo. [Ver D&C 46:13.] É a esses que me refiro quanto aos que permanecem firmes sobre a rocha da revelação no testemunho que prestam ao mundo. Mas o Senhor diz também que há outros a quem é dado acreditar no testemunho prestado por outras pessoas, para que também recebam a salvação se continuarem fiéis. [Ver D&C 46:14.] Contudo, todos esses recebem também o testemunho das experiências do cotidiano.

Os santos dos últimos dias em todo o mundo sentem a confirmação de seu testemunho ao cumprirem seus deveres. Eles sabem que o evangelho os ensina a serem pessoas melhores; que a obediência aos princípios do evangelho os torna homens mais fortes e mulheres mais verdadeiras. A cada dia, eles recebem esse conhecimento e não podem negá-lo; sabem que a obediência ao evangelho de Jesus Cristo os torna maridos melhores e mais verdadeiros, esposas mais verdadeiras e honradas, filhos mais obedientes. Eles sabem que a obediência aos princípios do evangelho torna-os, em todos os aspectos, os formadores ideais de lares; o ideal está presente, eles sentem-no na mente e não

podem negá-lo, conhecem-no e sabem que a transgressão desses princípios exercerá o efeito contrário em sua vida pessoal e familiar. Eles sabem que a obediência ao evangelho promove a verdadeira fraternidade e integração na humanidade; sabem que são melhores cidadãos em virtude da observância de suas leis e ordenanças. Assim, no decorrer de seus atos no cotidiano, ao aplicarem a religião em seu trabalho e sua vida como um todo, a verdade do evangelho será exemplificada em sua vida.¹¹

Sem dúvida, vocês conheceram pessoas que (...) se indagam como a Igreja é capaz de manifestar tamanha vitalidade e crescimento. O segredo é que todo verdadeiro santo dos últimos dias possui individualmente a certeza de que esta é a obra de Deus, o mesmo poder que deu a Pedro e João forças para encarar seus acusadores e declarar aberta e audaciosamente no sinédrio: “Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes (...), em nome desse é que este está são diante de vós”. E o poder de declarar: “Debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos”. [Ver Atos 4:10, 12.]

O segredo reside no testemunho possuído por toda pessoa que é fiel a sua condição de membro da Igreja de Cristo, a certeza de que o evangelho é constituído por princípios corretos. (...) Esse testemunho foi revelado a todos os homens e mulheres sinceros que seguiram os princípios do evangelho de Jesus Cristo, realizaram as ordenanças e adquiriram o direito ao Espírito de Deus, o Espírito Santo, e de fato O receberam, a fim de serem guiados. Cada pessoa adquiriu esse testemunho por si mesma, assim como as milhares de lâmpadas incandescentes que tornam Salt Lake City (...) tão brilhante à noite — cada uma delas resplandece com luz própria, mas a fonte é a mesma, e todas as lâmpadas recebem energia da mesma forma.¹²

O testemunho que recebemos de Deus é infinitamente maior do que o que recebemos dos homens; é o testemunho que testifica de Seu Filho: “Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho”. [I João 5:10] É o testemunho do Espírito. Deus de fato revela hoje à alma humana a realidade da ressurreição do Senhor, a divindade desta obra grandiosa, a verdade divina e eterna de que Deus vive, de que Ele não é meramente uma força,

uma essência, um poder como a eletricidade, mas é nosso Pai Celestial. (...) Deus revela à alma humana Sua existência. Ele revela a divindade do Senhor Jesus Cristo, que veio à Terra para dar aos homens a grandiosa realidade da existência de Deus e de Seu Filho.¹³

Com a verdade como nosso guia, nosso companheiro, nosso aliado, nossa inspiração, poderemos ter consciência de nossa relação próxima com o Infinito. Assim, todas as pequenas tribulações, tristezas e sofrimentos desta vida se apagarão como as visões efêmeras e inofensivas de um sonho. Teremos esse privilégio por meio da bênção e orientação de Deus se aplicarmos em nosso cotidiano as bênçãos e privilégios espirituais do evangelho de Jesus Cristo.¹⁴

Um testemunho do evangelho é uma âncora para a alma.

O testemunho do evangelho é uma âncora para a alma em meio à confusão e aos conflitos. (...) O conhecimento de Deus e Suas leis traz estabilidade, satisfação e paz. Com isso, nosso coração enche-se de amor que se espalha para as pessoas a nossa volta, oferecendo as mesmas bênçãos e privilégios.¹⁵

Não podemos crer verdadeiramente que somos filhos de Deus e que Ele existe, sem acreditar no final do inevitável triunfo da verdade do evangelho de Jesus Cristo. Se acreditarmos nisso, não nos preocuparemos com a destruição do mundo e da civilização atual, pois Deus estabeleceu Sua Igreja para nunca mais ser destruída nem entregue a outro povo. E assim como Deus vive e enquanto Seu povo permanecer fiel a Ele e uns aos outros, não precisamos temer quanto à vitória final da verdade.

(...) Se vocês contarem com esse testemunho [da verdade], poderão passar pelo sombrio vale das calúnias, das difamações e dos maus-tratos sem sentir temor, como se vestissem uma armadura especial resistente a flechas e balas. Podem andar de cabeça erguida, sem abaixar o olhar, encarando a todos nos olhos com serenidade e destemor. (...) Vocês saberão que tudo terminará bem; que, seja como for, todos os opositores fugirão diante da grandiosa luz da verdade, assim como as trevas somem por completo diante do alvorecer.¹⁶

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que significa ter um testemunho de Jesus Cristo e Seu evangelho? Por que um testemunho é o tesouro mais precioso que podemos possuir? (Ver as páginas 177–179.) Por que é essencial que tenhamos, cada um de nós, um testemunho pessoal?
- O que precisamos fazer para receber um testemunho da verdade? (Ver as páginas 179–183.) Por que a obediência é parte integral de um testemunho forte? Que papel o Espírito Santo desempenha na obtenção de um testemunho?
- Por que é importante continuar a fortalecer nosso testemunho no decorrer de nossa vida? Quais são algumas maneiras que você encontrou para nutrir seu testemunho?
- O que podemos fazer para ajudar nossos filhos a receberem um testemunho de Jesus Cristo e Seu evangelho?
- O Presidente McKay ensinou que “o testemunho do evangelho é uma âncora para a alma”. (Ver a página 183.) Por que precisamos de um testemunho para servir de âncora para nossa alma? (Ver a página 183.) De que forma seu testemunho já o protegeu e fortaleceu em meio às tribulações da vida?
- Por que é importante prestar nosso testemunho para as pessoas? Que bênçãos você já recebeu por prestar testemunho?

Escrituras Relacionadas: Mateus 16:13–17; Lucas 22:32; João 7:17; 14:26; Êter 12:4; Morôni 10:3–5; D&C 1:39; 93:24–28.

Notas

1. *Treasures of Life*, comp. Clare Middlemiss (1962), p. 228.
2. *Treasures of Life*, pp. 228–230.
3. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), p. 7.
4. *Treasures of Life*, p. 232.
5. Conference Report, outubro de 1953, p. 88.
6. Conference Report, abril de 1948, p. 172.
7. Conference Report, outubro de 1966, p. 136.
8. Conference Report, outubro de 1965, pp. 145–146.
9. *Ancient Apostles* (1918), p. 49.
10. Conference Report, outubro de 1953, pp. 88–89.
11. Conference Report, outubro de 1912, p. 121; alterações na disposição dos parágrafos.
12. Conference Report, outubro de 1912, pp. 120–121.
13. Conference Report, outubro de 1925, p. 111.
14. Conference Report, abril de 1958, p. 130.
15. Conference Report, outubro de 1912, p. 122.
16. Conference Report, abril de 1969, p. 152.



Coragem de Viver em Retidão

*A fé em Deus e a coragem de fazer Sua vontade
é do que o mundo mais precisa hoje em dia.¹*

Introdução

Ao discursar numa conferência geral, o Presidente David O. McKay relatou uma história contada por um homem chamado James L. Gordon:

“Um rapaz (...) decidiu ser aprendiz numa firma de carpinteiros. Ele era um adolescente brilhante e foi recebido de braços abertos. Seus colegas disseram: ‘Vamos beber para comemorar a entrada desse jovem em nosso grupo!’ Encheram um copo de cerveja e passaram para ele.

Ele disse: ‘Não, obrigado. Eu não bebo’.

‘Bem’, disse rispidamente um antigo empregado, ‘não queremos em nossa firma homens que não bebem.’

‘Bem’, disse o rapaz, ‘se me aceitarem para trabalhar aqui, vou ser o primeiro.’

Outro agarrou-o pelo colarinho e disse: ‘Rapaz, essa cerveja é sua, e você vai ficar com ela por dentro ou por fora!’

‘Muito bem, cheguei aqui com meu casaco limpo e minha consciência tranqüila. Vocês poderão sujar minha roupa se quiserem, mas não vão manchar meu caráter.’

Referindo-se ao rapaz da história, o Presidente McKay observou:

“Ele fora treinado — insisto neste termo — não apenas ensinado, mas treinado a abster-se do fumo e do consumo de bebidas fortes e alcoólicas. É a isso que me refiro ao falar de coragem moral. A fé em Deus e a coragem de fazer Sua vontade é do que o mundo mais precisa hoje em dia.”²



“Em meio a suas lágrimas amargas, [Pedro] via todos os verdadeiros atributos personificados em Jesus: a reverência, a fraternidade, a paciência, a sinceridade, a coragem.”

Ensinamentos de David O. McKay

O Salvador é o exemplo supremo de coragem.

Aquele que é ou deve ser o guia de nossa vida foi o mais corajoso de todos os homens. “Em Jesus, encontramos o melhor exemplo possível de coragem, a bravura no seu grau mais elevado, o heroísmo em seu nível máximo.” O verdadeiro heroísmo defende o que é certo e encara os desastres sem temor. Nesse aspecto, o Salvador foi a personificação da verdadeira coragem e heroísmo. Para ilustrar isso, basta mencionar a purificação do templo [ver Mateus 21:12–13]; ou Seu destemor ao dizer a verdade quando Seus conterrâneos O expulsaram de Nazaré [ver Lucas 4:16–32, 43–44]; ou quando os cinco mil de Cafarnaum (...) [se reduziram a uns poucos] e Ele perguntou [aos Doze]: “Quereis vós também retirar-vos?” [Ver João 6:66–67.] Contudo, nem uma única vez o Mestre Se desesperou ou Se desviou de Seu curso. Esse é o tipo de coragem de que necessitamos no mundo atual.³

Quando soldados estavam prestes a prender Jesus, Pedro (...) precipitou-se para socorrer seu Mestre, “desembainhou [a espada], e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita”. [Ver João 18:10.] (...) “Põe a tua espada na bainha”, ordenou o Salvador, “não beberei eu o cálice que o Pai me deu?” [João 18:11] Que lição para Pedro! Embora o dever conduzisse ao sofrimento e à morte, o Senhor não fraquejou. (...)

A força e a lealdade de Pedro vacilaram; mas ele não foi capaz de fugir com os demais. Tampouco conseguiu decidir-se a ir com Jesus; assim, não tomou nenhuma dessas atitudes, mas “o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote”. [Marcos 14:54] No início, ele permaneceu do lado de fora, mas depois entrou onde os servos estavam sentados. (...)

[Depois de Pedro ter negado o Salvador três vezes], “virando-se o Senhor, olhou para Pedro“. Em seguida, ele recordou as palavras de Seu Senhor: “Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes”. E Pedro saiu e chorou amargamente. [Ver Lucas 22:54–62.]

Diz-se que quando Pedro “ se afastou de todos sem nada dizer (...) e, dominado pelo silêncio, chorou amargamente”, sua dor era tão pungente que ele ficou sozinho o dia inteiro na sexta-feira e no sábado depois da crucificação do Salvador. Nesse período, seu pesar pelo que fizera foi intensificado ao lembrar-se das muitas palavras bondosas que o Salvador lhe dissera e dos inúmeros momentos felizes que ele passara em Sua companhia. Cada palavra, cada gesto e cada olhar do Mestre voltavam nitidamente a sua mente com um novo significado. (...) Em meio a suas lágrimas amargas, ele via todos os verdadeiros atributos personificados em Jesus: a reverência, a fraternidade, a paciência, a sinceridade, a coragem.⁴

A esperança e o destino do mundo estão centrados no Homem da Galiléia, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ao travarem as batalhas do dia-a-dia, será que vocês refletem seriamente sobre isso e se perguntam se realmente acreditam nisso? [Um escritor] certa vez fez a seguinte pergunta: “Seria Jesus apenas uma figura lendária, um santo pintado nos vitrais de catedrais, (...) Alguém que não deve ser importunado e cujo nome mal se deve pronunciar ou será que Ele ainda é o que era quando estava na carne, uma realidade, um homem de sentimentos semelhantes aos nossos, um irmão mais velho, um guia, um conselheiro, um consolador, uma grande voz que nos chama do passado para vivermos de modo nobre, para que apontemos o caminho com coragem e conservemos nossa coragem até o fim?” O que Ele é para vocês, meus companheiros na obra?⁵

A coragem provém da fé e da esperança.

Temos, mais do que nunca, a responsabilidade de aprender e praticar o evangelho de Jesus Cristo. Temos tarefas diante de nós que são mais grandiosas do que as de antes. (...) A obra final ainda não foi de todo realizada. (...) Precisamos de coragem para ingressar nesses novos domínios; necessitamos de coragem para enfrentar nossas situações e condições atuais e é por isso que escolhi o texto: “Esforçai-vos, e ele fortalecerá o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor”. [Salmos 31:24]

Nessa promessa há dois princípios que devem ser valorizados por todo homem verdadeiramente religioso: a fé e a coragem. O que essa passagem ensina? Sabemos com certeza que o Senhor recompensa a fé do Seu povo; portanto, que ninguém se desespere, mas que tenha coragem, e sua esperança não será em vão. A fé em Deus, a esperança, a confiança em nosso próximo e a coragem de nossas convicções nos permitirão um dia alcançar qualquer causa justa.⁶

Com fé num poder sem limites, na proteção pessoal e íntima de nosso Pai — e gostamos de considerá-Lo como tal, um Pai amoroso —, enfrentemos nossas dificuldades com coragem.⁷

**Os jovens precisam desenvolver coragem para
manter-se fiéis aos valores espirituais.**

[A fidelidade a] nossos ideais é outra área na qual podemos manifestar coragem e merecer a aprovação de Deus, em Quem confiamos. Vivemos numa época em que os homens devem refletir com cuidado e não se deixar levar pelas muitas teorias inconseqüentes que aparentam oferecer a panacéia para nossos problemas atuais. Os novos tempos exigem uma juventude corajosa para manter-se fiel aos padrões morais. Nesse aspecto, podemos encontrar a mais verdadeira coragem moral. Diz-se que o heroísmo é a coragem concentrada. Bem, nossos maiores heróis nem sempre estão nos campos de batalha. Acho que os encontramos em meio a nossos jovens, rapazes e moças que, inseridos em grupos sociais, se erguem com destemor e denunciam os males que reconhecidamente maculam o caráter e a energia vital dos jovens.

“Nunca houve uma época na história do mundo”, disse [um escritor], “em que os heróis morais tenham sido mais necessários. O mundo espera por eles. A providência de Deus ordenou à ciência que trabalhe e prepare o caminho para eles; assim, ela está lançando alicerces, alargando vias, edificando pontes. Mas onde estão eles? Quem soprará em nossas relações civis e políticas o alento de uma vida mais elevada?” “A coisa mais importante do mundo”, disse um grande cientista, “não são as descobertas



Assim como os jovens guerreiros de Helamã, devemos ser “muito valorosos quanto à coragem e também vigor e atividade” e “fiéis em todas as ocasiões”. (Alma 53:20)

de Galileu, Faraday e outros, mas a crença na realidade de valores morais e espirituais.” Exorto os jovens a serem corajosos para manterem-se fiéis aos valores morais e espirituais do evangelho de Jesus Cristo. Afinal, “que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma”? [Mateus 16:26]⁸

O objetivo da educação é desenvolver na criança atributos que contribuirão para seu bem-estar ao longo da vida; desenvolver o poder do autodomínio para que ela nunca seja escravizada pela lascívia ou outras fraquezas, produzir homens e mulheres fortes, de modo que em cada criança e em cada jovem se encontre pelo menos a promessa de um amigo, um companheiro, alguém que posteriormente estará preparado para ser um pai exemplar ou

uma mãe amorosa e inteligente, alguém capaz de encarar a vida com coragem, enfrentar os desastres com fortaleza e afrontar a morte sem medo.⁹

O capítulo 53 de Alma fala sobre rapazes que eram extremamente valentes, corajosos, fortes e ativos — homens que eram leais em todas as ocasiões e em qualquer atribuição que lhes fosse concedida. Quem eram esses rapazes? Eram filhos de pais que eram igualmente fiéis a cada dever recebido. Seus pais eram lamanitas convertidos que, ao serem tocados pelo Espírito de Deus, haviam dedicado sua vida ao serviço ao próximo e, em seu ministério na Igreja, haviam feito o convênio de jamais voltar a pegar em armas contra seus irmãos e nunca mais guerrear. Essa fora a promessa; esse fora o convênio; e eles foram fiéis a essa aliança mesmo quando confrontados com a morte.¹⁰

Exorto os jovens a serem corajosos para manterem-se fiéis aos valores morais e espirituais do evangelho de Jesus Cristo. O mundo precisa de heróis morais!¹¹

Nas palavras de [um escritor]: (...) “Há dois caminhos abertos a sua frente: um leva a uma esfera inferior, onde se ouvem gritos de desespero (...); o outro conduz às terras elevadas do amanhecer, onde se ouvem brados felizes e onde os esforços honestos são recompensados com a imortalidade”. (...)

Ao fazerem a escolha, (...) que Deus lhes conceda visão, clareza, força de vontade e um coração cheio de coragem. Ao tomarem decisões sábias, andem de cabeça erguida e com o rosto radiante, mostrando que vocês não fazem mal a ninguém. Embora as responsabilidades da vida sejam pesadas e os pesares os oprimam, que a luz de Cristo continue a iluminá-los e que vocês prossigam sem temor.¹²

**Com coragem moral, podemos sobrepujar
as adversidades da vida.**

A coragem é a qualidade mental que nos leva a enfrentar o perigo ou a oposição com serenidade e firmeza e que nos permite encarar as dificuldades que se opõem às realizações justas. (...) A coragem implica enfrentar as dificuldades e vencê-las.¹³

É fácil fazer o que é certo quando estamos em boa companhia, mas não é fácil defender o que é correto quando a maioria das pessoas a nossa volta se opõe a isso; contudo, esse é o momento de demonstrar a verdadeira coragem. O Profeta Joseph, por exemplo, foi ultrajado e perseguido por dizer que tivera uma visão, mas sempre permaneceu fiel a seu testemunho. Embora tenha sido odiado e perseguido, ele sempre repetia que tudo o que declarara era verdade e que Deus lhe falara. *“O mundo inteiro não poderia fazê-lo pensar ou crer de outra maneira.”* [Ver Joseph Smith — História 1:24–25; grifo do autor.]

Esse é o tipo de coragem e firmeza que todos devem desenvolver. Quando sabemos o que é certo, devemos ter sempre a coragem de defendê-lo, mesmo que sejamos ridicularizados ou punidos.¹⁴

Sejamos corajosos na defesa do que é certo e não tenhamos medo de pronunciar-nos em favor disso. Sejamos leais.¹⁵

Que Deus nos dê coragem para escolher o que é certo, a capacidade de valorizar as coisas boas da vida e o poder de servi-Lo fielmente, bem como a nosso próximo.¹⁶

A verdade é a lealdade ao que é certo, conforme o enxergamos; é viver de modo corajoso e em harmonia com nossos ideais; é sempre um poder.¹⁷

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que é a coragem? (Ver a página 185.) Por que a coragem moral é mais importante do que a coragem física? Como podemos aumentar ou fortalecer nossa coragem moral? Como podemos viver o evangelho com coragem serena e diária?
- Quais são alguns exemplos das escrituras do Salvador e outros que mostraram perfeita coragem moral? (Ver as páginas 189–190.) De que forma o exemplo deles já o fortaleceu?
- Qual é a relação entre a fé e a coragem? (Ver a página 188–189.) Como o Senhor nos ajuda a enfrentar as tribulações aparentemente intransponíveis? O que precisamos fazer para receber o auxílio Dele?

- Desanimar significa perder a coragem. Por que o desânimo é uma arma tão perigosa do adversário? Como podemos proteger-nos do desânimo e superá-lo?
- Que tipos de situações (sociais ou outras) exigem coragem extraordinária? Como os santos dos últimos dias podem demonstrar coragem nessas situações? Como podemos ajudar e incentivar as crianças e jovens da Igreja a serem corajosos para manter os padrões do evangelho? (Ver as páginas 189–192.) Como a publicação de *Para o Vigor da Juventude* pode ajudar nesse empenho?

Escrituras Relacionadas: Deuteronômio 31:6; II Reis 6:16; Romanos 15:13; 1 Néfi 3:7; D&C 121:7–9.

Notas

1. Conference Report, abril de 1963, p. 95.
2. Conference Report, abril de 1963, p. 95; história tirada de *The Young Man and His Problems*, de James L. Gordon.
3. Conference Report, abril de 1936, p. 58.
4. *Ancient Apostles* (1918), pp. 63–66; alterações na disposição dos parágrafos.
5. Conference Report, outubro de 1954, p. 84; alterações na disposição dos parágrafos.
6. Conference Report, abril de 1936, pp. 57–58; alterações na disposição dos parágrafos.
7. Conference Report, abril de 1936, p. 61.
8. Conference Report, abril de 1936, 60–61; alterações na disposição dos parágrafos.
9. *Gospel Ideals* (1953), p. 436.
10. Conference Report, outubro de 1927, pp. 11–12.
11. Conference Report, abril de 1969, p. 152.
12. *Whither Shall We Go?* Brigham Young University Speeches of the Year, 10 de maio de 1961, p. 7.
13. Conference Report, abril de 1936, p. 58.
14. *Ancient Apostles*, p. 185; alterações na disposição dos parágrafos.
15. Conference Report, outubro de 1968, p. 145.
16. Conference Report, abril de 1940, p. 118.
17. Conference Report, abril de 1959, p. 73.



“O verdadeiro cristianismo é o amor em ação. (...) Com fé e bondade, encham seu coração do desejo de servir a toda a humanidade. O espírito do evangelho vem por meio do serviço em prol dos outros.”



A Natureza Divina do Serviço

O objetivo mais nobre da vida é empenhar-nos para tornar a vida dos outros melhor e mais feliz.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay sempre ensinava que o serviço ao próximo traz verdadeira felicidade e que o Senhor guia e abençoa aqueles que O servem. Em 1921, um exemplo da orientação do Senhor a Seus servos aconteceu enquanto o Élder David O. McKay e o irmão Hugh J. Cannon estavam cumprindo a designação da Primeira Presidência de visitar os membros da Igreja em todo o mundo. Parte de sua atribuição era visitar os membros da Igreja na Armênia. Devido aos efeitos da Primeira Guerra Mundial e às condições difíceis na região, pouco se sabia sobre a situação dos membros da Igreja lá. O Élder McKay escreveu:

“Em março de 1921, ficamos sabendo que, num dia de jejum especial, haviam sido feitas contribuições no valor de vários milhares de dólares para auxiliar os pobres da Europa e os armênios que sofriam na Ásia. Tomamos conhecimento também de que a Primeira Presidência estava cogitando enviar um mensageiro especial à Síria a fim de ajudar pessoalmente os santos armênios.”

Como não estava prevista uma visita do Élder McKay e do irmão Cannon aos membros da Igreja na Armênia no começo de sua viagem, apenas muito depois, eles deram continuidade aos deslocamentos iniciais, visitando áreas como a Austrália, a Nova Zelândia e inúmeras ilhas. Por vários meses, eles nada ouviram sobre a condição dos santos na Armênia ou se alguém fora enviado com os fundos de auxílio. Por fim, em 2 de novembro de 1921, quando estavam em Jerusalém, receberam a notícia de que um homem chamado J. Wilford Booth fora enviado pela sede da Igreja para reunir-se a eles. Contudo, não sabiam exatamente quais eram os planos de viagem dele. Naquele dia, o Élder McKay

registrou em seu diário: “Não fazemos idéia de onde ele esteja, mas sairemos de Jerusalém e iremos a Haifa, a caminho de Alepo (Síria) amanhã de manhã. Decidimos atravessar a Samaria de carro, visitando locais bíblicos”. Antes de partirem, o Élder McKay e o irmão Cannon subiram o Monte das Oliveiras, escolheram um local afastado e oraram para que o Senhor os guiasse em sua viagem.

Após a oração, o Élder McKay escreveu: “Ao voltar ao hotel, senti a forte impressão de que deveríamos ir a Haifa de trem e não de carro”. O irmão Cannon concordou e eles seguiram viagem para Haifa, esperando encontrar o Élder Booth lá. O Élder McKay escreveu: “Nosso maior desejo ao iniciarmos aquele deslocamento era encontrar o Élder Booth. De fato, parecia que nossa viagem para a Síria seria vã a menos que o encontrássemos. Estávamos um tanto perdidos. Não conhecíamos ninguém. (...) Tínhamos alguns nomes e endereços, mas não conseguíamos lê-los, pois estavam escritos em turco”.

Quando o Élder McKay e o irmão Cannon chegaram à estação ferroviária, demoraram para deixar o local, na tentativa de conseguir informações sobre um hotel onde poderiam hospedar-se. Depois desse atraso, o Élder McKay dirigiu-se à porta da estação ao lado de outro viajante. Esse homem tocou-o no ombro e disse: “O senhor não é o irmão McKay?”

O Élder McKay relatou os resultados desse encontro da seguinte forma: “Extremamente surpreso por ter sido abordado dessa forma numa cidade totalmente desconhecida, virei-me e reconheci o Élder Wilford Booth, o homem que eu mais queria encontrar no mundo naquele momento. Tínhamo-nos encontrado na hora e no local mais oportunos. (...) Não teria sido melhor nem que tivéssemos planejado durante semanas! Ao relatarmos nossas experiências um ao outro, não tivemos dúvida de que nosso encontro resultara da intervenção divina. (...) De fato, se não tivéssemos nos encontrado em Haifa, nossa viagem para a Missão Armênia teria sido, do ponto de vista humano, um fracasso total. Mas devido à maneira bem-sucedida como se desenvolveram os acontecimentos, conseguimos organizar a Missão Armênia, em meio a muitas atribuições e experiências”.²

Ensinaamentos de David O. McKay

É a vontade do Senhor que sirvamos uns aos outros.

A vontade de Deus é que sirvamos ao próximo, trabalhemos em seu benefício, tornando este mundo melhor por termos vivido nele. Cristo deu tudo de Si para ensinar-nos este princípio. Ele declarou: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. (Mateus 25:40) Esta é a mensagem que Deus nos concedeu. Esta é a Igreja de Deus, que está organizada de modo tão perfeito que todos os homens e mulheres e todas as crianças têm a oportunidade de fazer algo de bom pelos outros. É a obrigação de nossos membros do sacerdócio, é a responsabilidade das organizações auxiliares e de cada membro servir a Deus e realizar Sua vontade. Se isso fizermos, e quanto mais o fizermos, mais nos convenceremos de que esta é a obra de Deus, pois estaremos testando-a. *Então, ao fazermos a vontade de Deus, passaremos a conhecer a Deus e nos aproximaremos Dele e sentiremos que alcançaremos a vida eterna.* Vamos sentir amor pelos homens de todas as partes e poderemos dizer em unísono com os apóstolos da antigüidade: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”. (I João 3:14)³

Alguém disse que “o gênero humano pereceria se seus integrantes deixassem de ajudar uns aos outros”. Certo homem disse que “desde o momento em que um recém-nascido vai para os braços de sua mãe até dar seu último suspiro amparado por alguém na velhice, os seres humanos não podem sobreviver sem o auxílio mútuo”. (...) A Igreja, com todos os seus quóruns e organizações, é o plano de Deus para prestar auxílio mútuo.⁴

Vêm-me à mente algumas pessoas (...) às quais eu gostaria de externar gratidão. (...) São os homens e mulheres em toda a Igreja que estão contribuindo com seu tempo e recursos para o avanço da verdade — não apenas ensinando, mas servindo com ardor de várias maneiras. Alguns deles estão lutando com dificuldade para ganhar o próprio sustento. Outros são homens e mulheres abastados que se aposentaram e que têm fortunas milionárias. (...) Que Deus abençoe aqueles que estão prestando

tal serviço e abençoe a todos vocês, pois acho que podemos dizer acerca da Igreja: “Estamos empenhados em ser um, Pai, como Tu e Teu Filho são um”.⁵

Vocês estão dispostos a servir? Possuem a visão mencionada pelo rei Benjamim ao dizer: “(...) quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus”? (Mosias 2:17) O verdadeiro cristianismo é o amor em ação. Não há melhor maneira de manifestar amor a Deus que mostrar amor abnegado ao próximo. (...)

(...) Com fé e bondade, encham seu coração do desejo de servir a toda a humanidade. O espírito do evangelho vem por meio do serviço em prol dos outros.⁶

O serviço traz felicidade a quem o presta e a quem o recebe.

A felicidade é de fato a finalidade de nossa existência. Essa felicidade é alcançada de modo mais eficaz por meio do serviço a nosso próximo.⁷

Toda a humanidade deseja a felicidade. Muitos também buscam sinceramente dar o máximo e o melhor de si mesmos. Contudo, é surpreendente que poucos se dêem conta de que um guia seguro para a realização de tal objetivo se encontra na seguinte declaração de Jesus de Nazaré: “Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”. [Mateus 16:25] Essa passagem significativa contém um segredo que merece ser possuído mais do que a fama ou o poder, algo mais valioso do que todas as riquezas do mundo.

É um *princípio* cuja aplicação promete substituir o *desânimo e a tristeza* pela *esperança e a felicidade*; encher a vida de *satisfação e paz* eternas. Supondo que seja verdade, a aceitação disso constituirá realmente uma bênção para este mundo repleto de distrações e depressão. Por que, então, os homens e mulheres ignoram algo tão precioso?

Será que a verdade na frase paradoxal “perder a vida para achá-la” é tão evasiva que a humanidade não é capaz de captá-la? Ou estaria ela tão em conflito com a luta pela sobrevivência que os homens a consideram impraticável?

De qualquer maneira, a realidade é que Aquele que é o “Caminho, a Verdade e a Vida” [ver João 14:6] estipulou uma lei imutável. (...)

Expressa de modo específico, a lei declara: “*Vivemos nossa vida de modo mais pleno quando nos empenhamos para tornar o mundo melhor e mais feliz*”. A lei da natureza pura, a sobrevivência do mais forte é a *autopreservação em detrimento de tudo o mais*. Contudo, em oposição a isso recebemos a lei da verdadeira vida espiritual que consiste em *negar a si mesmo em benefício dos outros*. (...)

Com esses objetivos em vista, [milhares de] homens e mulheres, servindo de boa vontade e sem salário, oferecem semanalmente a [dezenas de milhares] de crianças e jovens ensinamentos e orientações que contribuem para a formação de seu caráter e seu crescimento espiritual. Além desse exército de líderes e professores, (...) homens ordenados ao sacerdócio aceitaram a obrigação de dedicar seu tempo e seus talentos tanto quanto possível para irradiar felicidade, alegria e paz entre seus semelhantes.⁸

Doar constitui maior demonstração de espiritualidade do que receber. As maiores bênçãos espirituais advêm de ajudar o próximo. Se vocês quiserem ser infelizes, basta nutrir ódio por um irmão e se desejarem odiar, basta fazer-lhe mal. Mas caso queiram ser felizes, façam alguém feliz.⁹

Que homens e mulheres sinceros em todo o mundo se unam em esforços sinceros para substituir o egoísmo, o ódio, a animosidade e a ganância pela lei do serviço ao próximo e assim promover a paz e felicidade da humanidade.¹⁰

Devemos seguir o exemplo do Salvador prestando serviço.

Quando o Salvador estava prestes a deixar os apóstolos, deu-lhes um excelente exemplo de serviço. Como devem estar lembrados, Ele cingiu-Se com uma toalha e lavou os pés de Seus discípulos. Pedro, achando que se tratava de um trabalho subalterno, disse: “(...) tu lavas-me os pés a mim? (...) Nunca me lavarás os pés”.

O Salvador respondeu: “Se eu te não lavar, não tens parte comigo”.

“Senhor”, disse o apóstolo presidente, “não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.”

“Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.

Entendeis o que vos tenho feito?” [Ver João 13:6–10, 12.]

Então Ele lavou os pés de Pedro e também dos demais. Em seguida, colocou a bacia ao lado da porta, guardou a toalha, colocou Sua túnica, retomou Seu lugar habitual com os Doze e disse:

“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.

Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.” [João 13:13–14]

Que exemplo de serviço para aqueles grandes servos, seguidores de Cristo! Que o maior entre nós seja o menor. Que sintamos a obrigação de servir melhor os membros da Igreja, de dedicar nossa vida ao progresso do reino de Deus na Terra.¹¹

Pensem nisso! O mundo só conhece algo sobre os apóstolos de Jesus porque, depois de conhecerem o Salvador, eles fizeram Dele seu guia na vida. Se eles não tivessem agido assim, ninguém saberia hoje que tais homens existiram um dia. Eles teriam vivido e morrido e sido esquecidos assim como milhares de outros homens de sua época que viveram e morreram sem que ninguém hoje os conheça ou valorize; assim como milhões de pessoas estão vivendo hoje, desperdiçando seu tempo e energia numa vida inútil, escolhendo o tipo errado de homens como modelo, trilhando o caminho do prazer e da permissividade em vez da estrada do serviço. Logo eles chegarão ao fim de sua jornada terrena e ninguém poderá dizer que o mundo se tornou um pouco melhor por eles terem vivido nele. Ao fim de cada dia, essas pessoas deixam o caminho tão estéril quanto o encontraram — não plantam árvores para dar sombra aos demais nem roseiras para tornar o mundo mais belo e radiante para aqueles que virão depois — nenhum ato de bondade, nenhum serviço nobre, apenas uma estrada árida, inóspita, infrutífera, permeada talvez de cardos e espinhos.

Não é o caso dos discípulos que escolheram Jesus como Guia. Sua vida é como um jardim de rosas onde o mundo pode colher belas flores para sempre.¹²

*O chamado mais digno na vida (...) é aquele no qual o homem pode servir melhor seu próximo. (...) O objetivo mais nobre na vida é esforçar-nos para viver de modo a tornar a vida dos demais melhor e mais feliz.*¹³

Sugestões para Estudo e Discussão

- Por que o Senhor nos deu o mandamento de servirmos uns aos outros? (Ver as páginas 197–198.) Quais são algumas oportunidades que temos para servir dentro da Igreja? Que tipos de serviço podemos prestar fora dos chamados formais da Igreja?
- O Senhor ensinou: “Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á”. (Mateus 16:25) O que essa escritura tem a ver com o serviço? Que bênçãos eternas resultam do serviço abnegado ao próximo? Qual é a diferença entre servir porque recebemos o mandamento e servir porque desejamos? (Ver também D&C 58:26.)
- O que você já sentiu ao doar de si no serviço ao próximo? De que forma a felicidade e o serviço estão ligados? Como o serviço nos ajuda a vencer o egoísmo, a infelicidade ou a depressão? (Ver as páginas 198–199.) Como o serviço a nossos semelhantes pode ajudar-nos a vencer sentimentos negativos que venhamos a ter por eles?
- O que o impressiona nos muitos exemplos de serviço de Jesus? (Ver as páginas 199–201.) O que podemos aprender com Ele ao nos empenharmos para servir ao próximo? Por que é importante que busquemos orientação divina ao servirmos?
- Por que às vezes é difícil permitir que as pessoas nos sirvam? Por que é importante aceitar de bom grado o serviço? Como você ou sua família já foram abençoados pelo serviço prestado por alguém?

Escrituras Relacionadas: Mateus 25:40; Marcos 8:35; Gálatas 5:13; Mosias 4:15; D&C 18:10, 15–16.

Notas

1. *Two Contending Forces*, Brigham Young University Speeches of the Year (18 de maio de 1960), p. 7.
2. See *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 101–104; alterações na disposição dos parágrafos.
3. Conference Report, outubro de 1966, p. 137.
4. Conference Report, outubro de 1962, p. 119.
5. Conference Report, outubro de 1968, p. 143.
6. Conference Report, outubro de 1969, pp. 88–89.
7. Conference Report, outubro de 1953, p. 132.
8. Conference Report, abril de 1936, pp. 45–46; alterações na disposição dos parágrafos.
9. Conference Report, outubro de 1936, pp. 104–105.
10. Conference Report, abril de 1936, p. 46.
11. Conference Report, abril de 1951, pp. 158–159.
12. *Ancient Apostles* (1918), pp. 5–6.
13. *Two Contending Forces*, p. 7.



Ensino, um Trabalho Nobre

Que Deus ajude nossos professores a sentirem a responsabilidade que recai sobre eles e a lembrarem que ela não se resume ao que dizem, mas também ao que fazem. (...) Oh, quão grande é a responsabilidade de um professor!¹

Introdução

O Presidente David O. McKay foi professor na maior parte de sua vida. Desempenhou esse papel como missionário, professor em escolas públicas, administrador, apóstolo, presidente da Igreja e pai.

Numa mensagem dirigida principalmente aos portadores do sacerdócio, ele relatou uma experiência que diz respeito a todos os que têm a oportunidade de ensinar:

“Recentemente, tive o privilégio de passar de carro pela zona rural da cidade em que fui criado. Passei por duas fazendas perto de um canal ao pé das montanhas. Vi uma que tivera uma colheita excepcional de aveia. Apesar da seca, do frio da primavera e outras dificuldades, a safra fora excelente. Do outro lado da cerca, havia outro campo de aveia, mas que fracassara em comparação com o primeiro. Eu disse ao homem: ‘Por quê? Qual foi o problema? Você deve ter usado sementes ruins’.

‘Não, são as mesmas sementes usadas pelo meu vizinho.’

‘Bem, então você deve tê-las plantado tarde demais, e talvez não houvesse umidade suficiente no solo para favorecer o crescimento.’

‘Plantei na mesma tarde que ele.’

Ao fazer mais perguntas, verifiquei que o primeiro homem arara seu campo no outono; em seguida, revolvera-o cuidadosamente



O Presidente McKay adorava ensinar o evangelho. Aos demais professores da Igreja, ele disse: "Prossigam em seu nobre trabalho! Não há obra maior e mais digna! A alegria prometida pelo Salvador lhes pertence".

na primavera, criando uma camada especial na superfície, e por meio desse tratamento do solo ele conseguira conservar a umidade do inverno. Seu vizinho, por outro lado, arara o terreno no final da primavera e não o revolvera depois, e a umidade evaporara. Depois do plantio, houve quatro ou seis semanas de seca, e não havia umidade suficiente para fazer germinar as sementes. O primeiro homem estava preparado — o tipo adequado de preparação — e a natureza incumbiu-se de dar frutos. O segundo homem trabalhara arduamente, mas sua preparação não fora suficiente; de fato, fora inadequada.”

O Presidente McKay usou a história a seguir para ilustrar a influência dos professores: “No grande jardim de Deus, foram colocados supervisores chamados professores, e foi-lhes pedido que nutrissem e inspirassem os filhos de Deus. Suponho que o Grande Jardineiro, ao olhar Seus campos, veja que alguns estão vicejando em retidão e outros estão morrendo em virtude da seca dos deveres negligenciados, da atmosfera congelante da vaidade ou da praga da intemperança. Por quê? Talvez porque os jardineiros, os supervisores, não tenham feito os preparativos necessários ou cumprido bem seu dever”.²

Seja referindo-se aos pais, aos instrutores em sala de aula ou aos mestres familiares e professoras visitantes, o Presidente McKay passou boa parte de seu ministério ajudando os membros da Igreja a compreender a grande importância e influência do ensino eficaz.

Ensinamentos de David O. McKay

Na Igreja temos muitas oportunidades de ensinar os demais a desenvolver força pessoal.

Somos uma Igreja de professores. No lar santo dos últimos dias, o pai e a mãe devem ser professores da palavra — um mandamento dado inequivocamente por revelação do Senhor. Todas as organizações auxiliares e todos os quóruns são formados por grupos de homens e mulheres (...) que são, na mais elevada aceção da palavra, professores.³

Sou grato por ser membro de uma Igreja cuja religião prepara os homens para a luta contra as forças do mundo e que lhes permite sobreviver nessa batalha. Uma dessas forças em ação é a responsabilidade de ensinar, uma oportunidade concedida nesta Igreja a tantas pessoas. (...)

Ao proporcionar a chance para que tantos alcancem o desenvolvimento resultante do trabalho de um verdadeiro professor, pensem no que a Igreja está fazendo para ajudar individualmente este exército de professores a fortalecerem-se na luta contra as forças do mundo!

Primeiramente, ela atribui-lhes a obrigação de ensinar aos demais pelo exemplo; e não existe melhor proteção concedida a um homem honesto ou a uma mulher sincera.

Em segundo lugar, ela propicia o desenvolvimento do atributo divino do amor ao próximo. Jesus disse a um de Seus apóstolos: “Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? (...) Sim, Senhor, tu sabes que te amo. (...) Apascenta os meus cordeiros”. (João 21:15) O amor deve vir antes da responsabilidade de apascentar os cordeiros. E essas dezenas de milhares de professores devem ter no coração o amor ao ensino, o amor ao próximo e a disposição de aceitar essa responsabilidade com o atributo divino do amor.

Depois, há um terceiro requisito: uma vida pura. Não consigo imaginar alguém que se entregue a impurezas caso deseje ensinar com sucesso a pureza aos rapazes. Não consigo imaginar alguém que tenha dúvidas na mente sobre a existência de Deus se tiver que ensinar com eloqüência a existência da Deidade a rapazes e moças. Não é possível. Se ele for hipócrita e tentar ensinar dessa forma, seu exemplo falará mais alto que suas palavras; e este é o perigo quando há homens com dúvidas que ensinam seus filhos. O veneno é instilado e, inconscientemente, eles adoecem em espírito devido ao veneno que foi injetado insidiosamente em sua alma pela pessoa em que eles confiavam. O fato de professores tentarem ensinar aos jovens a fé em Deus quando não a possuem é algo incoerente, se não inconcebível. Assim,

a terceira qualidade é uma vida pura e a fé no evangelho de Jesus Cristo.

Por fim, a Igreja dá-lhes a oportunidade de servir ao próximo e assim magnificar o chamado que lhes foi conferido, provando que de fato são discípulos de Cristo.⁴

Na formação do caráter e na orientação das crianças, a influência dos pais é a mais importante; em seguida, vem a influência do professor. (...) “Há verdadeira nobreza na alma do homem ou mulher que sinceramente deseja e procura distanciar as crianças das influências contaminantes do mundo e levá-las a um ambiente de ideais elevados e metas nobres.”⁵

Os professores eficazes preparam-se por meio do estudo, da fé e da oração.

A grande obrigação que recai sobre um professor é a de estar preparado para ensinar. Um professor não pode ensinar aos outros o que ele próprio desconhece. Não pode fazer seus alunos sentirem o que ele próprio não sente. Não pode tentar ajudar um rapaz ou uma moça a adquirir um testemunho do evangelho de Deus se ele próprio não tiver esse testemunho.

Há três coisas que devem guiar todos os professores: primeiro, eles devem imergir no assunto a ser ensinado; segundo, devem fazer com que o assunto se torne parte deles; terceiro, devem tentar fazer com que seus alunos tornem o assunto parte deles. Os professores não devem despejar o conteúdo nos alunos, mas ajudá-los a ver o que eles vêem, a saber o que eles sabem e a sentir o que eles sentem.

Todo professor deve ter preparado bem sua aula ao receber os alunos; afinal, lembrem-se de que sua preparação e sua atitude em relação à verdade ensinada na aula determinarão em grande parte a atitude dos rapazes e moças quanto à atividade na Igreja em geral. Se ao fim da aula eles partirem com o sentimento no coração de que não aprenderam nada, vocês terão dificuldade para trazê-los de volta na semana seguinte. Por outro lado, caso vocês os tenham feito vibrar ou, mesmo que não tenham conse-

guido tal efeito, lhes tenham transmitido um pensamento que lhes chamou a atenção, vocês verão que sua intenção e desejo de voltar ficarão patentes em sua presença na semana seguinte. (...)

Não basta folhear o manual pouco antes da hora. Ao agirmos assim, não conseguiremos interiorizar a lição. Só depois de a interiorizarmos, de sentirmos que ela nos pertence e que temos uma mensagem a transmitir aos alunos é que estaremos preparados da maneira como o Senhor nos pediu quando nos chamou para ensinar Sua palavra. Precisamos fazer com que ela faça parte de nós; o que desejamos dar aos rapazes e moças é o que lhes transmitiremos quando os virmos. Interiorizaremos as lições dos manuais por meio do estudo, da fé e da oração.⁶

Dar uma aula bem preparada é como a misericórdia: ela abençoa aquele que a exerce e aquele que a recebe. Isso se aplica ao ensino, bem como à vida em geral: “Dê ao mundo o melhor que tiveres, e de volta receberás também o melhor”. (...)

(...) Professores, iniciem a preparação de suas aulas com uma oração. Dêem suas aulas com uma prece no coração. Então, orem para que Deus grave sua mensagem na alma dos alunos por meio da influência do Espírito Santo.⁷

A ordem e a reverência nas classes da Igreja ajudam os jovens a aprenderem o respeito e o autocontrole.

Creio que a disciplina na sala de aula, que implica *autocontrole* e que demonstra *consideração pelos outros*, é a parte mais importante do ensino. (...)

A melhor lição que uma criança pode aprender é desenvolver o autocontrole e encarar sua relação com os demais à luz do respeito que deve ter pelos sentimentos alheios. (...)

Um ambiente sem ordem, no qual reina o desrespeito ao professor e aos alunos, é uma atmosfera que embotará as mais importantes qualidades do caráter.⁸

Nossas salas de aula são às vezes locais onde há barulho e confusão. É por isso que precisamos de bons professores. Um professor capaz de dar aulas interessantes estabelecerá a ordem. Quando ele se deparar com alunos rebeldes, que jogam papel

uns nos outros, que não prestam atenção, que tropeçam uns nos outros ou chutam uns aos outros, ele saberá que a aula não está sendo apresentada a contento. Talvez ela nem tenha sido preparada adequadamente. (...)

Na sala de aula, os alunos devem receber ensinamentos e ter liberdade para debater, falar e participar, mas nenhum aluno tem o direito de desviar a atenção dos demais por meio de empurrões ou comentários impertinentes e descabidos. Nesta Igreja, nos quórums e classes do sacerdócio e nas auxiliares, os professores e [líderes] não devem permitir tais atitudes. A desordem prejudica a criança ou jovem que a cria. Eles devem aprender que, quando estão em sociedade, há certas coisas que não podem fazer impunemente. Eles não podem prejudicar os direitos de seus colegas.

As crianças devem aprender essa lição ainda pequenas, pois ao crescerem e se inserirem na sociedade e tentarem infringir a lei, amargarão as conseqüências legais e provavelmente serão punidas.

A ordem na sala de aula é essencial para incutir no coração e na vida das crianças e jovens o princípio do autocontrole. Eles vão querer conversar e cochichar, mas não poderão fazê-lo para não perturbarem os demais. Eles devem aprender o poder e a lição do autodomínio.⁹

A Escola Dominical anseia pelo dia em que em todas as classes os princípios da pontualidade, cortesia, autocontrole, respeito à autoridade, amor ao estudo, participação e principalmente reverência e adoração dominarão (...) o ambiente.¹⁰

**Em nosso empenho para ensinar a verdade,
Jesus Cristo é nosso grande Exemplo.**

No tocante à personalidade e ao caráter, Cristo era inigualável. Por personalidade, refiro-me a Suas características e traços individuais. A personalidade é um dom de Deus. É de fato uma pérola de grande valor, uma bênção eterna.

Estimados professores, vocês e eu não podemos esperar refletir, nem num grau ínfimo, a personalidade de nosso grande

Mestre, Jesus Cristo. A personalidade de cada um não se compara nem a um frágil raio de sol em relação ao grandioso astro-rei. Entretanto, embora num grau infinitamente menor, a personalidade de cada professor deve ser do mesmo tipo da personalidade do Salvador. No que tange ao caráter, cada professor deve ser irrepreensível e agir como um ímã que atrai para si as pessoas a quem ensina.

No entanto, por mais carismático que seja, o professor fracassará em seu trabalho se direcionar o amor do aluno apenas para si. O professor tem o dever de ensinar o aluno a amar não apenas o professor, mas também a verdade. Em todas as ocasiões e em todos os lugares, Cristo submeteu Sua vontade à de Seu Pai. Assim, o professor, no que tange a sua personalidade, deve submeter-se e curvar-se diante da verdade que deseja transmitir.¹¹

O professor deve conhecer o que ensina, a fim de poder discernir, ao menos até certo grau, a mentalidade e a capacidade de seus alunos. Deve ser capaz de interpretar as expressões faciais dos alunos e responder de acordo com sua atitude mental e espiritual. O grande Mestre possuía esse poder de discernimento num grau de perfeição. Era capaz de ler os pensamentos ocultos e interpretar até mesmo os sentimentos das pessoas a quem ensinava. O professor sincero pode adquirir essa capacidade apenas em parte. Pouquíssimos professores desenvolvem esse dom, mesmo no grau que seria necessário; todavia, todos os professores têm a responsabilidade de determinar a melhor maneira de lidar com os alunos a fim de tocá-los de modo duradouro.¹²

Usem os objetos que estão a sua volta. Sigam o exemplo do grande Mestre que se sentava com Seus discípulos e fazia menção a agricultores e outras pessoas comuns. Ele disse: “Algumas sementes caíram em boa terra, outras em pedregais”. [Ver Marcos 4:3–8.] Foi uma lição tirada da vida real. A samaritana que veio matar sua sede no poço é outro exemplo. Jesus disse-lhe que a água que Ele lhe daria seria uma fonte que jorraria para a vida eterna. [Ver João 4:14.] Recolham experiências e depois ilustrem cada ponto. Acho que é uma lição para cada professor, para cada um de vocês que tem uma aula a preparar. Vocês não vão fazer um discurso, mas dar uma mensagem.¹³

Vocês são servos dignos de Cristo! Professores! Seguidores do verdadeiro Mestre, o grande Exemplo de todos! Prossigam em seu nobre trabalho! Não há obra maior ou mais digna! A alegria prometida pelo Salvador lhes pertence.¹⁴

Sugestões para Estudo e Discussão

- Quais são as responsabilidades de um professor? (Ver as páginas 203–205.) Por que é importante que os professores do evangelho tenham um testemunho pessoal?
- Que bênçãos você já recebeu ao ensinar o evangelho? Como sua vida foi abençoada ou modificada devido a professores fiéis e eficazes?
- De que forma uma lição bem preparada influencia tanto o professor como o aluno? (Ver as páginas 207–208.) Quais são algumas das maneiras pelas quais os professores podem preparar-se? (Ver as páginas 207–208.) Que recursos estão à disposição da Igreja para o aperfeiçoamento didático?
- O que podemos fazer para promover a ordem e o respeito nas classes da Igreja? (Ver as páginas 208–209.) De que forma os jovens se beneficiam quando há ordem na sala de aula? O que os pais podem fazer para apoiar os professores em seu empenho para manter a ordem nas classes?
- Qual é a diferença entre “dar uma aula” e ensinar? Como o Salvador exemplificou esse aspecto? O que mais podemos aprender com o exemplo de grande Mestre de Jesus Cristo? (Ver as páginas 209–210.)
- O que um professor pode fazer para garantir que os alunos amem não apenas o “professor, mas também a verdade”?
- Como podemos usar os conselhos do Presidente McKay para melhorar o ensino no lar? Quais são algumas maneiras eficazes que você já usou para ensinar seus filhos de modo eficaz?

Escrituras Relacionadas: João 21:15–17; 3 Néfi 27:21; D&C 11:21; 42:14; 88:77–80, 118; 132:8.

Notas

1. “The Teacher”, *Improvement Era*, setembro de 1951, p. 622.
2. Conference Report, outubro de 1916, pp. 58–59; alterações na disposição dos parágrafos.
3. “ ‘That You May Instruct More Perfectly’ ”, *Improvement Era*, agosto de 1956, p. 557.
4. “The Teacher”, pp. 621–622.
5. *Gospel Ideals* (1953), p. 214.
6. “ ‘That You May Instruct More Perfectly’ ”, p. 557.
7. *Gospel Ideals*, pp. 222–223.
8. *Man May Know for Himself: Teachings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss (1967), pp. 337–338.
9. Conference Report, outubro de 1950, pp. 164–166.
10. *Gospel Ideals*, pp. 221.
11. “To the Teacher”, *Improvement Era*, agosto de 1955, p. 557.
12. *True to the Faith: From the Sermons and Discourses of David O. McKay*, comp. Llewelyn R. McKay (1966), p. 251.
13. “We Believe in Being True . . .”, *Improvement Era*, setembro de 1959, p. 647.
14. *Gospel Ideals*, p. 135.



Os Primeiros Princípios e Ordenanças do Evangelho

Sei que o evangelho é divino, e o mundo precisa dele.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay sempre era bondoso e respeitoso com as pessoas de outras religiões e elogiava o bom trabalho de todas as igrejas. Contudo, era firme em seu testemunho de que a plenitude do evangelho se encontra apenas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Para ensinar a importância de obedecer aos princípios e ordenanças do evangelho restaurado, dirigiu-se aos membros da Igreja como cidadãos de um grande reino:

“Todas as igrejas e todos os credos contêm algo de bom que leva as pessoas na direção do reino de nosso Pai, mas para tornarem-se súditos, todos precisam adequar-se às exigências feitas pelo Rei. De fato, há apenas *uma maneira* pela qual se ingressa na Igreja de Jesus Cristo, e é o caminho apontado por Jesus Cristo, o Senhor. ‘Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.’ (João 14:6)

A maneira de alcançar a cidadania na Igreja de Jesus Cristo é bastante explícita; ela é tão clara que é surpreendente que tantas pessoas aparentemente tão inteligentes e cultas (...) supunham poder ingressar de outras formas.

Apenas uma pessoa tem o direito de estipular os requisitos para a salvação humana. E Ele falou sério ao afirmar que é preciso ser cidadão de Seu reino.

Observem como Ele foi explícito em Suas palavras: ‘Aquele que não nascer de novo, não pode *ver* o reino de *Deus*’. [João 3:3; grifo do autor] Ao explicar essa afirmação aparentemente enigmática a Nicodemos, o Mestre continuou:

‘Aquele que não nascer da água e do Espírito, *não pode* entrar no reino de Deus.’ [João 3:5; grifo do autor]

É evidente que Pedro, o apóstolo presidente, considerava esse mandamento algo essencial não só para a cidadania na Igreja, mas também para a salvação no reino de Deus, pois quando a multidão se compungiu no coração e indagou: ‘Que faremos, homens irmãos?’ [Atos 2:37], ele respondeu:

‘Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.’ (Atos 2:38) Assim, são apresentados os quatro requisitos, os quatro princípios e ordenanças fundamentais. A obediência a eles é essencial para que nos tornemos membros da Igreja de Cristo, e eles são: a fé, o arrependimento, o batismo e o recebimento do Espírito Santo. (...)

Muitos apontam diferentes estradas que pretensamente levariam ao reino de Deus, mas há apenas uma porta pela qual se alcançam o ingresso e a cidadania. Cristo ensinou essa verdade com clareza quando estava entre os homens; e ela foi revelada novamente por meio do Profeta Joseph Smith. O caminho é simples e fácil de encontrar e é tão infinitamente sublime quanto eterno.

Há muitos caminhos (...) que conduzem as pessoas sinceras em direção à Igreja e ao reino de Deus, mas aqueles que desejarem usufruir dos privilégios e bênçãos da cidadania plena precisam observar os princípios e ordenanças do evangelho de Jesus Cristo.”²

Ensinamentos de David O. McKay

A fé em Jesus Cristo é o princípio mais fundamental da Igreja.

Uma fé inabalável em Cristo é a maior necessidade do mundo hoje em dia.³

O que significa conservar a fé? Significa, em primeiro lugar, que devemos aceitar Jesus Cristo não apenas como um grande mestre, um líder capaz, mas como o Salvador, o Redentor do

mundo. (...) Aqueles que conservarem a fé aceitarão Jesus Cristo como o Filho de Deus, o Redentor do mundo. Eu gostaria que todos os homens conservassem essa fé. Acho que isso é fundamental para a felicidade do homem e para sua paz de espírito. A meu ver, trata-se do princípio primordial da Igreja de Jesus Cristo.⁴

É esse tipo de fé que deve ter impelido os onze apóstolos e ao menos setenta discípulos que se reuniram com Cristo depois da ressurreição. Na mente deles, não havia absolutamente nenhuma dúvida quanto à personalidade Dele. Eles eram testemunhas oculares. Eles sabiam porque seus olhos haviam visto, seus ouvidos haviam escutado e suas mãos haviam sentido a presença corporal do Redentor ressurreto.

Foi essa fé inabalável que precedeu esta gloriosa visão concedida ao Profeta Joseph Smith:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

Porque o vimos, sim, à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —

Que por ele, e por meio dele e dele, os mundos são e foram criados; e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (D&C 76:22–24)

Aqueles que possuem essa certeza no coração O aceitam como “o Caminho, a Verdade e a Vida”, como o único guia seguro neste universo complexo.⁵

A fé no evangelho é o primeiro passo rumo ao conhecimento verdadeiro e conduz-nos, por meio do sacrifício, à sabedoria e à felicidade.⁶

A fé em Deus só pode ser, obviamente, pessoal. Cada um de vocês deve possuí-la; todos nós, e incluo-me nisso. E para que ela seja eficaz, deve emanar da mente e do coração.⁷

O que precisamos hoje é da fé no Cristo vivo, algo que vai além de um mero sentimento, mas que é um poder que nos impele a agir — uma fé que dará propósito a nossa vida e coragem a nosso coração. Precisamos do evangelho da ação.⁸

A Igreja não aceita a doutrina de que uma mera declaração verbal de crença em Jesus Cristo é tudo o que basta para a salvação. Um homem pode dizer que acredita, mas se nada fizer para transformar essa crença ou fé num poder propulsor para agir, para realizar, para produzir crescimento espiritual, sua alegação de nada lhe servirá. “Operai vossa própria salvação” é uma exortação para demonstrarmos pela atividade e pelo esforço compenetrado e obediente a realidade da fé.⁹

**O arrependimento envolve uma mudança de vida,
pensamento e ação.**

É inconcebível que alguém sequer questione o caráter essencial do arrependimento. Todos os princípios do evangelho, quando estudados cuidadosamente, revelam uma harmonia com a verdade que é simplesmente sublime. *Cada* princípio do evangelho tem uma abrangência notável, seja conduzindo a outros princípios ou englobando-os. Assim, a fé num ser perfeito, que inspira as pessoas a viverem em retidão, parece incluir o arrependimento.¹⁰

A mensagem da [Igreja] consiste em ajudar os homens a reconhecer suas fraquezas e ajudá-los a superar esses pecados e debilidades. Não temos tempo aqui para discutir a definição de pecado, mas a mãe de John Wesley [um conhecido teólogo] teria dito o seguinte:

“Como saber se um prazer é lícito ou não? Observe a seguinte regra: tudo aquilo que enfraquecer sua razão, embotar o frescor de sua mente, obscurecer sua consciência de Deus, retirar seu gosto pelas coisas espirituais, tudo o que aumentar o domínio do corpo sobre a mente, isso constitui pecado para você, por mais inocente que pareça.”

A mensagem dos [missionários] que estão pregando em todas as partes, a mensagem da Igreja a todo o mundo é: Arrependam-se das coisas que contribuem para a preponderância dos sentidos físicos sobre seu amor pela espiritualidade. É por isso que eles pregam o arrependimento! O que significa o arrependimento? Uma *mudança* de vida, uma *mudança* de pensamento,



“O arrependimento é o distanciamento daquilo que é vil e o empenho para alcançar o que é mais elevado.”

uma *mudança* de ação. Caso vocês tenham a inclinação de irar-se e nutrir ódio, transformem essa ira e inimizade em amor e consideração. Se enganaram um irmão, que sua consciência os perturbe e os motive a corrigir tal erro, levando-os a pedir perdão e a jamais repetir tal ato. Ao modificarem assim sua vida e abandonarem essas coisas que estão no plano animal, vocês se arrependerão de seus pecados. Caso tenham usado em vão o nome do Senhor, nunca voltem a fazê-lo! Em vez de profanar Seu nome, adorem-No! E quando essa modificação ocorrer na alma, vocês desejarão renascer e iniciar uma nova vida. (...)

É dessa mudança de vida e desse arrependimento que o mundo precisa. É uma mudança de coração. Os homens precisam modificar sua maneira de pensar e de sentir! Em vez de odiarem, combaterem e magoarem uns aos outros, devem aprender a amar!¹¹

O arrependimento é o distanciamento daquilo que é vil e o empenho para alcançar o que é mais elevado. Como princípio de salvação, ele envolve não apenas o desejo de ser melhor, mas também o pesar — não somente remorso — mas o verdadeiro pesar por ter-se contaminado em qualquer grau com coisas pecaminosas, vis ou desprezíveis.

Não é incomum que as pessoas sintam remorso por erros, tolices ou pecados cometidos sem contudo se afastarem dessas fraquezas e males. Elas podem até lamentar seus atos, mas essa atitude, como sabemos, “é passageira e pode não envolver nenhuma mudança de caráter ou conduta”. O arrependimento, por outro lado, “é o pesar pelo pecado acompanhado da *condenação de si próprio* e o distanciamento total do pecado”. É, portanto, mais do que o mero remorso e “envolve uma mudança de natureza digna de seres celestes”.¹²

A fé e o arrependimento verdadeiros levam ao batismo.

Quando um candidato ao batismo se aproxima da água, antes de ser enterrado com Cristo no batismo, possui uma fé inabalável de que a Igreja de Jesus Cristo está estabelecida na Terra, e que esta organização é a melhor do mundo hoje para promover a vida espiritual, o verdadeiro desenvolvimento religioso e a salvação da alma.

Repito que essa fé inabalável está dentro dele e, com isso, há um arrependimento verdadeiro, e esse arrependimento traz consigo o desejo de deixar na vida passada tudo o que é contrário aos ensinamentos do evangelho ou da Igreja. Ele verdadeiramente se arrependeu de sua vida anterior e dos pecados nela cometidos e anseia pelo momento de nascer de novo no reino de Deus. Ele está prestes a receber a ordenança do batismo, que representa o sepultamento de sua vida anterior e todas as imperfeições, fraquezas, males e pecados que a caracterizavam. Ele vai

ser enterrado pelo batismo, e assim como Cristo Se levantou da morte pelo poder e glória do Pai, ele também ressurgirá numa vida nova, como membro da Igreja de Deus, um filho do Pai, um cidadão do reino de Cristo. Pelo batismo ele renasce e torna-se um vaso digno para o Espírito Santo. Seu corpo ressurge, e o Espírito Santo é-lhe conferido; ele é então confirmado membro da Igreja de Cristo. Todos nós já passamos por isso um dia. Era assim que nos sentíamos, assim era nossa fé e nossa esperança.¹³

Jesus disse a Nicodemos: “Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”. (João 3:5)

Paulo e Pedro escreveram aos membros da Igreja: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”. (Gálatas 3:26–27) “Como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo (...) pela ressurreição de Jesus Cristo.” (I Pedro 3:21)

Nesses três casos, estabelecemos claramente o propósito tríplice da ordenança do batismo [a saber]:

(1) Trata-se de uma ordenança criada pelo próprio Deus e que está ligada ao princípio eterno da retidão. A observância da lei, portanto, foi estabelecida para a salvação do homem.

(2) É uma ordenança iniciatória, o portão que atravessamos para pertencer ao rebanho de Cristo.

(3) É um símbolo belo e sublime do sepultamento do velho homem, com todas as suas fraquezas e impurezas, e seu ressurgimento numa vida nova.

A ordenança do batismo é uma lei de Deus, e a obediência a essa lei com sinceridade, pureza e simplicidade traz inevitavelmente as bênçãos prometidas do Consolador, um Guia divino. (...) Embora muitos zombem do batismo, o ridicularizem e duvidem de sua eficácia, ele permanecerá sempre, mesmo em sua simplicidade, não apenas como um dos mais belos símbolos conhecidos, mas também como uma das leis mais eficazes que concorrem para a salvação do homem.¹⁴

Que Deus ajude a nós todos a proclamar ao mundo a necessidade do arrependimento e a importância do batismo — em primeiro lugar, para cumprir toda a justiça; em segundo lugar,

como forma de acesso ao reino de Deus, o portão para Sua Igreja; em terceiro lugar, para enterrarmos nossa vida passada e sermos guiados por Seu Espírito Santo.¹⁵

**Depois de exercermos com sinceridade
a fé e o arrependimento e nos batizarmos,
recebemos o dom do Espírito Santo.**

Somente quem sinceramente crê em Jesus Cristo como o Redentor do mundo e se arrepende de seus pecados recebe o Espírito Santo. Aqueles que são batizados sem fé e sem arrependimento são meros fingidores.¹⁶

O canal de comunicação está aberto; o Senhor está pronto para guiar Seu povo e de fato o faz. (...) O testemunho do Espírito Santo é um privilégio. É como sintonizar o rádio e ouvir uma voz que vem do outro lado do mundo. Quem não estiver ao alcance dessas ondas não é capaz de ouvi-las, mas nós ouvimos, e temos o direito de ouvir essa voz e receber a orientação que dela provém. Ela virá a nós se fizermos nossa parte.¹⁷

Que Deus ajude todos nós a mantermos a consciência tranqüila, o caráter imaculado e sensível aos sussurros do Espírito Santo, que é algo real, se afinarmos os ouvidos.¹⁸

Testifico-lhes que a inspiração divina é uma realidade. Os homens e mulheres que obedecem aos princípios da vida e da salvação, se arrependem sinceramente de seus pecados e se empenham genuinamente para viver de acordo com os princípios do evangelho são guiados e inspirados pelo Espírito Santo, e lhes são mostradas coisas que hão de vir. Testifico que essa orientação está nesta Igreja desde que o Profeta Joseph Smith a estabeleceu.¹⁹

Os santos dos últimos dias aprenderam a verdade que ensina que o evangelho foi restaurado. E o que esse testemunho lhes traz? Traz a todos os que seguem honesta e sinceramente os princípios do arrependimento e do batismo o dom do Espírito Santo, que lhes ilumina a mente, lhes aviva o entendimento e lhes concede um conhecimento de Cristo.

Os santos dos últimos dias contam com um guia, um auxílio, um instrumento que os ajuda na obtenção da verdade em seu desejo de conhecer qual é seu dever — algo que o mundo não possui. E esse guia é necessário; o homem não é capaz de encontrar sozinho a verdade; ele não pode encontrar a Deus apenas por meio do intelecto. Alguém disse que ninguém pode encontrar a Deus com um microscópio. A razão por si só não basta como guia na busca da verdade. Existe outro guia mais fidedigno e seguro. (...)

[A fé é] o princípio que leva nosso espírito a entrar em comunhão com o Espírito maior que nos faz recordar todas as coisas, nos mostra o que está por vir e nos ensina todas as coisas. Adquirir esse Espírito é a responsabilidade dos santos dos últimos dias que desejarem conhecer a verdade.²⁰

Sugestões para Estudo e Discussão

- O que é a fé em Jesus Cristo? (Ver as páginas 214–215.) Por que a fé em Jesus Cristo é o princípio fundamental do evangelho? (Ver as páginas 214–216.) O que precisamos fazer para desenvolver e fortalecer nossa fé Nele?
- De que forma podemos pôr nossa fé em Jesus Cristo em ação? Como você já foi abençoado ao exercer fé em Jesus Cristo?
- Por que a verdadeira fé em Jesus Cristo leva ao arrependimento? De que forma o arrependimento é mais do que simplesmente cessar determinado comportamento? (Ver as páginas 216–218.) O que precisamos fazer para nos arrepender completamente de nossos pecados? Que riscos corremos caso não nos arrependamos?
- Qual é o simbolismo da ordenança do batismo? (Ver as páginas 218–220.) Que convênio ou promessa fazemos no batismo? O que o Senhor promete em troca? Como podemos recordar nosso convênio batismal e continuar a desfrutar as bênçãos ligadas a ele?
- Qual é a missão do Espírito Santo? (Ver as páginas 220–221.) O que é exigido de nós para estarmos em sintonia com os sus-

surros do Espírito Santo? (Ver as páginas 220–221.) Por que é necessário recebermos o Espírito Santo para voltarmos à presença de nosso Pai Celestial?

- Como podemos reconhecer que estamos sendo guiados pelo Espírito Santo? Que experiências você já teve nas quais você foi guiado pela inspiração do Espírito Santo?

Escrituras Relacionadas: João 14:26; Tiago 2:14–20; 2 Néfi 2:21; 32:5; Mosias 18:8–10; Alma 32:21; Morôni 10:5; D&C 11:13–14; 58:43; 121:26.

Notas

1. *Gospel Ideals* (1953), p. 329.
2. *Gospel Ideals*, pp. 117–118.
3. Conference Report, abril de 1966, p. 58.
4. Conference Report, outubro de 1928, pp. 36–37.
5. *Gospel Ideals*, p. 42.
6. *Ancient Apostles* (1918), p. 258.
7. *Gospel Ideals*, p. 11.
8. Conference Report, abril de 1968, pp. 144–145.
9. Conference Report, abril de 1938, p. 17.
10. *Gospel Ideals*, p. 12.
11. *Gospel Ideals*, pp. 327–328.
12. *Gospel Ideals*, p. 13.
13. Conference Report, abril de 1960, pp. 26–27; alterações na disposição dos parágrafos.
14. *Gospel Ideals*, pp. 16–17.
15. *Gospel Ideals*, p. 329.
16. *Ancient Apostles*, p. 92.
17. *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), p. 128; alterações na disposição dos parágrafos.
18. Conference Report, abril de 1963, p. 95.
19. Conference Report, outubro de 1929, p. 15.
20. Conference Report, outubro de 1906, pp. 112–113; alterações na disposição dos parágrafos.



Arbítrio e Responsabilidade

O que vocês fizerem de si mesmos dependerá de vocês como pessoas. Vocês estão neste mundo para escolher o certo ou o errado, para aceitar o que é correto ou ceder à tentação. Dessa escolha dependerá o desenvolvimento do seu lado espiritual. Isso é fundamental no evangelho de Jesus Cristo.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay serviu por mais de seis décadas como Autoridade Geral e, durante esse período, testemunhou muitos acontecimentos notáveis na história do mundo. Viu conflitos mundiais (incluindo as duas grandes guerras), violentos embates regionais e o surgimento de superpotências na iminência de uma guerra nuclear. Viveu também em meio a mudanças econômicas e sociais significativas, como a Grande Depressão e a crescente aceitação no mundo da gratificação instantânea dos apetites carnis por meio da promiscuidade e do consumo de drogas ilícitas. Como uma testemunha inspirada da história, ele falou aos membros da Igreja inúmeras vezes sobre o arbítrio e a responsabilidade individual. Ao discursar numa conferência geral depois da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, o Élder McKay (na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos) falou dos trágicos acontecimentos que ocorriam no mundo:

“Não acredito que Deus seja o responsável pela miséria, fome, pestilência e morte que estão varrendo os países da Europa atingidos pela guerra. Creio, isto sim, que as condições atuais do mundo são um resultado direto e inevitável da desobediência às leis de Deus. (...) Os homens podem escolher o certo ou o errado, podem andar nas trevas ou na luz; e podem estar seguros de que Deus não deixou Seus filhos sem luz. Ele deu-lhes nas



*Como o Pai Celestial nos concedeu o dom do arbítrio,
podemos escolher seguir a Jesus Cristo.*

várias dispensações do mundo a luz do evangelho por meio da qual eles podem caminhar sem tropeçar e encontrar a paz e felicidade que Ele deseja, como Pai amoroso, que Seus filhos desfrutem. No entanto, o Senhor não retira deles o livre-arbítrio.”²

Embora o Presidente McKay reconheça as tragédias que podem suceder quando as pessoas escolhem o mal, ele sempre demonstrou gratidão pelo dom do arbítrio. Ele compreendia as bênçãos resultantes das escolhas justas e sempre chamava a atenção dos membros para o fato de a liberdade de escolha constituir parte essencial do plano de salvação. Em seus discursos sobre o arbítrio, ele sempre se referia a esse princípio como o “maior dom de Deus ao homem”.

Ensinamentos de David O. McKay

O dom eterno do arbítrio permite-nos progredir e alcançar a exaltação.

O livre-arbítrio é o que impele a alma ao progresso. O propósito do Senhor é que os homens se tornem como Ele. Para que o homem chegue a esse estágio, foi necessário que o Criador primeiramente o tornasse livre.³

Há várias referências no [livro de Apocalipse] sobre uma “batalha no céu”. (Apocalipse 12:7) Isso não só é algo significativo, mas aparentemente contraditório, pois tendemos a pensar no céu como uma habitação etérea onde reina a felicidade plena e onde guerras e contendas seriam inconcebíveis. Essa passagem é significativa por mostrar que já havia liberdade de escolha e de ação no mundo espiritual. Na Pérola de Grande Valor, lemos: “Portanto, por ter Satanás se rebelado contra mim e *procurado destruir o arbítrio do homem*, o qual eu, o Senhor Deus, lhe dera; e também por *querer que eu lhe desse meu próprio poder*, fiz com que ele fosse expulso pelo poder do meu Unigênito;

E ele tornou-se Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos segundo sua vontade, sim, todos os que não derem ouvidos a minha voz”. (Moisés 4:3–4; grifo do autor)

Atentemos para dois pontos nessa passagem: um é que Satanás estava determinado a destruir o livre-arbítrio do homem. O livre-arbítrio é um dom de Deus e faz parte de Sua divindade. O segundo aspecto é que ele desejava tomar o lugar de Deus. Ele disse: “Dá-me a tua honra”. [Ver Moisés 4:1.]

O mundo não compreende o significado desse dom divino concedido ao ser humano. Ele é tão inerente quanto a inteligência que, conforme aprendemos, sempre existiu e não pode ter sido criada. [Ver D&C 93:29.]⁴

A liberdade de escolha e a responsabilidade ligada a isso são aspectos fundamentais dos ensinamentos de Jesus. No decorrer de Seu ministério, Ele ressaltou o valor do indivíduo e deu o exemplo do que as revelações modernas definem como a obra e a glória de Deus: “Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”. [Moisés 1:39] Somente por meio do dom divino da liberdade da alma esse progresso é possível.

A coação, por outro lado, emana do próprio Lúcifer. Mesmo no estado [pré-mortal] do homem, Satanás desejava poder para compelir a família humana a fazer sua vontade, sugerindo que o livre-arbítrio do homem fosse tirado. Se seu plano tivesse sido aceito, os seres humanos teriam-se tornado meros fantoches nas mãos de um ditador, e o propósito da vinda do homem à Terra teria sido frustrado. Portanto, o sistema de governo proposto por Satanás foi rejeitado e foi estabelecido o princípio do livre-arbítrio.⁵

Embora Deus tenha criado o universo e tudo o que ele encerra, o “homem é a jóia de Deus”. Em outras palavras, a Terra foi criada para o homem e não o homem para a Terra. Deus concedeu ao homem parte de Sua divindade. Deu-lhe o poder de escolher, e nenhuma outra criatura do mundo tem tal poder. Assim Ele conferiu ao indivíduo a obrigação de portar-se como um ser eterno. Não podemos pensar em nenhum dom maior que possa ser recebido por um homem ou mulher do que a liberdade de escolha. Cada um é responsável e, ao amadurecermos e exercermos essa liberdade de escolha, crescemos em caráter e inteligência, aproximamo-nos da divindade e por fim poderemos alcançar a tão desejada exaltação. É uma grande obrigação. Bem poucas pessoas dão a ela o devido valor. Os caminhos estão deli-

neados com clareza: um oferece uma existência animal, o outro, a vida abundante. Contudo, a maior criação de Deus — *o homem* — não raro se contenta em chafurdar no plano animal.⁶

Ao lado do dom da própria vida, o direito de conduzi-la é a maior dádiva de Deus ao homem. (...) A liberdade de escolha deve ser mais valorizada do que qualquer bem que a Terra possa oferecer. Ela é inerente ao espírito do homem. É um dom divino. (...) Quer tenha nascido na mais abjeta pobreza ou sido aqui-nhoadada desde o berço de grandes riquezas, cada pessoa recebe a mais preciosa de todas as dádivas da vida: o dom do livre-arbítrio, um direito herdado e inalienável do homem.⁷

As referências nas escrituras mostram que [o arbítrio] é (1) essencial para a salvação do homem; e (2) torna-se um padrão pelo qual podem ser julgados os atos dos homens, das organizações e das nações.

“Animai-vos, portanto, e lembrai-vos de que sois livres para agir por vós mesmos — para escolher o caminho da morte eterna ou o caminho da vida eterna.” (2 Néfi 10:23)⁸

Com o arbítrio, vem a responsabilidade pessoal de cumprir o “verdadeiro propósito da vida”.

Cada pessoa tem a responsabilidade de escolher o caminho da retidão, da fidelidade e do dever para com o próximo. Se ela [optar por] outros caminhos e conseqüentemente se deparar com o fracasso, a infelicidade e a morte, a culpa é toda dela. Como o Presidente [Brigham] Young disse em certa ocasião:

“Se o irmão Brigham trilhar um caminho errado e perder a oportunidade de entrar no reino dos céus, ninguém terá culpa disso. Nos céus, na Terra ou no inferno, serei eu o único ser culpado.

Esse exemplo se aplica também a todos os santos dos últimos dias. A salvação é um trabalho individual. (...) Posso aceitá-la ou rejeitá-la. Se aceitá-la, terei que ser obediente e submisso ao Seu grande Autor por toda minha vida, e àqueles a quem Ele designar para instruir-me; se a rejeitar, seguirei os ditames de minha própria vontade em detrimento do que deseja meu Criador.” [*Discursos de Brigham Young, comp. por John A. Widtsoe (1954), p. 391.*]⁹



“Os atos que estiverem em harmonia com a lei divina e as leis da natureza trarão felicidade, e aqueles que se opuserem à verdade divina, produzirão infortúnio.”

Com o livre-arbítrio vem a responsabilidade. Se um homem deve ser recompensado pela retidão e punido pelo mal, então a justiça comum exige que lhe seja dado o poder de agir de maneira independente. O conhecimento do bem e do mal é essencial para o progresso do homem na Terra. Se ele fosse coagido a fazer o que é certo em todas as ocasiões ou seduzido irremediavelmente a pecar, não mereceria nem bênçãos no primeiro caso nem castigos no segundo. (...)

(...) A responsabilidade do homem funciona de modo inseparável de seu livre-arbítrio. Os atos que estiverem em harmonia com a lei divina e as leis da natureza trarão felicidade, e aqueles que se opuserem à verdade divina, produzirão infortúnio. O homem é responsável não só por todos os seus atos, mas também por todas as suas palavras e pensamentos ociosos. O Salvador afirmou:

“(...) de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo.” (Mateus 12:36)¹⁰

A Terra em toda a sua majestade e prodígios não constitui o fim e o propósito da criação. “(...) *minha glória*”, disse o próprio Senhor, “*(é) levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem*”. (Moisés 1:39) E o homem, ao exercer o dom divino do livre-arbítrio deve sentir o peso do dever, a obrigação de auxiliar o Criador no cumprimento desse propósito divino.

O verdadeiro propósito da vida não é a mera existência, não é o prazer, a fama ou a riqueza. O verdadeiro propósito da vida é o aperfeiçoamento da humanidade por meio do esforço individual, sob a orientação e inspiração de Deus.¹¹

Há algumas coisas simples, porém fundamentais, que todos podem fazer. Uma delas é que cada pessoa deve operar sua própria salvação. Uma doutrina marcante da Igreja é que cada pessoa possui essa responsabilidade e que a salvação do homem é um processo de desenvolvimento gradual. (...) Devemos buscar a força e a graça de Deus a fim de recebermos a inspiração necessária para alcançar a vitória final.

Todavia, operar a própria salvação não significa esperar ociosamente que as coisas aconteçam, sonhando e ansiando que Deus nos envie miraculosamente bênçãos abundantes. É realizar a cada dia, cada hora, cada momento se necessário a tarefa ou obrigação a nossa frente e continuar com alegria nesse dever ano após ano, deixando os frutos desse trabalho para nós mesmos ou para outras pessoas, conforme determinar o justo e generoso Pai Celestial.

Não esqueci a escritura que declara: “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus”. [Ver Efésios 2:8.] Isso é absolutamente verdade, pois o homem, ao tomar sobre si a imortalidade, não tinha poder para salvar a si mesmo. Se tivessem sido deixados tateando num estado natural, os homens teriam-se tornado “carnais, sensuais e diabólicos por natureza”. [Alma 42:10] Mas o Senhor, por Sua graça, apareceu ao homem, deu-lhe o evangelho ou plano eterno por meio do qual ele pode erguer-se acima das coisas carnais e egoístas da vida e atingir a perfeição espiritual.

Mas o homem precisa erguer-se por meio de seus próprios esforços e andar pela fé.¹²

**Optar por obedecer aos princípios do evangelho
traz felicidade, paz e salvação.**

A obediência à palavra ou lei do Senhor invariavelmente contribuirá para a felicidade e salvação do homem. Aqueles que não cumprirem os mandamentos do Senhor estarão sujeitos, conforme nos é dito, à justiça e ao julgamento. Em outras palavras, há no mundo moral uma lei eterna de recompensa e punição — a recompensa é proporcional à observância da lei; a punição corresponde ao grau de desobediência.¹³

A paz de Cristo não nos advém ao buscarmos as coisas superficiais do mundo; vem apenas ao emanar do coração de cada um de nós. Jesus disse a Seus discípulos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá”. [João 14:27] Assim, o Filho do Homem, como executor de Seu testamento, deu a Seus discípulos e à humanidade a “primeira de todas as bênçãos” humanas. Foi um legado condicionado à obediência aos princípios do evangelho de Jesus Cristo. Ele é concedido a todas as pessoas. Nenhuma pessoa pode estar em paz consigo mesma ou com seu Deus se for desleal ao que souber ser seu potencial e se transgredir a lei da justiça — seja ao satisfazer suas paixões, apetites e tentações mesmo quando recebe as advertências da consciência, seja ao lidar com seus semelhantes, traindo-lhes a confiança. O transgressor da lei não tem paz; a paz é alcançada pela obediência à lei e é essa mensagem que Jesus deseja que proclamemos aos homens.¹⁴

Jesus Cristo, o Salvador do mundo, deu-nos os meios pelos quais o homem pode alcançar a felicidade e a paz eternas no reino de nosso Pai, mas o homem precisa operar sua própria salvação por meio da obediência aos princípios e ordenanças eternos do evangelho.¹⁵

**Como membros da sociedade, devemos valorizar a
liberdade e promover seu uso responsável.**

A liberdade de expressar-se e agir dentro de limites que não prejudiquem a liberdade alheia é um (...) dom divino “essencial à dignidade e felicidade humanas”.¹⁶

A liberdade pode ser tanto útil como fatal, de acordo com o uso que fizermos dela. (...) “A liberdade faz parte da forma mais nobre de vida. (...) Liberdade? É o respeito. (...) Os homens devem ser capazes e dignos da [liberdade], do contrário a vida em sociedade torna-se impossível.”¹⁷

A verdadeira liberdade consiste no gozo de todos os direitos que contribuirão para a paz e felicidade de alguém, contanto que o exercício de tal privilégio não interfira no mesmo privilégio de outras pessoas. Consiste não em fazer o que gostamos de fazer, mas no que devemos fazer. Cada homem tem o direito de ser o mestre de seu próprio tempo e atos, de modo condizente com a justiça e o respeito a seus semelhantes e em harmonia com as leis de Deus. (...) Trata-se da liberdade de escolha, um dom divino, uma virtude essencial numa sociedade pacífica.¹⁸

Nesta época de incertezas e turbulência, a maior responsabilidade e o dever supremo das pessoas que amam a liberdade é preservar e proclamar a liberdade dos indivíduos, sua relação com a Deidade e (...) a necessidade da obediência aos princípios do evangelho de Jesus Cristo. Somente assim a humanidade encontrará paz e felicidade.¹⁹

Se desejarmos tornar o mundo um lugar melhor, promovamos uma apreciação maior da (...) liberdade.²⁰

Sugestões para Estudo e Discussão

- Por que Deus nos deu o arbítrio? (Ver as páginas 224–225.) Por que Satanás queria privar-nos do arbítrio? (Ver as páginas 225–227.)
- De que forma Satanás continua a tentar influenciar nosso arbítrio? Como podemos resistir a essas investidas?
- Que orientação o Senhor nos concedeu para ajudar-nos a usar nosso arbítrio em retidão? Que conselhos você poderia dar a alguém que está tendo dificuldades para discernir o certo do errado?
- De que forma os pais podem ensinar e treinar seus filhos até eles terem maturidade suficiente para decidirem por si próprios? Como podemos honrar o arbítrio dos familiares e ao

mesmo tempo ajudá-los a tomar decisões corretas? Como podemos ajudar os familiares a compreender as conseqüências de suas escolhas?

- O Presidente McKay ensinou que o propósito da vida é “o aperfeiçoamento da humanidade por meio do esforço individual, sob a orientação e inspiração de Deus”. (Ver a página 229.) Como o arbítrio pode ajudar-nos a cumprir esse propósito divino? (Ver as páginas 227–229.) Quais são nossas responsabilidades individuais ao exercermos nosso arbítrio? (Ver as páginas 228–229.)
- Qual é a relação entre o arbítrio pessoal e a Expição de Jesus Cristo?
- De que forma o uso do arbítrio em retidão nos torna livres?
- Como podemos ajudar a preservar a liberdade e promover o uso responsável das liberdades individuais? (Ver as páginas 230–231.)

Escrituras Relacionadas: Josué 24:15; 2 Néfi 2:14–16, 26–28; Alma 5:40–42; Helamã 14:30–31; D&C 58:26–28; 130:20–21; Abraão 3:24–28.

Notas

1. Conference Report, abril de 1967, pp. 134–135.
2. Conference Report, abril de 1917, pp. 46–47; alterações na disposição dos parágrafos.
3. Conference Report, abril de 1950, p. 32.
4. Conference Report, outubro de 1965, p. 7.
5. Conference Report, abril de 1950, pp. 34–35.
6. Conference Report, outubro de 1969, pp. 6–7.
7. Conference Report, abril de 1950, p. 32.
8. Conference Report, abril de 1940, p. 116.
9. Conference Report, abril de 1938, p. 18.
10. Conference Report, abril de 1950, p. 33.
11. Conference Report, outubro de 1963, p. 7.
12. Conference Report, abril de 1938, pp. 17–18; alterações na disposição dos parágrafos.
13. Conference Report, outubro de 1951, p. 6.
14. Conference Report, outubro de 1938, p. 133.
15. *Gospel Ideals* (1953), p. 8.
16. *Pathways to Happiness*, comp. Llewelyn R. McKay (1957), p. 166.
17. Conference Report, abril de 1937, p. 29; alterações na disposição dos parágrafos.
18. *True to the Faith: From the Sermons and Writings of David O. McKay*, comp. Llewelyn R. McKay (1966), p. 139.
19. Conference Report, abril de 1950, p. 37.
20. Conference Report, outubro de 1940, p. 104.



Desenvolver um Caráter Cristão

A principal preocupação do homem na vida não deve ser a aquisição de ouro, fama ou bens materiais. Não deve ser o desenvolvimento de força física nem capacidade intelectual, mas seu objetivo maior na vida deve ser o desenvolvimento de um caráter cristão.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay compreendia a importância do desenvolvimento de um caráter digno segundo o exemplo deixado pelo Salvador. Isso era algo evidente tanto em sua vida pública como particular. Seu filho Robert disse certa vez o seguinte a respeito dele: “Em todos os meus anos de íntimo convívio com meu pai no lar, na fazenda, nos negócios e na Igreja, nunca presenciei um ato ou palavra, mesmo quando ele estava treinando um cavalo teimoso, que viesse a lançar dúvidas em minha mente sobre a certeza de que ele viria a tornar-se o representante e profeta de nosso Pai Celestial, como de fato aconteceu”.²

O Presidente McKay ensinou que a formação de um caráter cristão é um processo constante e diário pelo qual cada um de nós deve assumir a responsabilidade. Para ilustrar esse princípio para os jovens, ele falou de uma ocasião em que visitou o ateliê de um escultor em Florença, Itália: “Espalhados por todas as partes, havia pedaços irregulares de granito, ainda não trabalhados. Com eles, o escultor estava preparando-se para esculpir algo que vislumbrara na mente. (...)”

Se vocês estivessem naquele ateliê e alguém colocasse em suas mãos um cinzel e um martelo, vocês ousariam pegar um daqueles blocos disformes de pedra e talhar uma imagem



“Houve apenas um caráter perfeito neste mundo — a personalidade sem par de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o Redentor do mundo. O melhor a fazer é aceitar a Cristo como o grande Exemplo e o Guia mais seguro.”

humana? Imagino que não. E se alguém pusesse diante de vocês uma tela e lhes desse tintas e pincéis, se atreveriam a pintar o retrato de uma alma ideal? É bem provável que diriam à primeira pessoa: ‘Não sou escultor’ e à segunda: ‘Não sou pintor. Não sei fazer isso’.

No entanto, cada um de nós está esculpindo uma alma neste exato minuto: nossa própria alma. Será que ela vai terminar deformada ou se revelará algo admirável e belo?

A responsabilidade é sua. Ninguém mais pode esculpir no seu lugar. Os pais podem orientar, e os professores podem ajudar com sugestões, mas cada rapaz e moça tem a responsabilidade de modelar seu próprio caráter”.

Ao prosseguir, o Presidente McKay descreveu os resultados da formação de um caráter digno: “Se vocês mantiverem seu caráter acima de qualquer suspeita, a despeito do que venham a pensar os outros ou das acusações que fizerem, vocês poderão andar de cabeça erguida, com o coração leve, encarando o mundo com destemor, pois vocês mesmos saberão que mantiveram sua alma livre de qualquer mácula”.³

Ensinamentos de David O. McKay

Devemos esforçar-nos para seguir o exemplo supremo do Salvador.

Houve apenas um caráter perfeito neste mundo: a personalidade sem par de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o Redentor do mundo. O melhor a fazer é aceitar a Cristo como o grande Exemplo e o Guia mais seguro.⁴

Se desejarmos aprender a vida ideal entre nossos semelhantes, podemos encontrar o exemplo perfeito na vida de Jesus. Sejam quais forem nossos desejos nobres, nossas aspirações elevadas, nossos ideais em qualquer fase da vida, podemos olhar para Cristo e encontrar a perfeição. (...)

As virtudes que combinadas tornam esse caráter perfeito são a verdade, a justiça, a benevolência e o autocontrole. Todos os Seus pensamentos, palavras e atos se harmonizavam com a lei

divina e, portanto, eram verdadeiros. O canal de comunicação entre Ele e o Pai estava constantemente aberto e baseava-se na revelação, que Ele sempre conhecia.

Seu ideal de justiça pode ser resumido na seguinte admoestação: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós”. (Ver Mateus 7:12.) Sua sabedoria era tão ampla e profunda que abrangia tanto os conhecimentos do homem quanto os desígnios de Deus. (...) Todos os atos registrados de Sua vida curta, porém cheia de acontecimentos significativos, eram marcados por uma benevolência que incluía a caridade e o amor. Seu autocontrole — seja exemplificado em Seu poder sobre Seus apetites e paixões seja em Sua dignidade e composição diante de Seus acusadores — era perfeito, divino.⁵

Há algumas gravuras que não me canso de olhar. A primeira delas é a gravura de Cristo perante Pilatos quando essa autoridade romana bradou à multidão enfurecida: “Eis aqui o homem”! (João 19:5) Ao dizê-lo, ele apontou para Jesus, coroadado de espinhos e com uma túnica púrpura sobre os ombros. Apontou para Aquele que a multidão desprezava, condenado como criminoso e blasfemo. Contudo, ao exclamar “Eis aqui o homem”!, ele descreveu alguém cujo caráter era perfeito, que conquistara Suas fraquezas e tentações e que podia dizer, como o fizera para Seus companheiros na obra: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz. (...) Tende bom ânimo, eu venci o mundo”. (João 16:33) Ele é nosso modelo.⁶

Como pessoas, devemos seguir o exemplo de Jesus Cristo, devido a Seu caráter divino. (...) Os cristãos não O honram, mesmo com a honra que Lhe conferem, porque Ele era um grande poeta, cientista, descobridor, inventor, estadista ou general. Honram-No porque Ele foi um grande homem. No que tange ao caráter, Ele foi inigualável.⁷

Manter pensamentos dignos é essencial para o desenvolvimento de um caráter digno.

O tipo de vida que levarmos, nossa disposição e nossa própria natureza serão determinados por nossos pensamentos, dos

quais os atos são apenas a expressão externa. O pensamento é a semente da ação.⁸

O caráter brota das profundezas da alma. Dize-me o que pensas quando não tiveres que pensar, e direi quem és.⁹

Os pensamentos tornam-nos o que somos. De modo tão certo e definitivo quanto o tecelão cria flores e outras figuras com a linha de seu tear, a cada momento os pensamentos agem num vai-e-vem que forma o caráter e modela nossos traços. Os pensamentos elevam nossa alma para o céu ou rebaixam-na para o inferno.¹⁰

Nenhum princípio da vida foi salientado com mais insistência pelo Grande Mestre do que a necessidade de controlarmos nossos pensamentos da maneira correta. Para Ele, o homem não era o que meramente mostravam as aparências externas nem o que ele professava ser com suas palavras: o que o homem *pensava* é o que determinava em todos os casos o que ele de fato *era*. Nenhum professor ressaltou a seguinte verdade com mais ênfase do que Ele: “como imaginou no seu coração, assim é ele”. [Ver Provérbios 23:7.] (...)

Seus ensinamentos a respeito dos deveres do homem para consigo mesmo e para com o próximo são permeados pela seguinte verdade: o pensamento, em todos os casos, determina o direito do homem à felicidade ou sua condenação pelo pecado. (...)

Quer sejam descobertos ou não, todos os que cometem pecados sofrem as penalidades do pecado e da transgressão. A intenção que precede o ato deixa uma marca indelével no caráter. E embora o culpado possa tentar aliviar sua consciência dizendo (...) que determinado erro não contará, no fundo ele sabe que contará, e as marcas no caráter testificarão contra ele no dia do juízo final. Ninguém pode esconder-se de seus pensamentos nem escapar de suas conseqüências inevitáveis.¹¹

O Salvador sabia que se a mente fosse dominada da maneira correta e se os pensamentos e tendências ruins fossem combatidos, o mau ato seria minimizado. Jesus não reduz a seriedade desses atos nem diz que não seremos punidos por eles. Todavia,

Ele ressalta a necessidade premente de mantermos nossos pensamentos limpos e nossa mente pura. Uma árvore ruim produz frutos ruins; uma árvore boa produz bons frutos. Mantenham a árvore pura, os pensamentos puros, e os frutos serão puros, bem como a vida.¹²

Um caráter íntegro nada mais é que o resultado de esforços e pensamentos contínuos, o efeito de um convívio prolongado com pensamentos divinos. Ache-se mais do Espírito de Cristo aquele que torna Deus o centro de seus pensamentos. Aquele que é capaz de dizer em seu coração: “não se faça a minha vontade, mas a tua” [ver Lucas 22:42], aproxima-se mais do ideal estabelecido por Cristo.¹³

Com o passar do tempo, as pequenas coisas em nossa vida moldam nosso caráter.

Assim como leves folhas indicam a direção do vento, pequenas coisas indicam o rumo que tomam os sentimentos e pensamentos de uma pessoa.¹⁴

As coisas pequenas são apenas parte das grandes. A relva não atinge sua altura máxima de uma hora para outra. Ela surge e cresce sem alarde e com lentidão, sem despertar a atenção das pessoas. A chuva não cai em grandes torrentes, mas em gotas; os planetas não saltam em sua órbita, mas avançam centímetro por centímetro ao completarem seu trajeto. O intelecto, os sentimentos, os hábitos, o caráter, todas essas coisas tornam-se o que são por meio da influência de pequenas coisas, por pequenos gestos; e na moral e na religião, é por meio de pequenas coisas, pequenos atos — e não com saltos, mas palmo a palmo — que todos nós nos dirigimos seja rumo à vida seja à morte eterna.

A grande lição que o mundo deve aprender hoje é aplicar nos pequenos atos e deveres da vida os gloriosos princípios do evangelho. Não sejamos tentados a achar que algumas coisas, por serem pequenas e aparentemente triviais, não têm importância. Afinal, a vida é feita de pequenas coisas. Nosso ser físico é mantido por uma sucessão de pequenas batidas do coração. Se esse pequeno coração parar de bater, a vida neste mundo cessa.

O grandioso sol é uma força potente no universo, mas recebemos suas bênçãos na forma de pequenos raios que, somados, enchem o mundo inteiro de luz. A noite escura torna-se agradável pelo brilho do que aparentam ser pequenas estrelas; e assim a verdadeira vida cristã é feita de pequenos gestos cristãos realizados a cada hora e minuto no lar, no quórum, nas diferentes organizações, na cidade, onde quer que vivamos e ajamos.¹⁵

O que um homem é hoje determinará em grande parte o que ele será amanhã. O que ele foi no ano passado fatalmente marcará seu curso no decorrer do ano que se inicia. Dia após dia, o homem edifica o caráter que determinará seu lugar e sua posição entre as pessoas que o rodeiam ao longo dos anos.¹⁶

Desenvolvemos um caráter cristão por meio da obediência e do autocontrole.

O caráter é formado pela observância de princípios. O caráter desenvolve-se de dentro para fora, assim como cresce uma árvore e cada ser vivo. Nenhum elemento externo pode ser acrescentado para tornar-nos mais belos; é verdade que [produtos] cosméticos podem [ajudar], mas trata-se apenas de algo superficial e temporário. A verdadeira beleza, assim como o caráter, vem do interior, e o que contribui para a força de caráter está em harmonia com os princípios ensinados pelo Profeta Joseph e pelo próprio Salvador: virtude, retidão, santidade, obediência aos mandamentos de Deus. [Ver *History of the Church*, volume 5, pp. 134–135.]¹⁷

Na formação do caráter, assim como na transformação de uma paisagem, as leis da paz e da felicidade estão sempre em ação. O empenho, a renúncia pessoal e os atos cheios de propósito são o caminho para o progresso. A permissividade e o pecado são vândalos e destroem o caráter. Em seu bojo, há apenas o pesar e o remorso.¹⁸

Ter autocontrole significa dominar todos os nossos apetites, desejos, paixões e afeições naturais. Não há nada que dê a um homem tanta força de caráter quanto a sensação de conquista de si mesmo, a percepção de que pode subjugar seus apetites e

paixões, em vez de ser subjugado por eles. Essa virtude inclui a temperança, a abstinência, a coragem, a fortaleza, a esperança, a sobriedade, a castidade, a independência, a tolerância, a paciência, a submissão, a moderação e a pureza.¹⁹

Qual é a glória suprema de um homem nesta Terra no tocante a suas realizações pessoais? É o caráter — um caráter formado por meio da obediência às leis da vida conforme reveladas pelo evangelho de Jesus Cristo, que veio ao mundo para que tivéssemos vida e a tivéssemos com abundância. [Ver João 10:10.] A principal preocupação do homem na vida não deve ser a aquisição de ouro, fama ou bens materiais. Não deve ser o desenvolvimento de força física nem capacidade intelectual, mas seu objetivo maior na vida deve ser o desenvolvimento de um caráter cristão.²⁰

Por meio de nossa influência e ensino, podemos ajudar as crianças e os jovens a formarem um caráter cristão.

Os bebês recém-nascidos são as mais dependentes e indefesas de todas as criaturas, mas são também os seres mais doces e preciosos do mundo. (...) Sua alma é como uma imaculada folha de papel branco na qual serão escritas as aspirações e realizações de toda uma vida.²¹

Assim como uma criança cresce fisicamente ao alimentar-se com regularidade, respirar ar fresco constantemente e repousar em intervalos periódicos, o caráter desenvolve-se com pequenas coisas, por contatos diários, por uma influência aqui, um fato ou verdade ali.²²

Nosso caráter é formado fundamentalmente no lar. A família é uma organização divina. O maior dever do homem na família é criar meninos e meninas que possuam saúde física, vigor mental e, acima de tudo, caráter cristão. O lar é a fábrica onde são produzidas essas qualidades.²³

É infinito o valor dos professores e treinadores de jovens que moldam e influenciam o ambiente em que vivem. Flores embelezam e exalam fragrâncias agradáveis por um curto espaço de tempo, então, em seguida, murcham e morrem para sempre.



“O maior dever do homem na família é criar meninos e meninas que possuam saúde física, vigor mental e, acima de tudo, caráter cristão.”

Todavia, as crianças que, por meio dos ensinamentos de professores nobres, se imbuem dos princípios eternos da verdade vão irradiar uma influência para o bem que, assim como sua própria alma, viverá para sempre.²⁴

Sugestões para Estudo e Discussão

- Quais são os traços marcantes do caráter do Salvador? (Ver as páginas 235–236.) Como podemos incorporar essas características a nossa própria vida?
- Por que os pensamentos nobres constituem o alicerce para a formação de um caráter cristão? (Ver as páginas 236–238.)

Como você explicaria a seguinte frase do Presidente McKay: “Dize-me o que pensas quando não tiveres que pensar, e direi quem és”? O que podemos fazer para ter sempre pensamentos puros?

- Quais são algumas das “pequenas coisas” em sua vida que o ajudaram a moldar seu caráter? O que você pode fazer no cotidiano para tornar-se mais semelhante a Cristo? (Ver também D&C 64:33.)
- De que forma a obediência ao evangelho de Jesus é um fator essencial para o desenvolvimento da força de caráter? (Ver a página 239.) De que forma o autocontrole e o serviço contribuem para esse desenvolvimento? (Ver as páginas 239–240.)
- O que podemos fazer como pais e professores para ajudar os jovens a formarem um caráter cristão? (Ver as páginas 240–241.)

Escrituras Relacionadas: Filipenses 4:8; Mosias 4:30; 3 Néfi 27:27; D&C 64:33; 93:11–14.

Notas

1. Conference Report, outubro de 1926, p. 111.
2. Conference Report, abril de 1967, p. 84.
3. *Secrets of a Happy Life*, comp. Llewelyn R. McKay (1960), pp. 145–146, 147.
4. Conference Report, outubro de 1945, p. 132.
5. Conference Report, abril de 1968, p. 7.
6. *Gospel Ideals* (1953), p. 355.
7. *True to the Faith: From the Sermons and Discourses of David O. McKay*, comp. Llewelyn R. McKay (1966), p. 133.
8. *Treasures of Life*, comp. Clare Middlemiss (1962), p. 200.
9. *Pathways to Happiness*, comp. Llewelyn R. McKay (1957), p. 257.
10. *Secrets of a Happy Life*, p. 160.
11. “‘As a Man Thinketh . . .’”, *Instructor*, setembro de 1958, pp. 257–258.
12. *Man May Know for Himself: Teachings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss (1967), pp. 8–9.
13. Conference Report, outubro de 1953, p. 10.
14. *True to the Faith*, p. 270.
15. *True to the Faith*, p. 153.
16. “Man’s Soul Is as Endless as Time”, *Instructor*, janeiro de 1960, p. 1.
17. *True to the Faith*, pp. 95–96.
18. *True to the Faith*, p. 29.
19. Conference Report, abril de 1968, p. 8.
20. Conference Report, outubro de 1926, p. 111.
21. “The Sunday School Looks Forward”, *Improvement Era*, dezembro de 1949, p. 804.
22. “The Home and the Church as Factors in Character Building”, *Instructor*, abril de 1946, p. 161.
23. *True to the Faith*, p. 107.
24. *True to the Faith*, p. 248.



“Assim Resplandeça a Vossa Luz”

Que o Espírito do Senhor habite em seu coração e em seu lar, a fim de que as pessoas que sentirem a honestidade, integridade, retidão e fé que vocês irradiam sejam levadas a glorificar nosso Pai que está nos céus.¹

Introdução

O Presidente David O. McKay recebeu a seguinte carta de Harold L. Gregory, que serviu como presidente da Missão Alemanha Oriental no início dos anos 1950:

“Caro Presidente McKay,

Creio que o senhor gostará de ouvir uma experiência que tive nesta semana. Dois homens maltrapilhos de cerca de quarenta anos de idade vieram ao meu escritório durante a semana. Disseram-me que tinham perdido a fé em sua igreja, mas que não conseguiam filiar-se a nenhuma das outras denominações ou organizações religiosas que conheciam. O senhor Braun (como se chamava um deles) convencera seu amigo, o senhor Fascher, a vir conversar comigo. Ele dissera ao senhor Fascher que conhecia um pouco sobre nossa Igreja e que nós poderíamos ajudá-los. O senhor Fascher se recusara firmemente durante dois dias, mas por fim cedera.

O senhor Braun começou dizendo que estava na esquina de uma rua certo dia quando viu passar centenas de pessoas. Perguntou a uma delas onde estavam indo, e ela respondeu: ‘Vamos ver o profeta’. O senhor Braun acompanhou-os. Era a dedicação da capela de Berlim-Charlottenburg, e o profeta era o Irmão McKay.

Ele disse (vou citá-lo de modo aproximado): ‘Eu nunca sentira tal espírito de amor e boa vontade como senti entre aquelas pes-



O Presidente McKay seguia a admoestação do Salvador: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”. (Mateus 5:16)

soas naquele dia. E então o profeta, um octogenário alto e com uma vasta cabeleira branca, levantou-se e discursou. Eu nunca vira um rosto tão jovial num homem daquela idade. Enquanto ele falava, um sentimento especial percorreu-me o corpo. Posteriormente, quando ele estava entrando em seu carro, vi que estava apertando a mão dos membros da Igreja e, embora eu não fosse um deles, apressei-me para cumprimentá-lo. Fui envolvido por uma sensação cálida e agradável e fiquei maravilhado com os traços joviais e distintos dele. Devido às preocupações com as coisas da vida e às dificuldades financeiras, não consegui reter muito do que ouvira, mas eu sabia que deveria voltar para aprender mais’.

O senhor Fascher contou-me que o senhor Braun sempre expressava sua surpresa e admiração por aquele homem que conhecera. Sentados em meu escritório, os dois ouviram compenetrados a mensagem da restauração que lhes dei, atentos a cada palavra. Eles eram extremamente pobres, mas eram humildes e estavam insatisfeitos com as igrejas dos homens. Emprestei-lhes um Livro de Mórmon e eles prometeram ir à Igreja um domingo. Acredito que esses dois homens (ambos prisioneiros de guerra dos russos durante a Segunda Guerra Mundial) estejam preparados para o evangelho.

Que o Senhor o abençoe, Irmão McKay. O senhor e todas as demais autoridades que estão à frente da Igreja são exemplos resplandcentes de tudo o que é justo e bom.”²

Muitas pessoas viam em David O. McKay o que esses dois homens viram: o exemplo de um verdadeiro discípulo de Cristo. A história a seguir é sobre um fotógrafo de um jornal que viu o Presidente McKay pela primeira vez:

“A agência de notícias United Press tinha feito preparativos para tirar fotos do Presidente McKay, mas o profissional escalado não pôde ir e, sem escolha, foi designado o fotógrafo das reportagens policiais — um homem acostumado com o trabalho jornalístico mais difícil de Nova York. Ele foi ao aeroporto, ficou lá por duas horas e depois voltou da câmara escura com uma enorme pilha de fotografias. Ele tinha que escolher apenas duas.

Seu chefe repreendeu-o imediatamente: ‘Qual é o motivo de todo esse desperdício de tempo e material fotográfico?’

O fotógrafo respondeu sem vacilar que pagaria com prazer o material extra utilizado e que não se incomodaria se aquele tempo fosse descontado de seu salário. (...) Várias horas depois, o vice-presidente chamou-o a sua sala querendo saber o que acontecera. O fotógrafo respondeu: ‘Quando eu era pequeno, minha mãe lia muito para mim o Velho Testamento, e durante toda a minha vida perguntei-me como seria um profeta de Deus. Bem, hoje descobri’.”³

Ensinaamentos de David O. McKay

Influenciamos as pessoas pelo que dizemos, fazemos e somos.

Todas as pessoas que vivem neste mundo exercem uma influência, seja para o bem seja para o mal. Não se trata apenas do que dizem ou apenas do que fazem, e sim do que são. Cada pessoa irradia o que é. Todas as demais pessoas recebem essa influência. O Salvador tinha consciência disso. Sempre que Ele estava na presença de uma pessoa, sentia essa radiação — fosse a samaritana com sua vida passada, fosse a mulher prestes a ser apedrejada e os homens que a acusavam, fosse o estadista Nicodemos, fosse um dos leprosos. Ele enxergava o que as pessoas irradiavam. E, até certo grau, vocês e eu também temos essa capacidade. É o que somos e irradiamos que afeta as pessoas a nossa volta.

(...) Como indivíduos, devemos nutrir pensamentos mais nobres. Não devemos promover pensamentos vis nem aspirações baixas. Se o fizermos, irradiaremos esses pensamentos. Se tivermos pensamentos nobres, se acalentarmos e nutrirmos aspirações elevadas, é isso que irradiaremos ao nos encontrarmos com as pessoas, principalmente ao interagirmos e convivermos com elas.⁴

O efeito de nossas palavras e atos é enorme neste mundo. A cada momento de nossa vida, estamos, de certa forma,

mudando a vida do mundo inteiro. (...) Assim, não é o ambiente, não são as posições; mas o que influenciará [as outras pessoas] no mundo é a personalidade de cada um. A despeito do que vocês sejam, as pessoas o sentirão e reconhecerão. Vocês irradiam o que são, não é possível escondê-lo. Podem fingir ser outra coisa, mas isso não exercerá efeito sobre as pessoas.⁵

É importante (...) que busquemos, tanto na vida como nos livros, a companhia dos melhores e mais nobres homens e mulheres. [Thomas] Carlyle, um grande escritor inglês, disse: “Os grandes homens que tivermos a oportunidade de conhecer constituem companhia proveitosa. Não podemos olhar, ainda que imperfeitamente, para um grande homem sem adquirirmos algo positivo. Ele é uma fonte de luz viva, e é bom estar perto dele”.

Se vocês estudarem a vida dessas grandes “fontes de luz” do mundo, verificarão que há ao menos uma coisa que fez seu nome perdurar: cada um deles deu algo de sua vida para tornar o mundo um lugar melhor. Eles não passaram todo o seu tempo buscando apenas prazer, conforto e entretenimento para si próprios, mas sentiam grande alegria em levar mais felicidade e conforto às outras pessoas. Todos esses atos bons viverão para sempre, mesmo que o mundo os ignore.⁶

Nenhum gesto de bondade pode ser praticado e nenhuma palavra gentil pode ser proferida sem que seus efeitos positivos sejam sentidos por todos. Às vezes o bem é ínfimo, mas assim como uma pedra lançada num lago inicia ondas a partir do centro que continuam a propagar-se até tocar ambas as margens, seus atos, ainda que muitas vezes silenciosos, desconhecidos, anônimos e feitos sem alarde, continuarão a irradiar-se e a tocar o coração de inúmeras pessoas.⁷

Que Deus os abençoe, meus caros companheiros nesta obra: as Autoridades Gerais, as presidências de estaca, os bispos, todos os líderes e professores em todo o mundo, todos os membros. Que o Espírito do Senhor habite em seu coração e em seu lar a fim de que as pessoas que sentirem a honestidade, integridade, retidão e fé que vocês irradiam sejam levadas a glorificar nosso Pai que está nos céus.⁸

O lar dos santos dos últimos dias pode ser um exemplo de harmonia e amor.

Nosso lar irradia o que somos, e essa influência vem do que dizemos e da forma como agimos no lar. (...) Devemos contribuir para o lar ideal por meio de nosso caráter, controlando nossos impulsos, nosso temperamento e tendo cuidado com o que falarmos, pois essas coisas tornarão nosso lar o que ele é, e é isso o que ele projetará para as pessoas a nossa volta. (...)

Um pai visitou a nova casa de seu filho. O filho mostrou com orgulho o novo quarto e as instalações da cozinha. Ao fim da visita, o pai disse: “Tudo é muito belo, mas não vejo sinais de Deus em sua casa”. E o filho disse: “Olhei novamente e ao percorrer os aposentos, percebi que não havia nada que demonstrasse a presença do Redentor e Salvador”.

O que estou dizendo é que temos, mais do que nunca, a responsabilidade, como homens portadores do sacerdócio e mulheres da Igreja, de fazer com que nosso lar irradie para nossos vizinhos harmonia, amor, respeito aos deveres sociais, lealdade. Que nossos vizinhos vejam e ouçam essas coisas. No lar de um santo dos últimos dias nunca devem ser pronunciados xingamentos, termos depreciativos ou palavras que expressem ira, inveja ou ódio. Controlem-se! Não externem tais sentimentos! (...)

O Salvador deixou-nos o exemplo: sempre calmo e controlado, irradiando algo bom que as pessoas podiam sentir ao passarem por Ele. (...) Que Deus nos ajude a emitir força, autocontrole, amor, caridade — que é outro nome para o amor — consideração e os melhores sentimentos para todos os seres humanos.⁹

Que Deus os abençoe, amados companheiros nesta obra. Que os abençoe em seu lar. Manifestem sua fé por meio de suas obras no lar. Maridos, sejam fiéis à esposa não somente em atos, mas em pensamento; esposas, sejam fiéis ao marido. Filhos, sejam fiéis aos pais; não achem que eles são antiquados em suas crenças e que vocês sabem mais do que eles. Moças, sigam sua doce mãe e seus ensinamentos. Rapazes, sejam fiéis a seu pai, que lhes deseja felicidade e sucesso, o que só pode acontecer por meio da obediência aos princípios do evangelho. As demais pes-



Ao seguirmos o exemplo do Salvador, emitiremos “força, autocontrole, amor, caridade, (...) consideração e os melhores sentimentos para todos os seres humanos”.

soas, ao verem um lar assim, dirão: “Se isso é o que produz o mormonismo, trata-se de algo bom”. Vocês mostrarão por sua fé e por seus atos no cotidiano o que vocês realmente são.¹⁰

Os pesquisadores sinceros que acreditam mais no que vêem do que no que ouvem poderão concluir, por meio da observação, que os “mórmons” provam pelo exemplo no lar, pela devoção e em seu serviço a Deus que acreditam e sabem que Deus é seu Pai.¹¹

**Se vivermos de acordo com nossas crenças,
nosso bom exemplo será uma âncora para
a Igreja e uma luz para o mundo.**

Que Deus nos ajude a seguir em frente, (...) imbuídos do Espírito do Senhor, para que todos os homens e mulheres que tiverem a oportunidade de trabalhar na Igreja — e isso significa todos — estejam determinados a levar uma vida de virtude e pureza que influenciará a força do mundo e despertará nele admiração. Em suma, mostremos coisas honestas a todos os homens. Da melhor maneira que conseguirmos, vivamos em paz com todos os homens — não vencendo o mal com o mal ou sendo vencidos pelo mal, mas vencendo o mal com o bem. Dessa forma, a Igreja servirá de luz para o mundo. Esse é o seu destino.¹²

Que sua luz resplandeça diante dos homens para que, ao verem suas boas obras, eles sejam levados a glorificar a nosso Pai que está nos céus. [Ver Mateus 5:16; 3 Néfi 12:16.] Não creio haver maneira mais eficaz para os santos dos últimos dias, na condição de membros fiéis de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, testificarem da verdade aos homens do que despertar e manter a confiança de nossos amigos que não são membros.

Contudo, para fazermos isso, precisamos ser honestos em todas as coisas. Se trabalharmos na construção civil e nos comprometemos a usar determinados materiais na edificação de um prédio, façamos conforme o combinado. Se concordarmos com as cláusulas de um contrato para pôr 50 metros de materiais para o aquecimento do prédio, ponhamos os 50 metros. Parecem detalhes, mas é por meio de detalhes assim que as pessoas a nossa volta nos julgarão. Se levarmos ao mercado batatas de nossa plantação que afirmarmos serem de determinada qualidade, tenhamos certeza de que uma breve observação das pessoas servirá para verificar nossas afirmações. Fiquei triste quando um atacadista me disse que com freqüência abre sacos de grãos que chegam das fazendas e encontra materiais como pedras e terra, acrescentados para fazer peso. Não perguntei

qual era a religião das pessoas que fazem isso nem pedi nomes, mas tais atitudes são desonrosas, e nenhum membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pode lançar mão de tais trapanças. Que resplandeça sua luz diante dos homens. No mundo de hoje, é preciso haver um estandarte, um povo que se destaque corajosamente dos demais, como um exemplo de honestidade e integridade para o mundo.¹³

Se ao menos cumprirmos os padrões do evangelho de Jesus Cristo, o futuro da Igreja estará garantido. Assim, os homens e mulheres certamente verão uma luz que não se oculta sob um alqueire, mas que brilha sobre um monte. Eles serão atraídos por ela e levados a buscar a verdade devido a nossos atos e ao que irradiamos em virtude e integridade, e não ao que meramente dizemos.¹⁴

Deixemos um exemplo de harmonia e paz para o mundo. Provemos que, quer estejamos na África, na América do Sul, na Nova Zelândia ou na Austrália, somos todos unos em Cristo. Temos apenas um objetivo: declarar ao mundo que o evangelho de Jesus foi restaurado em sua plenitude e que se trata do único plano concedido ao homem por meio do qual se pode alcançar a paz nas cidades e nações.¹⁵

Que em cada coração e em cada lar penetre o verdadeiro Espírito de Cristo, nosso Redentor, cuja realidade e cuja orientação inspirada sei que são reais.

O evangelho é nossa âncora. Sabemos o que ele significa. Se o vivermos, se o sentirmos e se testificarmos dele ao mundo pela nossa maneira de viver, contribuiremos para sua edificação e crescimento. Falemos sempre coisas positivas sobre ele, sobre o sacerdócio, sobre as Autoridades; que nossa vida irradie os padrões do evangelho.¹⁶

Sugestões para Estudo e Discussão

- Por que é importante lembrar que “o efeito de nossas palavras e atos é enorme neste mundo”? (Ver as páginas 246–247.) De que forma você já viu pequenos atos de retidão exercerem uma influência de grande alcance?

- De que forma nossos pensamentos e atos influenciam o que irradiamos para as pessoas?
- O que podemos fazer em nosso casamento e com nossa família para mostrar que somos discípulos de Cristo? (Ver as páginas 248–249.)
- Quais são algumas pessoas cujo exemplo influenciou sua vida? Por que essas pessoas exerceram tanta influência?
- De que forma nosso exemplo pode fazer diferença em nosso lar, nosso local de trabalho e nossa comunidade? (Ver as páginas 250–251.) O que você pode fazer hoje para irradiar a luz de Cristo em sua vida?
- Por que o exemplo é uma parte importante da obra missionária? Que experiências você teve nas quais o exemplo de santos dos últimos dias incentivou outras pessoas a pesquisarem a Igreja?

Escrituras Relacionadas: Mateus 5:14–16; Alma 5:14; 17:11; 3 Néfi 12:14–16; 18:16, 24.

Notas

1. Conference Report, abril de 1953, p. 138.
2. Citado em *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, comp. Clare Middlemiss, ed. rev. (1976), pp. 109–110.
3. Arch L. Madsen, citado em “Memories of a Prophet”, *Improvement Era*, fevereiro de 1970, p. 72.
4. Conference Report, abril de 1963, p. 129.
5. “Talk by President David O. McKay Given to the North British Mission 1 March 1961”, Family and Church History Department Archives, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, p. 3.
6. *Ancient Apostles* (1918), pp. 2–3.
7. Conference Report, abril de 1953, p. 137.
8. Conference Report, abril de 1953, p. 138.
9. Conference Report, abril de 1963, pp. 129–130; alterações na disposição dos parágrafos.
10. Conference Report, outubro de 1967, p. 152.
11. Conference Report, outubro de 1922, p. 78.
12. Conference Report, abril de 1912, p. 57.
13. Conference Report, outubro de 1910, pp. 48–49; alterações na disposição dos parágrafos.
14. Conference Report, abril de 1968, p. 94.
15. *Cherished Experiences*, p. 189.
16. Conference Report, outubro de 1967, p. 149.



Lista de Gravuras

Capa: *Retrato de David O. McKay*, de Everett Clark Thorpe.

Página xxxii: *Imagem de Cristo*, de Heinrich Hofmann. Photo © C. Harrison Conroy.

Página 66: “*Vede as Minbas Mãos e os Meus Pés*”, de Harry Anderson.

Página 88: “*Vai-te, Satanás*”, de Carl Bloch. Museu Histórico Nacional do Castelo de Frederiksborg, Hillerød.

Página 98: *A Primeira Visão*, de Gary Kapp. © 1998 Gary Kapp.

Página 105: *Profeta do Senbor*, de David Lindsley. © 2000 David Lindsley.

Página 186: *Pedro Nega o Senbor*, de Carl Bloch. Museu Histórico Nacional do Castelo de Frederiksborg, Hillerød.

Página 190: *Os Dois Mil Jovens Guerreiros*, de Arnold Friberg.

Página 224: *Cristo Chamando Pedro e André*, de Harry Anderson.

Página 228: *O Julgamento Final*, de John Scott.

Página 234: *Cristo com as Crianças*, de Del Parson.

Página 249: *Mulher Tocando a Orla da Túnica do Salvador*, de Judith Mehr. © 1995 Judith Mehr.



Índice

A

Adoração, elementos de, 32–40

Adversidade, pode ser vencida com a coragem, 191–192

Amor

a natureza eterna do, 142–143

é fortalecido pelo convênio do casamento eterno, 146–148

Arbítrio

envolve a responsabilidade pessoal, 223–225

o dom do, permite nosso progresso, 225–227

Arrependimento

conduz ao batismo, 213–214

envolve uma mudança de vida, pensamentos e atitudes, 216–218

Autodomínio

é necessário para a espiritualidade, 16–18

é necessário para resistir à tentação, 89–90

fortalece o caráter, 239

Auxiliares, o propósito das, 26–27

B

Batismo, o propósito do, 218–220

Bem-estar, o início do programa de, xxiv–xxv

Bênção do sacerdócio, cura de David O. McKay por meio de uma, 124–125

C

Cannon, Hugh J., viajou com David O. McKay num *tour* pelo mundo, xxii–xxiii, 1, 77–79

Caráter

ajudar as crianças e jovens a formarem seu, 240–241

exige pensamentos puros, 236–239

fortalecido pela obediência e o autodomínio, 111, 239

moldado com o passar dos anos por “pequenas coisas”, 238

perfeito, o exemplo de Jesus Cristo, 235–236

Casamento eterno

a santidade do, xxix–xxx

as bênçãos do, 142–143

ensinar os jovens sobre o, 146–148

exige esforço e comprometimento contínuos, 149–150

o convênio traz bênçãos, 158–160

os cônjuges devem continuar a cortejar-se, 162–164

preparação para o, 136–142

proteger-se dos perigos que ameaçam o, 147–149

sela os casais e as famílias,
137–139

Castidade
a violação da lei da, ameaça o
casamento, 150–151
é essencial na preparação para
o casamento, 150–153

Centenário do Estado de Utah,
o papel de David O. McKay no
planejamento das festividades
do, xxv

Clark, J. Reuben, exemplo de
humildade e unidade, 43–45

Coragem
ajuda-nos a vencer as adversi-
dades, 185
de Joseph Smith, 100–106
é necessária para mantermos
nossos valores espirituais,
189–191
história de um rapaz corajoso
contada pelo Presidente
McKay, 185
Jesus é o exemplo supremo de,
187–188
resulta da fé e da esperança,
188

Corpo, é o tabernáculo do espí-
rito, 14–15

Crianças
como David O. McKay enxer-
gava as, xx–xxii
formar o caráter das, 240–241
ensinar a oração às, 77–80
ensinar a reverência e a obe-
diência às, 33, 167–170

Cristo. *Ver* Jesus Cristo

Críticas, provocam a desunião,
42–44

D

Deus o Pai, um Ser pessoal a
Quem podemos dirigir-nos em
oração, 72–73

Dia do Senhor, bênçãos da obser-
vância do, 37

Dízimo, exemplo de obediência
do pai de David O. McKay, xv

E

Educação
a importância da, xx
era valorizada por Jennette
Evans McKay, xiv
o propósito da, 185

Egoísmo, leva à desunião, 44

Eloim. *Ver* Deus o Pai

Ensino
esforços de David O. McKay
para melhorar o, xx–xxi
exige reverência e ordem,
208–209
Jesus Cristo deu o exemplo de,
209–211
oportunidades de ensino na
Igreja, 205–207

Ensino familiar, uma responsabi-
lidade do sacerdócio, 123–125

Escola Dominical, o trabalho de
David O. McKay na, xx–xxi

Esperança, dá-nos coragem, 188

Espírito Santo
a orientação do, 220–221
dá testemunho aos obedientes,
180–183
o dom do, recebido depois da fé,
arrepentimento e batismo,
220–221

Espiritualidade
 devemos desenvolvê-la a fim de
 sobrepô-la a nossa natureza
 física, 12–18
 é aumentada por meio da reve-
 rência e da meditação, 35–36
 exige autodomínio e comunhão
 com Deus, 18–20

Exemplo
 a importância do, ao ensinar os
 filhos, 167, 170–171
 é uma ferramenta missionária
 eficaz, 63–64, 249–252

F

Família, a importância da união na,
 43–44

Fé
 dá-nos coragem, 185
 é necessária ao orarmos, 78–79
 é necessária em nossa prepara-
 ção para o ensino, 207–208
 é um princípio fundamental da
 Igreja, 214–216
 leva ao arrependimento e ao
 batismo, 218–220

Felicidade
 é alcançada por meio da prática
 dos ensinamentos de Jesus,
 7–8
 por meio do serviço, 195–196

G

Grandeza, é atingida ao praticar-
 mos os ensinamentos de Jesus,
 7–8

Grant, Heber J.
 chamou David O. McKay para
 servir na Primeira Presidência,
 xxiv

deu uma bênção do sacerdócio
 a David O. McKay, 124–125

Gratidão, aumentada por meio
 da oração, 84

H

Humildade
 David O. McKay foi um exemplo
 de, ao longo de sua vida, xvi,
 xxiii, xxviii, 2
 é necessária para uma oração
 bem-sucedida, 81

I

Igreja
 foi restaurada por intermédio
 de Joseph Smith, 102–105
 o crescimento da, durante o
 ministério do Presidente
 McKay, xxv–xxvi, 23–24
 o propósito da, 23–27
 o propósito das capelas e
 demais edifícios da, 32–33
 progride de acordo com a
 união dos membros, 44–47

Integridade, uma virtude essen-
 cial, 5

Inveja, leva à desunião, 44

J

Jesus Cristo
 a aplicabilidade dos ensinamen-
 tos de, 6
 a fé em, o princípio fundamen-
 tal da Igreja, 206–208
 a Ressurreição de, 66–75
 as bênçãos que resultam da
 prática de Seus ensinamentos,
 7–8

o caráter de, 4, 235–236
 o exemplo de como resistir à
 tentação deixado por, 93–96
 o exemplo de como servir ao
 próximo deixado por,
 197–198
 o exemplo de como viver dei-
 xado por, 3–5
 o exemplo de coragem de,
 187–188
 o Grande Mestre, 209–210
 uma Luz para a humanidade,
 2–3

L
Lar

a importância da retidão no,
 xxix
 a retidão no, um exemplo para
 o mundo, 248–249
 deve ser um lugar onde reina a
 união, 48–49

Lee, Harold B., tributo prestado
 ao Presidente McKay, xxviii

Liberdade, deve ser exercida com
 responsabilidade, 230–231

Luz, Jesus Cristo é a verdadeira,
 2–3

M
Mães

a gratidão de David O. McKay
 pelas, xiv–xv, 167
 sua responsabilidade de cuidar
 dos filhos e guiá-los, 168–170
 sua responsabilidade de ensinar
 os filhos a orar, 77–83

Maldicência, provoca desunião,
 46–48

McKay, David (pai)

a família de, filiou-se à Igreja na
 Escócia, xiii
 aceitou o chamado missionário
 para a Escócia, xiv
 o testemunho de Joseph Smith
 de, 99–100
 seu exemplo e ensinamentos
 para David O. McKay, xv, 167

McKay, David Lawrence (filho),
 homenagem a David O. McKay
 como pai, 167

McKay, David O.

a gratidão por seus pais, 167
 a morte de, xxx
 conheceu Emma Ray Riggs,
 xvii–xviii
 curou por meio de bênçãos do
 sacerdócio, 124–125
 e os jovens, xv–xvi
 fez estudos universitários, xvi–xvii
 foi apoiado para a Primeira
 Presidência, xxiii–xxiv
 foi ordenado apóstolo, xxii
 o caráter de, 233
 o nascimento e a infância de,
 xiii–xv
 pediu Emma Ray Riggs em casa-
 mento, 146–148
 recebeu sua bênção patriarcal,
 xvi
 serviu como missionário na
 Grã-Bretanha, xvii–xviii
 serviu como presidente de mis-
 são na Europa, xxii–xxiii
 seu empenho para adquirir um
 testemunho, 177–179
 seu exemplo como pai, 167
 seu exemplo de “fazer resplan-
 descer a luz” diante dos
 homens, 243–246

- seu exemplo de obediência à Palavra de Sabedoria, 111
- seu relacionamento com sua esposa, 157–158
- seu *tour* mundial de um ano, xxi–xxii
- seu trabalho como presidente da Igreja, xxiv–xxviii
- sua experiência de ensino, xviii–xxi
- sua visão do Salvador, 1–2
- templos dedicados por, xxvii
- McKay, Emma Ray Riggs (esposa) conheceu David O. McKay, xvii–xviii
- o relacionamento com seu marido, David O. McKay, 157–158
- McKay, Jennette Evans (mãe) a família de, filiou-se à Igreja no País de Gales, xiii
- dava valor à educação de seus filhos, xvii
- o exemplo e os ensinamentos para David O. McKay, xiv
- McKay, Robert (filho), homenagem ao caráter de David O. McKay, 233
- McKay, Royle (filho), morte de, na infância, 67–68
- McMurrin, James L., conselho a David O. McKay sobre vencer a tentação, 89–90
- Meditação é essencial durante o sacramento, 34–37, o valor da, 35–36
- Missionários de tempo integral, devem ser dignos de servir, 59–61
- Morte (física), vencida por meio da ressurreição, 67–70
-
- N**
-
- Namoro
- conselho do pai de David O. McKay sobre o, xv
- conselhos do Presidente McKay aos jovens, 148–149
-
- O**
-
- Obediência
- deve ser ensinada às crianças, 173–174
- fortalece o caráter, 233
- traz felicidade, paz e salvação, 230
- traz o testemunho reconfortante do Salvador, 67–68
- Obra do templo
- a dignidade e a fidelidade são necessárias na, 142–143
- a investidura conduz-nos ao reino de Deus, 137
- a responsabilidade dos membros da Igreja na, 143–144
- oferece a salvação àqueles que morreram sem o evangelho, 139–140
- permite aos casais e famílias serem selados para a eternidade, 137–138
- Obra Missionária
- Bênçãos da, 61–64
- Empenho do Pres. McKay em aperfeiçoar a, XXIV–XXV
- Gratidão pela, 55
- O poder do exemplo na, 57–59
- Responsabilidade dos membros com a, 56–59

- Oração
 as bênçãos da, 85
 consolou David O. McKay
 quando criança, 32
 ensinar os filhos sobre a, 81–83
 exige fé, empenho e humildade,
 81
 necessária ao prepararmos-nos
 para ensinar, 207–208
 o poder da, para sobrepujar as
 adversidades, 80
- P**
-
- Packer, Boyd K., experiência de
 ser ensinado pelo Presidente
 McKay no templo, XXX
- Pais
 a gratidão de David O. McKay
 pelos, xv
 a responsabilidade de cuidar
 dos filhos e guiá-los, 168–170
 devem ensinar os filhos a orar,
 81–86
 o exemplo de David O. McKay
 para os, 167
 responsáveis por ensinar a reve-
 rência aos filhos, 34, 168–169
- Palavra de Sabedoria
 a desobediência traz conse-
 quências negativas, 114–116
 as bênçãos da obediência à,
 118–119
 é atacada por “homens conspi-
 radores”, 117–118
 é um mandamento dado com
 clareza pelo Senhor, 113–114
 o dever dos membros da Igreja
 de obedecer à, 118
- Pensamentos
 o caráter é influenciado pelos,
 236–238
- os atos são influenciados pelos,
 89
- Perfeição
 o exemplo de perfeição de
 Jesus, 3–5
 o papel da Igreja de incentivar
 a, 25–26
- Primeira Visão, verdades reveladas
 sobre o Pai e o Filho, 100–102
- Professores
 devem ensinar o caráter,
 240–241
 devem preparar-se por meio do
 estudo, da fé e da oração,
 207–208
 história contada pelo Presidente
 McKay sobre a influência dos,
 205
- Q**
-
- Quóruns do sacerdócio
 a fonte do poder do sacerdócio,
 126–128
 o propósito dos, 26–27
- R**
-
- Reino de Deus
 o papel da Igreja na preparação
 para o, 24–26
 requisitos para entrarmos no,
 213–214
- Respeito, parte essencial da reve-
 rência, 33–34
- Ressurreição
 de Jesus Cristo, 66–75
 o testemunho da, traz consolo,
 68–70, 71–75
- Reverência
 a definição de, 33–34

deve ser ensinada às crianças, 33, 34, 173–174
 é necessária quando oramos, 81
 nas classes da Igreja, 208–209
 o sacramento exige, 37–40

Riggs, Emma Ray. *Ver* McKay, Emma Ray Riggs

S

Sacerdócio

a definição do, 123–125
 seu exercício exige dignidade, 128–130
 seu poder é exercido no serviço ao próximo, 130–131
 suas responsabilidades incluem o ensino familiar, 131–132

Sacramento

exige meditação e reverência, 37–40
 o propósito do, 37–40

Salvador. *Ver* Jesus Cristo

Serviço

é um mandamento do Senhor, 195–197
 Jesus Cristo deu o exemplo de, 199–201
 traz felicidade, 198–199

Smith, George Albert, chamou David O. McKay para servir na Primeira Presidência, xxv

Smith, John, deu a bênção patriarcal a David O. McKay, xvi

Smith, Joseph, o Profeta

a coragem de, 102–106
 a Primeira Visão de, 99–109
 as verdades do evangelho restauradas por meio de, 100–102
 o testemunho do pai de David McKay de, 99–100

restaurou a Igreja por meio de inspiração divina, 102–103

Smith, Joseph Fielding, homenagem ao Presidente McKay, xxx

T

Templos, dedicados pelo Presidente McKay, xxxii, 135–137

Tentação

o exemplo do Salvador ao resistir à, 89–94
 resistir por meio da obediência e do autodomínio, 92–94
 três formas de, 93–95

Testemunho

as tentativas de David O. McKay de adquirir um, 177–179
 é o bem mais precioso do mundo, 179–180
 é recebido por meio do Espírito quando somos obedientes, 180–183
 é uma âncora para a alma, 183

U

União

é exigida pelo Senhor, 43–45
 é prejudicada por certos gestos e atitudes, 46–48
 na Igreja, 49–51
 no lar, 48–49
 o exemplo do Presidente McKay e seus conselheiros, 43–45

V

Vida, o verdadeiro propósito da, 14–16

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

PORTUGUESE

